

Era uma vez

uma casa...



A
MANSÃO
MINÚSCULA
DE
MYRA
MALONE



AUDREY BURGESS



A
MANSÃO
MINÚSCULA
DE
MYRA
MALONE

Título original:
The Minuscule Mansion of Myra Malone: A Novel

Copyright © 2023 by Audrey Burges

Autora:
Audrey Burges

Tradução:
Nuno Carvalho

Revisão:
Joana Baudouin

Conversão para ebook:
Cumbuca Studio

Adaptação de capa: Joana Carvalho

Design de capa: Siobhan Hooper para Pan Macmillan

Imagens de capa © Hannah Lemon

e-ISBN 9789899159570

Paginação:
João Jegundo

para
Minotauro
outubro de 2023

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa à exceção do
Brasil por

MINOTAURO, uma chancela de Edições Almedina, S.A.
Avenida Emídio Navarro, 81, 3.º D - 3000-151 Coimbra - Portugal

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

A
MANSÃO
MINÚSCULA
DE
MYRA
MALONE

AUDREY BURGESS



MINOTAURO

*Para os meus pais, Dennis e Jená: os meus
primeiros contadores de histórias, os meus
primeiros leitores, os meus primeiros editores,
a minha primeira história de amor.*

*E para a Nina: a nossa Trixie, de quem nunca deixaremos
de sentir saudades.*

1

Um lugar imprevisível para começar

(De *A Mansão Minúscula* de Myra Malone, 2015)

Era uma vez uma casa.

Agora, antes de continuarem a ler, parem por um momento. Respirem fundo, se forem dados a essas coisas, e pensem. Quero que visitem o lugar que lhes veio à cabeça quando leram estas palavras, porque eram as que abriam quase todas as histórias que eu ouvia quando era criança. E, se vão passar algum tempo aqui com a Mansão Minúscula, estas palavras são um lugar tão bom para começar como qualquer outro. *Era uma vez uma casa.*

Que tipo de casa veem quando fecham os olhos? Quantas divisões tem e o que é que cada uma guarda? Se vivessem nessa casa, onde dormiriam, de que cor seriam as toalhas para as visitas e como tomariam o vosso chá? Que música ecoaria contra as paredes? E sai de uma aparelhagem a estéreo moderna ou de uma velha vitrola?

Se são daquelas pessoas que gostam de contos de fadas, talvez tenham imaginado uma pequena casa de pedra com uma porta da frente estreita e em arco: teriam de se baixar para não baterem com a cabeça na aduela, e, se olharem com atenção, talvez vejam uma pequena moosa na parte de

cima da madeira em curva onde isso já aconteceu a inúmeros visitantes. Talvez seja por isso que há um confortável cadeirão de capitonê logo à entrada, para que se possam sentar e esfregar o cocuruto por um bocado enquanto olham em volta.

Ou talvez os contos de fadas não sejam a vossa praia. Não faz mal. A minha amiga Gwen também não é nada dada a bolachinhas caseiras e naperons e a casa na cabeça dela é uma coisa de vidro com vista para o mar, tudo superfícies lisas e luz, como a Fortaleza da Solidão do Super-Homem, mas com bastante mais *Prada* e rapazes das piscinas. Além disso, por alguma razão, a Gwen tem um golfinho como animal de estimação? Deixem-se levar. Toda a gente pode imaginar as suas próprias paredes e as maravilhas que guardam sem ter de pensar em como limpar a seco cocó de golfinho caído em pele italiana. (Não, também não sei porque é que ela deixa o golfinho no sofá, mas não estou aqui para julgar ninguém.)

Enfim. Seja como for a vossa casa — onde quer que tenham sonhado passar a vossa história de encantar — é vossa porque é assim que a fazem. Podem escolher a mobília e as obras de arte, as canecas empilhadas nos armários, os puxadores que usam para os abrir, porque a imaginação é vossa e esse é o vosso único limite.

E o meu também, só que eu posso fazer algo mais: posso transformar a minha em realidade.

Creio que algumas pessoas também têm esta capacidade, além de dinheiro e tempo sem fim para dar forma aos seus sonhos, que é coisa que eu não tenho. O que eu tenho é uma casa minúscula que também é muito, muito grande.

Uma mansão, na verdade. A Mansão. (Fica zangada quando não a escrevo com inicial maiúscula.) E a Mansão é uma tela para um tipo de arte muito particular. É uma galeria de pequenos sonhos: alguns meus, alguns herdados, alguns generosamente partilhados comigo por amigos e família e pessoas como vocês que me estão a ler. E eu posso usar esses sonhos para povoar o mundo inteiro. Posso fazer uma pequena casa de banho com uma banheira com pés de garra e espuma do mar ou um quarto com rosas muito pequeninas a enfeitar cada superfície. Se não conseguir encontrar o armário certo para as porcelanas da sala de jantar, posso construir o que quero ver, porque as duas pessoas que me ensinaram — o meu avô Lou e a mulher dele, Trixie — passaram-me cada bocadinho do seu conhecimento de carpintaria, pintura, escultura e costura, e o que não ensinaram, aprendi por mim própria. Eu sei quais as pedras preciosas que se assemelham a água e qual é o melhor lápis para desenhar o ponto cadeia mais convincente num toalhete demasiado pequeno para costurar. Posso ser eclética ou tradicional, moderna ou romântica, e a Mansão absorve os meus sonhos nas suas paredes.

Não tinha a certeza se deveria partilhá-los com toda a gente, nem como. Mas estou disposta a tentar.

PARKHURST, ARIZONA, 2015

Este bule quer fazer parte da sala, mas não pertence a lugar nenhum.

Myra parou de digitar e ficou a olhar para o cursor a piscar-lhe, à espera da próxima ideia. Todas as palavras eram escolhidas a dedo e todas as letras eram cor-de-rosa choque. Quando fechava os olhos, Myra via rostos a olhar para milhares de ecrãs, a desejar entrar no quarto minúsculo. Afastou-se da secretária e agachou-se à frente da Mansão Minúscula pousada numa ampla plataforma no sótão da cabana e olhou para a pequeníssima biblioteca na parte de trás da casa. Estendeu os dedos hesitantes em direção ao bule com margaridas pintadas na porcelana e empurrou um tabuleiro de prata em que estava pousado para tentar que não ficasse tão desfasado da lareira da biblioteca. Colocou duas cadeiras de baloiço em cada um dos lados das chamas pintadas.

Não estava bem. Não estava nada bem. Pior, estava muito longe dos padrões de Myra.

— Este não funciona. — Recostou-se para trás nos joelhos e pôs-se a olhar para a biblioteca. — Vou esperar um minuto, mas acho que não vou mudar de ideias.

Gwen levantou os olhos do computador portátil sem falhar nenhuma tecla, com uma expressão deliberadamente

neutra. Myra percebeu que a amiga estava a tentar não revirar os olhos.

— Estás a trabalhar na biblioteca há quantas semanas já? Durante quanto tempo é que achas que vais conseguir cativar as pessoas com a história da *Nancy Drew e Onde Deverei colocar este Bule?*

— Tu é que disseste que eu tinha de o usar. A ideia foi tua, não minha.

O trabalho da Myra na biblioteca era, como tudo o resto na Mansão, inteiramente para si. Mas as histórias que contava, as fotografias e a meticulosa conservação da casa absorveram a atenção dos seguidores — primeiro centenas, depois milhares, depois (como?) centenas de milhares — que esperavam ansiosamente cada nova publicação do blogue *A Mansão Minúscula de Myra Malone*. A página fora ideia de Gwen e, quando começaram a aparecer miniaturas à porta da casa de Myra poucas semanas depois de as publicações iniciarem, o choque de Myra fizera-se desconforto. A Mansão pertencia-lhe a ela. Não tinha convidado ninguém para a visitar. Mas Gwen abria os pacotes todos os fins de semana e atualizava alegremente as contas da Mansão nas redes sociais com agradecimentos efusivos pelos objetos que chegavam sem ser solicitados pelo correio, fosse um palhaço minúsculo de porcelana, trempes de bronze ou outra coisa qualquer.

— Eu disse que tinhas de tentar usar *alguma coisa* que as pessoas te enviam — disse Gwen. — Como experiência. Não precisas de usar tudo... nem deves, na verdade, porque, quanto mais exclusiva fores, mais eles vão tentar participar. Vais aumentar o tráfego.

— Vou voltar a pôr tudo como estava. Isto não vai funcionar.

Gwen pousou o computador com estrondo nas tábuas largas do soalho do sótão.

— Longe de mim querer criticar a grande Myra Malone, mas deixa-me ver uma coisa.

Levantou-se, dirigiu-se para o lado de Myra, tirou o bule da Mansão e examinou a porcelana delicada na palma da mão.

— A sério? — Myra olhou para ela com alívio. Era raro ver Gwen a compreender a seriedade daquelas decisões.

— Sim. É só um raio de um bule e não um talismã maia antigo que tens de colocar ao milímetro para não seres esmagada por um rochedo gigante. É uma pena. Andas a mudá-lo de um lado para o outro há vinte minutos, pelo que eu até tinha alguma esperança de que fosse alguma coisa importante.

— Não sei se sabes, mas ninguém te está a obrigar a ficares aqui. Podes voltar para o teu escritório e deixar-me trabalhar, Gwen.

— Também gosto muito de ti, Myra. — Gwen pôs a língua de fora e voltou imediatamente a ser a criança de sete anos que provocava a amiga de infância, apesar de terem ambas trinta e quatro anos de idade. — E é sábado. Sábado é sempre o dia em que atualizamos a página. Não te esqueças de que o *A Mansão Minúscula* também é um investimento para mim. Ainda estou a contar que se transforme em algo grande. Trocadilho completamente propositado. — Agarrou num cavalo de baloiço muito pequenino de um canto da biblioteca e deixou-o a balançar

na palma da mão ao ritmo do movimento de reflexão da cabeça. A pintura lascada na sela vermelha refletia a luz enquanto Gwen ponderava e rejeitava ideias sem nunca falar em voz alta. Olhar para Gwen a pensar era como estar a observar um espectador de um jogo de ténis que mais ninguém podia ver. — Podias colocar espaço em leilão, sabias. Vender lugares da Mansão. Divisões inteiras que as pessoas poderiam decorar. — Resfolegou. — Um concurso de ensaios!

— Não! — Myra não sentiu a necessidade de se explicar. Pegou no cavalo de baloiço da mão de Gwen e voltou a pousá-lo no canto da biblioteca. — Tem cuidado, por favor — disse. — Fiz este cavalo com a Trixie e o avô.

Gwen fez cara feia, mais pela rejeição da ideia brilhante que acabava de ter do que pela reprimenda relativa ao cavalo. Gwen era uma planeadora. Não havia nenhuma ideia, por pequena que fosse, que estivesse livre das suas tentativas de a levar mais além; na cabeça dela construíam-se vastos impérios multimédia. Às vezes, Myra desejava nunca ter mostrado a Mansão a Gwen. Mas isso significaria recuar décadas, para uma altura em que tinham ambas sete anos e Gwen abrira caminho até ao sótão de Myra depois de se ter mudado para o bairro e anunciado que iriam ser melhores amigas para sempre.

Na época, Myra não saía de casa havia quase dezoito meses. Quando finalmente o hospital lhe deu alta, já tinha cinco anos e meio. Passara metade desse tempo com a vida por um fio e, quando conseguiu, a duras penas, voltar ao mundo dos acordados, descobriu que não havia nada que não a deixasse encolhida ou aterrorizada. O mundo era

demasiado grande. Myra só se sentia segura na cabana. Era segura porque tinha sido o avô, Lou, a levantar todas as vigas e paredes muito antes de ela nascer, conferindo à estrutura a sensação de calma que o próprio inspirava sempre. Era segura porque tinha um sótão que albergava a Mansão, que pertencera a Trixie — a mulher do avô — antes do acidente que a matou e por pouco não levou Myra com ela. Era segura porque a Mansão abrigava a alma de Myra de formas que ela não era capaz de explicar. Dava-lhe novos mundos para explorar — numa escala mais fácil de gerir —, mas depois espantava-os, no que era um segredo só dela e da casa.

Myra definia as fronteiras da sua vida em função das paredes que a envolviam. Mantinha-se tão fechada como a própria Mansão, cerrada a sete chaves dentro do seu próprio corpo. A única amizade que tinha existia porque Gwen a criara sustentada apenas na mais pura força vontade — e falta de outras opções disponíveis — que a levava a precipitar-se pelas escadas do sótão acima depois da escola, da universidade e da pós-graduação para encontrar Myra exatamente onde a deixara: recolhida em casa, no sótão, a decorar divisões de uma Mansão que mais ninguém via. Até que, finalmente, havia seis meses, Gwen fincara o pé e dissera insistentemente a Myra que a Mansão era demasiado bonita para não ser partilhada com o resto do mundo, ao mesmo tempo que atirava a última história impressa de Myra para o ar em frustração e gritava, afirmando que estava na hora de deixar as centenas de páginas de prosa viver algures onde as pessoas as pudessem ver. *Se não te partilhas a ti, pelo menos*

partilha o teu trabalho. Partilha as histórias sobre o teu trabalho. Deixa que o mundo venha até ti.

Era tarde de mais para cancelar o convite — o da Gwen, claro, para não falar do ror de visitantes que ela atraía. Agora Myra tinha aquele bule, centenas de bules, na verdade, de diferentes tamanhos e feitios. Caixas e sacos a transbordar de bules, cafeteiras, chocolateiras, até um par de samovares muito pequeninos de cobre. Todos a rivalizar por um lugar na Mansão. Myra pegou distraidamente no pingente de pedra em forma de bolota que lhe pendia do pescoço e balançou-o de um lado para o outro na corrente enquanto voltava a olhar para a biblioteca. As estantes de cerejeira manchadas tinham livros de Plath e Baudelaire, à espera de que o chá das cinco fosse servido à frente da lareira de mármore com as chamas pintadas em cores vivas.

Este bule quer fazer parte da sala, mas não pertence a lugar nenhum.

Myra sabia exatamente o que o bule sentia.

Voltou a guardá-lo na embalagem e passou as mãos pela frente das calças largas, a eliminar os últimos rastos do mundo exterior da pele. Abaixo de Myra, em partes da cabana que evitava, havia pilhas instáveis de caixas de cartão e de madeira por abrir encostadas a todas as paredes, a acanhar os corredores mais estreitos e a encolher as outras divisões da casa. E, ainda mais abaixo, escondidos sob as caixas, havia envelopes de aviso em tons cada vez mais garridos de amarelo, cor de laranja e vermelho que procuravam dar a ideia de urgência que se

esperaria de um animal venenoso. *Perigo. Perigo. Ignore-me por sua conta e risco.*

O tempo está a esgotar-se.

PARKHURST, ARIZONA, 1987

Não há aqui nenhuma menina pequenina à procura de presentes? Ninguém? Parece que vou ter de levar este barco de volta para a loja dos presentes, então.

O avô Lou pôs as mãos à frente da testa como uma viseira e virou a cabeça para um lado e para o outro, num periscópio que não via o pequeno par de totós loiros a saltitar pouco abaixo da sua linha de visão.

Myra sabia que ele a estava a ver. Sabia que estava a brincar com ela. Mas o avô tinha uma forma de brincar que podia ir do despreocupado ao absorto e podia levar demasiado tempo a perceber que a neta de seis anos não estava a apreciar a piada.

Quando se apercebeu de que os saltinhos não eram suficientes para lhe chamar a atenção, Myra gritou:

— Avô, apanhaste-me! Apanhaste-me. Eu estou à procura de presentes!

— Tu? Oh, não. Tu não és uma menina pequenina. Já tens idade para conduzir, com certeza.

— Avô! Não. Só tenho seis anos.

— Tenho quase a certeza de que isso é idade suficiente, minha bolotazinha.

Levantou Myra nos braços e passou-lhe os dedos ásperos pelo colar, que não tirara do pescoço desde que Trixie lho colocara quando fez cinco anos. «Bolotazinha» foi a alcunha que Trixie lhe deu e que passou a ser usada por toda a família depois de se ter casado com Lou quando Myra tinha dois anos.

— A Trixie ficaria tão feliz se visse o cuidado que tu tens com esse colar, Myra.

Myra levou a mão à bolota e sentiu o seu calor e peso, que nunca deixaram de a surpreender.

— Lembra-me dela. Deveria ficar triste por isso?

— Lembrarmo-nos das pessoas que amamos é sempre um pouco triste depois de elas partirem. Mas também é motivo de felicidade. Agora vamos lá começar umas aulas de condução.

Lou começou a caminhar ao lado de Myra em direção ao carro, abriu a porta do condutor da sua enorme berlina *Lincoln*, tão deslocada naquele subúrbio montanhoso pousado na cumeada do Mogollon Rim, com estradas de terra e trânsito composto unicamente por carrinhas de caixa aberta e SUV. Pousou-a atrás do volante e pôs-lhe as mãos no círculo largo de metal envolto em couro, com uma superfície tão fria como gelo, mas coberta de pele. Myra ouviu um grito atrás deles.

— Pai? O que é que julgas que estás a fazer? — A mãe de Myra, ainda com os rolos no cabelo, um cigarro a pender da boca pintada na perfeição, subia a entrada de gravilha a correr em direção a eles, depois de sair pela porta de tela da cabana, que chiou e bateu com força depois da sua passagem. — Tira-a daí.

— Eu não estou a fazer nada, Diane. Só a fazer de conta que dou uma aula de condução à menina.

— Que eu saiba, conduzir não é um passatempo legal para meninas de seis anos, pai.

— Quem sabe se não nasceu para isto? Eu tenho algumas listas telefónicas lá dentro para ela se sentar e posso travar se precisar.

Myra olhou de um adulto para o outro, à espera de que a piada se desenrolasse como acontecia sempre. Lou sempre gostou de brincar, mas a capacidade de perceber as reações dos outros às suas brincadeiras diminuía desde o acidente. Trixie era uma influência moderadora, uma peça do quebra-cabeças que colocava a família em sintonia e, desde a morte dela, as relações começaram a desafinar.

— O que estás aqui a fazer, pai?

Myra suspirou de alívio. Às vezes, bastava um ataque lateral — uma mudança de assunto — para distrair o avô e conduzi-lo para outra conversa. E a verdade é que se afastou o suficiente do carro para a Myra sair de trás do volante, ainda que com alguma dificuldade. Foi a correr para o lado da mãe e puxou-lhe pela mão.

— O avô diz que tem presentes e que tem de os dar para não ter de os levar de volta para a loja de presentes.

— Presentes, hã? — Diane apontou para a bagageira da berlina. — O que é que tens aí dentro desta vez?

Lou esfregou as mãos num gesto que parecia menos uma manifestação de alegria do que um esforço para as aquecer. Deixou sair um suspiro num assobio lento que formou uma nuvem de vapor no ar frio de novembro, antes

de a brisa forte do norte a afastar e a levar para sul, em direção ao deserto para lá da extremidade fria das montanhas para onde ele haveria de voltar mais tarde.

— Bem, vamos lá dar uma olhada, porque não? — Dirigiu-se devagar para a bagageira do carro como um apresentador de um concurso televisivo e estendeu as chaves para Myra. — Vá lá, bolotazinha.

Myra respirou fundo antes de enfiar a chave pesada na fechadura e a rodar. A bagageira abriu-se com um *bóim* que nunca deixava de a surpreender, mais uma caixa de surpresas do que um carro, uma vez que o conteúdo era sempre imprevisível.

E desta vez não foi diferente.

Lou riu-se, num ronco baixo que irradiava do corpo alto e esguio, enquanto passava os dedos pelos suspensórios como o Pai Natal.

— Ouvi-te a dizer o quanto gostavas delas da última vez que cá estiveste — disse ele. — Quando a Trixie fez aquele guisado, lembras-te?

Myra não se lembrava, e, mesmo que tivesse o tipo de memória para guisados que não estamos habituados a associar a uma criança de seis anos — uma categoria de humano pouco conhecida pela intensa apreciação de guisados —, o conteúdo da bagageira continuaria a fazer pouco sentido. Empilhadas entre os vãos das rodas estavam seis caixas rasas cheias de latas azuis largas e baixas, todas com a mesma imagem.

— Isso são... isso são salsichas austríacas?

A perplexidade de Diane manifestou-se num sussurro que Lou, ainda a rir-se, pareceu interpretar como deslumbramento.

— Claro que sim! O preço era bom de mais para não aproveitar, sobretudo depois de ver a Myra a devorar aquele estufado.

— Pai. — Diane abanou a cabeça. — Nem eu me lembro bem disso. Isso foi... o quê, no Ano Novo? Há dois ou três anos?

— Ora, eu lembro-me muito bem. A Myra lambuzou-se com aquilo como um porco com uma gamela de molho, independentemente do que possas dizer. A Trixie estava sempre a falar sobre isso, não era?

Lou dirigiu a pergunta para cima do ombro de Diane, como se a mulher estivesse atrás dela e não enterrada num canto de um talhão debaixo de uma bétula-negra no cemitério de Saint Mark, a uma hora de distância de carro. Como se Trixie fosse pousar as mãos enrugadas na anca e dizer *Ora nem mais, Lou*, para depois o ajudar a descarregar a bagageira cheia de salsichas austríacas para os perplexos beneficiários da generosidade dele. E, na verdade, as salsichas austríacas fariam tanto sentido como tudo o resto que dizia respeito a Trixie, que entrou no mundo da família tão estranha e subitamente como o deixou.

— Certo. Isso... é muito simpático. Myra, podes dizer obrigada ao teu avô?

Myra olhou para as pequenas latas azuis e ficou com a retumbante certeza de que a mãe e o pai iriam empilhá-las com todo o cuidado na área de lavandaria. Iriam abrir uma

todos os dias, encontrar novas receitas, guisados e pratos para as servir até que todos aqueles cilindros húmidos e borrachudos terminassem. Iriam empratar as salsichas no tabuleiro de Myra com figuras dos desenhos animados *Rainbow Brite*, ao lado de mais um dos pepinos de conserva com funcho que enchiam a despensa em frascos de quase quatro litros depois da última visita do avô ao hipermercado de descontos. Myra estava determinada a manter uma expressão carrancuda de repugnância da próxima vez que comesse à frente do avô. Se não o fizesse, que tipo de surpresa poderia esperar a seguir?

Estendeu a mão para uma lata azul e segurou-a como se estivesse a segurar uma folha morta e húmida ou uma minhoca particularmente viscosa.

— Obrigada, avô.

— Não tens de quê, querida. Faz bom proveito, está bem?

— Sim, avô.

— Queres algumas agora?

— Não, obrigada.

— Vais ficar connosco hoje, pai?

Diane falou por cima da cabeça de Myra, a olhar para o carro para ver se o saco de viagem coçado de Lou estava pousado no banco da frente. O pai visitava a cabana inesperada e frequentemente desde que Trixie morrera. Aparecia perto da hora de jantar e sentava-se no quarto das traseiras com o genro a jogar jogos até um deles adormecer, como acontece com as crianças numa festa do pijama. Dave era tão calado como Lou era sociável e complementavam-se de uma forma que fazia com que

Diane se sentisse um intruso no seu próprio casamento, mas, pelo menos, o pai trazia-lhe a possibilidade de falar com outra pessoa, que era uma possibilidade que Dave e Myra não proporcionavam muitas vezes, recolhidos que estavam nas suas próprias cabeças.

— Não, hoje não. Foi só uma viagem rápida para ir buscar alguns produtos para a despensa. É melhor voltar antes que as estradas fiquem escuras. Mas antes de ir, talvez a Myra queira ver o banco de trás.

Myra, ainda a olhar com repugnância para a lata de salsichas austríacas, virou-se para Diane, sobressaltada, e viu o mesmo desassossego a atravessar o rosto da mãe.

— Nós já estamos bem abastecidos de comida. Se nos deres mais alguma coisa, vamos ter de fazer um anexo na casa...

— Não é comida. — Lou estendeu a mão para a de Myra, que lha deu com relutância, depois de pousar a lata de salsichas no chão onde, se tivesse alguma sorte, o avô podia passar-lhe por cima ao recuar com o *Lincoln*. — Vamos lá abrir esta porta de trás, está bem, meu amor?

Myra detestava as portas do carro do avô. Eram pesadas, balançavam por moto próprio e já lhe tinham magoado os dedos mais do que uma vez. Deixou-se ficar para trás e abanou a cabeça.

— Posso ir ver televisão? — perguntou à mãe.

— Myra. Não sejas malcriada.

— Não faz mal, Diane. Provavelmente ainda está admirada com as salsichas. Anda cá, Myra. Eu abro-te a porta. — Agarrou o puxador cromado e abriu a porta, tão

amplamente como o portão de um celeiro, e depois passou o braço à frente do corpo com um floreado de ilusionista. — É toda tua, amor.

Myra largou a mão de Lou e deu um passo hesitante em frente, depois dois, até que subiu para a pele fria do banco de trás.

Era demasiado grande para que Myra pudesse ver todos os pormenores de uma vez, embora muitos deles lhe fossem familiares. Viu as curvas e contracurvas dos adornos rendilhados dos arcos de madeira vitorianos da Mansão ao longo dos beirais minúsculos, cujo reflexo brilhava em janelas de vidro verdadeiro. Passou as mãos pelo telhado amplo e pontiagudo com centenas de telhas betuminosas minúsculas e por um torreão circular a definir o contorno de uma das esquinas dianteiras. A casa era enorme, pousada numa plataforma de contraplacado que estava a deformar o banco da frente e ladeada por uma cerca minúscula de ferro forjado. No passeio da frente tinha uma lanterna pendurada num gancho pintado de forma a assemelhar-se a lájeas.

Myra ouviu o avô a rir-se atrás dela.

— Não sei se alguma vez a vamos conseguir tirar do carro, Diane. — Enfiou a cabeça no automóvel. — E talvez tenha mesmo de ficar por lá. Foi quase impossível colocá-la ali dentro e vamos precisar da ajuda de todos para a tirar.

Diane colocou a cabeça dentro do carro ao lado da do pai e arquejou.

— Pai, é enorme. — Estendeu o dedo, hesitante, para a cerca de ferro. — Foste tu... foste tu que a construístes?

— Uns pormenores aqui e ali. Coisinhas pequenas. Dantes era um pouco menor porque não tinha isto. — Passou a mão fagueira pela plataforma. — Mas a casa em si era da Trixie. Já a tinha quando foi viver comigo e colocámo-la logo no sótão, por ser tão grande. Às vezes, ela e a Myra iam lá para cima brincar com ela. Acho que sempre pensou em oferecê-la à Myra um dia.

Myra nunca falara da Mansão à mãe. Embora Trixie nunca lhe tenha dito diretamente que era um segredo das duas, Myra guardou-o como uma joia no bolso, um lugar especial que só existia no sótão da casa de duas águas na curva do rio, suspenso numa bolha de magia que não existia em mais lugar nenhum. Quando Trixie morreu, e quando Myra saiu finalmente das profundezas de gaze e dor que a envolviam no hospital, a primeira coisa em que pensou foi em Trixie e na Mansão, seguida de uma tristeza avassaladora ao pensar que nunca mais veria nenhuma das duas.

Diane agarrou o braço do pai.

— Pai, se isto pertencia à Trixie, não achas que deveríamos...

— O quê, ficar com ela? Esperar que as pessoas, seja lá quem for, venham tentar enfiar as mãos gordurentas em algo que ela adorava? A família que nem sequer a veio ver quando... — Lou pegou num lenço do bolso das calças e passou-o pela cara como se estivesse a limpar o suor, apesar do frio de novembro. — Quando a perdemos? Não. E também não acho que deva ser eu a ficar com ela. Acho que fica melhor nas mãos da Myra.

Myra deixou escapar um suspiro de alívio, uma leve libertação de ar que só ela conseguiu ouvir e que não sabia que estava a conter. Estava convencidíssima de que o avô iria ficar com a casa, e deixá-la sozinha e abandonada, por ser demasiado grande para retirar do carro. Tinha medo de que a mãe dissesse que não e de ver o avô a recuar o carro na entrada com a casa anichada no banco de trás sem que ela tivesse sequer a oportunidade de fazer um inventário das maravilhas que sabia que estavam guardadas no interior.

— É articulada, já agora. — Lou apontou para as fivelas de latão, bem fechadas, na parte de trás da casa. Myra já sabia. — Abre de lado como uma amêijoia e tem divisões pequenas, também elas articuladas, no interior. Vai-se desdobrando aos poucos. A coisa mais surpreendente que eu já vi. Só a prendi à plataforma para a Myra poder mexer em tudo. E ainda tenho uma chapeleira cheia de outras coisinhas que a Trixie usava com ela, que está no banco da frente. Ainda bem que não vou passar aqui a noite. Já não me sobrava espaço nem para uma escova de dentes! — Dirigiu-se para o lado do passageiro e retirou uma chapeleira redonda coberta de seda coçada da cor de rosas mortas. — Não faço ideia do que há aqui dentro. Móvel e essas coisas. Diversão sem fim.

— Onde é que achas que podemos pôr uma coisa destas, pai? Quer dizer, é muito bonita, e a Myra vai adorá-la, mas não parece um brinquedo. Parece uma peça de museu. Achas que...

— Era da Trixie, Diane. — A aspereza na voz calou-os a ambos e Myra viu o avô a esfregar os olhos com a mão

nodosa. — Era da Trixie. E agora é da Myra. Podes colocá-la no sótão e ela pode brincar com a casa lá em cima. Era o que fazia sempre com a Trixie. Não vai ocupar espaço nenhum.

Myra pensou se seria uma boa altura para uma súplica, se moveria o fiel da balança para o sim ou se tornaria um não mais certo. Decidiu arriscar.

— Mãe, eu gosto tanto dela — disse com uma reverência que habitualmente guardava para os doces. — Tanto. E vou cuidar bem dela, prometo. — Virou os olhos azuis arregalados para Lou. — A avó Trixie iria ficar muito orgulhosa de mim, avô. Eu vou ter muito cuidado.

Lou assentiu com a cabeça.

— Eu sei que vais, bolotazinha. — Olhou para a filha e levantou uma sobrancelha. — Como é que consegues dizer que não a uma cara como esta?

Algumas horas mais tarde — já depois de o avô, a mãe e o pai terem conseguido, a duras penas, tirar a plataforma do carro e carregá-la pelo passeio da frente da casa e pelas escadas estreitas acima para o sótão, e depois de o avô a ajudar a desfivelar a casa e a abri-la pelas pesadas dobradiças —, Myra pôs-se a olhar para o espelho em cima da lareira da casa a perguntar-se porque seria tão difícil dizer que não a uma cara como a dela e viu um olho azul a retribuir-lhe um piscar de olho.

Aconteceu tão depressa que o deve ter imaginado.

Myra não sabia piscar o olho.

PARKHURST, ARIZONA, 2015

Quando Myra começou a encontrar os envelopes coloridos, com tons cada vez mais urgentes de amarelo, cor de laranja e vermelho, espalhados em lugares inesperados como folhas de outono, era quase tarde de mais. Diane sempre guardara segredos de Myra, numa tentativa de proteger a filha da realidade e do mundo exterior como se ela ainda fosse uma criança e não uma mulher bastante autossuficiente na casa dos trinta, embora nunca saísse de casa.

Afinal, foi Gwen quem lhe deu a notícia, depois de chegar no elegante *BMW* que fazia estalar a gravilha da entrada para a cabana, cujos robustos troncos não tinham mudado, muitas décadas passadas depois de o avô Lou a ter construído. Myra não foi à porta, sabedora de que Gwen faria o que fazia sempre: entraria de rompante pela porta da frente e subiria imediatamente ao sótão, como fazia quando eram crianças. Gwen ainda estava ofegante quando chegou ao cimo das escadas.

— Sabias disto?

Gwen atravessou o sótão em dois passos e deixou cair o jornal com um círculo vermelho em redor de um anúncio dos classificados à frente da Mansão.

Myra pegou no jornal.

— Porque é que eu haveria de saber alguma coisa sobre um leilão de propriedades?

— Porque a propriedade em leilão é a tua casa.

Myra atentou nas letras minúsculas do jornal, uma vez que tinha reparado apenas na morada do tribunal local onde iria decorrer o leilão e não que a morada dela — a sua cabana, a cabana da Mansão, a vida inteira de Myra — era a da propriedade à venda.

— Como... como é que isto é possível? — Myra olhou para Gwen, sobressaltada. — Viste a minha mãe lá em baixo?

— Está no quintal, a cavar.

— Sim, claro.

Diane nunca deixava de tentar transformar o quintal árido numa horta frondosa e produtiva e o facto de nunca ter conseguido mais do que algumas dúzias de tomates ao longo das décadas, e mesmo essas só depois de utilizar estufas-frias, nunca a desencorajou. A última obsessão de Diane eram as rosas, plantadas abundantemente no lado sul da casa e substituídas quando sucumbiam inevitavelmente devido ao frio e à falta de luz e mirravam debaixo dos pinheiros-amarelos.

— Quanto tempo é que ela fica lá fora?

— Horas.

— Queres que fique à espera contigo?

— Não vou ficar à espera. — Myra levantou-se e olhou em volta do sótão à procura dos socos surrados, o único calçado que usava, quando calçava alguma coisa. — Vou falar com ela.

Gwen arregalou os olhos.

— Bem, fazes bem. Não há tempo como o presente. Eu vou contigo.

— Não. Fica aqui. — Myra apontou para a despensa. — Empilha aquelas latas.

— Mas são do tamanho de dedais...

— Vai demorar um pouco. Mas não faz mal. Eu já volto. — Myra desceu as escadas e serpenteou por entre pilhas de caixas a caminho do quintal, parando aqui e ali para recolher os envelopes que ia encontrando até sair disparada pela porta de tela das traseiras.

Diane abriu a boca, surpreendida.

— Myra? O que estás aqui a fazer?

— Bem, mãe, parece-me que vou ter de passar muito tempo cá fora se a casa for vendida à nossa revelia, por isso pensei que deveria vir cá fora para te perguntar se tens planos que queiras partilhar comigo. Em relação à casa. Que vai ser vendida à nossa revelia. Daqui a seis semanas.

Diane fez um esgar de tristeza.

— Não pensei que fosse acontecer tão depressa.

— Isso não é grande plano, mãe.

— Pensei que nos dariam mais tempo.

— Continuo a não ouvir plano nenhum, mãe.

— Tenho de ligar ao John para lhe perguntar se podemos ficar...

— Mãe! Qual é o raio de plano para isto? Porque é que não me disseste que estavas com problemas monetários? Pensava que a casa estava paga!

— Estava.

— Não estou a gostar do verbo no passado. O que é que mudou?

— Ela fez uma hipoteca inversa — disse a Gwen, a surgir na porta das traseiras. — O banco está no anúncio do leilão.

— Para que diabo precisas de uma hipoteca inversa, mãe?

Diane ficou a olhar para uma e para a outra e deixou os ombros descair.

— Para umas coisas aqui e ali.

Gwen deu alguns passos em frente e pousou a mão no ombro de Myra.

— As caixas, Myra.

Apontou para a cabana com pilhas e pilhas de caixas de cartão canelado dispostas ao longo das paredes e a adelgaçar os corredores. O quarto de Myra no segundo andar e o próprio sótão eram as únicas divisões da casa que não estavam cheias de caixas. Nas raras ocasiões em que Myra reparava nas caixas, notava muitas vezes que estavam por abrir, ou que só tinham sido abertas uma vez e ainda tinham o conteúdo no interior. Correu para a cabana e pegou numa caixa ao acaso, uma caixa grande que estava junto à porta da cozinha.

— Mãe? — Myra retirou uma mala de mão cor-de-rosa e reparou que a pele macia estava intocada dentro do invólucro de papel. Viu um papel a esvoaçar do fundo da mala, um recibo que mostrava um preço de venda de 797,99 dólares. — Porque é que tu tens uma mala de mão de 800 dólares numa caixa?

Gwen abriu outra caixa e deixou escapar um assobio longo e baixo por entre os lábios.

— Botas *Frye*. Oh, são tão bonitas. Ainda têm o papel no interior...

— Não as queria estragar. — Diane levantou-se e a luz da porta das traseiras desenhoulhe a silhueta. — Pensei que me ficariam bem, mas nunca tive uma oportunidade adequada para as calçar.

— Esta... esta caixa diz *Valentino*? — Gwen abriu outra caixa, que revelou um vestido de seda a transbordar do papel que o envolvia como natas densas.

— Mãe, o que é isto tudo?

Myra olhou pela primeira vez com olhos de ver para o acanhamento das divisões da casa, os poucos caminhos que ainda havia para passar, as pilhas mal seguras de embalagens, e caixas e cartas por abrir. Passava tão pouco tempo no andar de baixo, tão pouco tempo com a mãe, que mal tinha reparado na desarrumação. A mãe e o pai tinham-se separado mais de dez anos antes, quando Myra estava matriculada no programa de licenciatura à distância e fazia os trabalhos numa série de portáteis cada vez mais potentes pousados numa velha secretária de carvalho no sótão. Houvera uma discussão na cozinha da cabana. Myra ouvira-a, mas não lhe prestara atenção até ele desaparecer, e, nessa altura, sentira que Dave já estava desaparecido havia muito. O pai de Myra tentara durante algum tempo — anos — convencer Diane, e a própria Myra, de que estava na hora de voltarem a juntar-se ao mundo exterior. Para que Myra fosse para uma escola normal, para que a família jantasse em restaurantes a sério e fizesse viagens além da ampla floresta de pinheiros-amarelos que rodeava a cabana. Myra abanava a cabeça com uma veemência que a

fazia abanar o corpo todo e Diane gritava, dizendo que Dave estava a perturbar Myra. Até que ele deixou de tentar perturbar quem quer que fosse. Estavam a navegar sobre águas que Diane não queria agitar. Dave decidiu desembarcar.

Raramente as visitava, a viver num elegante apartamento num condomínio perto da estância de esqui com a namorada, que Myra nunca conhecera, e a enviar mensagens de correio eletrónico cheias de divagações que pareciam mais monólogos do que um convite para uma resposta.

As caixas e as malas começaram a acumular-se ao longo dos anos e, dada a quantidade de embalagens que chegavam para Myra todas as semanas — que eram mais pequenas do que as de Diane, claro, mas não deixavam de ser embalagens —, Myra nunca se tinha perguntado se as caixas que enchiam a casa eram um sintoma de um tipo diferente de vazio.

— Não queria que te preocupasses. — Diane atravessou a casa até chegar a uma caixa verde-água com uma fita branca e estendeu-a a Myra. — Comprei-te tantas coisas bonitas, mas nunca era a altura certa. Pensei que podíamos dar pequenos presentes uma à outra sempre que deixássemos a casa e tentássemos encontrar uma forma de voltarmos a... — Diane abriu o braço para as vastas montanhas atrás da cabana. — Deixei um mundo inteiro para trás, Myra.

— Estás a dizer que fizeste isto de propósito?

— Não. — Diane começou a caminhar em direção ao quarto dela debaixo das escadas, serpenteando pelas

passagens estreitas. —

Estou muito cansada, Myra, só isso. Vou fechar os olhos um pouco. — Fechou a porta depois de entrar e antes de Myra poder dizer o que quer que fosse.

Myra olhou para Gwen.

— O que... o que é que podemos fazer, sequer? — Sentou-se pesadamente na cadeira de braços de veludo azul-esverdeada, ainda parcialmente envolta num invólucro de espuma. — Como é que isto funciona, afinal?

Gwen sentou-se no chão.

— Não tenho a certeza. Não deverá ser muito difícil perceber quanto é que ela deve e haverá certamente penalizações e coisas desse género. Acho que terá de ser tudo liquidado. Não sei se tem de ser feito em tribunal, ou se podemos telefonar para o banco ou outra coisa qualquer. Mas posso descobrir.

— Porque é que ela haveria de fazer uma coisa destas? — Myra abriu o braço desesperançado para as caixas. — Ela não precisa de nada disto!

— Precisava de outras coisas, parece-me. — Gwen suspirou. — Eu deveria ter dito alguma coisa mais cedo. Eu reparei e sabia que não tinhas reparado, porque não é o tipo de coisa a que prestes atenção.

— O que é que queres dizer com isso?

— Exatamente o que disse. Tu não prestas muita atenção às outras pessoas. Nem sequer quando estão mesmo à tua frente. É preciso muito para saltar por cima dos teus muros e acho que a tua mãe deixou de tentar. Está a sentir-se sozinha há muito tempo. Alguns dias, quando venho

trabalhar para aqui, sento-me lá em baixo a beber um chá e deixo-a a elaborar num monólogo durante algum tempo. Parece um tufão de palavras. Mas ela está sempre aqui, sozinha, dia e noite. E já está assim desde que...

— Não o digas.

— Não o vou dizer. Não foste tu que pediste que isto acontecesse. E de certeza que ficarias bem se ela se fosse embora. Só acho que se esqueceu de como fazê-lo.

Myra lembrou-se de um aniversário — um acontecimento importante na vida dela, dezasseis ou dezoito anos —, de um bolo que a mãe fez em forma de carro e da expressão de esperança que tinha no rosto quando Myra apagou as velas. *Há lugares onde podemos ir*, dissera Diane.

Myra nem sequer o provara. Detestava bolos. Ficara furiosa por a mãe se ter esquecido disso. Mais uma gota no copo fundo de mal-entendidos que levaram àquele momento, à conclusão de que Diane forçara uma nova realidade: *há lugares onde podemos ir, porque não podemos ficar aqui*.

Myra abanou a cabeça.

— Não. Nós podemos resolver isto. Eu tenho dinheiro. — Fez cálculos de cabeça a pensar no pé de meia cada vez maior em que nunca tocava. — Eu guardo a maioria do dinheiro que recebo da escrita.

— Eu arranjo-te os melhores trabalhos que posso e os nossos clientes adoram-te, mas, Myra, não estou assim tão otimista de que o dinheiro que ganhas a escrever publicidade seja suficiente para pagares ao banco. E,

mesmo que fosse, não podes gastar tudo o que tens e ficar sem nenhuma almofada para ti. Tem de haver outra forma.

— Sou toda ouvidos.

— Vamos voltar lá para cima. Havemos de nos lembrar de alguma coisa.

Gwen chamou Myra para a cabana com um aceno, numa estranha inversão do esforço habitual de a empurrar lá para fora. Myra seguiu-a para casa e caminharam ambas devagar por entre o labirinto de caixas de volta ao sótão.

Myra sentou-se junto à Mansão e enterrou o rosto nas mãos.

— Nem sequer sei por onde podemos começar.

— Por um sítio qualquer. Não tens escolha. Só quero que... me deixes pensar por um minuto. — Gwen aproximou-se da pilha crescente de miniaturas e prendas no canto do sótão, todas elas enviadas por leitores esperançados de conseguir ocupar um espaço da Mansão. Pegou numa caixa muito trabalhada que não era maior do que um baralho de cartas, ainda embrulhada no papel celofane que deixava entrever uma pequena boneca de porcelana quase obnubilada por uma massa de caracóis loiros. — Entretanto, gostava que me deixasses convencer-te a usar uma boneca mais bonita. Enviaram-te tantas!

— Eu nunca quis usar bonecas, sequer. Lembras-te?

Myra estendeu a mão para a cozinha da mansão, a tentar equilibrar a boneca de mola de roupa de madeira à frente do fogão de esmalte azul. Em cima dos bicos do fogão estava uma caçarola *Le Creuset*, num tom de fogo mais rico e mais convincente do que o fio ondulado amarelo em cima

da cabeça redonda da boneca de mola de roupa. Myra gostava bastante do contraste, porque a boneca parecia um intruso e era melhor que parecesse que não pertencia àquele lugar.

Gwen estendeu a mão à cozinha e pegou na boneca de mola, levou-a para junto do rosto e emulou-lhe a carranca.

— Olá, sou a Myra. A minha melhor amiga superespetacular e génio das redes sociais diz que as pessoas me querem ver a viver na Mansão Minúscula e eu fiquei toda abespinhada e fiz esta boneca de mola de roupa que parece um adereço da *Uma Casa na Pradaria: Os Tristes Anos*. Nem sequer posso usar sapatos bonitos porque não tenho pés! A minha roupa é um lenço velho, provavelmente usado. Não admira que eu esteja com um ar tão aborrecido! Sou a mola de roupa de trinta e quatro anos mais solitária do mundo inteiro!

Myra arrancou a mola de roupa das mãos de Gwen.

— Eu não me sinto sozinha. Eu disse que não queria usar boneca nenhuma, não esta boneca em particular. Só a fiz para treinar costura. O lenço era da minha avó Trixie. Eu fi-la quando ela me estava a ensinar a costurar. Tenho mais duas ali na chapeleira. Mas dei o meu cabelo a esta. — Passou os dedos pelos fios amarelos frisados na própria cabeça, nunca submetida a um estilo que parecesse outra coisa que não fossem traços escandalosamente vincados, como um problema de geometria que nenhum produto para cabelo poderia resolver. — A Mansão Minúscula não tem que ver com pessoas. Tem que ver com coisas. Coisas minúsculas. Tem que ver com divisões minúsculas em que queremos entrar, mas não podemos, é impossível. É como

aqueles programas de decoração de casas na televisão. Podemos fazer algo em que as pessoas se imaginam a entrar. E isso não é possível se estiver cheia de outras pessoas. — Levou a boneca para junto do rosto tal como Gwen tinha feito. — Mas, se queres uma boneca, muito bem. Eu já pus uma boneca lá dentro. Não tenho de gostar.

Gwen suspirou e abanou a cabeça.

— Myra, é isto que eu estou sempre a tentar explicar. Para ti, tem que ver com coisas. Mas criaste algo que é maior do que tu. As pessoas podem ter começado a ler o blogue por causa das coisas minúsculas e das histórias que escreveste sobre as coisas. Mas não foi por isso que ficaram. Ficaram por causa dos bocadinhos de ti que acabam dentro das histórias: todos os pequenos vislumbres de uma pessoa que querem conhecer. Uma pessoa com quem querem tomar chá naquela biblioteca com o bule que trouxeram como presente. Uma pessoa que querem ver feliz. É isso que os faz voltar.

— Eu não pedi nada disso.

— Mas recebeste-o na mesma. E, a sério, não achas que lhes deves só um bocadinho? Eu sei que não sais muito de tudo... de tudo isto. — Gwen acenou as mãos num movimento caótico e brusco em direção às janelas de sótão, apontando para o mundo lá fora. — Mas eu saio, Myra, e estou aqui para te dizer que as pessoas precisam de alguma leveza. Para dizer a verdade, o mundo lá fora é uma tristeza, muitas vezes. Criemos alguma alegria. Talvez até algum romance! — Pegou em mais uma caixa ornamentada com mais uma figura de porcelana, desta vez um boneco

que estava a usar um *smoking*. Pôs os dois bonecos ao lado um do outro e fez sons de beijos.

— Eu sou uma pessoa reservada, Gwen, não uma reclusa. Estou ciente de «tudo isto». — Imitou o movimento rápido e inseguro para as janelas. — Mas tento manter a Mansão tal como a Trixie a deixou. Ainda tenho todas as peças de mobília que ela me deu, ou quase. — Myra franziu a testa e voltou a olhar para a sua sócia de mola de roupa. Nos últimos tempos, algumas peças tinham desaparecido e aparecido em lugares novos: o aparador verde-água com a perna partida de alfinete de cabelo e um pequeno giradiscos, um roupeiro com gavetas de mogno no quarto principal do andar de cima. Dois porta-guarda-chuvas pintados com elefantes. — Ela não me deu nenhum boneco e eu nunca tive vontade nenhuma de os ter. Tinha o suficiente para me manter ocupada.

Myra viu Gwen a morder o interior dos lábios, a conter-se para não falar. Alguma resposta para *não uma reclusa*, talvez. Provavelmente, Myra seria capaz de contar o número de vezes que deixara a casa nas duas décadas anteriores sem usar os dedos todos das mãos e dos pés, mas recusava considerar-se uma reclusa. Tinha um mundo inteiro no sótão e um mundo inteiro fora dele que podia visitar através de ecrãs sem nunca lá pôr os pés. E agora os habitantes desse mundo queriam invadir o dela. Sentia-se o oposto de sozinha.

Gwen abriu a boca num amplo O.

— Já sei. Acabei de me lembrar. E que tal o concurso?

— Que concurso?

— Parece que nunca te lembras das minhas grandes ideias. O concurso de ensaios. Tens seguidores que estão a roer-se por terem uma oportunidade de deixar a sua marca na Mansão. A única coisa de que precisamos é de os deixar fazê-lo. Todos eles leem as tuas histórias. Dá-lhes uma oportunidade para escreverem as suas próprias histórias e o ensaio vencedor poderá decorar uma divisão da casa.

— Não vamos conseguir pagar uma hipoteca com ensaios.

— Vamos sim, com taxas de inscrição. Teríamos de pensar num valor e, dependendo do montante de que precisamos, talvez possamos leiloar outras oportunidades. Dar o nome a uma escada! Colocar um banco no jardim! Podemos transformar a casa em todo um pequeno universo de divulgação de marcas. — Gwen bateu uma palma com as mãos à frente da boca. — Almoçar contigo! O primeiro prémio poderia ser um almoço contigo numa visita exclusiva à verdadeira Mansão. De perto e pessoalmente.

— Não estou a ver porque é que alguém há de querer pagar para almoçar comigo. — Myra deteve-se, a pensar. — Não me faças almoçar com pessoas, por favor.

— Só estou a atirar ideias para o ar neste momento, Myra, mas vais ter de sair um pouco da tua bolha para resolver isto. — Gwen abriu bem os braços para englobar a casa e a aldeia de artigos comerciais não usados que a rodeava. — Porque a tua bolha está à venda.

Myra seguiu o arco do gesto de Gwen e viu os troncos com cortes grosseiros que o avô dentara à mão muito tempo antes de ela nascer e as janelas que davam para as montanhas que se elevavam à distância. Tudo o que a protegia. Tudo o que conhecia.

— Muito bem, percebido.

— Bem, pelo menos consegui penetrar essa couraça com alguma coisa. Agora, se deixasses alguém decorar uma divisão da casa, qual seria a divisão que achas que essa pessoa preferiria?

Myra levantou a cabeça, sobressaltada.

— Estás a dizer que me obrigarias mesmo a usar algo que outra pessoa escolheu?

— É isso que «decorar» significa, que eu saiba. Quantas vezes é que refizeste essas divisões ao longo dos anos, afinal?

— Mais do que as que consigo contar.

Myra não disse que a casa nunca estava verdadeiramente terminada, porque nunca chegara a conhecê-la na totalidade. Às vezes apareciam divisões novas da noite para o dia, telas em branco de três dimensões, às vezes do tamanho de um armário, outras de um salão de baile. Passava dias ou semanas a concluí-las e, na manhã seguinte, verificava que tinham desaparecido. Todos os móveis, todos os lenços cosidos à mão, cada livro ou jarro pintado, todas as peças do soalho, acabavam engolidos pela Mansão. Cada um destes projetos servia para lhe apurar as capacidades — desenho, costura, carpintaria — que aprendera tantos anos antes com Trixie e com o avô. E, de vez em quando, ver esse trabalho a desaparecer, varrido para onde quer que fosse que a Mansão levava as coisas, ainda a magoava.

Na primeira vez que acontecera, quando tinha oito anos, Myra chorou durante dias, e os pais não a deixaram aproximar-se do sótão, dizendo-lhe que tinha chegado a

hora de passar algum tempo fora de casa porque *nada no pátio te pode magoar, Myra, ninguém te pode ver por lá*. Mas, ao longo dos anos, o desaparecimento de divisões foi-se tornando menos sinistro. No fundo, sentia que as divisões não tinham desaparecido. Que viviam noutro lugar e que podia haver outra pessoa a sentir o amor que Myra lhes dedicara. Nunca tirava fotografias de divisões novas antes de desaparecerem, nunca escrevia sobre elas no blogue, nunca falava sobre isso. Mas lembrava-se de cada uma delas com uma clareza fotográfica.

— Se estás sempre a decorar seja como for, uma remodelação desenhada por um leitor não tem de ser um grande problema. Provavelmente não vai ser sequer o prémio mais popular, se leiloarmos a visita e o almoço contigo.

Myra resmungou.

— Não podemos fazer de conta que disseste isso em jeito de brincadeira?

— Eu nunca brinco com negócios. Nunca.

— A Mansão Minúscula não é um negócio.

— Talvez não seja um negócio para ti. Mas estou sempre a receber ofertas de patrocínios por *e-mail*, o que mostra que não é bem assim.

Uma vez que Gwen tratava de todas as questões comerciais da página da Mansão Minúscula, era ela que recebia todas as mensagens na conta de *e-mail* oficial da página. Em poucos meses, criara uma morada postal e constituíra uma empresa de responsabilidade limitada em nome de Myra, e organizara tudo de forma tão fluida, que

esta quase nem reparou. Myra sabia que existia uma entidade maior do que ela, que a envolvia e à Mansão como uma bolha, mas era tão transparente que se esquecia da sua presença na maior parte do tempo. Gwen trabalhava para a maior empresa de *marketing* de Phoenix e era muito, muito boa no que fazia.

— Eu não quero patrocinadores, Gwen.

— Mas os patrocinadores querem-te a ti. E vais ter uma opinião diferente quando encontrares o patrocinador certo. Ou os patrocinadores certos, na verdade. Como o acordo para o livro.

— Eu não vou escrever um livro.

— Já estás a escrevê-lo! — Gwen levantou o telemóvel com a página da Mansão Minúscula a brilhar no ecrã. — Um arranjinho aqui e uma polidela ali das pessoas certas, talvez um par de ensaios e, bum, nos escaparates principais da Barns and Noble sem grande esforço. Sobretudo se conseguirmos atrair umas recomendações de algumas celebridades.

Myra sentiu a respiração a ficar mais curta e o coração a começar a acelerar.

— É demasiado, Gwen.

— Myra, querida, eu adoro-te. A sério. Mas, para ti, tudo é demasiado.

Gwen sorriu e o rosto abriu-se numa curva que se opunha completamente ao esgar contrariado de Myra e com uma expressão exatamente igual à que trazia quando, com sete anos, aparecera à entrada da casa de Myra depois de se ter mudado para o bairro e batera à porta com uma tiara na

cabeça, quatro colares de contas Mardi Gras e um anel de plástico em todos e em cada um dos dedos. *Olá! Sou a Gwen e o meu pai disse que havia uma menina a viver aqui e ela vai ser a minha melhor amiga.*

A Gwen era assim: tinha sempre razão.

PARKHURST, ARIZONA, 1988

Myra pestanejou ao ver a menina à frente dela à porta de casa. Nunca tinha visto tantos acessórios na vida. Não sabia onde pousar os olhos.

— Myra, tens de lhe dizer olá.

Diane pousou a mão no ombro da filha de sete anos. Myra nunca se dera muito bem com cumprimentos. Nem com despedidas. Nem com nenhum momento em que tivesse de falar com pessoas em geral.

— Olá — sussurrou Myra.

— Olá! Sou a Gwen. Vim aqui para brincar.

— Estou a trabalhar. Adeus, então. — Myra girou sobre o calcanhar e voltou para as escadas para o sótão.

— Boa! O meu pai também trabalha em casa. Tem uma oficina, como o Pai Natal, mas em vez de brinquedos, faz enormes computadores de metal. Às vezes ele deixa-me mexer na chave de fendas! Às vezes eu seguro na caixa de ferramentas. Às vezes ele deixa-me jogar jogos de computador! Tenho um em que participo nos Jogos Olímpicos. Sou muito boa a nadar. Não é nadar a sério, mas sim nadar no computador. Estou sempre a nadar no computador. Costumas nadar? Há piscinas por aqui? O meu pai diz que as montanhas são frias de mais para piscinas,

mas aposto que ainda nem foi à procura de nenhuma. Sabes?

Myra chegou ao cimo das escadas com Gwen no encalço e a paragem súbita no barulho fê-la parar e virar-se.

— Sei o quê?

— Sabes se há alguma piscina aqui?

— Oh. Acho que talvez haja. Na escola. É muito grande e fria.

— Fixe! Podemos ir nadar para lá?

— Provavelmente podes.

Gwen inclinou a cabeça para um lado e uma trança castanha roçou-lhe o ombro. A ponta da trança tinha um padrão em ziguezague gravado, como se alguém tivesse usado um ferro quente para criar ondas em vez de as alisar. O brilho escuro do cabelo refletia fitas enroladas em tons de cor-de-rosa, cor de laranja e verde-néon.

— Vamos juntas. Como é o teu fato de banho? O meu tem desenhos de ananases.

Myra abanou a cabeça.

— Eu não tenho nenhum fato de banho.

— Oh! Não faz mal. Eu ainda não desfiz as malas todas, mas todas as minhas caixas têm rótulos. O meu pai gosta de saber para onde vão as coisas todas antes de as arrumar. Tenho uma caixa cheia de coisas de verão porque em Scottsdale vou nadar todos os dias! Provavelmente vou continuar quando for para lá ficar com a minha mãe. Mas agora vou ficar com o meu pai e não faz mal porque tanto o meu pai como a minha mãe me amam muito, muito, muito.

Também tenho um fato de banho com melancias desenhadas. Gostas de melancias? São cor-de-rosa!

Myra abriu a boca, mas não saiu nada. Os lábios formaram um *O* perfeito, como o peixinho-dourado do aquário no rés do chão, mas Myra não conseguiu encontrar nenhuma palavra antes de Gwen passar por ela no sótão.

— Ómeudeus, ómeudeus, ómeudeus, tens uma casa de bonecas! Tens a maior casa de bonecas de sempre! Ainda é maior do que a Casa de Sonho da Barbie que a Stephanie que vive na esquina da rua da minha mãe tem no quarto em que a avó dela dorme no Natal! Às vezes, a Stephanie deixa-me brincar com ela, mas só quando a mãe a obriga por eu ser uma visita. — Gwen resfolegou e apontou para Myra. — Ómeudeus, também sou uma visita aqui! Isso quer dizer que tens de me deixar brincar com ela. — Precipitou-se para a casa de bonecas, pegou numa mesa de jantar em estilo barroco inglês e levantou-a até junto do rosto. — Isto é madeira de verdade? As coisas da casa da Stephanie são todas de plástico. Isto é tão fixe!

— Para! — A palavra saiu a custo das profundezas dos pulmões de Myra. — Pousa isso! Imediatamente.

Gwen endireitou-se de chofre e pousou a mesa. Myra apressou-se a pegar na mesa e a colocá-la no lugar certo.

— Pareces o meu pai quando eu mexo numa UCP. — Gwen abriu um sorriso. — É o cérebro enorme que os computadores usam. Ele diz sempre: «A UCP não é um brinquedo, Gwendolyn Christina Perkins.

— Isto também não é um brinquedo. É uma mansão.

— Eu não sou estúpida! Vejo bem que é uma mansão. É a maior casa de bonecas que eu já vi!

— Não é uma casa de bonecas.

— Não?

— Estás a ver alguma boneca lá dentro?

Gwen olhou em volta do sótão, depois agachou-se para espreitar as divisões da casa. A casa estava aberta porque Myra estava a trabalhar num dos quartos dos fundos, mas à noite fechava-a sempre com as fivelas bem apertadas.

— Onde estão as bonecas?

— Não tenho nenhuma boneca.

— Que tipo de menina é que não tem nenhuma boneca numa casa de bonecas?

Myra encolheu os ombros.

— Eu, creio. E deixa de dizer que é uma casa de bonecas.

— Já alguma vez alguém te disse que pareces aquela senhora do *Crime*, Disse Ela a falar? Acho que nunca ouvi ninguém da nossa idade a dizer «creio» até agora. Tens sete anos, não tens?

Myra assentiu com a cabeça. Não sabia qual era o limite de palavras que tinha por dia, mas sentia o peito pouco habituado a tanta conversa.

Gwen não pareceu reparar.

— Se não tens nenhuma boneca, quem é que vive na mansão?

— Ninguém. Bem, está lá a mobília. E os pratos e os copos e os castiçais. Todas as coisas que vês aqui.

Gwen voltou a inclinar a cabeça com fitas verde-néon com uma expressão de confusão no rosto.

— Bem, eu também gosto de coisas. Até acho que as coisas pequeninas são fixes. Mas parece triste que ninguém

as use.

— Eu uso-as. — Myra ficou um pouco surpreendida pela fúria e pela forma defensiva como pronunciou as palavras.

— Está bem. Está bem. Eu também as posso usar?

Myra ouviu a mãe a azafamar-se no rés do chão. Imaginou o pequeno tabuleiro com violetas pintadas nos cantos e os biscoitos de figo que Diane disporia num leque delicado de retângulos por cima de algumas fatias de maçã barradas com manteiga de amendoim. Sorrisos de maçã. Myra comia sempre o lanche sozinha. Trabalhava na Mansão sozinha. Sabia que a mãe não gostava de a ver sempre sozinha. E também sabia que a mãe não a deixaria mandar Gwen embora.

— Só sob supervisão. Só sob a minha supervisão direta. — Myra enrolou os dedos em punhos e cerrou o maxilar, a antecipar um desentendimento.

Gwen entrefechou os olhos, depois sorriu.

— Pareces mesmo aquela senhora detetive e escritora, mas eu até gosto. Que estranho. — Encolheu os ombros. — O que vamos fazer a seguir?

Myra ficou perplexa com a pergunta. O verbo no plural não lhe soava nada familiar.

— Eu estou a trabalhar no quarto maior.

— Oooh, chique. Tens uma daquelas camas grandes com paus pontiagudos e um dossel?

— Não sei. Vou ver. — Myra dirigiu-se para o canto e abriu a chapeleira rosa-sujo, nunca completamente certa do que poderia encontrar no interior. Depois de a abrir, enfiou a mão no monte desorganizado de cadeirões, chávenas de

chá e clorófitos verdes minúsculos em vasos de louça inglesa e retirou-a com os dedos enrolados numa cabeceira de cama com painéis deslizantes, um colchão largo com uma coberta de veludo martelado azul e um candeeiro flexível. — Tenho isto.

Gwen fez um esgar.

— Não é o que eu teria escolhido, mas está bem. Trá-la para cá. Onde é que vais buscar estas coisas todas, afinal? A minha mãe está sempre a levar-me ao Toys 'R' Us e eu nunca vi coisas pequeninas para casas de bonecas como estas.

— É da minha avodrasta.

— Da tua avodrasta? Isso é uma madrasta malvada?

Myra abanou a cabeça com tanta força, que as orelhas chocalharam.

— Não era nada malvada. Era muito, muito simpática. Era um bocado estranha, mas o meu avô Lou também é. Tenho saudades dela.

— Onde é que ela está?

— Morreu. No dia em que eu fiz cinco anos.

— Como? Era muito velha? A minha avó morreu, mas era muito velha.

Myra fechou os olhos e ouviu vidro a estilhaçar-se, gritos que pareciam metal a bater em metal, mas que, passado aquele tempo, ainda lhe pareciam rasgar o peito vindos do interior das costelas partidas.

— Não. Não era nada velha. Foi um acidente de carro.

Respirou fundo, a perguntar-se por um momento se poderia contar a história. Não se lembrava de pronunciar

aquelas palavras, de alguma vez ter partilhado a história com alguém. Nem sequer com o polícia simpático que lhe segurou as mãos, as protegeu da neve cortante a cair empurrada pelo vento uivante gelado de dezembro e lhe disse: *Já mandámos vir ajuda, querida, já mandámos vir ajuda, não me largues, está bem.* O polícia cujos olhos castanhos mantiveram os olhos azuis de Myra focados para que ela não se virasse e não olhasse para o que restava do lado do condutor do carro. O que disse, *não faz mal, querida, não faz mal*, quando Myra lhe disse *desculpe, as minhas mãos estão pegajosas.* O bolo de aniversário, originalmente com a forma do número cinco, estava-lhe pousado no colo quando o carro resvalou na estrada coberta de gelo. A cobertura cor-de-rosa e os doces brilhantes em forma de flor — feitos a partir de gomas que ela ajudara Trixie a espalmar com um rolo de massa naquela manhã — estavam esmagados e espalhados por todo o lado. Não havia conserto possível. Não havia remédio. E tudo culpa dela.

Myra sentiu o ar quente do sótão a cair muitos graus e a ficar frio o suficiente para a respiração ficar visível, mas Gwen pareceu não reparar.

Gwen assobiou.

— Isso é uma merda. Eu não devia dizer esta palavra, mas é tão perfeita.

Myra enrolou a mão em volta do pingente de bolota que pendia da corrente que trazia ao pescoço e lembrou-se da forma como Trixie costumava abraçá-la e beijar-lhe o cimo da cabeça cinco vezes. *Um por amor, dois pela vida, três para te manter longe de confusões, quatro porque são os*

elementos que nos ligam, cinco por tudo o que nos entrelaça.

— É... mesmo. É uma merda. Uma merda das grandes.

Gwen riu-se tanto que caiu para trás e quase bateu no canto da Mansão com a cabeça. As fitas de néon emaranharam-se nos ramos largos do carvalho. Myra apressou-se a ajudá-la a desenvencilhar-se, agachando-se e desemaranhando os fios de cabelo com intensa concentração.

Gwen ficou muito quieta e olhou-a.

— Tu também estiveste no acidente? Foi isso o que aconteceu ao teu rosto?

Myra estacou e a boca voltou a abrir-se e a fechar-se como um peixinho-dourado. Sem palavras.

— Desculpa, desculpa, desculpa. O meu pai diz-me sempre que eu falo de mais. Esquece que eu falei. Desculpa, Myra. — Gwen levantou o braço, libertou o cabelo do carvalho e da mão de Myra, sentou-se muito direita e fechou ambas as mãos em redor das de Myra. — Desculpa, a sério. É por isso que eu não tenho muitas amigas. É por isso que eu não tenho nenhuma, para dizer a verdade. Perdoa-me, por favor, Myra. Por favor, não me obrigues a ir embora.

Myra voltou a abrir a boca, à espera de palavras. Mas não queria obrigar Gwen a ir-se embora. Pela primeira vez, uma pessoa de fora entrou antes de poder dizer que não e agora Myra sentia uma sensação sólida a crescer-lhe no peito e apercebeu-se de que estava a alastrar-se, porque o vazio que sentia era substancial. Talvez houvesse espaço. Espaço

para uma pessoa de fora para que, lá dentro, não se sentisse tão sozinha.

— Sim — murmurou. — Foi isso o que aconteceu ao meu rosto. — E, só por um instante, Myra voltou a sentir o calor na pele demasiado tensa que lhe envolvia o maxilar, que voltou a cerrar de forma enviesada, e na teia de cicatrizes desenhada ao longo do lado esquerdo do corpo debaixo da gola alta e das mangas compridas que usava sempre, independentemente do tempo que fazia. — Não precisas de te ir embora.

As duas meninas ficaram sentadas por um momento a segurar as mãos uma da outra antes de as retirarem.

— Como é que ela era? A tua avodраста?

— Era como uma fada madrinha.

— Sempre quis uma dessas!

— Eu fui a menina das flores no casamento deles.

Myra correu para o armário no canto ao fundo e pegou no vestido pendurado no cabide de madeira. Só tinha dois anos quando a envolveram naqueles folhos iridescentes, camadas e mais camadas de franjas de tafetá de seda lustroso com o tom azul-escuro de um céu coberto de nuvens carregadas com apontamentos de luz. A gola rendilhada e as bainhas das mangas à boca de sino estavam decoradas com pequenas pérolas minúsculas. Era um vestido que ninguém que conhecesse uma criança de dois anos sonharia tentar forçá-la a vestir. Nem sequer era bem um vestido normal, mas um vestido de gala. O tipo de peça que uma criança dessa idade poderia usar se estivesse a preparar-se para ser coroada rainha de um reino dos pequeninos. Mas a avó Trixie riu-se a bom rir quando viu

Diane a olhar horrorizada para o vestido e a dizer que era impossível. *A Myra consegue fazer coisas impossíveis. A Myra é uma alma velha. Tem uma alma que viu a criação acontecer.*

Gwen voltou a assobiar.

— Esse vestido é espetacular. Quem me dera ter um vestido igual a esse.

— Foi a minha avó Trixie que o fez.

Diane tentara convencer Myra a doá-lo mais do que uma vez, dizendo-lhe que era impossível que se lembrasse de o usar ao ponto de ficar tão apegada à peça. Myra chorava sempre e Diane cedia sempre até ao acesso organizacional seguinte, em que voltava a lembrar-se de doar o vestido. *Nem sequer te serve, Myra!*

E não deveria. Myra tinha apenas dois anos quando o usara. Vira as fotografias vezes suficientes para reconhecer a diferença no tamanho.

Mas, às vezes, ao fim da noite, quando a Mansão estava afivelada e bem fechada, Myra esgueirava-se para o sótão para ver se estava tudo perfeito, tal como tinha deixado. E, às vezes, estava perfeito de outra maneira. Podia haver uma luz acesa num candeeiro de um quarto do andar de cima que não tinha fios. A lareira da sala podia ter chamas a crepitar e a lançar sombras que adornavam as paredes com danças espectrais. A porta entalhada da frente podia abrir-se e podia ouvir-se uma melodia fina do interior, ténue, bela e incomensuravelmente triste.

E, nessas noites, Myra podia enfiar-se no vestido e sentir a gola a expandir-se, as mangas a alongar-se, o brilho

iridescente do tafetá a rodopiar em dobras perfeitas numa cascata fluida até às tabuas de madeira do chão. Podia sentir os botões cobertos a entrar nas respectivas casas ao longo das costas. Podia fincar os pés no chão e sentir que estava a crescer e ver as janelas da Mansão a cintilar abaixo da linha de visão habitual.

E podia ouvir um sussurro fino do interior: *em breve. Mas ainda não é para já.*

6

O Perfeito Não é Inimigo do Bom

(De *A Mansão Minúscula de Myra Malone*, 2015)

Às vezes, as coisas recusam-se a acontecer da forma que preten-

demos. Podemos passar a noite acordados a repintar uma escrivaninha com tampo móvel que está a abanar, com toda a intenção de a colocarmos debaixo de um quadro de natureza morta com uma taça de pêssegos, para depois repararmos que a tinta cor-de-rosa que usámos para lhe dar um ar menos convencional tem precisamente o tom errado e não condiz com o do fruto. Por isso, mudamos o quadro, mas a parede à volta perdeu a cor com o sol e agora é preciso retocar o papel de parede. E se é isso que temos de fazer, o melhor é mesmo escolhermos um tom que condiga com a escrivaninha, só que, agora que prestamos atenção, a cama no canto tem uma patine alaranjada na cabeceira com volutas de madeira que também colide com o cor-de-rosa, e o tapete no chão tinha sido pensado para complementar o tom rosáceo dos pêssegos, mas agora parece sujo e não tardará a parecer desfasado: todos os elementos acabam em total dissonância porque decidimos experimentar algo novo.

O que fazemos, então? Tiramos a escrivaninha, voltamos a colocar os pêssegos e desistimos de tudo? Por muito que saibamos que as paredes descoradas têm um quadrado escondido que não está exatamente como queremos e não podemos deixar de ter visto que aquele pequeno mundo não está como pensávamos que estava?

Ou recomeçamos, tiramos tudo do quarto, pintamos as paredes, retocamos o soalho de madeira e partimos da estaca zero? Decidimos qual é a divisão que queremos como *atelier* de arte, como escritório ou como quarto para o bebê?

Não é uma decisão fácil! E acontece-me constantemente. Começo com o mais simples dos planos, um retoque sem importância, e acabo com uma escolha entre uma remodelação de grande escala e uma mudança de perspectiva. Uma pequena mudança de atitude ou uma remodelação total. Ambos têm razão de ser, mas, em qualquer das situações, cheguei à conclusão de que nunca nada combina na perfeição. Podemos deitar um local todo abaixo e voltar a construí-lo e acabar por perceber que deixámos as cortinas com mais um centímetro do que deveríamos. Podemos reajustar o que já temos — mudar a mobília de lugar, trocar algumas coisas — e esperar por aquela voz na nossa cabeça que diz *Pronto. Agora terminaste.*

Essa voz nunca me diz essas palavras. Se as diz a vocês, parabéns. A minha costuma dizer-me que usei o tom errado de amarelo nos rodapés e em que é que eu estava a pensar quando escolhi rodapés amarelos, afinal?

A minha mãe sempre me disse que «não podes deixar que o perfeito seja inimigo do bom». Quando eu era pequena, pensava que eram pessoas — o Perfeito e o Bom — e imaginava-as sentadas a uma mesa da cozinha a olharem uma para a outra, a bater com os cabos dos garfos e das facas na madeira, a chamar nomes uma à outra. Não gostava da ideia. Os meus pais também discutiam assim e eu enfiava lã da colcha nas orelhas enquanto trabalhava na Mansão e tentava fazer de conta que a discussão não estava a acontecer. Não podia controlar o que a minha mãe e o meu pai estavam a fazer. Mas o Perfeito e o Bom? Estavam no sótão comigo e eu podia fazer o que a minha mãe me tinha dito: obrigá-los a serem simpáticos um com o outro. Não os podia deixar discutir, mas também não podia deixar nenhum ganhar. Havia espaço para ambos na Mansão. Podia ajudá-los a encontrarem uma forma de coexistirem.

Para o fazer, tenho de convencer o Perfeito de que a perfeição é local: não tem de ser perfeito em toda a parte. O Perfeito não é eterno, seria uma maçada se fosse, afinal. É passageiro. É por isso que é especial. A escrivaninha de tampo móvel em cuja repintura trabalhei a noite inteira era perfeita na minha mão quando decidi que tinha terminado o trabalho. Mas, depois, no lugar onde a queria colocar, deixou de ser perfeita. Isso não quer dizer que não é boa. A Mansão tem uma palavra a dizer e a divisão ainda não decidiu o que quer ser.

Por isso, tenho de ouvir, deixar as coisas repousarem e trabalhar noutra coisa. Talvez possa pendurar os pêssegos junto ao cabide para casacos na cozinha, ao lado da porta

da despensa. Talvez a escrivaninha cor-de-rosa a abanar queira ser dois móveis diferentes, na verdade: a parte de cima com o tampo daria uma caixa de pão bastante prática e as pernas podem ser sempre utilizadas noutras peças, porque, às vezes, os móveis com apoios finos como fósforos partem-se. Posso virar a minha atenção para outras divisões e outras tarefas. E, ao fim de algum tempo, perceberei o que deverá compor aquela divisão vazia e tudo ficará no devido lugar. Até lá, posso procurar consolo em tudo o que é bom. E, na verdade, isso parece-me perfeito.

Lockhart, Virgínia, 2015

Rutherford Alexander Rakes Terceiro nunca detestara nenhum emprego como detestava atender clientes na Rakes e Filho, a fazer de conta que tinha interesse — e um interesse intenso — em saber se o sofá de imitação de bambu que estava a tentar vender à loira de cabelo de capacete iria dar um novo ar ao canto sudoeste do solário da casa.

— É um canto soalheiro, está a ver, mas é um sol um pouco salpicado. Os nossos vizinhos recusam-se terminantemente a cortar a sebe de alfenheiro que já cresceu de mais, o que é vergonhoso. E eu fico preocupada que um estampado como esse possa tornar o canto demasiado... — A mulher deixou a frase a meio e fez um gesto com as mãos e os dedos a abanar no ar à frente do rosto de Alex. — Demasiado cheio. Com demasiado movimento. Compreende?

— Claro que sim. Também oferecemos um serviço de estofamento personalizado, Sr.^a Sherrill, e eu terei todo o gosto em oferecer-lhe algumas amostras para levar para casa. — Deslizou a capa densa cheia de tecidos pelo balcão que os separava.

— Oh, céus, se eu voltar para casa com mais amostras, acho que o meu marido pode decidir transformar a divisão toda num antro masculino. Ele detesta esta ideia toda do solário, diz que se eu quero sentir-me tropical posso mudar-me para a Florida sem ele. Dá para acreditar numa coisa destas?

Alex era capaz de acreditar, conseguia colocar-se no lugar de um Sr. Sherrill acossado sentado num cadeirão de pele enquanto a mulher lhe tentava concitar um interesse de que Alex era um representante, na esperança de que ele mostrasse entusiasmo — ou aversão ou uma emoção qualquer, na verdade — em relação a um tom particularmente bonito de cereja ou a um motivo repetitivo de lamas minúsculos bordados ou de um brocado inócuo com relevos em cadeia. O sofá de bambu era hediondo, indubitavelmente uma das peças de que Alex menos gostava em todo o complexo de salas de exposição de móveis junto ao rio. Mas era uma peça muito procurada para solários, e todas as clientes eram parecidas com a Sr.^a Sherrill.

— Ele vai ficar impressionado com o produto final, Joan. O seu gosto é primoroso.

As faces da Sr.^a Sherrill afoguearam-se em manchas de tons rosados que brilhavam por entre a massa densa de maquilhagem fosca que lhe cobria o rosto. Por um momento, pareceu ter dezanove anos, a irradiar uma energia e uma paixão que Alex acreditava que ela teria nessa idade, numa altura em que escolher um sofá para um solário estava longe de ser o destaque do dia.

— Adoro quando decide tornar-se um pouco informal de mais, Sr. Rakes. — O timbre da voz baixou quando ela se inclinou sobre a madeira polida, agarrou a capa de amostras e lhe roçou levemente a mão ao fazê-lo. — Alex.

Alex sorriu-lhe com uma sinceridade que lhe feria o coração, uma máscara para fazer a venda a uma mulher que precisava de algo que o dinheiro não podia comprar.

— A informalidade ajuda-me a perceber o que os clientes desejam, Sr.^a Sherrill. Aquele sofá é o último que temos em *stock*, mas, se o comprar hoje, terei todo o gosto em guardá-lo para si. Ficarei pessoalmente de olho nele até decidir o que deseja fazer em termos de estofamento.

— Trataria disso consigo, também, claro. — A Sr.^a Sherrill levou a mão cuidada à mala de mão *Prada* e retirou um cartão de crédito com as unhas pintadas num tom leve de rosa.

— Claro. Hoje o preço seria... — Alex baixou os olhos para o computador, novamente chocado com o preço indicado para a peça. — Seria de 2799,99 dólares ou 2925,95 dólares com o imposto. Deseja que eu continue e trate do seu pagamento?

— Sim, por favor. A qualidade vale o preço. — Joan Sherrill lançou-lhe um sorriso largo que fazia lembrar o do Gato Risonho da *Alice no País das Maravilhas*. — E espero não demorar a voltar a pagar por qualidade, Sr. Rakes.

Estendeu-lhe o cartão de crédito juntamente com um cartão de visita com uma textura suave, e Alex sabia que iria encontrar o nome e a morada da Sr.^a Sherrill gravados nas fibras do papel a um preço mais elevado do que aquele que a maioria das pessoas pagaria por um mês de renda, e

que um rabisco escrito à mão com caneta de tinta permanente lhe iria dizer quando e onde a poderia encontrar. Alex já tinha recebido muitos cartões semelhantes. Às vezes seguia as instruções lá inscritas, outras não. Mas cada um daqueles pequenos pedaços de papel só servia para aumentar o peso que lhe ia na alma. Às vezes encontrava um pouco da rapariga tímida com as faces coradas debaixo da maquilhagem demasiado densa e da manicura perfeita e lembrava-se da sua própria juventude, da energia que o animava quando tinha vinte anos e fazia pedestrianismo pela China nos fins de semana em que não estava a ensinar Inglês numa escola privada.

Mas, na maior parte do tempo, só se sentia usado, quase gasto, com o peso da decisão de voltar para casa para ajudar o pai a prendê-lo a Lockhart e a tudo o que tentara deixar para trás. Passou o cartão da Sr.^a Sherrill pelo leitor, devolveu-lho juntamente com o recibo em que não escreveu nada e sorriu com os dentes, a sentir o rosto quase a desfazer-se com o esforço.

— Até à próxima, Sr.^a Sherrill.

— *Adieu*, por agora, Sr. Rakes. — Rodou sobre um salto com sola vermelha e planou até à porta de vidro coberto de gelo com moldura de madeira reciclada sem relancear para trás.

— Mais um sofá de bambu? — O pai de Alex aproximara-se tão silenciosamente como um gato e com uma voz tão cava e severa como o homem que a projetava. — Não estava à espera de que vendessem tão bem. Faz uma encomenda de mais vinte quando tiveres tempo, pode ser?

Alex cerrou os dentes.

— Com certeza, pai.

— Oh, vá lá, não comeces. Eu sei que são uma ofensa para o teu gosto delicado, mas isto é um negócio, Alex, não o tipo de lugar que vende mesas de boticário combinadas com, sei lá, caixas de charutos antigas e dobradiças de portas de celeiros. — Rutherford Alexander Rakes Jr. parou para pensar. — Na verdade, provavelmente isso venderia como pãozinhos quentes. Vê se nos consegues encontrar algo desse género.

— Certo. Armários com dobradiças de portas de celeiros.

Alex levantou-se do banco com rodas que estava no lugar do costume atrás do iPad que fazia de máquina registadora e dirigiu-se para a porta.

— Onde pensas que vais?

— Há uma loja de artigos usados naquela velha discoteca ao fundo da rua. Quero ver se têm alguma coisa nova.

— Estás a falar do Velvet Cage ou lá como se chama? Essa loja está amaldiçoada. Pensei nela alguma vezes para abrir um negócio de acessórios, mas decidi que não me vou aproximar dela sequer. Matou pelo menos dez negócios nos últimos quatro anos, se bem me lembro.

— Se não me deixares ir, pode ser que também mate este antes de eu poder ir lá de novo dar uma olhada.

— Eu sei que olhas para essa... *ocupação*, essa procura de quinquilharias desconexas por uma ninharia, como uma espécie de passatempo, Alex, mas, a menos que encontres coisas que possas colocar na sala para vender, não passa de uma perda de tempo e dinheiro.

— Disseste que gostavas do olho que eu tinha para as coisas.

Rutherford respirou fundo.

— Está bem. Faz uma pausa para o almoço. Vê o que consegues encontrar. Depois volta e vende mais alguns sofás.

Alex saiu pela porta da frente da galeria e o sol refletido no canal obrigou-o a entrefechar os olhos. A Rakes e Filho ocupava uma série de armazéns remodelados em Lockhart. Começara como uma loja pequena com apenas uma montra no início do século xx,

criada pelo bisavô de Alex, mas a linhagem de sangue azul dos Rakes, combinada com o olho para o negócio de Theodore «Teddy» Rakes, transformara-a num centro para decoradores e famílias da aristocracia em toda a Costa Este dos EUA. Alex nunca teve intenção de assumir o negócio da família, apesar do nome da empresa. Mas o pai estava doente e Alex concordara em regressar e ajudar por um período curto que já estava a chegar aos seis meses e sem fim à vista.

Lockhart só era a terra de Alex porque ele não tinha mais nenhum lugar a que aplicar a definição. O pai enviara-o para um colégio interno nas montanhas da Carolina do Norte quando Alex tinha cinco anos, na esperança de lhe inculcar alguma precisão militar que o próprio Rutherford tinha adquirido nos anos que lá passara. Não resultou. E a relação tensa entre o atual Rakes e o Filho nunca recuperou ao fim de anos de afastamento e mal-entendidos. Seis meses antes, Alex estava a ensinar Inglês numa escola privada na China. O regresso às raízes finas do Sul dos

EUA foi uma espécie de choque cultural ao contrário que o voltou a mergulhar em regras tácitas de que já quase não se lembrava: não usar branco depois do Dia do Trabalhador, não usar meias com mocassins, polos cor-de-rosa com calções caqui eram aceitáveis no campo de golfe (e em outros lugares nos quais Alex tentava não entrar).

O charme ribeirinho de Lockhart tinha, pelo menos, dado azo a uma espécie de renascimento, com tascas animadas e lojas de artigos usados mais ou menos excêntricas onde Alex podia vaguear quando se livrava das prioridades comerciais do pai. A última que descobrira não tinha nome, apenas um letreiro de vinil temporário pendurado em cordas em cima da entrada com a palavra *vintage* pintada em letras roxas. Talvez tenham ouvido a mesma coisa que Rutherford sobre a rotação de lojas no local e tenham partido do princípio de que não valia a pena investir num sinal mais permanente.

Um estranho aparador na montra chamou imediatamente a atenção de Alex. A tinta lascada era sobretudo azul-turquesa, mas uma das pernas da frente — um pedaço de madeira torneada que parecia ter vindo de outro móvel — era cor-de-rosa vivo. O resto do aparador assentava em pernas de ferro em forma de alfinetes de cabelo e o armário tinha um espaço aberto vazio no lado direito que encimava portas providas de venezianas. Alex foi ter com a universitária com expressão de tédio atrás de um balcão de vidro cheio de bijuteria.

— Aquele aparador está à venda?

A rapariga fez um balão com pastilha elástica e ajeitou a boina cor de laranja que lhe cobria o longo cabelo azul.

— Se está aqui, está à venda.

— Está completa? Parece que lhe falta uma componente.

A rapariga esticou o pescoço para olhar para trás de Alex.

— Está a falar da perna? Sim, foi assim que a recebemos. Mas temos outra parte lá atrás que estamos a usar para nós. Um gira-discos. Mas faz parte do móvel se o quiser.

Alex ponderou.

— Sim, acho que quero. — O aparador apresentava uma falta de simetria que considerava encantadora, embora não soubesse dizer porquê. — Quanto custa?

A rapariga consultou uma prancheta pousada em cima do balcão de vidro.

— Setenta e cinco.

— Dólares? — Alex pensou nos sofás de imitação de bambu e no preço astronómico por que os vendiam.

— Não, berlindes. Aqui vendemos tudo em troca de berlindes. Preferimos as leiteiras. — A rapariga olhou para Alex com uma expressão impassível, aparentemente à espera de que ele admitisse que era um idiota chapado. Ao ver que ele não dizia nada, revirou os olhos. — Sim. Setenta e cinco dólares. E pode ficar com os discos que vinham com ele por vinte e cinco, se os quiser.

Alex assentiu com a cabeça. Mesmo que a música não fosse a que mais gostava, poderia revendê-los.

— Sim. Também vou levar os discos. — Pegou na carteira, retirou cinco notas de vinte e estendeu-as para o outro lado do balcão.

— Ainda bem que o vai comprar, que assim não o compro eu — disse a rapariga. — Tem um ar de peça de Mansão,

mas não tenho onde o pôr neste momento. — Voltou a fazer um balão com a pastilha e disse *problemas com o namorado* com os lábios com um zelo exagerado, como se estivesse à espera que Alex lhe pedisse para elaborar.

Mas Alex ficou a pensar noutra coisa que ela disse.

— O que quer dizer com «ar de peça de Mansão»?

A casa da família onde Alex estava a viver era chamada de mansão de vez em quando, apesar de o lugar estar em tão mau estado que a estrutura poderia ruir à volta da cabeça de Alex enquanto ele dormia. O aparador combinaria com o resto das peças de toda a sorte que foi retirando de armários e de outras divisões da casa: uma velha cabeceira com painéis com uma estante para livros incorporada dos anos 70 do século xx, um candeeiro flexível de bronze que parecia pensado para a biblioteca de uma universidade e uma coberta de veludo martelado azul que o pai provavelmente atiraria para a fogueira mal a visse.

— É só uma expressão. — A rapariga enfiou o dinheiro num bolsa para moedas em pele genuína com o formato da cabeça da Hello Kitty. — Não iria compreender.

Despesas e perecíveis

(De *A Mansão Minúscula* de Myra Malone, 2015)

Qualquer Mansão bem apetrechada deve ter comida suficiente para os ocupantes e, embora vocês possam ter reparado que a Mansão tem poucos ocupantes — sim, bem, só uma ocupante, e só depois de a Gwen ter ameaçado despedir-se se eu não pusesse alguém lá dentro —, essa ocupante nunca fica com fome. As opções de comida disponíveis podem não agradar a todos, mas estamos a falar de uma boneca de mola de roupa, e dado que esta boneca de mola de roupa sou eu, alimento-a com o que fui alimentada.

Que era, diga-se, *o que quer que estivesse em saldo e disponível em grandes quantidades*.

Vamos, pois, falar das salsichas austríacas.

Já comeram uma salsicha austríaca? Se a resposta é sim, aceitem, por favor, as minhas mais sinceras condolências e a sugestão de que procurem outro artigo nos arquivos da Mansão. Pensem nisto como um aviso para leitores mais sensíveis. Vou falar aturadamente sobre salsichas de uma forma que poderão considerar perturbadora. Obrigada por lerem! E desculpem!

Se nunca comeram uma salsicha austríaca, parabéns! Conseguiram escapar às garras arreganhadas de um género alimentício que definiu a minha infância, juntamente com a geleia de uvas cristalizadas *Welch's*, *pickles* de origem questionável e chupas de sumo genéricos. Embora muitos destes produtos se fundam na minha memória numa massa solidificada de sódio e gordura, as salsichas austríacas distinguem-se dos seus congéneres comprados em grandes quantidades.

Uma salsicha austríaca é um prodígio de engenharia. A Gwen diz-me que são como os palitos de carne que ela costumava comer com os primos quando eram mais novos, e esta foi a última coisa que disse sobre elas, quando tínhamos sete anos, antes de me fazer prometer que nunca mais as poria à sua frente. Eu não vou a mercearias, pelo que não sei se uma salsicha austríaca é o tipo de coisa que uma pessoa poderia pedir numa mercearia fina. As únicas que eu conheço — as que comi, todos os dias, durante anos — vêm em latas, a flutuar em água como rodela de ananás desenxabidas.

As minhas primeiras latas de salsichas austríacas — ou seja, as únicas latas de que eu precisei em toda a minha vida — vieram do meu avô. O avô Lou cresceu com fome. A primeira infância do meu avô no Oklahoma começou com escassez e acabou numa terra seca que estrangulou as colheitas da pequena quinta da família e, pouco tempo depois, a mãe dele. O meu avô fechou a mão pequena na da irmã mais velha e cambaleou atrás dela na difícil caminhada que fizeram para oeste, onde poderia ficar longe do pai abusador e do pó que ameaçava enterrá-los a

ambos. Acabaram por ir parar a uma quinta no Arizona, propriedade de um primo distante, a trabalhar o dia inteiro por uma magra porção de comida que nunca chegava a alimentar convenientemente todos aqueles que acabavam naquele porto seco e rodeado de terra.

O meu avô nunca se esqueceu da fome. Quando eu era pequena, ele falava da Fome com uma respeitosa inicial maiúscula, como se fosse uma pessoa a espreitar pelas esquinas, sempre pronta a aparecer. Não podia entrar na casa do meu avô sem ser imediatamente conduzida a uma mesa ou a uma cadeira onde teria comida à minha frente. A única arma contra a Fome era o escudo de um prato cheio e, para o meu avô, a fonte de munições mais confiável eram os hipermercados de descontos.

Se um alimento estivesse com um bom preço, o meu avô achava que valia a pena comprá-lo às paletes. E encher a própria despensa não era suficiente para lhe suprir o medo. O maior presente que ele podia conceder era a ausência de carência: se ouvisse um de nós a dizer, ainda que de passagem, que determinado alimento era agradável, podíamos contar com recebê-lo em quantidades industriais. Quando era muito pequena, terei destruído um prato ao encher o meu pequeno bucho de um guisado de salsichas e o meu avô nunca se esqueceu disso. Quando tinha seis anos, trouxe a bagageira do *Cadillac* cheia de salsichas austríacas até à porta da nossa cabana, a rir-se e a piscar o olho como o Pai Natal com um trenó cheio de derivados de carne. Na altura, já tinha aprendido a projetar uma combinação cautelosa de gratidão e comedido entusiasmo: um presente era um presente e merecia um agradecimento,

e nada me deixava o jovem coração mais deprimido do que uma expressão de desilusão no rosto do meu avô. Mas, se me mostrasse demasiado feliz, a minha reação poderia ser usada contra mim mais tarde e tornar-se a razão de mais uma caixa de uma qualquer compra em quantidades exageradas.

Chegada aos seis anos, tinha aprendido diplomacia, e ainda hoje acredito que essa competência me valeu o outro presente que o meu avô me trouxe naquele dia: esta Mansão, este mundo em miniatura que partilho com todos vocês neste espaço. O meu avô colocou-a na sua enorme berlina um ano depois de perdermos uma pessoa que ambos adorávamos. A Mansão era dela, e ambos sentíamos que trazia uma memória no interior da estrutura fechada com fivelas de latão. Quando o meu avô se casou com a Trixie, a minha avodраста, eu era ainda muito pequena, mas ela nunca me tratou como uma criança. Usou a Mansão para me ensinar competências que ainda hoje uso para cuidar dela: costura, pintura e ferramentas de soldagem. Ela e o meu avô ensinaram-me a talhar e a trabalhar com madeira, e nós os três passávamos horas com plainas e cola e latas minúsculas de tinta a construir um refúgio de que todos precisávamos.

O nosso foco na criação de um mundo cheio de detalhes minuciosos tornava o mundo exterior mais acessível. Se eu fosse suficientemente observadora, poderia reduzir algo enorme ou avassalador a algo suficientemente pequeno para segurar na palma da mão, anichado num pequeno canto de uma divisão da casa, que podia fechar por razões de segurança. E essa competência deu-me poder num

tempo de impotência. Quando o meu mundo perdeu a Trixie, senti que podia manter o espírito dela na Mansão. Como se ela não tivesse partido de todo.

Afinal, também me ajudou a manter o meu avô. A despensa da Mansão nunca está vazia. Mantenho-a sempre repleta de grandes quantidades de massa e geleia de uva, frascos de tomates maduros e latas e mais latas de salsichas austríacas. Se olharem para o fundo desta publicação, verão algumas fotografias dos pincéis que uso para pintar rótulos. Alguns são pouco mais largos do que uma pestana e tenho de usar uma lupa para os criar. Consigo concluir algum deste trabalho com o Photoshop e uma impressora de muito alta resolução, mas gosto mais do trabalho pintado à mão. A cada pincelada, ouço os meus avós. *Mede duas vezes. Corta uma. E toma outro prato, come, bolotazinha. Come.*

Elliot, Arizona, 1983

A casa do avô Lou era pequena, mas bonita, uma casa com telhado de duas águas modificada que se elevava por entre zimbro perto de uma queda de água estreita do Rio Verde, rodeada de bétulas-

-negras e álamos. Os hectares de vegetação rasteira tornaram-se mais valiosos nas décadas que passaram desde que Lou comprara o terreno por uma bagatela e, embora a terra ocupasse uma extensão pouco desenvolvida do Arizona pela qual a maioria das pessoas só passavam quando iam a caminho de outros lugares, à medida que as fronteiras dos «outros lugares» se foram expandindo, os espaços intermédios tornaram-se mais desejáveis.

Por isso, quando Lou ligou para a família para falar sobre a nova amiga e, inesperadamente, convidar toda a gente para um jantar de família «porque ela não vai demorar a ser da família», a primeira reação dos familiares foi de desconfiança. Lou era muito reservado sobre a forma como se conheceram, mas, como era uma pessoa de extremos e ora era reservado ora efusivo, a falta de pormenores não era, por si só, nada de extraordinário. O que era extraordinário era a abertura das palavras quando dizia que se sentia sozinho — algo que nunca admitia, nem para

ele próprio — e o tom calmo que usava quando falava das viagens que fazia e da «mulher maravilhosa» que conhecera.

Lou viajava menos do que nos tempos em que atravessava o país a vender sistemas de isolamento exterior para grandes empresas de construção. Já não andava com uma mala cheia de amostras, mas, mesmo depois de se ter reformado, nunca perdeu a vontade de se fazer à estrada, de falar com estranhos e de perceber o que os motivava, de usar toda a reserva de palavras que tinha e depois regressar para o silêncio e a solidão da casa de duas águas rodeada de vegetação rasteira. As fortes alternâncias entre a atividade social e o recolhimento eram imprevisíveis, o que acontecia desde que a mãe de Diane, a primeira mulher, morrera de cancro quando Diane era pequena; tão pequena que nunca chegou a perceber a ausência da mãe. Ficava com a tia quando Lou viajava em trabalho, mas, de resto, estava sempre com o pai, a ajudá-lo em projetos de construção ao longo da infância, incluindo o projeto da cabana onde vivia com Myra e Dave.

Quanto a Lou, quando começou a viajar menos e a falar em preparar a reforma, Diane e Dave encontravam-no empoleirado nos beirais da casa em Elliot ou a subir a cercas nos arredores do terreno, para as consertar ou melhorar como sempre fizera. Não parecia aspirar a nenhum tipo de sociedade além da dele e da família, pelo que o anúncio acerca de Beatrix foi como um trovão num céu limpo e azul. A única coisa que Lou dizia era que a tinha conhecido em viagem e que sabia, no fundo da alma, que ela estava destinada a fazer parte do seu mundo.

A desconfiança não parecia despropositada.

Mas na primeira vez em que tomaram a longa estrada de terra que dava para a casa e conheceram Beatrix com um velho par de galochas *Hunter* e cheia de terra e estrume até aos cotovelos, ela pô-los imediatamente à vontade. E a ninguém tanto como a Myra. Com quase dois anos, era uma criança tímida e reservada que raramente falava com estranhos. Mas não demorou a fazer festas às flores pintadas nos pacotes de sementes empilhados junto do carrinho de mão de Beatrix. O carrinho de mão era cor-de-rosa. Ela própria o pintara.

— Este lugar precisava de alguma cor — disse. — Depois levantou-se a toda a sua altura, que não era muita, e abriu os braços com um gesto largo que parecia pronto a dar as boas-vindas ao mundo. — Estou tão contente por estarem todos aqui. O Lou falou-me tanto de todos vocês. Eu sei que é esquisito verem uma senhora estranha a aparecer na casa do vosso pai e dizer que esteve a vida inteira à espera de os conhecer, mas aqui estou eu.

A família entreolhou-se e Diane — como era hábito — foi quem falou primeiro.

— Deve ser a Beatrix?

— Sim, sou. Mas chamem-me Trixie, por favor. Já tenho o jantar pronto lá dentro. Não os vou convidar a entrar porque a casa é vossa e eu sou nova aqui. Mas espero que me deixem conquistar o meu lugar.

Trixie piscou o olho a Myra, que já lhe estava a dar a mão e a olhar para ela com um maravilhamento expresso nos olhos semicerrados de quem olha para as extremidades

douradas do Sol antes de ele irromper de trás de uma nuvem.

Trixie tinha este efeito em toda a gente. As pessoas não se apercebiam de que o dia estava nublado até sentirem o calor dela no rosto.

Seguiram-na até à cabana de Lou, que parecia a mesma que tinham visto na última visita sem deixar de ter um ar ligeiramente diferente, como se a porta da frente abrisse para um mundo paralelo onde toda a gente estava um pouco mais feliz. Todas as esquinas que no passado tinham algum traço de escuridão tinham sido transformadas em algo mais colorido: um rebento de zimbro e margaridas num jarro minúsculo, um lenço com as cores de um pavão pousado sobre uma cadeira de braços. O aroma do ar transmitia um calor próprio com um laivo de perfume de flores e especiarias. A mesa tosca de Lou estava posta com louça que nunca tinha saído do armário e parecia aliviada, feliz até, por albergar pão de milho, sopa e, num prato que devia destinar-se a Myra, uma enorme pilha de massa com queijo e cachorros-quentes cortados aos bocados. Myra já estava a caminho da mesa quando os olhos vislumbraram um monte reluzente de tecido azulão perto do sofá e decidiu encaminhar-se para ele.

— Ups, isso parece um pouco sofisticado, querida.

Diane pegou em Myra ao colo antes de ela poder mergulhar nas profundezas cintilantes do tecido.

— Oh, ela pode explorá-lo à vontade. — Trixie riu-se. — Ainda não comecei; o tecido ainda não me disse o que queria. Tenho de passar algum tempo a ouvi-lo para ter a

certeza do que fazer. Talvez a Myra me possa ajudar a chegar a uma conclusão.

— Ela é nova de mais para coser — retorquiu Diane.

— Talvez, mas seria uma boa companhia enquanto eu trabalho no destino do tecido. — Beatrix pegou numa caixa arredondada junto ao sofá, uma velha chapeleira coberta de seda em tons de rosa-sujo. — Eu tenho aqui umas coisinhas com que ela pode brincar e talvez possa aprender alguns truques pelo caminho. Habilidades que poderá usar quando for maiorzinha. — Trixie apontou para uma colcha azul incompleta pendurada nas costas do sofá com a superfície bordada com constelações a atravessar um padrão de estrelas geométricas. — Nunca sentimos frio depois de aprendermos a coser.

— Tu andas a dizer há anos que queres fazer umas aulas de gestão, Diane — disse Lou, a sair da cozinha. — Porque é que não deixas a Myra passar algum tempo connosco de vez em quando, para que tu e o Dave tenham tempo para vocês? Tens andado a pensar no curso de gestão, não tens?

Diane e Dave olharam um para o outro e depois para Lou, perplexos. Levavam Myra à casa do avô de vez em quando, mas, habitualmente, era Lou que subia a montanha para os visitar na cabana quando precisava de ir ao hipermercado de descontos mais próximo. Era verdade que Elliot estava suficientemente perto da estrada principal para Diane fazer uma paragem no caminho para Phoenix e deixar Myra, se tivesse assuntos a tratar e não se quisesse atrasar por ter de andar com uma criança pequena atrás. Também era verdade que ela tinha falado na possibilidade de voltar à

escola. Mas ainda não tinha falado sobre o assunto com o pai.

— Podemos falar sobre isso — disse Diane. — Mas provavelmente seriam vários dias por semana, pai. Tens a certeza?

— Temos a certeza, sim. — Lou pousou um braço em cima dos ombros de Trixie e ficaram ambos radiantes.

Sentaram-se como uma família em volta da mesa de jantar intocada de Lou, talheres a bater em porcelana num som que parecia ao mesmo tempo completamente estranho e absolutamente bem-vindo. Lou contou as mesmas histórias que já tinha contado milhões de vezes, mas todas eram pontuadas pelas gargalhadas de Trixie de uma forma que fazia com que parecessem novas. Trixie pousou o queixo na mão e pediu a Lou que contasse histórias que era claro que ela já tinha ouvido — *fala daquele homem com o pavão no aeroporto* — com um entusiasmo que se alastrava a Diane, Dave e Myra, que gostavam das histórias exageradas de Lou e nunca esperavam encontrar outra pessoa que adorasse ouvi-las tanto quanto eles.

Depois do jantar, sentaram-se descontraidamente na sala de estar e Trixie enfiou uma agulha grossa para Myra e deu-lhe uma grelha plana de plástico em forma de coração.

— Se vamos coser juntas, vai ajudar se começares com isto, porque aprender a mover o fio para dentro e para fora pode ser a parte mais difícil de início.

Myra olhou radiante para Trixie e bateu com a mão no novelo de fio macio que tinha no colo.

— Cor-de-rosa — disse.

— O teu avô disse que era a tua preferida — declarou Trixie. — Espero que tenhas muito tempo para trabalhar com ela aqui.

Parecia tudo anormal de uma forma completamente normal.

Lockhart, Virgínia, 2015

Alex voltou para a Rakes e Filho a tempo de ver o pai a aproxi-

mar-se de um casal com muito estilo em volta de uma mesa de centro lascada feita a partir de uma porta de um velho navio, ou o que uma fábrica qualquer considerava que devia ser o aspeto de uma porta de um barco velho. Quando Rutherford viu Alex, mudou de ideias e foi diretamente ao encontro do filho.

— Então? Encontraste alguma coisa espetacular?

— Nada de que vás gostar. Mas encontrei uma peça meio aparador meio gira-discos interessante. Ia buscar um carrinho de carga e pedir um atrelado para o levar para casa.

Alex começou a caminhar em direção ao armazém atrás da galeria, mas o pai pôs-lhe uma mão no ombro.

— Só depois de acabares o teu trabalho. — Rutherford apontou para o casal e para a mesa de centro. — Ajuda ali o Boris e a Natasha e depois podes ir buscar a monstruosidade desconforme que compraste.

Alex aprumou a postura e encaminhou-se devagar em direção ao casal, não demorando a perceber que os clientes estavam a meio de uma discussão acalorada. Manteve-se

discretamente a alguns passos de distância a vê-los a apontar alternadamente para o ecrã do *smartphone* e um para o outro.

— Não é a peça certa — disse a mulher entre dentes, o cabelo preto com a franja cortada em *degradé* até ao queixo, uma asa escura de *eyeliner* pincelada sobre os olhos verde-claros, que revirou para o companheiro de gorro na cabeça. — Não é uma estética digna de uma Mansão. Longe. Disso. Jeremy. — A ênfase ribombante em cada palavra pairava no ar em reprovação.

— O que define a estética de uma Mansão é o que nos diz alguma coisa, Kirstin. É o que a Myra diz sempre. E esta peça aqui... — Jeremy passou a mão pela superfície grosseira da mesa e Alex esperou que não ficasse com uma farpa espetada nos dedos. — Esta peça diz-me alguma coisa.

Alex viu uma janela de oportunidade e aproveitou-a.

— Diz alguma coisa a muita gente. E é um achado raro. Não há assim tantos navios de piratas em alto mar onde possamos ir buscar mesas de centro hoje em dia. — Foi ao fundo do baú buscar mais um sorriso e lá o encontrou, apesar de pensar que tinha usado o último disponível com a Sr.^a Sherrill. — É uma peça encantadora.

Kirstin levantou os olhos do telemóvel.

— Este é o vosso melhor preço?

Alex manteve o sorriso colado ao rosto, inamovível.

— É sim. Tudo o que temos em exposição está ao nosso melhor preço. — As palavras do pai ecoaram-lhe na cabeça: *Nada de descontos. Nunca. Para o tipo de clientes que*

atraímos, os nossos preços são uma parte da nossa mística.
— Mas oferecemos serviços de personalização com valores muito razoáveis. Esta peça não está estofada, claro, mas um envelhecimento estratégico feito à mão pode elevá-la a um novo patamar. — *Um envelhecimento com uma lixadora de banda é o menos passível de dar azo a um processo judicial. Tenho de falar com o meu pai sobre o que ele deixa ficar em exposição.*

Kirstin entrefechou os olhos para Alex e relanceou para a mesa.

— E oferecem o serviço de tingimento? Para um tom menos avelã e mais ácer? Estou a tentar chegar a uma aparência parecida com esta.

Estendeu o ecrã para junto do rosto de Alex, para lhe mostrar uma mesa moderna de meados do século xx que parecia quase completamente o oposto do que Jeremy queria.

— Hum... sim, oferecemos, mas normalmente é mais fácil pintar um tom mais escuro do que dismantelar a peça e refazer o acabamento num tom mais claro. Sobretudo numa peça como esta, que já tem uma... patina tão marcada. E também temos algumas peças muito bonitas de meados do século no armazém ao lado. Posso levá-los até lá?

— Por enquanto estamos só a ver. — Kirstin voltou a recolher o telemóvel e avançou na página. — E algo como isto? Onde podemos encontrar mobília para o quarto? — Voltou a estender o telemóvel a Alex.

— A maioria da mobília para os quartos está no Armazém Quatro, mas uma peça como essa...

Alex ficou paralisado. Ampliou a imagem, seguro de que a semelhança não podia ser tão forte como parecia à primeira vista, mas a imagem era uma fotocópia perfeita: uma cabeceira elegante em cerejeira polida, um painel deslizante que escondia uma estante para livros. Um candeeiro flexível de bronze pousado a um canto, a refletir o brilho de veludo martelado azul da coberta, tudo completamente fora de moda e não estilizado de uma forma que Alex adorava. Uma peça única, ou pelo menos era o que ele pensava, antes de a ver reproduzida em miniatura.

— Está, tipo, a precisar de algum tempo? — perguntou Kirstin, e Alex percebeu que estava a olhar para o telemóvel com a boca aberta e os olhos arregalados.

— O que... não. Não, é só porque esta cama parece... é parecida com a minha, na verdade.

O rosto de Kirstin iluminou-se.

— Está à venda?

— Oh. Não. Quer dizer, temos algumas cabeceiras que têm semelhanças com esta no Armazém Quatro, para o qual os posso levar, como disse. — Alex voltou a respirar e tentou não deixar que a confusão se sentisse na voz. — Que página é essa, já agora?

Kirstin levantou as sobrancelhas escuras e cuidadas em arcos gémeos de surpresa.

— Nunca ouviu falar d'*A Mansão Minúscula*?

— Não. É uma loja?

Kirstin riu-se com um trinado exclusivo que transmitia escárnio, o prazer de perceber que havia alguém tão desligado do que se passava e a satisfação de ser a pessoa

que o podia elucidar sem deixar de se assegurar de que ele soubesse que deveria sentir-se muito, mas muito, idiota.

— *A Mansão Minúscula de Myra Malone* não é uma loja. Quem me dera que fosse! Compraria tudo o que tem lá dentro. A Myra é um génio, mas eu estou a tentar aprender a ter um olho como o dela. Até lhe enviei algumas peças e um par de castiçais de prata acabou em cima da lareira da biblioteca durante algumas semanas, pelo que sei que estou a aprender.

Alex escudou-se do bombardeamento de olhos revirados que sabia que a próxima pergunta geraria.

— Quem é a Myra Malone?

— É uma eremita. Vive num fim de mundo atrás das montanhas algures no Oeste. Arizona, creio. Mas tem uma casa de bonecas maravilhosa. Chamar-lhe uma casa de bonecas é um insulto, na verdade. É uma verdadeira mansão. O tipo de lugar onde poderíamos viver... *viver* a sério, está a ver?... se fôssemos do tamanho de, tipo, uma boneca de mola de roupa. Mas ela escreve sobre as divisões, sobre a mobília e sobre a mansão de uma forma que nos deixa arrebatados. É linda e perfeita e eu só quero enrolar-me numa cadeira e falar um pouco com ela enquanto tomamos um chá. — Kirstin voltou a estender o telemóvel para a frente do rosto de Alex. — Quer dizer, olhe só para isto.

Pela segunda vez, Alex mostrou-se incapaz de fechar a boca e igualmente incapaz de pronunciar qualquer tipo de palavras. O olhar arregalado dirigiu-se imediatamente para a porta da frente entalhada, os degraus largos da frente da mansão salpicados de folhas de carvalhos que não se viam

e que ele sabia, sem olhar, que estariam no canto noroeste do quintal. Um quintal que Alex sabia que estava rodeado por uma cerca de ferro forjado e um portão por que passava todas as manhãs a caminho do pequeno *Mini* na rua...

— Disse que isto era uma casa de bonecas?

— *Não* é uma casa de bonecas. Eu disse-lhe isso. — Kirstin suspirou de desilusão. — Infelizmente, é do tamanho de uma casa de bonecas, o que é uma pena. Não adoraria viver num lugar assim?

Alex cerrou a boca antes de poder deixar sair as palavras. *Eu vivo num lugar assim. Durmo nessa cama todas as noites. E varro essas folhas de carvalho das escadas.*

O que raio se está a passar?

Parkhurst, Arizona, 2015

Começo a pensar que tornei o meu *e-mail* de amostra do concurso um pouco aberto de mais. — Gwen fechou o computador portátil e fez um esgar de repugnância. — Deveria ter adivinhado que a frase «descreva o que faria à Mansão» iria apelar a alguns anormais.

Myra levantou a cabeça do sofá em que estava a bordar pequenos nós franceses e que lhe cabia na palma da mão.

— Deverei interessar-me?

— Provavelmente não. Digamos apenas que algumas pessoas gostam mesmo muito da tua casa de uma forma que não é exatamente adequada para uma publicação familiar.

— Blhec.

— Pois. Vou criar alguns filtros. Não há problema. Já pensaste melhor sobre a divisão que vais querer leiloar?

— Pela maneira como falas, parece que vou arrancar um pedaço da Mansão para oferecer.

— Não! De todo. — Gwen parou e abanou a cabeça, a pensar. — Embora pudéssemos fazer uma cópia, algo com que as pessoas pudessem ficar. Teríamos de fazer dois exemplares de tudo, mas as pessoas pagariam mais pela

oportunidade de terem algo que pudessem tocar com as próprias mãos, sobretudo se for algo feito por ti.

— Eu não sou boa a fazer as coisas depressa.

— Não, porque tu és uma perfeccionista. Mas não te esqueças de que as pessoas vão ganhar a oportunidade de te dizer como decorar uma divisão, por isso, se o nível de detalhe for demasiado grande, a espera seria problema delas. Poderíamos dizer isso logo à partida, bem como definir outros limites. E, entretanto, teríamos as taxas de inscrição e isso é que é importante.

— Isso é o que temos de fazer mais rapidamente. O banco não vai aceitar só a minha palavra de que vai entrar dinheiro. Tenho de o ter em mãos.

Gwen pôs uma cara séria, aquela que Myra considerava já a «cara profissional» de Gwen, e inclinou-se para a frente.

— Vou ajudar de todas as formas que puder, Myra, mas esta é a parte em que tenho de ser realista contigo, tal como seria com qualquer cliente. Isto é um verdadeiro tiro no escuro. A tua mãe tem esta casa no prego por valores que ascendem às centenas de milhares em território de férias com localização privilegiada nas montanhas. Vamos ter de queimar todos os cartuchos e, mesmo assim, isto poderá não funcionar.

— Temos de tentar. Além disso, estás sempre a dar-me na cabeça com lembretes de que eu tenho de me envolver-envolver-envolver, pelo que pensei que estavas completamente empenhada.

— E estou! Como tua empresária e agente publicitária, estou completamente empenhada. Como tua chefe

ocasional e como investidora num negócio que terá um ano ainda melhor se a Mansão começar mesmo a dar nas vistas, estou completamente empenhada.

— Mas?

— Mas. Como tua melhor amiga, estou preocupada. Não quero que fiques com o coração de rastos. — Gwen recostou-se e olhou em volta das vigas expostas do sótão a ver a luz a entrar pelas janelas. —

Gostava que o teu coração não estivesse tão apegado a um sótão velho e cheio de pó, mas não deixo de querer o melhor para isto tudo.

— Eu sei. — Myra levantou-se para junto da melhor amiga e pousou-lhe a mão no ombro. — E obrigada.

— Então, quando é que vamos dar o tiro de partida para este concurso?

— Já foi dado. — Myra atravessou o sótão, pegou no computador portátil que estava em cima da secretária e estendeu-o a Gwen. —

Publiquei informação hoje de manhã, bem como fotografias da divisão.

— Porque é que não me disseste?

Myra encolheu os ombros.

— Ficou tudo pronto muito depressa.

Gwen abriu o computador portátil e leu a última publicação da página *A Mansão Minúscula* antes de baixar a página para as fotografias no fundo.

— O quarto do primeiro andar, no torreão? Eu lembro-me dele. —

Dirigiu-se para junto da Mansão e agachou-se à frente do

quarto. — Foi o primeiro com que brincámos juntas. — Pegou na cama junto ao centro do quarto, afagou a coberta de veludo martelado e abriu a porta deslizante da cabeceira. — Acho até que esta é a mesma cama que nós usamos.

— É. Não trabalhei muito nesse quarto. Há tanto vidro nas janelas, que não há muito a fazer nas paredes. Estava sempre a pensar em colocar um roupeiro algures, mas é sobretudo o quarto onde deixo as coisas que precisam de ser trabalhadas, ou para as quais ainda não encontrei o lugar certo.

— É uma boa ideia para o concurso, nesse caso. Não podem estragar muita coisa, creio. Nem sequer há muitas paredes para pintar.

— Exato. A menos que haja alguém muito atreito a coisas como azulejos de barro pintados à mão ou que goste muito de suculentas ou chávenas de chá minúsculas ou algo parecido. Redecorar este quarto não vai demorar muito tempo.

— Redecorar não, provavelmente. Mas a outra parte pode demorar mais. Escondeste a informação sobre o grande prémio.

— Não sei do que falas. Está aí.

— Sim, estou a ver. A letra lavanda-clara de tamanho oito dificulta um bocadinho a leitura, não achas? Vai ser difícil as pessoas licitarem um almoço e uma visita guiada à Mansão com a Myra em pessoa se nem sequer souberem que o prémio está disponível.

— Vão saber. Só terão de olhar com atenção. — Myra soltou um suspiro exasperado quando viu a cara

profissional de Gwen. — Bem, estamos a falar de pessoas que são enormes fãs de coisas em miniatura, não estamos? Letras pequenas não deverão ser um problema.

— Myra.

— E lavanda não é a cor de letra normal. Destaca-se como um nariz vermelho. É como se tivesse sublinhado o texto.

— Myra.

— Está bem. Está bem. Estou a brincar.

— Quantas vezes tenho de te dizer que não se brinca com um negócio?

— Continuo a não perceber como é que achas que isto vai funcionar. O que esperas que eu faça? Que alguém venha cá e passe por cima de todas as caixas lá em baixo? Que me encontre algures com a Mansão e a abra na mesa de um restaurante ou de uma sala de reuniões qualquer, é isso? E quem é que vai se vai fazer passar por mim: a minha mãe? Tu?

— Ninguém se vai fazer passar por ti. Tu vais ser tu.

A mão de Myra, a teia de aranha de cicatrizes, voou inconscientemente para o rosto e para o maxilar enviesado.

— Eu não me encontro com pessoas.

— Eu sei.

— Não me posso encontrar com pessoas, Gwen.

— Isso é uma coisa que eu *não* sei. Ou, pelo menos, não concordo com isso. Acho que passaste tantas décadas a convencer-te disso, que acabaste por torná-lo realidade. Mas não é a realidade, Myra. As pessoas veem-te todos os dias naquele blogue. Veem-te muito mais do que tu imaginas, na minha opinião, porque não é como as

campanhas de anúncios e a escrita-fantasma que fazes para outras pessoas. Tu escreves aqueles textos para ti própria, mas eles mostram muito bem quem tu és e é disso que as pessoas gostam. E também é disso que eu gosto. Eu conheço essa pessoa melhor do que ninguém e está na hora de eu deixar de ser a única. — Gwen agarrou as mãos de Myra. — Está na hora de te entregares a mais do que apenas a este sótão, Myra.

Myra olhou-a com uma expressão furiosa.

— Tenho tudo aquilo de que preciso.

— Acho que te convenceste disso, mas não é verdade. É como a tua mãe disse: há um mundo inteiro lá fora a que ambas viraram as costas e ela encheu o buraco que esse mundo deixou com coisas que nunca usou. E tu também encheste o teu mundo de coisas, só que numa escala muito menor. Se toda esta experiência por que estás a passar significa alguma coisa, Myra, deixa que signifique que deixaste cair alguns muros.

— Isso é um discurso muito engraçado para alguém que quer que eu mostre esses muros a pessoas que queiram pagar para entrar por eles adentro.

— Bem, todos nós estamos cheios de contradições. Todos contemos multitudes.

Uma série de avisos sonoros do computador chamou a atenção de ambas para o ecrã.

— Parece que já temos pessoas a enviar inscrições — disse Myra.

— Boa! Vamos lá ver quem quer brincar connosco! — Gwen pegou no computador portátil com o rosto a iluminar-

se. — Pensei que 50 dólares pudesse ser um bocado puxado para encher uma casa de bonecas sinistra com móveis em miniatura. Não olhes assim para mim, estou a brincar, anima-te. Mas a verdade é que já temos vinte inscrições só para a decoração do quarto e fizeste a publicação há poucas horas! — Fez mais uns cliques e abriu a boca de perplexidade. — E já temos duas inscrições de 200 dólares para o almoço!

Myra abanou a cabeça.

— Não consigo imaginar quem raio poderia ter algum interesse numa coisa dessas.

— Bem, vamos lá abrir uma mensagem e ver!

Gwen clicou numa das mensagens de *e-mail* e começou a falar numa voz cava e tonitruante, como um orador num fórum romano. «Bom dia, menina Malone. Chamo-me Alex Rakes. Vivo em Lockhart, na Virgínia. A minha casa é, e estou a falar muito literalmente, a Mansão Minúscula. Ou, para ser mais preciso, uma mansão que não é, de todo, minúscula, mas sim de tamanho real, e que é igualzinha à que aparece na sua página. O quarto que está a decorar é o quarto onde eu durmo.» — Gwen deteve-se e olhou com uma expressão de perplexidade para Myra, depois continuou a ler. — «Se isto não for suficiente para vencer o jogo louco que está a jogar aqui, não sei o que será.»

Elliott, Arizona 1985

Era uma vez uma casa.

Trixie estendeu a mão sobre o colo para pegar na mãozinha de Myra, e ajeitou o pequeno dedal que ela tinha no dedo indicador para que pudesse empurrar o ponto por entre as camadas de tecido do quadrado da colcha. A colcha incompleta estendida sobre o sofá tinha um padrão de estrelas geométricas composto por tons escuros de lazulite e azul-turquesa permeado por um fio prateado.

Myra empurrou a agulha com uma concentração inabalável e procurou-a no outro lado para poder redirecioná-la de novo pelo tecido. Coser com a avó Trixie era uma das coisas preferidas de Myra, uma atividade que podiam fazer juntas enquanto a mãe frequentava as aulas em Phoenix. Trixie contava sempre as histórias dela por entre quadrados de tecido colorido.

— Pode ser uma mansão?

— Pode. Pode ser o que as pessoas que estejam perto precisem que seja. Nem sempre foi uma casa, mas foi sempre um abrigo. Um refúgio.

— Quem é que vive lá?

— Uma senhora.

— Sozinha?

Trixie franziu o sobrolho, tirou o quadrado das mãos de Myra, repôs o ponto e estendeu-lhe a agulha para que ela voltasse a perpassá-la pelo tecido.

— Nem sempre, mas sim, muitas vezes estava sozinha.

— Não sentia falta de outras pessoas?

— Às vezes. Mais no início, há muito, muito tempo, quando era nova. Mas depois, à medida que os anos foram passando e o mundo cresceu à volta dela, deixou de ser possível estar sozinha. As pessoas iam visitá-la quando precisavam de ajuda ou de encontrar uma passagem de um mundo que queriam deixar para um lugar onde se sentissem seguras. Podia ser o que as pessoas precisavam, se estivessem abertas a receber a sua ajuda.

— Então deixou de se sentir sozinha. Isso é bom!

Beatrix riu-se.

— Oh, querida. É preciso mais do que apenas pessoas para resolver isso. Podemos estar rodeadas de pessoas e não deixarmos de nos sentir sozinhas. E algumas pessoas... algumas pessoas fazem com que nos apeteça estar sozinhas.

Myra assentiu com a cabeça.

— O avô Lou diz que as cercas são melhores do que as pessoas.

— Quando estamos a falar de pessoas, plural, acho que ele tem razão. As pessoas podem ser perigosas quando estão juntas. Mas uma pessoa, aqui e ali, é diferente. Não são todas iguais. Algumas são terríveis, mas outras... outras são maravilhosas. E ficam assim na nossa cabeça e no

nosso coração para sempre, mesmo quando mudam ou quando nos magoam ou recusam os presentes que lhes damos. — Os olhos de Beatrix humedeceram-se. — Mesmo quando não as reconhecemos ou quando elas não nos reconhecem a nós.

— Avó Trixie? Estás bem?

— Estou ótima, querida. — Beatrix passou as mãos pelos olhos e repôs o sorriso no rosto. — Às vezes os mais crescidos ficam um pouco tristes.

— Quando eu fico triste na catequese, a professora Price diz-me para pensar em algo que me deixe feliz.

— E em que é que tu pensas?

— Em doces em forma de bengala.

— Isso parece-me algo em que vale a pena pensar.

Myra devolveu o quadrado a Trixie para que pudesse preparar mais um ponto.

— Podes falar mais sobre a mansão?

— Claro que sim. Era grande e ficava numa colina acima de um rio largo e muito bonito que abria caminho por entre as rochas das colinas desde antes de o tempo ser tempo. As margens do rio contornavam bolsas nas rochas que se alastravam e transformavam em esconderijos e túneis e câmaras maiores do que a própria mansão, muito abaixo dos carvalhos, das ervas ondulantes e das glicínias, mas pouca gente sabia que aquelas câmaras existiam.

— O que tinha nas câmaras debaixo do chão? — Myra olhou para os dedos finos de Trixie, os movimentos rápidos com a agulha e o fio que lhe pareciam instintivos e tão espontâneos como os da mãe com a caneta ao escrever as

notas das aulas a altas horas da noite. Trixie perfurava o tecido que tinha ao colo com um ritmo constante e raramente tirava os olhos do rosto de Myra. Myra tinha de colocar o bordado junto aos olhos para ver os pontos que transformavam a linha do fio numa sequência quase invisível de traços e pontos.

— As câmaras subterrâneas estavam cheias de magia. — Trixie deu um nó ao fio, esticou-o até quebrar e devolveu o tecido a Myra. —

Havia aragens quentes a soprar vindas de fogueiras que não se viam, fogueiras que já ardiam antes de qualquer ser vivo caminhar no chão acima delas. E imagens, às vezes, esculpidas nas rochas que se transformaram em pó antes da memória dos vivos.

— A Senhora sabia que havia câmaras subterrâneas?

Myra desejou ser capaz de seguir os pontos de Trixie com o mesmo nível de precisão ou de manejar a agulha sem ter de olhar para ela, porque adorava olhar para Trixie quando ela lhe contava histórias. Os olhos de Trixie eram capazes de levar Myra muito para lá da superfície do mundo real e de a arrastar para as câmaras mágicas debaixo da casa que descrevia. Myra tinha dificuldade em concentrar-se. No início perguntara se podia usar um dedal em todos os dedos para os proteger da agulha. Trixie rira-se e dissera-lhe que aprender a evitar a dor era menos importante do que aprender que a dor nunca deixaria de estar presente, e que muitas vezes era provocada por nós próprios, pelo que era melhor aprendermos a viver com ela.

— A Senhora sabia que havia câmaras subterrâneas — disse Trixie. — Como te disse, nem sempre houve uma casa

naquele lugar. Mas, naquela vasta extensão de água e pedra, houve sempre um abrigo. E houve uma altura, ao fim de muitos anos, em que era difícil as pessoas distinguirem a Senhora do refúgio que ela proporcionava. Ela estava sempre lá. E havia outras como a Senhora, longe umas das outras, em lugares em que o resto do mundo parecia correr numa linha temporal diferente levado pela corrente. Uma pessoa podia não reparar. Mas as pessoas, plural, as pessoas falam e começam a ter ideias. E, às vezes, o que começa por ser um refúgio torna-se algo assustador ou sinistro. E as pessoas começaram a contar histórias.

— Sobre a Senhora?

— Sobre a Senhora, sobre a casa, sobre tudo aquilo que não fazia sentido no mundo tal como o conheciam. As pessoas contam histórias sobre coisas que não compreendem. E quando essas coisas são uma senhora, as histórias acabam por ter muitas formas diferentes. Algumas tornam-se milagres, como a história de uma senhora num lago cintilante que distribuía espadas mágicas. Ou podem tornar-se mitos, como uma senhora numa ilha que é capaz de transformar os homens em porcos, ou senhoras a cantar em cima de rochas para atrair barcos para um naufrágio. Ou podem tornar-se ainda mais obscuras ou assustadoras, como as histórias sobre súcubos, tróis ou bruxas. E as senhoras que se transformam nesse tipo de histórias? Bem.

— Beatrix perfurou o tecido da cor da lazulite com uma expressão de apreensão. — «Não deixarás viver a feiticeira.»

Os olhos azuis de Myra ficaram arregalados como pires e as pestanas compridas refletiram a luz do quarto de costura e lançaram-lhe sombras araneiformes sobre as faces pálidas.

— E a casa? Ela não podia esconder-se lá dentro?

— Às vezes. Mas não para sempre. Às vezes, para ficar em segurança tinha de deixar que o mundo se recompusesse durante algum tempo. Deixar que as coisas assentassem, para que as pessoas se concentrassem noutras histórias e não na invenção de lendas sobre a casa e os seus habitantes. E isso significava que a Senhora tinha de se ir embora. Às vezes durante alguns anos, e às vezes uma vida inteira. Até as histórias se transformarem em memórias, as memórias se dissolverem na bruma do rio e voltar a ser seguro regressar como outra pessoa.

— A mansão esperava por ela?

— Sempre. A mansão era parte dela e ela era parte da mansão. E adivinha o que mais?

— O quê? — Myra inclinou-se para a frente, sem fôlego.

— Ela nunca a deixou para trás. — Beatrix pousou o quadrado da colcha em cima da mesa. — Queres vê-la?

Parkhurst, Arizona, 2015

O que é que ele quer dizer com isso? É a casa dele? Como é que pode ser o quarto dele?

Myra pôs-se a andar de um lado para o outro, com o coração a retumbar ao ritmo dos passos que batiam com estrondo no soalho de madeira.

— Espera. Tem uns anexos.

— Não cliques em nenhum anexo! — gritou Myra. — Tenho a vida inteira nesse computador!

Gwen revirou os olhos.

— Toma. Eu vejo no meu telemóvel e assim já não fica no teu computador. — Levou a mão à bolsa, num estampado de crocodilo verde-lima em consonância com o nível de subtileza habitual de Gwen, e deslizou o dedo absortamente pelo ecrã antes de resfolegar. — Myra, tens de ver isto.

— Diz-me, por favor, que não é um pénis.

— Céus, afinal abriste alguns anexos, não abriste? Não, não é um pénis. — Gwen levantou o telemóvel com uma fotografia de uma cama no ecrã. A cama tinha uma cabeceira de carvalho com painéis deslizantes e uma cobertura azul de veludo martelado espalhada sobre a superfície. — É bastante atento aos pormenores, disso não

há dúvida. Mas não é o primeiro a tentar recriar um quarto da Mansão.

Myra ficou muda. Levantou a mão em direção ao telemóvel e meneou os dedos num pedido silencioso. Gwen estendeu-lhe o aparelho.

— Como eu disse, é uma boa imitação. Mas já vimos melhor. Lembras-te daquele casal da Suécia? Aqueles dois da casa de banho? Isso, sim, era uma imitação. Luminárias cor de abacate e tudo, e mesmo assim conseguiram que tivesse classe! Há lojas inteiras no Etsy a tentarem reproduzir coisas da Mansão, sabias? — Gwen franziu o sobrolho. — Um dia destes, temos de decidir enviar uns avisos de cessação e desistência. Porque é que estás com essa expressão no rosto, afinal? É só uma cama velha. Esse tipo de cabeceira era muito popular nos anos 70. Poderia tê-la comprado em qualquer lugar.

— Não estou a olhar para a cama.

— É para a coberta, então? Céus, o veludo martelado está em toda a parte. Podes comprá-lo na Walmart. Não sei porque é que alguém haveria de comprá-lo onde quer que seja, claro, mas os gostos são como são...

— Não estou a olhar para cama, Gwen. Estou a olhar para o aparador. — Myra apontou para o canto superior direito da fotografia.

— É uma peça bastante porreira, não é? Gosto desse verde-água. Até faz com que a coberta pareça uma parte de um esquema de cores de verão baseado em tons do oceano e não uma aventura de mau gosto em poliéster. O que é aquilo em cima do lado direito?

— Um gira-discos.

— Um amante do vinil! Não sei bem se isso me deixa mais ou menos assustada. — Gwen olhou para o rosto de Myra e voltou a franzir o sobrolho. — Pela tua expressão, acho que só me deixa ainda mais assustada. Como sabes que é um gira-discos?

— Porque tenho um móvel igual. Bem, uma versão mais pequena. Faz parte da Mansão.

— A sério? Não me lembro de o ver, mas tu tens coisas aqui que nunca mais acabam.

— Ainda não o viste. Está num quarto que eu... um quarto que eu redecorei. Já não está lá.

— Alguma vez o publicaste?

— Não. Nunca.

— Tens a certeza?

— Tenho a certeza absoluta. Nunca ninguém o viu.

— Bem, se era uma miniatura, é possível que tenha sido baseado num móvel de tamanho real. É estranho, mas não é impossível.

Myra voltou a apontar.

— Olha para esta perna? A que está debaixo do gira-discos.

— A cor-de-rosa? O que tem? Quer dizer, não está exatamente a condizer com o resto do móvel.

— Isso é só porque o móvel tem pernas de alfinete do cabelo. Mas uma delas partiu-se e eu substituí-a por uma perna de outra peça que desmantelei, só temporariamente até conseguir encontrar outro alfinete à medida. A perna é de uma escrivadinha. Uma escrivadinha cor-de-rosa que estava a abanar. Não me dei ao trabalho de a pintar.

Gwen olhou para a fotografia com os olhos semicerrados e passou com o polegar pelo ecrã para ampliar a imagem.

— Isso é... muito estranho.

— Não. — Myra abanou a cabeça devagar e sentiu os limites exteriores do sótão a ficar indistintos. — É impossível.

Gwen pegou no telemóvel e começou a avançar na página.

— Nada é impossível para um fã suficientemente determinado. A ideia do aviso de cessação e desistência parece-me cada vez melhor. E talvez devêssemos falar com alguém se começarmos a atrair demasiados tarados. Alto. Não pode ser. — Voltou a aproximar os olhos para o ecrã. — Isto não pode estar certo.

— O quê?

— Esta fotografia. Não pode ser verdadeira.

Levantou o ecrã e Myra não teve sequer de olhar de perto, porque, por alguma razão, sabia do cimo dos caracóis loiros às pontas dos pés o que a fotografia iria mostrar. E tinha razão.

Alex Rakes, o autor do ensaio — se é que se podia chamar ensaio ao que ele escreveu —, enviou outra fotografia no âmbito da candidatura, desta vez uma fotografia da própria Mansão Minúscula. Myra nunca tinha publicado fotografias da casa inteira. Havia vislumbres dos contornos da casa na página, quando dava destaque e fotografava as diferentes divisões, mas eram parte de um todo que estava sempre a mudar de formas que ela achava que o mundo não iria compreender. Depois de muito insistir, Gwen persuadira

Myra a partilhar as fotografias e histórias, mas não a podia obrigar a partilhar tudo, porque a Mansão como um todo — as dobradiças e fivelas de latão, os rodízios, a plataforma que o avô construía — era só para ela.

As fotografias de Alex mostravam o exterior da casa pousada sobre uma colina larga fotografada a alguma distância mais abaixo. A cerca de ferro forjado estava pintada com um tom creme encantador e os entalhes da porta da frente estavam algo escondidos sob uma camada de carmesim triunfante. Myra pegou no telemóvel e virou-o ao contrário, quase certa de que iria conseguir ver as traseiras da casa, onde deveriam estar as fivelas de latão. Uma casa tão grande e tão real não deveria abrir-se ao meio, claro.

Pela lógica, não deveria existir sequer.

Elliot, Arizona, 1985

Trixie, podes contar-me uma história?

Myra aconchegou-se no espaço entre a curva do braço e o corpo magro de Beatrix, que era sempre o lugar mais quente de qualquer divisão da casa.

— Daqui a pouco é hora de ires dormir, Myra. Se me deixares levar-te para a cama, conto-te uma história. — Beatrix caminhou silenciosamente pela sala principal da casa de duas águas, apagou os candeeiros e desligou a televisão. — Foi um dia comprido e chuvoso, e fiquei muito impressionada com o quadrado que tu coseste. Os teus olhinhos devem estar muito cansados!

Myra assentiu com a cabeça.

— Eu queria acabar o meu nome.

— Fizeste um ótimo trabalho com o ponto corrido. Perfeito, homogéneo e pequeno, como se tivesses escrito cada letra com uma caneta. Toda a gente vai saber que foste tu que fizeste aquele quadrado.

— Podes ensinar-me a fazer roupas como tu?

— Todas as ferramentas que te estou a ensinar podem ser usadas para fazer roupa. Amanhã, antes de a tua mãe te vir buscar, podemos começar a talhar o tecido e a marcar os

pontos para os padrões. Ou podemos fazer roupas para algumas daquelas bonecas de molas de roupa. É isso que tu queres?

Myra abanou a cabeça.

— Já tenho bonecas de molas de roupa suficientes.

Tinham formado uma pequena família: a primeira era parecida com Myra, com fio amarelo transformado numa espécie de halo descontrolado à volta da cabeça e um vestido talhado a partir de um lenço de Trixie. Depois, outra com cabelo da cor do de Trixie, uma linha castanha com alguns fios vermelhos, mas com um corte curto. Usou uma esferográfica para desenhar alguns pontos coloridos nas bochechas redondas e no queixo da boneca, bem como debaixo do nariz desenhado e do sorriso afável. A última boneca de mola era mais pequena, num vestido curto igual ao da boneca maior. Embora Trixie lhe tenha perguntado se ela queria deixá-las na Mansão, Myra colocou-as na chapeleira onde guardavam a mobília. A Mansão não era uma casa de bonecas e aquelas molas não eram bonecas. Eram exercícios práticos.

— Quero fazer um avental para a cozinha, para quando fizermos bolachas — disse Myra.

— Isso é uma forma muito fácil de começar. Boa ideia.

— E depois quero fazer um vestido para a minha mãe.

Trixie sorriu.

— Isso é capaz de ser um bocado mais difícil, mas não há mal nenhum em ter um objetivo em mente. Só tens de te concentrar num ponto de cada vez.

— Cada ponto um pensamento bom, cada fio uma memória.

— Isso mesmo, minha bolotazinha. É isso que coser faz. Dá-nos uma forma de aquecermos e abrigarmos aqueles que amamos, mesmo que não possamos fazê-lo em pessoa. Tal como o teu avô e as casas que constrói, como a vossa cabana ou esta casa.

— Como a mansão no rio.

— Isso mesmo.

— Podes contar a história da Senhora?

— Não vejo porque não.

Trixie pegou em Myra ao colo como se fosse uma trouxa mole de quatro anos envolta numa manta de croché e subiu as escadas até às águas-furtadas, onde a deitou numa cama com rodas na qual Myra dormia quando Diane tinha aulas à noite. As sobrancelhas de Myra bateram sob a luz débil do candeeiro.

— A Senhora tinha família? Como nós?

— Já não tinha há muito, muito tempo. Mas, com o tempo, à medida que os anos se faziam séculos e que o mundo se ia tornando cada vez mais desconfiado, por causa daquelas histórias sombrias e assustadoras que eu te contei, depois de ela ter cuidado de tantas almas, havia menos pessoas à procura de refúgio e a casa parecia mais vazia, invisível e fria. A Senhora começou a sentir que estava a definhar, como o rio cuja corrente se tornava mais mansa no fundo na colina.

— Estava a morrer?

— Podia decidir morrer. Podia desaparecer nas câmaras subterrâneas e deixar que o espírito regressasse às chamas invisíveis que crepitavam debaixo da terra. A casa desapareceria na bruma daquela curva do rio. Mas se a Senhora não quisesse fazer isso, se quisesse que o refúgio se mantivesse, tinha de encontrar uma forma de transmitir o que sabia e deixar que outra pessoa assumisse o fardo que ela carregava. O espírito dela teria de passar para alguém com energia suficiente para o manter vivo. Mas precisava de ajuda.

— Quando eu preciso de ajuda, peço à minha mãe.

— E a Senhora fez o mesmo. Pediu à terra que pisava e a terra deu-lhe um lugar para guardar tudo o que sabia, um lugar pequeno para manter tudo em segurança até encontrar alguém que o quisesse receber.

— Como um medalhão?

— Algo parecido com um medalhão. A terra deu-lhe uma pedra, mais azul do que as profundezas mais longínquas do rio que passava ao lado da casa e pelas cavernas debaixo dela, com estrias prateadas como as veias de um coração a bater.

— Deve ser bonita. Mas eu preferia que fosse cor-de-rosa.

Trixie riu-se.

— Nem sempre podemos escolher as circunstâncias do fardo que carregamos, Myra. Mas carregamo-lo na mesma.

— O que é que ela fez com a pedra?

— Deixou-a ficar na casa.

— Na grande ou na pequena?

— Fazes muitas perguntas para alguém que deveria estar a dormir. — Trixie aconchegou o cobertor da cama dobrável debaixo do queixo de Myra. — Em ambas. A pequena veio da grande, e estavam ligadas, independentemente de onde estivessem. Tinha sempre a pequena com ela. Até conseguir encontrar um novo dono.

— Alguma vez o encontrou?

— Encontrou. Ela própria deu um à luz e mais tarde... muito mais tarde... puseram-lhe outro nos braços. Sendo assim, acho que se pode dizer que encontrou dois. Mas fracassou ambas as vezes. — Beatrix suspirou. — Não basta encontrar um novo dono. As coisas têm de encaixar naturalmente. E tem de haver tempo suficiente, e amor suficiente, para que a transferência se possa fazer. Na primeira vez, não havia amor suficiente. E na segunda, não houve tempo suficiente. — Beijou o cimo da cabeça de Myra. — Mas o número três é muito poderoso.

Oceano Atlântico

(A bordo do *Queen Mary*), 1937

A luz da manhã cintilava na água alastrada a todos os horizontes, o firmamento sem nuvens resplandecia de branco. Willa segurava um guarda-sol de seda preta em cima da cabeça e desejava que a brisa leve fosse mais eficaz a refrescar-lhe o pescoço, sobre o qual pendiam as ondas curtas do cabelo castanho-arruivado. O vestido de viagem azul-escuro atraía o sol como um íman e ela sentia-se suficientemente quente para entrar em combustão. Mas a cobertura superior do transatlântico era o único sítio onde podia apanhar ar, e Willa era mais forte perto da água. Respirou fundo e deixou que o ar dos pulmões se fundisse com o sal e o calor.

O jovem que se aproximou atrás dela pensava que estava a ser discreto. Ao ouvir-lhe os passos baixos, Willa percebeu que o homem não a queria incomodar. Ele não iria falar em voz alta a menos que ela o fizesse primeiro, mas Willa sentia a ressonância do anelo no ar, um desejo de uma conversa. Willa vira-o a olhar durante o jantar na noite anterior. Ficou com uma colher de sopa cheia de creme de espargos tanto tempo na mão, que a substância

ficou fria antes de ele conseguir tirar os olhos do rosto dela. Não era a primeira vez que era notada, mas era a primeira vez numa eternidade que se lembrava de sentir aquela vibração.

Virou costas ao oceano e passou a luva de seda pela grade com o olhar a cruzar-se com o do jovem. Viu o rosto do homem a abrir-se num sorriso largo e acolhedor. O óleo abundante que tinha no cabelo brilhava em caracóis cor de areia que não chegavam a ser domados e a barba brilhava com laivos de fogo. Willa sorriu-lhe.

— Não o conheço de algum lado?

— Tive a fortuna de estar a jantar à sua mesa ontem à noite, sim.

O sorriso largo do jovem encerrava o vislumbre de um convite. Estava a conter a verdade toda, e Willa percebia que ele estava ciente de que ela o sabia.

— Antes disso — disse Willa. — Acho que o vi...

— Numa aula, talvez. — O homem encolheu os ombros com uma indiferença demasiado ensaiada para ser real. — Sou um grande apreciador de arte.

— Ah, sim. É isso. Terceira fila a contar do fundo da galeria se não me engano. É difícil não reparar no brilho do seu cabelo.

— É bom saber que somos lembrados, embora não tenha a certeza de que o «cabelo brilhante» seja o traço por que gostaria de ser conhecido. Eu, por exemplo, lembro-me de si pelos seus dons de pintora. É uma retratista muito dotada, sobretudo tendo em conta que se estava a pintar a

si própria. Ainda por cima não vi nenhum espelho. Conhece assim tão bem o seu rosto de memória?

Willa fechou os olhos e pensou nas luzes fortes do estúdio aberto, nas dezenas de cavaletes dispostos em redor de um pilar central com um tema que os artistas podiam decidir pintar ou não. Inscrevera-se no curso na Universidade de Londres para se distrair, uma vez que precisava de encontrar forma de preencher as horas enquanto esperava ouvir algum sinal de que estava na hora de voltar para Lockhart e regressar para a casa, ostensivamente deixada pela tia falecida que, na verdade, era — como sempre fora — uma versão anterior dela própria. A primeira vez que entrara na sala de aula, ficara surpreendida ao ver os lugares sentados de um lado e ainda mais surpreendida ao ver os observadores presentes. Só mais tarde descobriu que as horas de estúdio aberto atraíam artistas dotados com alguma reputação e que a oportunidade de os ver pintar era alvo de publicidade. O jovem só estivera em duas aulas, mas Willa reparara nele ambas as vezes e, na segunda, percebera que era o sotaque que lhe chamava a atenção. Cheirava levemente a madeira antiga, água e pedra molhada. Como Lockhart. Como a sua casa.

E, sim, Willa conhecia o próprio rosto de memória. Mas não lhe ia dizer isso.

— Não o ter visto não significa que eu não estivesse a usar um espelho — disse Willa.

— Bem, as suas faculdades eram evidentes de qualquer maneira. O que fez com o retrato?

— Trouxe-o comigo. Está na minha bagagem. Pensei que poderia fazer com que a casa parecesse mais minha depois

de ter estado vazia tanto tempo.

— Ah, sim, o berço de ouro. Aquele lugar sempre me pareceu solitário. Mas a menina também me pareceu solitária aqui a olhar para o oceano sozinha. Está um calor terrível aqui fora, não acha?

— Não conseguia aguentar nem mais um momento lá dentro.

— Isso é completamente compreensível. Eu já não conseguia aguentar nem mais um momento lá dentro sem a ver.

— Acho que está a meter os pés pelas mãos, Sr. ...

— Rakes. Rutherford Alexander Rakes. E peço desculpa por me esquecer das coisas. Não deveria surpreendê-la ouvir que tem esse efeito nas pessoas, menina Laurie.

— Ah, sim. Chamo-me Willa Laurie, embora creia que não é novidade para si, dado que já sabe o meu nome sem necessidade de uma apresentação formal. Muito... revigorante.

As regras da sociedade eram particularmente rigorosas em Londres: tão rigorosas como já tinham sido na França e na Virgínia e em qualquer outro lugar populoso que se tivesse formado e crescido no mundo que ia para lá dos portões da casa dela. Era esgotante ter de sair de casa e passar anos ou décadas longe do refúgio de Lockhart. Era esgotante ser uma mulher a viajar sozinha, à procura de lugares onde a solidão fosse menos notada ou comentada. Significava que nunca ficava em lugar nenhum durante muito tempo e tinha deixado a França muito apressadamente, ao sentir uma estranha agitação num terreno desconhecido e a ansiedade na multidão à sua

volta. Algo importante — algo violento e desesperado — estava prestes a acontecer.

E Willa estivera fora tempo suficiente para que a morte da tia Amarantha se tornasse plausível, impedida pela idade e por uma relutância misantropa de ver quem quer que fosse a não ser a sobrinha no seu pequeno apartamento em Paris. A semelhança invulgar entre as mulheres — e a aparente intemporalidade e o facto de nunca serem vistas juntas — poderia ser mais digna de nota se a situação se prolongasse durante muito tempo. Assim, Willa disse que a querida tia fora apanhar ar a Nice e que se juntara lá a ela. Quando Willa regressou a Paris sozinha e de luto para fechar o apartamento, tudo parecia natural. E depois desapareceu.

Willa e Rutherford deixaram-se ficar num silêncio confortável com as mãos próximas na grade de metal. Willa não tinha reparado em Rutherford Alexander Rakes apenas na aula de pintura, ao ver a forma como os olhos dele lhe seguiam a mão com o pincel suave a percorrer a tela. Reparou nele novamente quando embarcaram no mesmo navio, no momento em que ele se afastou para o lado e fez um gesto para lhe dar passagem ao subir à rampa estreita. Acrescentara um pouco de meneio ao andar, alongando a coluna de uma forma que concitava as atenções para o pescoço branco e esguio, o cabelo escuro afunilado até certo ponto debaixo do corte Chanel.

Rutherford tinha razão quando dissera que Willa estimulava o esquecimento nas pessoas. Tinha uma estranha capacidade de deixar os que a rodeavam um pouco absortos. Mas não ia contar a Rutherford que não

era frequente gostar que reparassem nela nem que nunca dera por si a desejar tanto que alguém se lembrasse dela. Algo no ar entre ambos crepitou, como um trovão prestes a rasgar os céus a quilómetros de distância.

Para qualquer pessoa que os observasse junto à grade, a distância a que estavam um do outro pareceria completamente respeitável. Mas Willa sentiu a presença de Rutherford tão perto como se a respiração dele lhe afagasse a bochecha.

— Já alguém lhe disse que o seu nome parece algo saído de um romance da Brontë? — perguntou Willa.

Rutherford riu-se.

— Não com essa clareza. É um nome de família e ninguém pode escolher a família. Também não podemos mudar os gostos. Mas podemos encontrar uma alcunha. Os meus amigos chamam-me Ford.

— Eu sou sua amiga?

— Gostaria muito que fosse.

— Não sabe nada sobre mim, Ford.

— Não? Nunca ninguém lhe disse que um transatlântico é uma fábrica de boatos flutuante? Sei que é americana, mas que sempre viveu no estrangeiro. Sei que frequentou Oxford e veraneou em Paris. Sei para onde vai.

— Sabe que está a conversar com uma mulher solteira?

— O seu estado civil foi a primeira pergunta que fiz.

— Já fui alvo de perguntas no passado, mas nunca com tamanha determinação. Ou arrojo.

— Ouvi dizer que a sorte protege os audazes e tinha esperança de que a menina também. Não podia deixar que

este navio chegasse ao porto sem tentar conhecê-la. — Ford moveu a mão não mais do que dois dedos em direção à grade, que parecia transportar uma carga magnética. — Além disso, tinha de saber mais sobre esta beleza e porque se estava a mudar para o Solar da Bruxa.

— Oh, diga-me, por favor, que não é isso que lhe chamam. Ford encolheu os ombros.

— Quando eu era mais novo, era. Nunca dei importância a essas coisas.

Willa semicerrou os olhos.

— E alguém deu?

— Já sabe como são os miúdos. — Ford arrastou os pés de um lado para o outro. — Está vazia há anos, sabe. Desde que eu me lembro. Acho que não vive lá ninguém desde que o meu pai era pequeno.

— Deve ter havido pessoas a procurar abrigo por lá, seguramente. E a minha tia sempre teve caseiros para cuidar do lugar, pelo menos o suficiente para se assegurar de que não caía em total ruína.

— A sua tia era a Senhora da Casa?

— Não sei a que se refere.

— A Senhora. Quando eu era mais novo, os miúdos chamavam-lhe a Senhora da Casa ou a Bruxa, dependendo de quem estava a falar. Os miúdos que eu conhecia só falavam sobre ela quando estavam a desafiar-se uns aos outros a fazer alguma coisa, como tocar no portão com os dedos cruzados ou pular a cerca para bater à janela. Coisas estúpidas. Já era bem mais velho quando ouvi dizer que a

casa tinha uma dona e que as pessoas lhe chamavam apenas a Senhora. Nunca ninguém a viu.

Willa abanou a cabeça.

— Ela não vivia lá.

— Porque não?

— Acho que não se sentia bem-vinda na casa. Tornou-se uma viajante.

— Como a sobrinha.

— Sim, como eu. Mas sempre se manteve ligada à casa.

— Havia pessoas que a viam nas janelas, ou diziam que viam. — Ford voltou a sorrir. — Eu não acreditava nelas, claro, e nunca vi ninguém. Sempre me pareceu solitária, a casa. Como se sentisse falta de ter alguém que cuidasse dela. Da última vez que a vi, parecia que as heras e as glicínias eram as únicas coisas que a mantinham em pé.

— Há formas piores de nos mantermos em pé.

— Pode ser verdade, mas uma casa vazia deixa-me sempre triste. — Ford levou a mão ao bolso interior do casaco e retirou-a envolta em algo pequeno. — Acho que é porque a minha família se especializa em enchê-las. — Estendeu a mão para a de Willa e, quando lhe depositou uma cadeira de baloiço em miniatura na mão, ela sentiu uma centelha a passar-lhe entre os dedos. — Pode ficar com ela se desejar.

— Iria demorar bastante tempo para encher uma mansão com mobília deste tamanho.

Ford riu-se.

— É só uma amostra. Alguns dos fabricantes da Europa deixam-nos ficar com elas. As amostras verdadeiras para os

vendedores são maiores, claro, mas acho que chegaram à conclusão de que um pouco de boa-vontade manifestada em mobília para casas de bonecas mostra a sua arte. Estava à procura de carpinteiros e artesãos novos para construírem mobília para a loja da minha família.

— Onde parto do princípio de que vende móveis maiores do que este.

— Nem mais. A nossa loja fica num velho armazém junto ao rio. Já temos uma boa reputação, na verdade. Temos clientes que vêm de Washington e Boston, até de Charleston. Só importamos e vendemos o melhor.

Willa olhou para a cadeira de baloiço que tinha na palma da mão. Era uma cadeira reclinada com curvas suaves lavradas em madeira de cerejeira escura. O assento e as costas estavam estofados com uma tapeçaria florentina em tons ricos de verde, *bordeaux* e creme. Era muito bonita, mas também acolhedora: o tipo de móvel cuja beleza não intimidava.

— Eu tenho um lugar onde posso colocar esta cadeira.

— Refere-se à cadeira de tamanho real? Vamos receber um carregamento nos próximos meses. Encomendei vinte.

— Adoraria ver uma quando as receberem, mas estava a falar desta.

Ford semicerrou os olhos.

— A menina tem uma estatura pequena, é certo, mas...

— Seria demasiada ousadia convidá-lo para o meu camarote?

Os olhos de Ford arregalaram-se.

— Muita ousadia, sem dúvida, mas da melhor possível.

- Não fique com ideias. Só lhe quero mostrar uma coisa.
- Podemos ser vistos.
- Isso importa?
- Para mim não.
- Então venha comigo.

Willa conduziu-o por entre outros passageiros bem vestidos no convés à procura de algum tipo de aragem, ignorando os olhares de soslaio quando se encaminhavam para os camarotes de primeira classe. O de Willa era pequeno e ficava no interior do navio, reflexo de algum cuidado com o dinheiro, mas, ainda assim, mais do que Ford esperaria que uma recém-licenciada poderia gastar. No interior, um baú estreito ocupava a maior parte do espaço do chão que não estava tomado pela cama estreita. Willa desapertou as fivelas de latão e, perante o rosto curioso de Ford, abriu um mundo inteiro separado por dobradiças.

- Isso é... isso é a mansão.
- É.

Ford ajoelhou-se à frente da casa e esticou um dedo para contornar os entalhes da porta da frente.

— Já vi muitas casas de bonecas, mas a minúcia que vejo nesta é do outro mundo. Um trabalho absolutamente primoroso. Foi feita na França?

- Não.
- Suíça?
- Não. Na América.

Ford assobiou.

— E eu à procura de artesãos além-mar. Tem de me dar o contacto da pessoa que fez isto... adorava ver o trabalho dela.

— Foi-me oferecida. A minha... tia. Era ela que a tinha.

— Isso é fantástico. Não parece nada velha. Tem melhor aspeto do que me lembro de ver na casa, isso é certo. Onde vai colocar a cadeira?

— Num lugar acolhedor. Ainda não decidi.

— Eu acho que ficaria bem aqui, à frente da lareira da biblioteca. — Ford estendeu a mão para a de Willa e pegou na cadeira de baloiço. — Pronto, fica ótimo. Mas precisa de uma amiga.

— Oh, eu não tenho bonecas.

— Não, refiro-me a outra cadeira. Para o outro lado da lareira. — Sorriu para Willa. — Ou onde é que eu me vou sentar nesta nossa mansão?

— Usou um pronome no plural muito mais rapidamente do que eu acho que estou preparada para ouvir.

— Então vou ter de continuar a esmerar-me. Alguma vez chegou a pôr os olhos no lugar? Sabe a quantidade de trabalho que é preciso fazer?

— Claro. — Willa deteve-se para encontrar uma explicação plausível. — Em fotografias. O suficiente para saber que é exequível.

— O otimismo da juventude. — Ford voltou a aproximar-se e Willa deixou passar as palavras sem as corrigir, mostrando-lhe o rosto sem rugas e não os séculos que os olhos escondiam. As pessoas veem o que querem ver. Ford viu uma pessoa que precisava de proteção e, com o

abandono temerário de qualquer homem jovem, já se tinha atirado de cabeça para o amor verdadeiro. Não era a primeira vez que Willa via algo semelhante acontecer, mas era a primeira vez que sentia algo a puxar-lhe a cabeça também, um desejo físico de saltar atrás dele.

Parte desse desejo devia-se à exaustão, e ela sabia-o. Willa estava perante uma tarefa com que já se tinha confrontado muitas vezes no passado: voltar ao refúgio a que estava amarrada e reconstruir uma vida como se fosse algo novo e não uma história que tecera a partir da urdidura e da trama de vidas passadas vezes sem conta. Desta vez, a vida que assumia para si pertencia a alguém novo: uma sobrinha, a herdeira de uma propriedade ingerível legada por uma tia falecida. Quando a humanidade e a sociedade fluíam à sua volta, Willa tinha de se posicionar novamente e agir como se fosse a primeira vez.

Mas havia algo além da exaustão. Sentia um eco da energia daquele jovem a reverberar-lhe nos ossos e percebeu que partilhar a vida com alguém também podia significar deixar alguém carregar uma parte do fardo que nunca a deixava. Deixou-se divagar — não pela primeira vez — e pensar como seria sentir-se protegida e estar menos sozinha. Procurar refúgio noutra pessoa, depois de o ter oferecido tantas vezes. Uma pessoa que a fizesse sentir-se em casa, cujo cheiro evocasse o vasto trecho do rio onde ela passara os longos anos de toda uma vida sozinha.

E também havia outras verdades que era preciso enfrentar. Uma mulher solteira em posse de uma propriedade vasta era uma inaceitável verdade

universalmente aceite na sociedade educada da Virgínia. Willa não precisava que a sociedade a aceitasse, mas precisava que a deixasse em paz, e não tentasse invadi-la ou colocá-la na ordem com tanta insistência. Era uma fronteira cada vez mais difícil de manter.

— É mais fácil ser otimista com amigos — disse Willa. — Nunca tive muitos.

— Bem, Willa. Nunca é tarde de mais para começar.

Lockhart, Virgínia, 2015

O *smoking* de Alex ficava demasiado apertado nos ombros. Alex detestava roupa formal e tentava sempre encontrar uma forma de a evitar: até na escola secundária, quando levou a irmã do melhor amigo ao baile de finalistas, usou um fato de uma loja de artigos usados com uma camisa de *smoking* por dentro e as botas de ponteira de aço preferidas a espreitar debaixo das calças. Porque não tentou a mesma estratégia passados tantos anos? O baile de finalistas foi provavelmente o último baile em que participara; agora, com trinta e quatro anos, já tinham passado pelos menos quinze anos desde a última vez em que tivera de se preocupar com semelhante coisa. Ao parar para pensar no assunto, não se lembrava sequer porque estava a usar o *smoking*, ou porque estava naquele salão de baile com soalho de parquê a brilhar debaixo dos candeeiros de cristal que balançavam ao sabor da brisa ligeira com os prismas a tilintar como sinos. E havia a música: um estudo de Chopin a inundar o salão sem nenhum piano à vista, uma música vinda de uma divisão distante e longe da vista. Alex não se lembrava porque estava naquele baile nem porque era o único presente, mas

a música elevou-se a um nível que retumbava acima dele e o deixava sufocado...

Alex levantou as costas da cama de chofre e o salão de baile desvaneceu-se na bruma. O quarto estava escuro, o teto salpicado por uma luz débil vinda dos candeeiros que pontuavam o passeio muito abaixo da mansão, feixes oscilantes que atravessavam os vidros das janelas. O ar estava suficientemente frio para a respiração ser visível. Tinha de encontrar uma forma melhor de vedar a velha casa das correntes de ar e jurou cobrir as janelas com celofane, tal como pretendia fazer havia meses. A casa tinha tantas janelas. Tudo nela era demasiado grande e, às vezes, Alex não conseguia censurar o pai por preferir o conforto pós-moderno do altaneiro *loft* junto ao rio na baixa. Mas a mansão assumia um cariz solitário quando não havia ninguém a viver lá. Parecia mais calorosa, mais acolhedora quando havia alguém a habitá-la. Mesmo que essa pessoa fosse Alex, e Alex vivia bastante sozinho.

O estudo de Chopin que lhe aparecera no sonho parecia não o abandonar, continuando a soar-lhe na cabeça muito tempo depois de o resto do sonho se ter desvanecido e demorou algum tempo a perceber que a música era real. Olhou para o aparador desigual com o gira-discos, mas o prato estava parado. O som do piano vinha de outro lugar.

A mansão já não tinha nenhum piano. Houvera um, que pertencia à avó de Alex e que costumava estar na biblioteca. Mas já não estava lá desde que Alex era uma criança pequena.

A música passou de um meticuloso Chopin para um vivo e animado Mozart, e Alex pousou os pés no soalho de tábuas

de madeira largas, caminhou até à porta almofadada do quarto e rodou a maçaneta de bronze. A porta rangeu como que a expressar irritação por ter de trabalhar tão tarde. Alex saiu para o corredor a tentar perceber a origem da música. Vinha do *hall*, no andar de baixo, contornava a esquina das escadas em curva e fluía de encontro às paredes como uma corrente sem escapatória. Alex desceu as escadas pé ante pé.

A casa estava exatamente como ele a tinha deixado quando se fora deitar, com o MacBook, o iPhone, o iPad e o Kindle, todos os instrumentos retangulares e cheios de luzinhas com que ele se amarrava ao mundo e aos seus problemas intermináveis, cada ecrã uma tocha na escuridão da sua própria solidão. A porta entalhada da frente continuava trancada. Os mosaicos de cerâmica pretos e brancos na entrada estavam frios e os pés descalços de Alex deixavam marcas de condensação dos arcos altos e dos dedos finos.

Quando a mansão tinha um piano, tratava-se de um velho piano vertical Steinway que se encontrava entre as janelas em arco da biblioteca, debaixo de um retrato a óleo de Willa Rakes com os olhos azuis-escuros a espreitar sob uma franja de caracóis castanhos-arruivados. Era um estilo difícil de definir, o de Willa: o sorriso emanava uma beleza calorosa com um laivo de malícia. Desaparecera tão completamente da vida de Alex e havia tanto tempo, que ele nunca tinha a certeza se as imagens que tinha na cabeça vinham da sua própria memória. O pai não tinha fotografias dela. Alex lembrava-se de que tocava piano, mas não se recordava se o piano tinha sido retirado da

biblioteca muito ou pouco tempo depois de ela partir. Quase que conseguia sentir uma impressão dos rodízios no tapete denso.

A música não vinha da biblioteca. Esmorecia, avivava-se e voltava a esmorecer à medida que ele ia caminhando pela casa e era impossível perceber de onde vinha. Quando parou à frente de Willa, a música voltou a esmorecer e a fazer-se uma sombra do som que o fez questionar se vinha de fora ou de dentro da sua cabeça até parar por completo. Inclinou a cabeça para emular o ângulo da avó.

— Tocavas Chopin e Mozart? Ou só a «Valsa dos Palitinhos»? É que não me lembro mesmo.

O retrato retribuiu-lhe o olhar, inalterado.

Já estava quase a voltar a fechar a porta do quarto quando ouviu algumas notas soltas da «Valsa dos Palitinhos» a segui-lo levemente pelas escadas acima, como um gato que nunca conseguiria apanhar.

Não iria ser capaz de voltar a dormir. Em noites como aquela — e houvera várias desde que voltara, a contragosto, para Lockhart depois dos pedidos insistentes e cada vez mais desesperados do pai para que o ajudasse com o negócio —, Alex dava por si a olhar para o teto, ou para um ecrã, ou para ambos, até a aurora tingir o céu matinal de tons de rosa. Levantava-se com os olhos turvos, podia fazer um pouco de café na cozinha silenciosa e sentava-se no vasto alpendre das traseiras que dava para quintal e os carvalhos em declive até ao rio.

Voltava a perguntar-se se deveria mudar-se para o quarto maior nas traseiras da casa com janelas em arco e vista para a curva de água prateada onde o Sol se levantava

todos os dias. Mas Alex preferia a geometria irregular do torreão com vista para a rua. Embora se tivesse mudado para lá pouco tempo antes e não usasse o quarto desde que era uma criança pequena, ainda sentia que era o seu quarto. Era o quarto em que dormia até o pai o enviar para o colégio interno quando tinha cinco anos. O facto de agora cair na mesma cama como um homem de trinta e quatro anos cansado da vida não diminuía a atração do quarto, e Alex não se sentiria tão confortável em mais lugar nenhum. O quarto nas traseiras do andar de cima estava vazio desde que Willa desaparecera e ninguém — nem ele nem, muito menos, o pai dele — se sentia em casa naquele espaço. Nem sequer tinha mobília, a não ser um enorme roupeiro com gavetas que era demasiado grande e pesado para retirar do local.

Mas desde o dia anterior, Alex sabia que o espaço — e todos os outros da casa — tinha um equivalente, embora muito mais pequeno, algures do outro lado do país. Decorado por uma eremita, claro. Num qualquer deserto distante. Tentou lembrar-se do nome do blogue que a rapariga lhe tinha mostrado na loja e digitou «mansão em miniatura» na caixa de pesquisa do MacBook.

O primeiro resultado a aparecer foi *A Mansão Minúscula de Myra Malone*. Clicou no nome e os olhos foram imediatamente assaltados por um bombardeamento de letras cor-de-rosa, e, embora a cor lhe tenha parecido algo que uma criança de sete anos escolheria, a letra, a disposição e a conceção geral do espaço pareciam muito mais sofisticadas. Era uma página curiosa e pitoresca, como a loja fina de brinquedos no fundo da rua da Rakes e

Filho: um lugar algo peculiar que dava vontade de ficar a explorar durante algum tempo, por pensarmos que poderíamos encontrar algo raro em que ninguém tinha reparado. Claro que, dado que ele já tinha reparado que a mansão homónima era, na verdade, a casa da família onde vivia, não conseguia imaginar que outras coisas pouco habituais o poderiam surpreender.

Clicou na secção de «Perguntas frequentes».

O que é a Mansão Minúscula? A Mansão é uma casa em miniatura — há quem lhe possa chamar uma casa de bonecas, mas não o façam, por favor, a Mansão leva as desconsiderações muito a peito — num estilo arquitetónico eclético que junta as influências vitoriana e gótica, além de outros elementos dissonantes criados só porque sim. Não sei porquê e nunca perguntei, pelo que, se houver arquitetos entre os leitores, *sim, recebo as vossas mensagens de e-mail e não sei porque a casa tem esta aparência*. É o tipo de casa que deixaria as associações de proprietários de cabelos em pé, mas uma vez que é minúscula e a única coisa que ocupa é o meu sótão, os vizinhos não têm muito a dizer sobre as suas excentricidades e eu não gosto de bisbilhotices.

Alex sorriu. Não era infrequente autocarros de passeio pararem junto à mansão verdadeira de tamanho real em Lockhart e, às vezes, os passageiros tinham audácia bastante para entrar pelo portão adentro e bater na porta entalhada para tentar saber mais sobre a estranha mistura de influência a que Myra — Alex sentia que a podia tratar pelo primeiro nome — aludia no blogue. Ao fim das primeiras visitas, Alex aprendeu a deixar de abrir a porta. E não havia nenhuma associação de proprietários naquela colina ampla, onde a mansão era a única residência num raio de quilómetros, uma vez que era anterior a uma vastidão de parques e bosques ribeirinhos preservados por meio de direitos de servidão e determinações legais de conservação. No entanto, os loteamentos que tinham

aparecido no fundo da colina eram precisamente o tipo de bairros feitos a régua e esquadro onde uma casa com torreão e rendilhados vitorianos de madeira, janelas de arco em bico, colunas de pedra e um alpendre a toda a volta faria soar todos os alarmes. Quiçá até os de incêndio, porque é muito provável que muitos dos habitantes daqueles bairros feitos a régua e esquadro gostassem de a ver a arder.

Os poucos colegas que Alex tinha na área de Lockhart no colégio interno ficaram com os olhos esgazeados quando souberam que vivia no «Solar da Bruxa» ou na «Casa da Senhora» ou, como alguns dos pais lhe chamavam, «Naquela Monstruosidade», mas Alex sempre atribuíra a estranha combinação de estilos à idade do terreno, ao facto de se dizer que a casa crescera juntamente com Lockhart ao longo de séculos e se fora transformando numa amálgama do que parecia mais imponente em cada momento. Não era imponente para ninguém, claro, ou, pelo menos, para quem vivia lá ou para quem gostava da casa. Era imponente para quem vinha de fora e se aproximava sem a mentalidade certa. Pessoas normais, que procuravam a adesão à conformidade e à normalidade. Pessoas que tinham os seus próprios tetos e não queriam saber qual era o tipo de teto que a Mansão podia oferecer.

Não que tivesse servido de abrigo regular para alguém há bastante tempo. O pai de Alex deixava frequentemente o lugar vazio, e só o alugava ocasionalmente por um ano ou dois por uma renda exorbitante, uma boa história e a promessa de que garantissem a manutenção suficiente para impedir que a estrutura se desmoronasse sobre a colina. Os

inquilinos que viviam sozinhos eram os que ficavam mais tempo, mas quase nunca até ao final do prazo de arrendamento. Os inquilinos com família não ficavam muito tempo e queixavam-se frequentemente de que parecia impossível tirarem os filhos da casa fosse para o que fosse, tão fascinados ficavam eles com as muitas divisões e as passagens secretas. A empregada de longa data da família Rakes, Ellen, ficava intermitentemente na casa para a arejar, e dizia insistentemente que algumas demãos de tinta e a limpeza de algumas camadas de poeira eram as únicas intervenções de que o lugar precisava para parecer um lar. Quando Ellen ficava na casa, a sensação de que poderia ser um lar aumentava, mas continuava a haver sempre algo em falta.

Alex clicou na pergunta frequente seguinte.

Onde fica a Mansão Minúscula? A minha avó Trixie costumava dizer que a Mansão está em todo o lugar e em lugar nenhum, o que eu acho que é só uma forma um pouco sinistra de dizer que a «mantemos no sótão para que ninguém queira saber se lhe limpamos o pó ou não». A casa não recebe visitas e tem um desígnio próprio, mas avisa-me quando precisa de alguma coisa e fico feliz ao pensar nas outras mãos que a ajudaram a contar histórias. A casa mostra-me as histórias que quer contar.

Quem é a dona da casa? O nome do blogue já dá a resposta pessoal, mas não fui eu que o escolhi, nem o meu nome nem o da página. A Gwen, por muito que goste de mim, disse-me que algumas pessoas acham que as casas de bonecas são sinistras e que dar-lhes um nome ajuda. Ela insiste que, de outra forma, não passa de um monte de móveis assustadoramente pequenos. Já lhe tentei dizer muitas vezes que a Mansão não é uma casa de bonecas, mas tenho de concordar com ela, ainda que a contragosto. Por isso, muito bem. A dona da casa sou eu, a Myra Malone. Vivo algures no Arizona, estou algures na casa dos trinta anos, embora prefira considerar-me «intemporal» e tenho um cabelo loiro que é quase, mas não completamente, mais difícil de manter do que o fio ondulado que veem na minha sócia de molas de roupa. Herdei a Mansão quando tinha seis anos e foi a Mansão que deu ritmo e significado à minha vida desde então, o que, percebo ao escrevê-lo, me faz

parecer *tão sinistra* como a Gwen disse. Peço desculpa. Juro que sou bastante normal. Por favor, não venham tentar verificar por vocês próprios.

De onde vem a mobília? Daqui e dali. Algumas das peças são originalmente da Mansão e foram-me deixadas pela Trixie quando eu a herdei. Outras — muito poucas — são peças que foram enviadas por leitores. Fico sempre surpreendida quando me chega algo no correio que parece que estava destinado a estar na Mansão. Não acontece muitas vezes, mas, de vez em quando, poderão ver coisas na Mansão que vêm do mundo lá fora, mas que encaixam tão perfeitamente que nunca ninguém o diria.

Um bom exemplo é o pequeno *Dicionário de Inglês da Oxford* que está na tribuna da biblioteca e que, na verdade, tem cerca de doze páginas que podemos folhear e que só podem ser lidas com uma lupa. Dantes, a tribuna tinha uma Bíblia, mas eu prefiro o dicionário, que foi enviado por um leitor na Dinamarca.

Algumas peças são uma espécie de manta de retalhos: objetos que eu construí a partir de várias coisas diferentes para criar algo diferente. E outras são inteiramente feitas à mão por mim. O meu avô Lou era carpinteiro e a Trixie era uma costureira extraordinária, pelo que alguns dos objetos, como o roupeiro de carvalho no quarto maior do primeiro andar, são completamente originais. Só comprei as dobradiças e as maçanetas (o trabalho a sério com o metal vai um pouco além das minhas capacidades, embora eu seja capaz de fazer coisas espantosas com um pouco de massa e resina), mas os vestidos e os objetos de marcenaria são coisas que fui eu que fiz, pinteí e cosi.

Não se concentrem muito nas camisolas dobradas na prateleira de cima. Passei por um breve período experimental de minitricô depois de ter visto algumas coisas na Internet, mas é um dom que nunca cheguei a dominar em tamanho real, quanto mais em peças minúsculas. Vou contar-lhes um pequeno segredo: só a roupa que veem em cima é verdadeira. Muitas vezes, quando estou em pulgas para fotografar um quarto, uso papel e tinta para imitar a aparência de uma camisola dobrada ou de um casaco pendurado, por isso, se virem camadas, já sabem do que são feitas. Se penso que vou redecorar um quarto em breve, nem sempre volto lá para substituir essas peças por outras reais, mas às vezes vou. Depende do tempo que sou capaz de aguentar sabendo que o quarto está secretamente incompleto. E às vezes é a Mansão que decide. Tem ideias próprias sobre o curso que as coisas devem seguir.

Isto soa-me familiar. Alex ouviu mais algumas notas breves do piano que já não estava na biblioteca e, levado

pelo capricho, começou a verificar os arquivos da página, organizados por divisão, no lado direito da página. Clicou na «Biblioteca» e viu resultados que sabia que devia esperar, mas em que continuava a não acreditar: embora os detalhes fossem algo diferentes, havia vários móveis dispostos exatamente nos mesmos lugares dos correspondentes de tamanho real do andar de baixo.

Explorou a biblioteca virtualmente e a intensidade com que procurava as semelhanças era tal, que, de início, nem reparou nas diferenças.

Um piano pintado em tons escuros ainda agraciava a parede entre duas amplas janelas.

Acima dele, havia um retrato. Alex resfolegou ao reconhecer no interior de uma moldura dourada minúscula o olhar travesso de Willa Rakes, tal como o que vira na biblioteca da casa onde dormia.

Tirando o corte diagonal que marcava o rosto de Willa, era tudo igual.

Alex continuou a clicar em publicações de arquivo. Myra tornava-se mais real a cada parágrafo, cada tirada sarcástica. Por vezes, Alex tinha a sensação de que ela estava sentada no quarto com ele, a destacar pormenores das diferentes divisões que, de outra forma, lhe podiam ter escapado. Entalhes florais nas pegadas de facas de prata arrumadas nas gavetas. A forma como a luz que entrava por uma janela da cozinha refletia na água de pedra do lava-louça sobreposto de duas cubas, cujo fundo azul fora conseguido com a utilização de ágata em espiral e cujo prato minúsculo estava cheio de pequenos pedaços de cristal a fazer de bolhas de espuma. A luz no quarto

começou a tremeluzir e a mudar à medida que o Sol se elevava no horizonte e Alex continuava sentado junto a Myra, a rir-se das piadas dela, a desejar fazer-lhe perguntas sobre o quadro de Willa, para saber se ela sabia onde estava Willa e o que eram um para o outro.

Não reparou que se mantinha imóvel, que estava assim havia muito tempo, até ver o pai em pé junto à porta com a testa franzida. Alex sobressaltou-se e fechou o computador portátil num movimento rápido, reconhecendo uma sensação familiar do colégio interno: a sensação de ser apanhado com algo ilícito. A expressão no rosto de Rutherford confirmava que havia algo que não estava bem e evocava uma sensação muito mais antiga: algo que remontava aos tempos em que Alex fora enviado para o colégio, jovem e aterrorizado.

— O que se passa aqui? — A voz de Rutherford era áspera e desconfiada e tinha um laivo de receio. Passou o saco que trazia de uma mão para a outra; as marcas de gordura no papel davam a entender que tinha parado para comprar o pequeno-almoço para ambos, como fazia de vez em quando.

— Estou só a... ler, pai. — Alex saltou da cama, pouco depois de tantas horas enrolado a olhar para o computador, e alongou-se. — O que estás aqui a fazer?

— Trouxe o pequeno-almoço. Vamos receber um carregamento hoje e queria que viesses ajudar na descarga, pelo que pensei que um subornozinho poderia ajudar. — Rutherford levou a mão ao saco e retirou um *croissant* lúcido, a libertar vapor para o quarto, que tinha ficado curiosamente frio. — Quando cheguei ao portão, ouvi

música e pensei que estivesse acordado, mas estava tudo às escuras lá em baixo.

— Ainda não fui lá abaixo hoje.

— A música não vinha do teu quarto.

— Não. — Alex bocejou. — Ontem à noite também não. Era música de piano? E ela já começou a tocar outra coisa além da «Valsa dos Palitinhos»?

Rutherford deixou cair o saco que tinha na mão e abriu a boca como o robalo que trazia para casa quando ia à pesca. Os olhos turvaram-se de fúria. Alex lembrava-se daquele olhar de quando era pequeno e o pai fechava os punhos com a mesma força com que cerrava o maxilar, cada palavra um silvo em *stacatto* pronunciado entre dentes brancos. Alex sentiu os pés a arrastar-se para trás contra a sua própria vontade, a memória de desnorte e medo a transformá-lo numa criança assustada.

— *Ela* desapareceu. *Ela* não existe nesta casa. E eu não vou permitir que te ponhas com brincadeiras ou que faças de conta que é engraçado dizer coisas ridículas. — Rutherford deu um passo em direção ao filho, a apunhalar o ar entre eles com um dedo levantado antes de Alex recuar mais um passo em direção às amplas janelas com vista para a rua. — Onde é que estavas a ouvir música? Instalaste algum intercomunicador ou outra coisa parecida? Eu fui muito claro quando disse que não queria que fizesses alterações à casa.

Alex encolheu os ombros, perplexo.

— Pai, não sei do que é que estás a falar.

Rutherford, como de costume, confundiu a reação de perplexidade do filho com desinteresse.

— Eu disse-te que não queria que viesses viver para aqui. Podíamos ter mantido a casa alugada e nunca mais pôr aqui os pés. Mas tu insististe e eu deveria ter-te lembrado nessa altura o que te vou lembrar agora. Não és tu que tomas decisões aqui. Nem na loja nem nesta casa. E se a tua ideia é brincarees comigo ou com esta propriedade que só nos traz problemas, mando-te embora.

— Mandas-me embora? Oh, tal como quando me mandaste para o colégio militar quando era um miúdo e me deixaste sozinho e assustado, pai? Lamento ter de to dizer, mas já jogaste essa cartada, pelo que não é grande ameaça neste momento. Ou talvez aches que eu tenha de procurar o meu próprio caminho no mundo? Também já fiz isso, e estava a sair-me muito bem, não que alguma vez tenhas tido algum interesse em saber alguma coisa sobre a minha vida.

Alex sentiu a respiração a abrandar e a transformar-se em arquejos entrecortados e o rosto e as mãos a congelarem, como se estivesse a tentar escalar uma montanha sob uma tempestade de neve. A fúria súbita que lhe assomava ao peito emulava a que via no rosto do pai. Era uma fúria que parecia não vir de dentro de nenhum deles, mas que se lhes infiltrava nos corpos vinda do quarto que os rodeava.

— Porque é que detestas tanto este lugar, afinal? — perguntou Alex. — Porque é que me detestas a *mim*? Podias muito bem livrar-te de ambos!

— Achas que nunca tentei? — O rosto de Rutherford exibia o desespero de um homem que se sente perseguido.
— Não fazes ideia do esforço que fiz para me livrar deste lugar.

— E de mim.

Alex cerrou os punhos e puxou os ombros para trás. Sentiu o ar frio a penetrar-lhe os ossos e a nublar-lhe a respiração na atmosfera carregada e faiscante que os rodeava. *Porque é que ele está tão zangado? Porque é que eu estou tão zangado?* Acordes retumbantes de Mendelssohn ecoaram pelas escadas acima num terramoto musical que fervilhava debaixo do soalho de madeira. *Como é que chegámos a este ponto a partir de um saco de croissants?*

Rutherford abanou a cabeça e deixou escapar um suspiro vindo do fundo do peito quando a música esmoreceu em redor de ambos.

— Nunca me quis livrar de ti, Alex. Queria era proteger-te.

Alex sentiu o pulso direito a arder com a memória de uma separação mal cicatrizada, uma sensação ofegante de inquietação por estar a ser arrastado para longe de algo que desejava ardentemente, furiosamente, mas que o pai não o deixava ter. Sentiu-se mais jovem do que poderia lembrar-se de forma consciente — com dois anos, talvez — e viu uma imagem desfocada numa nuvem de dor e perda.

— Se me estavas a tentar proteger de ti, pai, eu aprendi a fazer isso sozinho. Não teria voltado para aqui se assim não fosse.

— Eu queria que voltasses. Mas não era o único. A... — Rutherford deixou a frase a meio e a expressão de acossado no rosto deu lugar a algo parecido com a resignação. — Gostava que encontrasses um apartamento. — Dobrou-se subitamente, a mão direita voou para a cintura e a esquerda rasgou o ar numa tentativa de avisar Alex antecipadamente para se ir embora.

O ar frio que fustigava o quarto dissipou-se tão rapidamente, que Alex ficou a pensar se o teria imaginado. Saltou para a cadeira com costas de verga no canto, colocou-a atrás do pai e afastou-se depois de Rutherford se sentar e ambos fazerem de conta que aquela perda de força era natural, quase fortuita.

— Eu estou bem aqui. — Alex dirigiu-se para a secretária no canto. — Senta-te e descansa por um segundo. Dá-me cinco minutos para eu me vestir e vamos lá ver esse carregamento.

A respiração de Rutherford abrandou. A tensão e a raiva esvaíram-se-lhe do rosto. Parecia feliz com mudança de assunto.

— Com alguma sorte, vamos ter mais alguns daqueles sofás de bambu.

— Com alguma sorte, teremos um incêndio no armazém antes de termos tempo de colocar mais alguma daquelas abominações à venda. — Alex riu-se ao ver o rosto de choque do pai. — Desculpa. Detesto-os. E o seguro daria para comprar muitas peças bem mais originais na loja de usados. — A piada caiu leve no quarto, por entre ar desanuviado sem a eletricidade anterior, a raiva a dissipar-se tão súbita e inexplicavelmente como se tinha formado.

— Nem todos temos o teu sentido inato de sofisticação, rapaz. E pelo menos a minha carteira agradece. Não nos poderíamos alimentar com o que uma peça como aquela nos fosse render. — Rutherford apontou para o aparador verde-água.

Alex encolheu os ombros.

— Quando não temos dinheiro, arranjam os outras formas de nos alimentarmos, pai. Assim como temos de encontrar novas formas de nos amarmos quando não nos sentimos amados.

— Tu nunca deixaste de ser amado.

— Guarda isso para as sessões de terapia familiar a que acabamos por nunca ir. Por agora, vamos lá descarregar uns sofás horrorosos feitos de dinheiro.

Lockhart, Virgínia, 1937

Quando o navio aportou em Nova Iorque e Willa e Ford desembarcaram, o que aconteceu a seguir começou por ser um ato de simples representação: uma atividade completamente familiar para Willa e em que Ford também parecia deveras à vontade. Carregou o baú com a mansão em miniatura nos ombros antes de o entregar a um carregador, gracejando que devia ter muito cuidado: *olhe que a minha mulher não pode viajar sem ele*. Olhou por cima do ombro para Willa e levantou as sobrancelhas numa expressão que dizia: *Parece-te bem?* E Willa assentiu com a cabeça, porque parecia bem. Parecia-lhe bem. Depois encontraram um hotel, no qual Ford disse nunca ter estado, *demasiado fino para um tipo como eu, mas agora, com a sua companhia...*

Registaram-se como Sr. e Sr.^a Rutherford Rakes. E todos os livros de registos a partir de então passaram a ostentar a letra incompreensível de Ford com o mesmo par de títulos de cortesia. Em Filadélfia, um carpinteiro que conhecia a família havia muitos anos deu-lhes os parabéns com a voz forte — *o seu pai não disse nada e a minha mulher vai ficar desolada por não ter estado presente* — e

Ford piscou-lhe o olho cúmplice e disse-lhe que a notícia ainda era reservada.

O caminho subsequente de volta para Lockhart serpenteou devagar pela Costa Este. Ford tinha artesãos e fábricas para visitar, salpicados por vilas e oficinas ao longo do Nordeste. Tinha planos para regressar ao Sul, mas nenhum que fosse imediato, e Willa — que já estava de volta a solo americano — não sentia a mesma urgência de mudar de lugar que sentia na Europa. Sabia que acabaria por regressar a casa. Entretanto, dava-se satisfeita por continuar com Ford.

Nas viagens anteriores, era atraída sobretudo pela água, o que a levou a atravessar oceanos em direção a outras costas e a encontrar navios e outras passagens no estrangeiro. Quando estava longe de Lockhart, raramente ficava cercada de terra ou no mesmo continente durante muito tempo, preferindo esforçar-se por ser mais rápida do que as histórias que borbulhavam à volta dela e que acabavam por a levar a desaparecer tempo suficiente para os rumores esmorecerem, até a morte e a distração fechar as bocas que os transmitiam. Mas uma mulher a viajar sozinha, fosse em que época fosse, punha as bocas em ação. Ford não era o primeiro homem com quem viajava. Mas era o primeiro com quem queria continuar a viajar, para onde quer que ele fosse.

Na fábrica seguinte que visitaram, o dono saiu ao encontro de Ford com um telegrama na mão. *Do seu pai.*

DEM PARA CASA IMEDIATAMENTE STOP

ISTO VAI MATAR A TUA MÃE STOP

NÃO FOI ASSIM QUE TE CRIAMOS STOP

VISITA-NOS QUANDO CHEGARES STOP

Ford ignorou-o. E também ignorou o telegrama seguinte, em Baltimore, num tabuleiro de prata na receção de um homem que se especializava em integrar madeira exótica, pedra e metais preciosos nos móveis, combinando-os com as volutas e os nós da madeira em qualquer padrão desejado. Willa falou aturadamente com ele, maravilhada com a fluidez dos desenhos, e perguntou-lhe se aceitaria uma encomenda. Carvalho com uma pedra tão azul como o oceano

que ela acabava de atravessar, engastado numa mesa redonda. Combinaram o preço e Willa disse que enviaria os materiais quando regressasse a casa em Lockhart.

À noite, com Ford deitado ao lado dela a passar-lhe as mãos suaves pelo interior da coxa, Willa perguntou-lhe quanto tempo iria esperar para enfrentar a família.

— Enquanto as contas estiverem pagas — disse ele.

O telegrama seguinte, em Arlington, desenganou-o.

NEM MAIS UM CENTIMO STOP

DEM PARA CASA IMEDIATAMENTE STOP

— Parece que chegou a hora de apanhar outro comboio.
— Ford beijou Willa na testa. — Prometo que eles não são monstros.

— Podem pensar que eu sou.

Willa cerrou o maxilar, admoestando-se novamente por se ter apaixonado por um jovem que vivia demasiado perto da casa dela, uma família com raízes no solo que a protegia. A

familiaridade tinha um preço que decidira pagar, mas tinha-se deixado esquecer — pelo menos durante algum tempo — de que não ia ser só ela a pagar o preço e que Ford vinha de gente que iria ter de conhecer e com a qual teria de interagir. Não podia ficar com ele só para si. As condições não estavam reunidas.

— O quê? Por causa da casa? Que disparate. O meu pai não acredita em contos de fadas e a minha mãe mais depressa vai querer ajudar a redecorar a casa do que lançar calúnias sobre a tua tia. Não vamos ter problemas. — Ford beijou-lhe o cimo da cabeça. — Além disso, a minha mãe anda a insistir para que eu assente desde os tempos em que eu nem sabia o que assentar significava. Um primo dela abriu um colégio interno perto de Asheville logo depois de eu ir para o liceu e dois anos passados lá não foram suficientes para me transformar no que ela pensava que eu deveria ser. Mas, assim que te vir, assim que vir a minha felicidade, tudo entrará nos eixos. Estou convencido disso.

O primeiro jantar na casa da família confirmou as suspeitas de ambos, por mais diferentes que fossem. Era como se cada um estivesse em dois encontros diferentes. Quando chegaram à austera casa em estilo federal dos Rakes, com tijolos vermelhos dispostos com precisão militar, Willa sentiu o pavor a aumentar à medida que subia cada degrau de pedra em direção à aldraba da porta da frente, um aro de bronze com a imagem de um leão numa expressão enfurecida e dentes cerrados. A rapariga de uniforme que abriu a porta fez uma vénia e conduziu-os à

sala onde os pais de Ford os esperavam, separados pela lareira de mármore.

O pai de Ford, Theodore «Teddy» Aloysius Rakes, manteve uma expressão empedernida quando Ford lhe apresentou Willa. Não estendeu a mão para a cumprimentar nem dobrou o rosto em nenhum tipo de expressão que Willa pudesse perceber. No momento em que Ford terminou a frase curta — *pai, mãe, é com muito gosto que lhes apresento a minha mulher, Willa Rakes* —, Teddy Rakes limitou-se a olhar para a mulher baixinha que estava ao lado dele, a esposa, e a assentir com a cabeça na expectativa de que ela lidasse com a estranha ocasião social falando em nome de ambos.

A mãe de Ford deu um passo em direção a Willa e estendeu-lhe a mão.

— Adoraria dizer que o Ford nos falou imenso sobre si, minha querida, mas receio que não tenhamos tido a oportunidade de o ouvir. — Mildred Elizabeth Rakes olhou para o filho reprovadoramente e voltou a pousar os olhos em Willa. — Obtivemos a informação que pudemos, claro. Lamentamos a perda da sua tia e sabemos que pode ser muito angustiante que isso aconteça quando se está no estrangeiro. Eram muito próximas?

Willa baixou os olhos para o chão no que esperava que fosse uma demonstração de pesar convincente.

— Não muito. Ela pagou a minha educação, pelo que lhe estarei eternamente grata, mas era uma mulher muito reservada e não muito habituada à companhia de outros, infelizmente.

— E deixou-a abandonada, uma menina tão bonita, completamente sozinha no meio da França. É uma pena que ela não tenha tomado providências para que a menina fosse acompanhante ou se dedicasse a outra atividade respeitável. Ainda bem que conseguiu encontrar uma forma de ir para a Inglaterra sozinha. E depois ter conhecido uma pessoa com um coração tão amável como o nosso filho.

O *a* de *amável* saiu da boca de Mildred com uma veemência que parecia destinada a iniciar outra palavra, como *airado*. Ford tinha o coração demasiado airado.

Willa sorriu como se tivesse ouvido apenas a voz simpática e melodiosa e não a acidez que subjazia às palavras.

— A minha tia deixou-me com um bom pé de meia. — Estendeu a mão para a de Ford e agarrou-a, sorrindo para a sogra com uma expressão que deixava claro onde estavam as suas lealdades.

— Claro que sim — disse Mildred. — Que Deus a proteja.

Foram-se embora ao fim de uma refeição que Willa achou aflitiva e que Ford disse que tinha corrido melhor do que estava à espera, quando se dirigia, com uma ginga no passo, para o carro estacionado na rua. De facto, havia algo nele que revelava descuido, a cabeça no ar, mas, na opinião de Willa, a avaliação veemente da mãe dele não tinha sido justa. Ford parecia o tipo de pessoa que não ficava perturbado com o desconforto e que usava o humor para se desembaraçar de situações constrangedoras ou de juízo social de uma forma que poderia ser confundida com indiferença, mas Willa já tinha chegado à conclusão de que ele percebia exatamente as mesmas subtilezas, violações e

avaliações que ela, só que não se importava com isso. Havia uma espécie de proteção na forma como Ford deixava as regras bater-lhe nos ombros sem que se deixasse dobrar. Ford sabia o que era importante e o que não era e aquela confiança fazia com que Willa se sentisse segura.

Ford conduziu-os de volta para a pequena pensão onde iriam ficar até a mansão estar pronta para ser habitada, uma vez que ambos concordavam — sem terem de falar sobre o assunto — que a casa junto ao vasto trecho do rio era o lugar certo para viverem.

— O meu pai pode ser um osso duro de roer — disse Ford.
— Mas a minha mãe afeiçoou-se logo a ti.

— O teu pai é mais duro do que um osso. Parece mais uma pedra. Quanto à tua mãe, acho que o teu radar não está muito bem afinado. — Willa recostou-se no assento e suspirou. — É muito protetora em relação a ti.

— A maioria das mães são assim.

— Acho que ela não gosta nada de mim.

— Acho que estás enganada. Mas isso importa? — Os dedos de Ford subiram-lhe pela nuca acima, e puxaram-lhe a cabeça ao encontro do ombro dele. — Eu gosto muito de ti.

— Eu também gosto de ti. O que é que vais fazer se eles te deserdarem?

— Acho que teria de encontrar outra forma de me sustentar. — Ford olhou longamente de soslaio para Willa. — Talvez colocar-me à mercê de uma mulher rica mais velha.

Willa arqueou a sobrancelha esquerda.

— Terias de ser muito convincente.

— Quando voltarmos para o nosso quarto, vou ser o mais convincente possível, só para prevenir.

Convenceu-a uma vez e outra, libertando-a das amarras que ela sentia que eram cada vez maiores e do chamamento da mansão e das cavernas que lhe subjaziam. Nunca tinha sentido nenhum desejo de libertação. O simples facto de se conseguir libertar deixou-a a perguntar-se o que poderia significar libertar-se para sempre e finalmente permitir-se uma vida normal e passar o resto do fardo que carregava para outra pessoa. A decisão era tão importante que ficou paralisada e deixou-se levar pela corrente com Ford, desancorada da necessidade de pensar no que quer que fosse a não ser em quão felizes podiam ser juntos.

Parkhurst, Arizona, 1988

Myra não conseguia deixar de chorar por causa do bolo, o velho pesadelo a assolar-lhe o sono pesado como acontecia sempre que o clima ficava mais frio. Mesmo aproximando-se o oitavo aniversário, três anos não tinham chegado para apagar as memórias do acidente ou para impedir que lhe permeassem os sonhos.

Começava sempre da mesma maneira, com Myra em pé em cima de um banco na cozinha de Lou e Trixie enquanto esta lhe guiava as mãos pequenas nas extremidades do rolo de massa. Amassavam as gomas uma a uma, depois esculpiam-nas em redor de palitos para fazerem folhas e rebentos presos à superfície do número cinco, para o quinto aniversário de Myra.

Myra queria um jardim como o que Trixie conseguira construir junto à casa do avô Lou, com glicínias a pender dos beirais da casa de duas águas de uma forma que fazia Diane abanar a cabeça, uma vez que nunca tinha visto aquela planta a crescer viçosa no deserto do Arizona. As roseiras floriam em tons de cor-de-rosa, magenta e carmesim escuro com um laivo de azul em profundezas aveludadas que engoliam a luz do sol. Mudas de plantas e vegetais da horta de Trixie enchiam a casa de aromas

deliciosos independentemente da estação, e, quando Myra dissera que queria que o bolo também fosse assim, Trixie respondera que iriam tentar fazê-lo juntas.

A tentativa de fazerem um cesto de flores com doces fora tão bem-sucedida, que Myra suplicara a Trixie que a levasse para a casa nas montanhas mais cedo, porque queria surpreender os pais em vez de ficar à espera de que eles a fossem buscar. O tempo não estava bom, mas Myra estava tão entusiasmada, que Trixie dissera que iria tentar e talvez conseguissem ser mais rápidas do que a tempestade.

Antes de colocarem o bolo no forno, passaram a manhã da forma que Myra mais gostava: a trabalhar juntas na Mansão. Trixie dissera-lhe que tinha idade suficiente para trabalhar na biblioteca e Myra organizara os livros em miniatura por cor e tamanho, dispondo-os como contas nas estantes de madeira e intercalando-os, aqui e ali, com porcelana pintada com glicínias. À medida que ia trabalhando, Trixie dizia-lhe que tinha um presente especial para ela. *O meu maior tesouro*, dissera, *e um tesouro é uma responsabilidade, minha bolotazinha, mas vou ajudar-te a aprenderes.*

O sorriso de Trixie quando retirara o colar do pescoço e apertara o fecho adornado de prata em redor do de Myra era lindo, cheio de uma ternura fascinante que a atraía, como a luz as borboletas. Mas também era triste, e o rosto de Trixie parecia mais velho e mais frágil quando batera com a mão na pedra ao peito de Myra. Também se sentira um pouco triste, e sozinha, embora não fosse capaz de dizer porquê: Trixie ainda estava à sua frente, mas a

presença da avodраста parecia ter minguado. Parecia algo *ténue*. No entanto, Myra sempre gostara do colar. Era mais pesado do que estava à espera. Sentira-se muito crescida.

A chuva fina que caía sobre a estrada que dava para a casa de Lou e Trixie adensava-se à medida que iam subindo, e Trixie, atrás do volante do tipo de carro que Lou costumava preferir, uma enorme berlina com tração traseira, dissera que deveriam voltar para trás. Myra começara a chorar. Estava muito orgulhosa e estavam quase a chegar a casa e ela queria vê-lo. Trixie cerrara a boca e murmurara, *temos menos à nossa frente do que atrás, afinal*, e seguira em frente enquanto Myra segurava o bolo no colo com todo o cuidado. Tudo perfeito. Tudo mágico.

O acidente acordou-a, como sempre acontecia, e deixou-a a arfar sozinha ao frio, antes de alguém a ir ajudar. Sabia sempre, ao chegar àquele momento, que Trixie desaparecera, porque o sentia. Não conseguia virar a cabeça e os olhos estavam virados para cima a fitar o céu branco. Sentia que queria ir para onde que Trixie tivesse ido, deixar-se levar pelos flocos de neve em espiral e o sussurro calmo do vento ao longo da estrada.

Myra ouviu um segundo estrondo no sótão e sentou-se completamente acordada. Abanou a cabeça para afastar os flocos de neve, pousou os pés descalços no chão e foi a correr pela porta fora e pelas escadas acima até ao sótão.

A mansão estava aberta, as fivelas desapertadas e as dobradiças escancaradas, o que, por si só, não era particularmente raro. De vez em quando, Myra ouvia murmúrios de música ou via clarões de luz que a atraíam

para o sótão durante a madrugada para descobrir novas divisões ou passagens secretas a precisar de decoração, e os pais de Myra encontravam-na a dormir de manhã, com o corpo pequeno enrolado no chão em redor do torreão do canto.

Naquela manhã, não havia nenhuma divisão nova. Myra ouviu algumas notas breves vindas do fundo da Mansão, onde se encontrava a biblioteca. Eram dissonantes e calmas, como um piano que tivesse acabado de se desafinar e não o pudesse aceitar.

Myra pôs-se de joelhos com o coração na garganta e olhou para a biblioteca. A divisão parecia destruída, como se um pequeno tornado tivesse assolado o centro da casa e depois tivesse voltado para o céu, à procura de outras vítimas noutro lugar qualquer. Os livros estavam espalhados pelo chão da biblioteca e do corredor, alguns pendiam, instáveis, das extremidades dos andares superiores, os que se tinham aberto tinham as lombadas rasgadas e papel a esvoaçar por ação da aragem que ainda estava a soprar no sótão, embora todas as janelas estivessem fechadas. A divisão estava suficientemente fria para se ver a respiração de Myra, que ficou sem fôlego quando viu a porcelana destruída espalhada pelo chão. O retrato em cima do piano tinha um enorme corte no rosto. Por toda a divisão, tudo o que era frágil ou quebrantável estava em pedaços. Uma estante de canto, no passado cheia de jarros de porcelana, pratos e chávenas de chá pintadas com glicínias, parecia estar agora coberta de areia cintilante. Não havia nenhuma peça com estilhaços

suficientemente grandes para poderem ser emendados, colados na esperança vã de que algo pudesse ser salvo.

Myra passou um dedo pequeno pela estante e o pó da porcelana agarrou-se-lhe à pele como açúcar enquanto ela soluçava. A louça com as glicínias vinha da chapeleira de Trixie e colocar as pequenas bugigangas fora uma das primeiras coisas que a ensinara a fazer na primeira vez que lhe mostrara a Mansão. *Não devemos colocar demasiadas coisas num mesmo lugar porque, se o fizermos, a casa não consegue respirar. Mas não ponhas só uma coisa numa estante: cria grupos de três e cinco peças, para que nenhuma fique demasiado sozinha.* Pratos, taças, castiçais, todos os conjuntos estavam destruídos, o que deixou Myra realmente muito sozinha. Passou o dedo pelos contornos da estante para sentir na pele os entalhes que os olhos marejados não conseguiam ver.

Ouviu um clique baixo e um sopro e a estante abriu-se como se tivesse molas atrás, enchendo a divisão de música e luz.

Parkhurst, Arizona, 2015

Vamos responder-lhe? — Gwen estava sentada no chão ao lado da Mansão com o computador portátil pousado nas longas pernas cruzadas, a olhar para a caixa de entrada a abarrotar da conta de *e-mail* oficial da Mansão. — Estou a falar do Alex. Do Sr. Rakes. Aquele com o gosto terrível em mobília de quarto. — Olhou para Myra, viu-lhe a expressão de reprovação no rosto e fez um esgar. — Peço desculpa... embora tenha razão.

— Aquela mobília é mobília original da casa. Bem, pelo menos uma parte. Outra é originalmente da chapeleira.

Myra dirigiu-se à chapeleira, estendeu a mão e retirou uma otomana borlada com folhos em redor das pernas de madeira torneadas. Levou-a para junto do rosto e franziu o sobrolho, como se estivesse a tentar ouvir onde queria a otomana ser colocada.

Gwen pousou o portátil no chão e alongou o corpo na sua posição de ioga preferida: a postura de cadáver, uma imagem deitada e serena de quietude que nunca condizia com a energia que tinha dentro de si.

— Acho que chapeleira seria um ótimo nome para uma loja de móveis.

— Ótimo. Devias abrir uma.

— Estava a pensar para ti.

— Importas-te de deixar de inventar ideias de negócios para mim? Pelo menos, até conseguirmos chegar ao fim deste?

— Está bem. Como queiras. E agora volta o dó, minha querida. Vais responder ao teu pretendente?

A cantilena de Gwen a imitar a Julie Andrews ecoou pelo sótão e fez Myra revirar os olhos.

— Isto não é o *Música no Coração*, Gwen, e tu não és a Maria. Além disso, ele não é meu pretendente.

— Vou ter de pegar no boneco com o *smoking* e fazer mais barulhos de beijos? Ele é um homem, da tua idade, que está fascinado com a Mansão e com a mulher que a mantém. Concedo que é fascinado com a casa porque, pelos vistos, vive nela e pode ser um perseguidor pouco convencional, mas todas as histórias começam por algum lugar!

— Estás um pouco ansiosa de mais para me casares com um estranho, para alguém que diz ser a minha melhor amiga.

Gwen riu-se.

— Na verdade, não estou a tentar casar-te, sabes? Nem toda a gente é tão boa como tu a não colocar fotografias na Internet.

Sentou-se direita e voltou a pegar no portátil, antes de virar o ecrã para a frente para mostrar uma fotografia a Myra. O homem no ecrã era mais alto do que o homem mais velho ao lado dele, mas as semelhanças entre ambos eram inconfundíveis. O cabelo do mais novo era castanho-

claro e a barba curta e o bigode estavam salpicados de luzes arruivadas. Tinha olhos azul-escuros atrás de um par de óculos sem armação pousados sobre o nariz afilado. Estava a rir-se, com a mão levantada em cima dos ombros do pai, que apresentava um ar severo. Myra olhou para a legenda. Rutherford Alexander «Alex» Rakes Terceiro partilha uma anedota com o pai, Rutherford Rakes, na abertura da nova galeria de móveis da família.

Myra nunca tinha visto um homem que lhe parecesse menos passível de partilhar uma anedota do que Rutherford Rakes (presumivelmente *o Segundo*). Tinha ar de quem nascera sisudo e usara os anos que se seguiram para confirmar todas as razões para a irritação à nascença.

Gwen assentiu com a cabeça como se estivesse a ouvir os pensamentos de Myra.

— Sim, certo, o pai parece um daqueles Marretas zangados que estavam sempre a gritar com o Sapo Cocas dos camarotes, mas tens de admitir que o filho até é giro.

— Porque é que estamos a ter esta conversa neste momento?

— Porque ele apresentou uma candidatura para almoçar contigo, Myra.

— Não escreveu um ensaio.

— Nem tinha de o fazer! Fazes alguma ideia do que os teus seguidores fariam se publicasses o que ele escreveu? Perderiam a cabeça. Uma casa verdadeira igual à Mansão Minúscula? Um homem de verdade a viver lá dentro, que tem a tua idade e que quer pagar para te conhecer. Fazes ideia do ouro que eu seria capaz de tirar de uma mina destas? Céus, parece um *reality show*... — O rosto de Gwen

abriu-se no sorriso mais largo que Myra já lhe vira nos lábios. — Oh, meu Deus, é um *reality show*. Ou, pelo menos, uma entrevista num daqueles programas da manhã. Tenho de fazer umas chamadas.

— E dizes que eu é que sou sinistra.

— Não. Eu digo que a Mansão é um pouco sinistra. De ti eu gosto.

— Eu também gosto de ti.

Myra olhou fixamente para Alex Rakes e para o pai dele, juntos em frente a uma loja de móveis — suprema ironia — com um trecho de rio confinado a um canal ao fundo e uma sequência de armazéns de tijolos até aos limites da fotografia. Algo na forma como os olhos de Alex se enrugavam, na forma como pareciam não ter espaço suficiente quando sorria, espoletou uma sensação de afeição que se espalhou no peito de Myra, algo que não sentia desde o dia em que conhecera Gwen. Passara tanto tempo, que ela mal se lembrava do que o sentimento significava: o preenchimento de um lugar vazio que não sabia que existia. E Alex — Myra sentia que podia tratá-lo pelo primeiro nome — pareceu mover-se subtilmente na fotografia do ecrã, quase como se a tivesse sentido a olhar para ele.

— Gosto muito do novo lustre, já agora.

— Do quê?

— Na biblioteca. — Gwen apontou para um lustre a cintilar na Mansão, pendurado pouco acima do retrato da Senhora, com prismas de cristal minúsculos a balançar num caleidoscópio de cores que se refletia nas paredes, na

mobília e nos azulejos pintados à mão nas estantes. — Outra entrega pelo correio?

— Hum... — Myra mordeu o lábio. — Sim. Eu também gosto.

— Quem o enviou tem um gosto excelente. Parece que foi criado para estar ali. Não acontece com muitas das peças que te enviam pelo correio.

Myra resistiu à tentação que tinha sempre de confessar tudo à melhor amiga: que o lustre não fora enviado pelo correio, não fora enviado de todo, não estava ali de manhã. Que aparecera como se tivesse crescido no teto por vontade própria algures nos cinco minutos anteriores. Enquanto Myra olhava para a fotografia de Alex. Para a qual se sentia novamente atraída.

Alex sorriu-lhe do ecrã e o sorriso dizia que o lustre tinha sido criado para estar ali.

O sorriso dizia que Alex também devia estar ali.

Gwen fechou o computador portátil e olhou Myra nos olhos.

— Não sei onde estás, mas parece que já não estás aqui. Vais continuar a olhar para a fotografia com esse ar de devaneio ou vais mesmo contactar o homem?

Mira fez um esgar.

— Nem sei como começar.

— É canja, Myra. Só que a galinha é a tua agente publicitária e o caldo são os braços quentes e acolhedores de uma sensação viral dos média. Esta metáfora está a escapar-me. A questão é que me tens a mim. E sabes o que é que eu faço particularmente bem?

— Insistir para que eu faça coisas que na verdade não me apetece nada fazer?

— Isso e falar com homens que não sabem porque se devem interessar por aquilo que eu tenho a dizer. Até eu lhes dizer o que é.

— Vais enviar-lhe uma mensagem de *e-mail*?

— Não. Vou telefonar-lhe. E depois ele vai falar contigo.

— Quando?

Gwen já tinha o elegante retângulo a que chamamos *smartphone* encostado à orelha e levou um dedo à boca.

— Agora — sussurrou.

— Gwen!

— Chiiiu. — Gwen tocou no botão de alta-voz.

Uma voz polida ressoou no ar frio do sótão.

— Rakes e Filho, para quem deseja que encaminhe a chamada?

Gwen endireitou os ombros e transformou-se na versão de génio publicitário que Myra raramente via, mas cujo potencial deveria ter reconhecido quando eram crianças.

— Sim, boa tarde. O meu nome é Gwen Perkins e trabalho na Alcove Agency em Phoenix. Represento a Myra Malone, a proprietária d'A *Mansão Minúscula de Myra Malone*. Estou a ligar para falar com o Sr. Alex Rakes. Ele está disponível?

— O Sr. Rakes não está na loja hoje, menina Perkins. Ele e o Sr. Rakes sénior estão a acompanhar uma entrega noutra armazém de momento. Posso colocá-la em contacto com outro representante da nossa equipa de vendas que a possa ajudar com o que deseja?

— Não estou a ligar a respeito de nenhuma venda. O Sr. Rakes entrou no concurso da minha cliente e estou a ligar para falar com ele sobre o prémio que vai receber.

— Oh, que entusiasmante. Que tipo de concurso?

— Um concurso de ensaios.

— Ora, quem diria. Não sabia que o Alex era escritor. Que interessante!

— Deveras. *Verdadeiramente* interessante, de facto. Com quem estou a falar?

— Com a Ellen. Trabalho com a família Rakes desde antes de o Alex ser gente. E até o pai.

— Por acaso não tem o número de telemóvel do Alex?

— Sabe, tenho... mas não estou autorizada a partilhá-lo.

— Compreendo perfeitamente. — A sinceridade no rosto de Gwen à medida que a chamada avançava era hipnotizante; Myra não conseguia desviar o olhar. — Oh, eu sei! Posso dar-lhe o meu número de telemóvel e pedir-lhe para lhe dizer para me ligar? Ou até para enviar uma mensagem? Eu sei que ele vai ficar muito entusiasmado com a notícia.

— Não vejo porque não. O ensaio vai ser publicado em algum lugar? Adoraria lê-lo.

— Oh, sim. Os pormenores ainda estão a ser ultimados, mas espero que possamos publicar toda uma saga acerca do assunto em breve!

Gwen cruzou os dedos de ambas as mãos e acenou-os de um lado para o outro a olhar para Myra com entusiasmo.

Myra sentiu que mal podia respirar. Depois de Gwen terminar a chamada, Myra abriu o computador portátil e

voltou a olhar para ele, a explorar uma pasta que Gwen tinha criado com hiperligações para artigos e perfis nas redes sociais e tudo o mais que tinha conseguido encontrar sobre Alex Rakes.

— Quanto tempo é que andaste a bisbilhotar este tipo, Gwen?

— Só quero o melhor para a minha melhor amiga. Tinha de me certificar de que ele era a sério e que isto não era nenhum embuste muito elaborado.

— Como sabes que não é?

— Pode ser, mas parece cada vez menos provável. Cobrei um favor a uma cliente na Virgínia e perguntei-lhe sobre a casa. Ela cresceu perto de Lockhart e disse que toda a gente conhece «a Casa da Senhora». Disse-o mesmo assim, ainda por cima, como se estivesse a fazer umas aspas fantasmagóricas com os dedos. É uma casa verdadeira. E é igualzinha à tua. Só... maior.

— Ainda não consigo compreender como é que isso é possível.

— Eu também não. Mas sabem quem pode ter uma ideia?

— Gwen levantou o telemóvel ao ouvir a notificação de uma mensagem a chegar. — O Sr. Mansão Não Tão Minúscula em pessoa. Prefere enviar mensagens a ligar, pelos vistos. Eu também não teria ligado.

— O que é que ele diz?

— Bem, bem, bem. «Posso falar com a Myra?» Já a usar o primeiro nome, vejam só. Vou enviar-lhe o teu endereço de *e-mail* direto. Isto foi mais fácil do que eu pensava.

As principais rotas de contacto da página da Mansão Minúscula iam diretamente para Gwen, não para a autora. Myra tinha uma conta e um número de telemóvel reservados e o trabalho que fazia para os clientes da empresa de Gwen era sempre intermediado por esta ou por outro membro da equipa de *marketing* da empresa. Myra não estava habituada a trocar mensagens ou a conversar com ninguém a não ser Gwen e, mais raramente, a mãe ou o pai. As interações que tinha eram todas unilaterais: ou estava a escrever para ela própria e para um público cujos rostos nunca via ou estava a falar para — não com — uma casa miniatura que não lhe respondia. Pelo menos, com palavras. Ou até então.

— O que é que eu hei de dizer a este tipo?

— És uma escritora, Myra. Hás de lembrar-te de alguma coisa, com certeza.

Lockhart, Virgínia, 1937

Ford entrou no ritmo da casa sem nenhuma dificuldade, como se sempre tivesse pertencido àquele lugar. Se acrescentou alguma coisa à mansão, fê-lo majoritariamente em silêncio: pequenas peças que levou para casa de carregamentos ou das viagens que fazia e que lhe lembravam de Willa e dos seus gostos, como os jarros de vidro canelados venezianos que brilhavam com o mesmo azul do oceano que atravessaram juntos. Normalmente, o gosto dele condizia com o dela, e as poucas coisas novas que pareciam não pertencer ao lugar não costumavam ser uma escolha dele: de vez em quando, os pais de Ford enviavam-lhe relíquias ostensivas da sua própria casa, como o descomunal roupeiro com gavetas que só entrou na mansão e, depois, no quarto com vista para o rio no andar de cima — o único quarto com uma parede ininterrupta suficientemente grande para receber o móvel — graças ao esforço hercúleo de seis homens. Na primeira vez que Willa o abriu, a porta ficou a pender sobre uma dobradiça. A outra estava partida. O presente fazia sentido: demasiado caro para Mildred contemplar deitar fora, mas demasiado imperfeito para manter por perto.

O roupeiro não foi sozinho. Os homens que o arrastaram pelas escadas acima foram supervisionados por uma rapariga magra de cabelo ruivo que não parecia ter mais de dez anos e que marchou até ao alpendre para apertar a mão de Willa antes de esta se aperceber que lha tinha estendido.

— Chamo-me Ellen Maria Kennedy e estou aqui para me certificar de que o roupeiro não é danificado. O Sr. Rakes não pareceu particularmente preocupado que pudesse danificar a sua casa, diga-se, mas também vou ficar de olho para que tal não aconteça, não se preocupe. E depois veremos de que outras formas poderei ajudar por aqui.

Willa levantou a cabeça, confusa.

— Ajudar... por aqui?

Ellen assentiu com a cabeça.

— A Sr.^a Rakes disse que era nova na cidade e que poderia precisar de ajuda numa casa tão grande como esta.

— A rapariga passou por Willa a dirigir-se para a entrada e assobiou baixinho ao olhar para cima e perceber o tamanho da casa. — E é grande, não é? — Virou-se e sorriu para Willa, depois piscou-lhe o olho. — Está a pensar que eu sou uma espia, não está? Uma pessoa que não chamou e que chega à sua casa por decisão da Sr.^a Rakes. E está a pensar o que mais ela me terá mandado fazer. Vai oferecer-me uma chávena de chá, já agora? Seria bom discutirmos umas coisas enquanto tomamos um chá. Posso fazê-lo eu. Deixe-me só encontrar a cozinha...

Não acabou a frase, já a caminhar com determinação pela casa adentro em direção às traseiras como se soubesse

exatamente para onde ir e estivesse habituada a que as pessoas a seguissem. E foi o que Willa fez.

— Disse que ia...

— Ajudar por aqui? Sim, a ideia é essa. A ideia da Sr.^a Rakes, pelo menos, embora eu ache que seria melhor se ela conversasse consigo sobre o assunto. — Ellen chegou à cozinha e encontrou, à primeira tentativa, o armário com as chávenas e os pires de uso diário. Pousou dois conjuntos na mesa riscada da cozinha antes de encher a chaleira com água e a colocar no fogão. O ar na mansão parecia afastar-se para a receber, como se a casa estivesse ansiosa por a deixar mais à vontade. — Bem, um pouco sobre mim. Chamemos-lhe uma entrevista. O meu pai é um artesão, um carpinteiro especializado em marchetaria, e fornecedor da família Rakes. A oficina dele fica a cerca de uma hora daqui, num lugar muito pequeno sem nada que mereça relevo, mas há de reparar que eu não disse «o meu pai faz marchetes». A minha mãe quer que eu vá para a escola de boas maneiras, dispõe de um orçamento escolar normal e sempre fez por garantir que eu me apresentasse como uma jovem bem-nascida. Mas eu não tenho grande interesse no ensino.

— A menina... não parece ter idade para estar numa sala de aulas. — Willa não acrescentou *a não ser como aluna*.

— Para dar aulas? Oh, não tenho. Acabei toda a escola que me atiraram para cima ainda antes de fazer quinze anos. Mas com quinze anos ainda era muito nova para ir para a universidade. Ainda assim, deixaram-me acabar o liceu, sobretudo porque estavam fartos de me aturar, acho eu. As pessoas da minha idade aborrecem-me tanto, que

até faz impressão. Dito isto, ninguém quer uma rapariga como eu sem ter o que fazer, e muito menos eu própria. Por isso, o meu pai perguntou ao Sr. Rakes se ele precisava de uma vendedora com um cérebro que por acaso é um pouco mais velho do que o resto do corpo. E aqui estou eu.

— Isto não é uma loja.

— Não, não é. Mas suponho que a Sr.^a Rakes está mais preocupada com assuntos que não têm que ver com a loja e quer um passarinho pousado neste lugar. E acha que encontrou um. Mas não encontrou. — Ellen vasculhou outro armário e encontrou uma lata cheia de chá que Willa nem se lembrava que tinha. — Isso não quer dizer que não possamos deixar que pense que sim.

Willa não sabia ao certo que palavras escolher dentre todas as que lhe inundavam a cabeça. Abriu a boca e a que saiu em primeiro lugar foi:

— Porquê?

Ellen encolheu os ombros.

— Sr.^a Rakes, uma senhora como a outra Sr.^a Rakes não se daria ao trabalho de visitar uma vila como aquela em que eu cresci, mas é o tipo de pessoa que pensa que pode comprar alguém como eu pelo preço certo e, para ser sincera consigo, eu não gosto de rufias. — Sorriu. — Além disso, já ouvi muita coisa sobre o Solar da Bruxa, se não se importa que eu fale nestes termos. As raparigas na minha vila ficariam verdes de inveja se soubessem que eu estou aqui, mas sempre disseram que eu me armava em superior.

A chaleira assobiou e Willa atravessou a cozinha para a tirar do bico do fogão. Mas Ellen chegou primeiro, encheu as chávenas com os sacos de chá e sentou-se à mesa da

cozinha. Willa juntou-se a ela, sentando-se na cadeira à frente de Ellen e olhando-a com muita atenção, enquanto tentava ouvir o que a casa tinha a dizer sobre a rapariga, mas não ouviu nada. De alguma maneira, Ellen encaixava no lugar.

— Se o que está a dizer-me é verdade, como posso confiar em si?

Ellen voltou a encolher os ombros e o gesto tinha uma espécie de graça e desprendimento que pareciam ter mais do que quinze anos.

— Acho que não tem de confiar. Mas devo dizer que este lugar parece bastante solitário, por muito que a senhora tenha um marido maravilhoso, segundo consta. Tem mesmo de ser maravilhoso, porque a mãe dele está com os azeites por a senhora ter casado com ele, o que só me mostra que é um homem que toma boas decisões. — Inclinou-se para a frente, em tom conspiratório. — Se já há linhas de batalha definidas, acho que me vou divertir mais no lado do escândalo.

Willa suspirou.

— Eu nunca quis nenhuma batalha. Só me apaixonei.

— Posso ser jovem, mas até eu sei o suficiente para lhe dizer que é a mesma coisa. — Ellen semicerrou os olhos. — Que idade tem?

— Isso é algo que ensinam na escola de boas maneiras a nunca perguntar, menina Kennedy. Uma senhora nunca confessa a sua temporalidade. — Willa bebericou o chá e fez um esgar; estava no armário há muito tempo. — Não estou muito habituada a ter ajuda nesta casa. Nem sequer sei que tipo de ajuda a Mildred acha que eu preciso ou que

informação pensa que lhe vai levar sobre mim. O que propõe que façamos?

— Eu podia vir aqui, talvez duas vezes por semana, quando não estiver a trabalhar na loja. O Sr. Rakes prometeu-me formação contínua em vendas e mais alguns segredos do negócio e o meu pai diz que não é o tipo de homem que me vai tentar ensinar o que quer que seja a partir de agora, se é que me entende. Penso que há outras pessoas que o farão, pelo que os meus pais ficarão contentes por saber que estou a passar tempo com uma senhora fina regulamentemente.

— E a Mildred?

— Vou só inventar o suficiente para lhe aguçar o interesse. Diria que poderia tentar colocá-la nas boas graças dela, mas não me parece que isso seja possível.

— E eu poderia simplesmente dizer não, não podia?

— Claro que poderia. Não tenho vontade nenhuma de passar tempo num lugar onde não sou desejada. Mas tenho de a avisar: ela está completamente contra si e, de uma maneira ou de outra, vai encontrar uma forma de a ter debaixo de olho. Pelo menos estes olhos estão pregados a uma pessoa que vai ser direta consigo.

Willa pensou em Ford, no beijo delicado que ele lhe dera depois de descer o caminho de lájeas a assobiar para ir ao encontro do pai no armazém de móveis para trabalhar naquele dia, e nos muitos beijos não tão delicados que lhe dera pelo corpo abaixo na noite anterior. Sentiu as faces a afogues-se. Era capaz de se arrepender de muitas coisas, mas nunca de Ford. Mesmo que ele viesse com complicações que devia ter a sensatez de esperar.

— Deseja outra chávena de chá? — perguntou Willa. — E talvez, já que vai voltar e beber mais, lhe possa pedir para trazer uma lata nova?

— Eu gosto muito de Earl Grey. — Ellen sorriu. — Vou trazer um pouco na quinta-feira.

Não lhe chamem uma casa de bonecas

(De *A Mansão Minúscula de Myra Malone*, 2015)

Quando acordei esta manhã, havia uma enorme caixa à porta do meu quarto que a minha mãe tinha conseguido trazer para cima. E tenho de lhes dizer: uma caixa grande raramente é bom sinal. Há muitos leitores entusiastas do *A Mansão Minúscula* — olá! Obrigada! —, mas nem todos têm a perfeita noção de quão pequena *minúscula* significa realmente ou o que a Mansão pode realmente conter. Há alguns meses, abri uma caixa de madeira absolutamente deslumbrante, pintada à mão na parte de fora com *terriers* escoceses minúsculos dentro da qual estava — céus, detesto escrever isto, mas é verdade — um *terrier* escocês. Um *terrier* escocês empalhado. Se a pessoa que mo enviou estiver a ler (a caixa não trazia nenhuma nota), eu consigo perceber que o Graham Cracker era um cãozinho muito especial e que queria que ele passasse a eternidade «num lugar tão mágico como ele era». Lamento muito, muito a sua perda, mas, por favor, envie-me a sua morada, porque o Graham Cracker não cabe na Mansão e eu tenho de lho enviar de volta. Além disso, sou alérgica a cães. Nunca

tinha tido a oportunidade de o descobrir, pelo que este é um momento de descoberta para todos nós, pelos vistos.

O Graham Cracker pode ser o mais importante candidato a morador da Mansão que me enviaram até agora, mas não é o único. Nem de perto. O que me leva de volta à caixa que recebi esta manhã: estava a abarrotar de bonecas. Um sem-fim de bonecas de porcelana encantadoras e primorosamente acabadas. Estamos a falar de bonecas que valem para cima de um dinheirão e cada dobra de jornal escondia uma nova.

Se quem as enviou estiver a ler (porque é que são sempre as bonecas e os *terriers* escoceses que não trazem notas?), obrigada, mas não. A sério, não. Trata-se claramente de uma coleção pela qual alguém tem muito carinho, e eu tenho de pensar que alguém terá morrido e que outra pessoa decidiu empacotá-las e doá-las à senhora estranha que põe uma mansão minúscula na Internet, mas: a Mansão não é uma casa de bonecas.

A Mansão não é uma casa de bonecas, pessoal. É tão simples quanto isso.

A Gwen e eu costumávamos estar sempre a discutir sobre o assunto. Para ela, quando éramos crianças, a Mansão não passava de mais uma versão maior, mais elegante e mais bem acabada da Casa de Sonho da Barbie. (Nunca vi uma pessoalmente, mas já as vi na Internet, e acho que têm muito que ver com a enorme casa junto à praia com que a Gwen sonha.) A Barbie pode ficar com a casa toda vistosa que tem em Malibu, porque a Mansão não é para bonecas. É para pessoas verdadeiras, de carne e osso, e de tamanho real. E não haverá espaço para elas — para os olhos e para

os sonhos delas — se os espaços da casa foram ocupados por pequenas famílias de porcelana, por mais encantadoras que sejam. Concordei em colocar a minha boneca de mola de roupa, em parte, para que a Gwen deixasse de estar sempre a bater na mesma tecla. Mas também concordei em estabelecer a escala das divisões para quem não compreende as dimensões com que estou a trabalhar. Alguns podem não ter reparado. Aviso: uma boneca de mola de roupa é muito mais pequena do que um *terrier* escocês.

Ora, não é por não colocar bonecas na Mansão que as divisões não estão preparadas para receber companhia (que são todos vocês). É uma das razões por que são tão detalhadas. Quero que a casa tenha o aspeto que a Trixie sempre lhe deu, como se alguém tivesse acabado de sair porta fora por um momento para não tardar a voltar. Se tiver um quarto para bebés, o berço tem uma colcha dobrada para o lado, a cair em direção ao chão. (Já terei recebido mensagens de *e-mail* a pedir a criação de quadros sem colchas e seguros para bebés na Mansão? Já. Lamento. O quarto está preso aos anos 40 do século xx de momento, altura em que os quartos para crianças eram um local completamente diferente.) Há um biberão de vidro, aberto, com a tetina de borracha ao lado em cima da pequena mesa de fundo junto à espreguiçadeira para bebé, porque alguém acabou de sair para ir à cozinha para ir buscar mais leite. E levou o bebé faminto. Quando voltar, encontrará o quarto tal como o tinha deixado, incluindo o coelho de pelúcia no berço, o livro de poemas infantis sobre a natureza aberto na mesa de apoio e o candeeiro de pé pronto para iluminar

uma sessão de leitura antes de dormir. O cavalo de baloiço que veem no canto fui eu que o fiz com o meu avô Lou, pelo que é como ter um pouco de mim no quarto de criança, pronto para brincar.

Mas não como se fosse uma boneca. Porque a Mansão tem de estar preparada para qualquer pessoa que queira olhar para ela, imaginar-se nas diferentes divisões e refugiar-se no abrigo que proporciona. Uma boneca, um animal de estimação — até um *terrier* escocês de tamanho real — só iriam servir de estorvo.

Lockhart, Virgínia, 1943

Quando Willa deixou de contar o tempo que tinha passado sem dormir, já tinham passado três dias. Nunca estivera tão consciente da passagem do tempo e ao mesmo tempo tão desamarrada do seu fluxo, tão incapaz de encontrar uma âncora no seu curso.

O bebé não parava de chorar. Olhou para Willa com uns olhos azuis reprovadores entrefechados em duas meias-luas que guardavam profundas reservas de raiva. Não se deixava impressionar com canções, rejeitando notas e compassos retirados da própria aurora dos dias. Nem a poesia, nem as histórias nem as lendas épicas de milagres o comoviam. Willa foi mais longe: recorreu a súplicas veladas e implorou ao filho que abrisse os olhos apertados para ver a beleza do mundo à volta dele, para deixar de gritar contra as suas imperfeições e deixar que houvesse alguma coisa que correspondesse às suas expectativas. Não parecia possível que um peito tão pequeno, uns pulmõezinhos tão minúsculos, contivessem tanto barulho.

Willa não se curvara ao peso dos séculos, mas 3,6 quilos de criança cheia de raiva não deixaram pedra sobre pedra.

— Rutherford — sussurrou junto à orelha fina e tingida de vermelho do filho. Uma espiral perfeita de guinchos não era

suficiente para que ela deixasse de o admirar. — Ruth. Para por favor. Eu sei que me consegues ouvir.

O nome encurtado parecia adequar-se; embora fosse um nome de menina, Willa dava muita importância aos significados das palavras e a associação de Ruth a dor e angústia condizia com o desespero crescente de Willa, mesmo que não descrevesse a raiva e desdém inexplicável do filho por tudo o que ela fazia.

Ford não aprovaria o diminutivo, mas Ford estava atolado na lama e no suor de um qualquer campo de batalha europeu; Willa sentiu a ligação que tinha ao marido a quebrar-se logo depois do parto do filho, toda a energia consumida. Rutherford Alexander Rakes Jr. não tinha nada que ver com o pai e, embora Willa soubesse numa parte do seu subconsciente que talvez fosse injusto fazer tal juízo tão pouco tempo depois de dar à luz o filho, também tinha a certeza de que a alma dele estava lá há mais tempo à espera de alguma coisa. Era claro que ainda não a tinha encontrado e Willa sentia a culpa do filho a rasgá-la por dentro a cada gemido agudo.

Não lhe podia chamar Ford. Podia chamar-lhe Rutherford. Ruth, talvez. Mas não Ford.

Não sabia se teria a oportunidade de voltar a pronunciar o nome de Ford. Às vezes dava por si a olhar para o filho com particular minúcia, desesperada por encontrar algum traço do pai, o jovem sardónico e confiante que se aproximara dela na coberta daquele navio e que ela deixara, durante algum tempo e algo equivocadamente, ser a âncora que a amarrara quando vogava sem rumo e lhe permitira encontrar descanso. Tirando algumas luzes de

cobre no cabelo de Ruth quando pegava nele ao colo na luz — ele detestava a luz quase tanto como detestava o escuro, embora os tons e os graus de raiva fossem difíceis de compreender — não encontrava semelhanças. E também não se revia nele, tirando os olhos azuis, mas num tom mais frio, a cor da luz trémula no fundo de uma chama. Pelo menos era o que lhe parecia quando ele os abria o suficiente para que Willa os visse.

Willa ansiava por Ford, ansiava por lhe perguntar que fazer com aquele pedaço de gente barulhento que vinha de ambos e continha tão pouco de cada um. Ford tinha tanta certeza de tudo, que saberia o que fazer também em relação ao filho, como lidar com a sensação pouco familiar do desconhecido. Poucos meses antes, Willa teria dito que não havia nada no mundo que a rodeava que lhe fosse estranho, e, de certa forma, a surpresa foi refrescante. Ou teria sido, se não estivesse tão cansada.

O objetivo dela era descansar, encontrar um ponto de transição. Passaram os primeiros dias juntos na mansão, depois de a terem limpo e arejado e de se terem assegurado de que estava pronta para que se mudassem. Depois saíram juntos de debaixo daquele teto e Willa mostrara a Ford os caminhos escondidos ao longo do rio, embora não lhe tenha dado a conhecer as cavernas que a casa escondia. Às vezes, remavam juntos no rio. Ford anunciara que o cais vazio precisava de um barco e, uma noite, levava remos para casa juntamente com uma canoa, e dera um guarda-sol a Willa, antes de lhe dizer que sempre quisera passar a tarde num rio calmo com uma mulher bonita. O rio nem sempre vogava sereno — às vezes

corria com uma velocidade e uma violência que Willa ouvia da casa —, mas corria tranquilo quando ela estava no barco, e o tempo em que estavam juntos na superfície da água, a comer pequenos piqueniques de bagas e sanduíches levadas num cesto de vime, passava sempre depressa de mais.

Decidiram tentar ter um filho sem sequer discutirem o assunto em voz alta. Willa encontrava objetos levados para casa que não estavam lá antes e todos mostravam a vontade que Ford tinha de ter um filho. A Rakes e Filho recebera um berço num carregamento e Ford dissera entre sorrisos que era um engano, mas levava-o para casa e colocara-o cuidadosamente junto às janelas do quarto no primeiro andar do torreão.

De vez em quando, Ford levava partituras para casa e colocava lengalengas e canções infantis no banco à frente do piano vertical Steinway. Um dia, Willa entrara na biblioteca e vira o cavalo de baloiço feito à mão num canto, a sela vermelha a brilhar contra o fundo azul das paredes. E também encontrava livros: uma manhã deparara-se com o *Um Tesouro Infantil de Poemas sobre a Natureza* aberto na cadeira de baloiço de Ford num poema sobre uma água-viva cujas palavras vibravam ao ritmo da saudade e da perda:

*Primeiro abre-se
Depois fecha-se
Tentas alcançá-lo...*

Willa soubera imediatamente que ficara grávida. Sentira-se mais pesada, mais amarrada ao fluxo imprevisível do

tempo da mansão. Havia muitos livros e histórias que diziam que a sensação se devia aos primeiros movimentos do feto, mas nada parecia movimentar-se, tudo parecia estender-se com uma indolência deliberada. Willa era cautelosa nas escadas, nos passeios, no caminho de lájeas. Esperava que Ford reparasse a qualquer momento e esperava qualquer momento para lho contar. E foi então que a instabilidade que sentira debaixo dos pés na Europa atravessou o vasto oceano e lhe foi parar à porta de casa.

Willa sabia o que era um recrutamento, claro. Não era a primeira vez que via homens jovens a marchar em fardas engomadas com botões polidos apertados pelos dedos pequenos das mulheres que tinham de os deixar ir. Ela nunca tivera de deixar ninguém ir no passado. Mas o eco do desespero que sentia nos olhos de Ford levava-a a decidir, com súbita determinação, que a única coisa que poderia tornar a separação mais difícil seria dizer-lhe o quanto iria deixar para trás. Sentira a forma como os dedos dele se entrelaçaram nos dela, um apego novo e desesperado que seria ainda mais difícil de quebrar se ele soubesse do bebé. Se alguém soubesse, Willa teria de admitir para ela própria o que estava a acontecer: que Ford se estava a ir embora. Que ficaria sozinha de novo. Que já não sabia bem como lidar com a solidão.

O desespero de Willa levava mais uma experiência estranha para a casa: a experiência de estar completamente de acordo com Mildred, cujo terror superava o dela, ao ponto de a mãe de Ford ter sugerido outra viagem para procurar mobília nova, talvez em zonas onde não houvesse tanto perigo, onde não se desse pela

falta de um homem jovem com idade elegível. Em algum lugar onde ele pudesse desaparecer tempo suficiente para ficar em segurança. Willa sentira o coração a vibrar de trepidação e esperança de que Ford aceitasse a sugestão da mãe.

— Esse lugar não existe, mãe. É impossível fugir a isto; é demasiado importante. O melhor é aceitar e seguir em frente — dissera apenas Ford, beijando-lhe o cimo da cabeça, num gesto que parecia servir mais para se livrar dela do que para a tranquilizar. E a verdade é que a mandou de volta para a casa de tijolos vermelhos onde o marido e o pessoal lhe poderiam dar maior consolo. — Quero passar algum tempo com a minha mulher — rematara.

A expressão no rosto de Mildred dizia que Willa nunca seria perdoada pela escolha. A pressão dos dedos de Ford dizia que Willa não precisava de se preocupar.

E, depois, Willa deixara de querer partilhá-lo, até com a pequena vida que sentia a crescer dentro de si. Queria que cada momento em que ele estivesse acordado lhe fosse dedicado por inteiro. Devorava cada momento com uma voracidade insaciável que o bebé emulava e amplificava: ondas de atividade frenética que davam azo a uma exaustão total, e dor e à-vontade indómita de não perder um único minuto que pudesse passar a absorver memórias de Ford, como uma faúlha deixada debaixo de um monte denso de trapos até que as chamas voltassem a acender-se. Às vezes perguntava-se se o bebé a poderia ouvir, se partilhavam pensamentos da mesma forma que partilhavam o sangue e se aquela descida furiosa do júbilo até ao desespero

poderia ser infeciosa. Se o bebé poderia saber de alguma forma que as prioridades de Willa eram outras.

Quatro anos com Ford tinham passado num abrir e fechar de olhos e Willa não era capaz de adivinhar quantas vezes teria de abrir os olhos até que ele regressasse para o seu lado ou se os olhos dele se iriam fechar para sempre. Guardara o segredo só para si e aproveitara as poucas semanas até Ford vestir a farda e marchar pelo caminho de lájeas abaixo para longe dela.

Depois virara-se para dentro e começara a planear o que o bebé iria significar. Tentara restabelecer-se no ritmo da casa sem Ford. As únicas interrupções no curso do tempo aconteciam durante as visitas bissemanais de Ellen para tomar chá. Na terça-feira depois da partida de Ford, a rapariga entrara alvoraçada na casa com um cheiroso saco de papel castanho levemente dobrado em cima, que despejara diretamente no bule de esmalte lascado.

— Trouxe-lhe algo novo. — Vertera um líquido com aroma amargo em cima de mel dentro da chávena de Willa e deslizara a chávena para o outro lado da mesa para que Willa bebesse o preparado. — Chá de folha de framboeseiro. As mulheres da minha família dizem que faz milagres quando estão à espera de um filho. —

Willa abanara a cabeça ao ver o olhar penetrante de Ellen. — Não adianta tentar negá-lo, Sr.^a Rakes. O seu Sr. Rakes é um bom homem, mas um pouco lento de entendimento, se não se importa que eu o diga. E, mesmo que se importe, digo-o na mesma. Dá para ver que é filho único, isso é certo. Eu não sou, tenho irmãos mais novos, e sei muito bem quando uma mulher está de esperanças.

Willa tapara o rosto com as mãos.

— Eu não contei... — Deixara a frase a meio e pousara a mão, absorta, na asa da chávena com o conteúdo intocado.

— Não. Não contou. Porque ele vai voltar. Ele vai voltar, Sr.^a Rakes, e poderá contar-lhe nessa altura. — Ellen estendera a mão para o outro lado da mesa e pousara-a levemente em cima da de Willa. — Mas se não lhe contou nada a ele, certamente não contou...

— À Mildred. Não. Ninguém sabe. — Willa fechara os olhos. — Não posso, Ellen. Não posso conceber perdê-lo, e a mãe dele está aqui, onde ele deveria estar, a tentar meter-se... — Engolira as palavras. — Não sei o que fazer. E eu estás aqui porque ela te pediu...

— Sim. É pena que tenhamos tido um desentendimento.

— Como assim?

— Vou deixar de vir tomar chá aqui. A senhora disse umas palavras terrivelmente ofensivas sobre... bem, deixe-me pensar... a própria Sr.^a Rakes. Algo que confirma tudo o que ela sempre pensou sobre si e justificará o facto de eu não poder voltar cá para conversar consigo, por uma questão de lealdade.

— Mas eu não...

— Não, claro que não. Mas a Sr.^a Rakes é o tipo de mulher que está mais satisfeita e mais serena quando tem razão. Não terá nenhuma razão para a confrontar. Já me disse várias vezes que tem esperança de que o seu marido possa encontrar um «tipo de mulher melhor» enquanto está fora, embora eu não consiga imaginar que tipo de oportunidades é que ela acha que a guerra pode

proporcionar. Mas, seja como for, a Sr.^a Rakes não a vai incomodar e ficará muito contente por saber que eu também não.

Willa sentira um baque momentâneo de perda.

— Mas tu... tu não me incomodas, Ellen.

Ellen sorria.

— Fico contente por saber que é isso que pensa, porque vou continuar a não a incomodar de vez em quando em alguns fins de tarde em que deveria estar a incomodar homens elegíveis de boas famílias. E haverá as visitas do médico, claro, e...

Willa abanara a cabeça, mas depois parara ao ver a expressão de alarme no rosto de Ellen.

— Claro, e agradeço-te a preocupação. Já tenho as consultas médicas tratadas. Não precisas de te preocupar.

Ellen parecia descrente, mas a diferença de classes entre as mulheres significava que ela não podia insistir.

— Está a dizer que não precisa da minha ajuda?

— Eu não preciso de ajuda.

As paredes da casa pareciam-lhe firmes, mas a solidez que transmitiam sustentava-se numa sensação de que Willa se lembrava vagamente de um passado distante, uma altura em que o mundo lhe parecia mais aberto e receber pessoas não parecia um risco muito grande. Antes de a sociedade se fazer Sociedade e de a idade e a fadiga de Willa fazerem com que viver de acordo com as regras de cada época parecesse tão aterrorizante.

— Precisa de mais alguma coisa, então?

Ellen levantara-se para se ir embora.

— O Ford diria que eu preciso de uma amiga. — Willa imaginara o rosto do marido, a forma como se iluminara quando ela abrisse a casa pequena no navio. *Nunca é tarde de mais para começar.* — Se ele tiver razão, eu mando alguém chamar-te.

Willa achava que ele estava enganado. Mas os bebês têm uma forma de fazer planos próprios sem nos consultar. Ruth era pequeno e incompleto, mas sabia o que queria e parecia conhecer os planos de Willa ainda antes de ela os formar completamente. Ruth não era um refúgio. Era um muro de pedra, um muro que excluía e não cercava. Willa empurrava-o para um lado e para o outro, passando pelas amplas portas da mansão, criando sulcos nas tábuas do soalho de madeira que só ela conseguia sentir, enquanto se perguntava como é que o mundo que a rodeava se tinha tornado tão incomensuravelmente cheio de pessoas se era assim que elas começavam a existência.

Já tinha visto crianças, claro, tinha até forjado amizades suficientemente longas para as ver a gatinhar, a andar e a crescer até chegarem à idade adulta. Em gerações passadas, vidas passadas, quando os visitantes eram mais frequentes e o refúgio — e a própria Willa — estavam menos fechados, as crianças que visitavam a casa flutuavam pelas diferentes divisões como que por encanto, e o encantamento era correspondido pela casa, que acolhia a presença, a curiosidade e as gargalhadas de cada uma. As crianças tinham uma receptividade à magia da casa de que os adultos pareciam carecer. Mas, à medida que a separação entre a mansão e a sociedade que a rodeava evoluiu e se aprofundou, a sobrevivência de Willa dependia

de manter uma distância de segurança em relação à curiosidade alheia, fosse de crianças ou de adultos.

Antes de Ruth, Willa nunca tivera um bebê nos braços por mais do que um instante ou dois de desconforto. Depois de Ruth? O desconforto era infundável. Trouxera-o ao mundo e ele parecia determinado a nunca a deixar esquecer-se do que isso significava: ela era a única culpada por tudo o que aconteceria depois. Mesmo que, naquele momento, isso significasse apenas que ele iria gritar até lhe apetecer parar. E nunca lhe apetecia parar.

A Willa também não, mas sentia que a saudade de Ford era demasiado profunda para se esgotar num grito. Estava enraizada na raiva que sentia em relação a si mesma por ter acabado por se apoiar tão completamente na ligação a um homem, não obstante tudo o que sabia sobre a humanidade e tudo o que a longa vida lhe ensinara sobre o seu carácter passageiro. A felicidade com Ford permeara-lhe o mundo de tal maneira, que a partida do marido colocou tudo o que o mundo carecia em franco relevo. Willa enrolara-se em sofrimento em volta do filho em desenvolvimento de ambos e acreditava, em retrospectiva, que a dor, o medo e a raiva se tinham infiltrado nos pequenos ossos de Ruth desde o início. E esses sentimentos combinavam com uma alma que era mais velha do que o corpo que ocupava. Não tinham partilhado nenhuma ideia, isso era certo. Mas ele tinha absorvido a ira de Willa para com um mundo que lhe tinha tirado algo. Ruth não tinha interesse em retribuir. O mundo estava em dívida para com ele, ou, pelo menos, era o que ele parecia pensar.

— Recebemos uma carta do teu pai, Ruth.

O filho não parou de berrar e lançou-lhe um olhar de soslaio enquanto sorvia mais um longo trago de ar. Ambos sabiam que a carta era antiga. As palavras já bem conhecidas cobriam chão que ambos já tinham pisado dia e noite e Willa leu as mesmas frases em voz alta uma vez e outra desde que o envelope castanho que as envolvia caiu da ranhura para o correio.

Ford não podia dizer a Willa onde estava. A linguagem que usava era reservada de uma forma que o homem propriamente dito nunca fora, e a reserva aumentava a distância muito além do oceano que os separava. Ford contava histórias curtas com pormenores dispersos: as cores nos campos em que marchava, a forma como a brisa lhe batia no rosto quando chovia. Falava vaga e indistintamente da perda de homens sem nome, embora Willa sentisse a dor de outras mulheres insones com filhos aos berros, corações alheios que se sobressaltavam de medo a cada carta recebida.

Ford não escrevia nada sobre Ruth. Não podia fazê-lo, porque ainda não sabia sequer que tinha um filho. Quando as cartas chegavam e quando Willa enchia as páginas brancas de papel sedoso com a letra fina e incerta em resposta, não conseguia decidir se contar-lhe era um ato de bondade ou de crueldade. Parte dela sentia ciúmes de uma forma que era completamente nova para ela: queria ser a única amarra, a única razão que ele tinha para voltar. Tivera esperança de ter uma filha, uma imagem espelhada de si própria, que pensava poderia tornar a transferência mais fácil quando o momento chegasse. Que, quando

chegasse o momento, iria surpreender e deliciar Ford assim que ele voltasse pelo caminho de lájeas. Uma filha seria a cereja no topo do bolo do regresso de Ford, mais um elo na corrente que os ligava. Uma menina como ela, uma nova Senhora da Casa, a obter poder das chamas que ardem debaixo da terra. Alguém que Willa saberia como ensinar, como preparar e, um dia, quando chegasse o momento, como deixar para trás.

Quando viu que era um menino, o choque de Willa foi a imagem espelhada do do filho. Chamar-lhe Rutherford era um feitiço que esperava que resultasse: algo que o tornasse mais familiar e a levasse de volta ao caminho que planeava percorrer. Mas não, Ruth ignorara os esforços da mãe e a mãe em si. A insatisfação palpável que ele sentia devia-se, em parte, ao facto de saber que a teria apenas a ela durante algum tempo.

O desespero de Willa era tão completo, que, poucos dias depois de ele nascer, a relutância que sentia em escrever sobre Ruth deu lugar a uma profunda desconfiança de que não deveria falar sequer sobre ele. Willa não tinha a certeza do que sentia. Não tinha, sequer, vontade de descobrir uma forma de fazer referência à situação nas cartas igualmente vagas que escrevia a Ford, quanto mais contar-lhe tudo de uma vez. Em vez disso, limitava-se a escrever-lhe histórias simples sobre o tempo e o passar das estações, palavras que ela esperava que lhe recordassem o lugar que tinham partilhado e que o mantivessem vivo até poder regressar. E depois? Depois resolveriam as coisas juntos, uma palavra cujo valor Willa tardara em descobrir.

Entretanto, sentia que não tinha ninguém. Usou o telefone silencioso e pouco familiar que Ford insistira em adicionar à mansão e discou o único número que já tinha usado: o do telefone do armazém para onde Ford ia trabalhar todos os dias. A voz brusca que atendeu o telefone do outro lado levou-lhe as lágrimas aos olhos, tanto porque não era a de Ford como porque era a de Ellen.

— Rakes e Filho, para onde devo encaminhar a sua chamada?

— Ellen.

— Sr.^a Rakes? — A voz de Ellen baixou para um sussurro.
— Está tudo bem?

— Podes vir aqui?

— Agora? É o bebé? É...

— Quando puderes. Por favor. — Willa endireitou-se com uma confiança que não sentia, com medo de pedir ajuda e com medo de não pedir.

— Já alguém lhe disse que é um osso duro de roer, Sr.^a Rakes?

Willa olhou pela janela da cozinha, a agarrar no auscultador do telefone e a ver os carvalhos a balançar em curvas suaves em direção ao rio.

— Nunca soube como ser de outra maneira. Mas ele está tão zangado, Ellen. Nada do que eu faço parece correto. Não durmo há dias e se não ouvir outra pessoa a falar em breve, acho que posso...

— Parece que tem um bebé aí consigo, Sr.^a Rakes. — A gargalhada de Ellen do outro lado da linha era o som mais bonito que Willa se lembrava de ouvir em meses. — Eu

tinha planeado ir ao cinema esta noite, mas, de qualquer maneira, preferia ver o novo membro da sua família. Vou aí quando as lojas fecharem e levo algo para comer. Mas a senhora não precisa de muita conversa, pelo que percebo. O que precisa é de alguém que segure esse bebê nos braços enquanto dorme um sono. — A voz de Ellen era daquelas que soavam como o sorriso. — Felizmente, isso é algo que eu pratiquei bastante a vida inteira.

Willa pousou o telefone e olhou para Ruth no carrinho, onde tinha adormecido enquanto ela falava: uma novidade.

— Vamos ter uma visita, Ruth.

Sentou-se ao lado do carrinho, alongou-se no chão duro, esticando a coluna ultimamente sempre dobrada, e caiu num descanso inquieto que durou até Ellen bater na ampla porta da frente.

Não foi suficiente para ancorar Willa, à deriva na corrente interminável de expectativa pelo regresso de Ford. Mas foi suficiente para dar a Ruth outra pessoa na casa, o que reduziu o foco da animosidade que tinha para com a mãe, pelo menos durante uns tempos. Embora as visitas fossem irregulares, uma vez que trabalhava na Rakes e Filho e vivia na casa da família, Ellen aparecia no alpendre vezes suficientes para Willa sentir algum tipo de alívio, ao vê-la a levar Ruth para um passeio, a ler-lhe na biblioteca e sempre a procurar — com parco sucesso — levar a criança para a órbita da mãe na tentativa de a convencer a ficar lá. Às vezes, Ellen convencia Willa a juntar-se a ambos em passeios longe da casa. Andavam os três pelo caminho de pedra do parque público da cidade, compravam um gelado a Ruth e, por momentos, pareciam

tão saudáveis e felizes que um dia um fotógrafo lhes tirou uma fotografia, juntando-os a várias outras famílias num artigo sobre um domingo no parque no jornal local, uma narrativa gráfica leve destinada a animar as mulheres que ainda estavam à espera de que os seus soldados regressassem. *Duas senhoras e uma criança aproveitam o dia.* Momentos de normalidade a tentar esquecer o que nunca mais voltaria a ser normal.

Willa não sabia, antes de se tornar mãe, que o rio do tempo em que tinha passado a vida inteira tinha diferentes fluxos e refluxos que podiam ao mesmo tempo abreviar cada momento e alongá-lo até ao infinito, e flutuava pelas ondas enquanto cuidava de uma criança que parecia desprezá-la.

Volta para mim. Ficava junto à janela com vista para a ampla curva do rio a ver a luz cintilante da superfície da água a correr em direção ao oceano que a separava de Ford. *Volta para mim.* As cartas de Ford cessaram, os dias passavam e o tempo seguia em uníssono com os soldados que nunca voltavam.

Até que um regressou, abriu o portão de ferro a ranger e subiu o caminho de lájeas numa reconstituição desconexa e irregular dos passos com que Ford marchara para longe dela.

O soldado era parecido com Ford, tinha os mesmos olhos azuis, o mesmo cabelo castanho-claro com luzes arruivadas. A voz era a mesma. Mas, quando Willa o olhou nos olhos, não viu nenhuma ligação, apenas um olhar perdido em terras que não conhecia. A voz não ressoava, não tinha um laivo do humor malicioso de Ford.

Foi necessária mais uma espiral no curso do tempo para Willa reconhecer, e ainda mais tempo para aceitar, que, afinal, Ford nunca chegou a voltar para ela.

Parkhurst, Arizona, 2015

Pensei que tinhas dito que lhe tinhas enviado o meu endereço de *e-mail*? — Myra tentou soar despreocupada.

Depois da rápida troca de mensagens de texto entre Gwen e Alex Rakes no dia anterior, Myra retomou o trabalho na Mansão a tentar focar-se em alcançar a luz certa para o molho espalhado nos pequenos frangos assados na sala de jantar. Não iria consultar a conta de *e-mail*. Não havia razão nenhuma para consultar a conta de *e-mail*. Leria o que quer que ele fosse escrever às 15h15, a hora que tinha agendado para leitura de mensagens de *e-mail*, e nunca antes.

Desceu as escadas e preparou um chá, obrigando-se a ficar junto ao fogão a olhar para a chaleira silenciosa, determinada a contrariar a teoria de que uma chaleira nunca ferve quando está a ser observada. Encheu duas canecas com saquetas de chá de camomila com deliberada lentidão e levou uma das canecas ao quarto da mãe, onde encontrou Diane a dormir com um braço cruzado sobre os olhos como que a bloquear o dia. Pousou a caneca na mesinha de cabeceira e saiu para o corredor com o passo incerto, a tentar orientar-se pelos corredores estreitos cheios de caixas, que ela e Gwen ainda estavam a tentar

classificar e tirar da cabana, a abanar a cabeça. *Não vou olhar não vou olhar não vou olhar.*

Aguentou vinte minutos.

Nenhuma mensagem de *e-mail*.

Não tinha dormido bem e, quanto mais tempo olhava para a caixa de entrada vazia, mais se convencida de que teria de haver algum engano. As instruções de Gwen deveriam ter alguma gralha e a mensagem de Alex deveria estar algures no frio do ciberespaço, rejeitada e sozinha. Ligou para Gwen em pânico.

— Escreveste austríaca ou vienense?

— Já alguma vez te passou pela cabeça que um endereço de *e-mail* como `salsichaaustriaca@minimansao.net` pode aumentar o risco de receberes esses anexos cheios de pénis que tanto te assustam? — O som de Gwen a digitar aumentou de velocidade, o que Myra percebia que era um sinal de que a amiga não lhe estava a dar toda a atenção. — Eu escrevi bem o endereço, Myra. Ele pode estar ocupado. Ou talvez esteja com tanto medo de te escrever como tu de lhe escreveres a ele.

— Eu uso endereços que acho que as pessoas não vão adivinhar. É por isso que és a titular da conta. Seja como for, eu não tenho... assim tanto medo de lhe escrever.

— Já lhe escreveste?

— Não.

— Eu enviei-te o endereço dele por mensagem.

— Eu sei.

— E era tão chatinho como o teu. Só um tipo que estás destinada a conhecer é que usaria um trocadilho no

endereço de *e-mail*: bricabrakes@portafechada.net? Meu Deus. Deve ter comprado um domínio só para escrever uma frase. É perfeito para ti.

— Até parece que eu sou uma grande fã de trocadilhos.

— És uma grande fã de palavras e uma grande fã de tiradas espirituosas, sobretudo de tiradas espirituosas que na verdade são bastante estúpidas. Bem. Ainda não tiveste notícias dele. Queres que eu me arme em psicóloga ou quê? *O que é que isso te faz sentir, Myra?*

— Para com isso. Eu estou perfeitamente bem. Como disseste, provavelmente o homem está ocupado.

A Mansão começou a tocar uma música baixinha e Myra esforçou-se por ouvir, reconhecendo finalmente as notas gémeas da «Valsa dos Palitinhos». O piano da biblioteca da Mansão era uma caixa de música que tocava um estudo de Chopin, não alguns compassos de uma canção que uma criança de cinco anos seria capaz de tamborilar, mas Myra nunca era capaz de prever as canções saídas da casa. Normalmente só ouvia músicas a meio da noite, mas era de manhã e a luz refulgia pelos grãos de poeira a pairar no sótão.

— Hoje estou aqui ocupada com uma coisa. Precisas de mais alguma coisa ou só que te diga para te acalmares?

— Não. Era sobretudo isso.

— Está bem. Acalma-te. Logo à noite ligo-te para ver se podemos discutir mais alguns detalhes sobre os vencedores do concurso, senhor do trocadilho tonto incluído. De certeza que não vamos demorar a ter notícias dele.

Myra ouviu uma notificação do computador no momento em que as últimas notas da «Valsa dos Palitinhos» esmoreciam como se ela as tivesse imaginado. Abriu a conta de *e-mail* e viu uma única mensagem, de bricabrakes.

«Já alguém lhe disse que um endereço de *e-mail* baseado numa salsicha condimentada pode convidar a mensagens picantes?» começava a mensagem. Myra sorriu e o tempo deixou de correr à volta dela enquanto o lia. «Comecei a escrever esta mensagem pelo menos uma dúzia de vezes e apaguei-a pelo menos uma dúzia de vezes. Não faço ideia do que devo dizer, pelo que decidi fazer disto um exercício de escrita livre como os que costumava ter quando estava na universidade. Estudei Língua Inglesa, o que não duvido que achará chocante à medida que me for lendo. Agora que li todo o seu blogue, tenho a sensação de que quaisquer ilusões que eu tivesse relativamente à minha própria capacidade de escrever caíram por terra. Há poucos dias, não diria que uma pessoa me pudesse deixar interessado por uma casa de bonecas no Arizona ou a pensar que uma casa de bonecas não é algo absolutamente sinistro. Mas chegámos a este ponto: ontem, no trabalho, vi uma pessoa a olhar para a página da Minúscula e a falar sobre “a casa de bonecas” e corrigi-a. Disse-lhe que não era uma casa de bonecas, tal como a Myra costuma dizer. E fiquei genuinamente sentido! Como se aquela pessoa não tivesse conseguido perceber bem o objetivo da Mansão. Embora, para ser sincero, eu também não saiba ainda muito bem qual é. Mas não é ser um brinquedo. Isso eu sei.»

Myra sentiu a pulsação a acelerar. O computador brilhava com arcos-íris recortados e ela deixou de lhes procurar a

origem quando reparou que o lustre de cristal da biblioteca rodava devagar sob a luz da manhã. Continuou a ler.

«Ontem, a meio da noite, acordei de um pesadelo sobre um baile — eu era a única pessoa no local — e ouvi música lá em baixo. Não acredito que estou a escrever isto, porque vai parecer que sou louco e a Myra ainda não me conheceu, mas juro que sou das pessoas mais normais que alguma vez poderá encontrar. Mas, pensando bem, já pode estar a pensar que há algo em mim que não bate certo porque eu disse que a Mansão é verdadeira e que vivo dentro dela. E eu reconheço que isso é o perfeito oposto do normal. A sua agente publicitária parece ser suficientemente perspicaz para conferir estas coisas, pelo que espero que, quando ler esta mensagem, saiba que não estou a inventar nada do que estou a dizer. E também não estou a inventar quando lhe digo que esta casa não tem um piano desde que eu era pequeno, muito pequeno. Mas ouvi um piano. Desci as escadas para descobrir de onde vinha a música e vinha da biblioteca, onde dantes havia um piano. Onde a minha avó costumava tocar, antes de ter desaparecido. O retrato dela ainda está lá pendurado. E é igualzinho ao seu.

» Onde é que foi buscar essa casa? Onde é que foi buscar o retrato? Quem é que a cortou... eu sei que não foi a Myra, tenho essa certeza e não sei porquê. Como é que isto está a acontecer? Não consigo dormir à noite. Olho para o teto de um quarto do qual existe uma versão mais pequena noutro lugar, onde as mãos de outra pessoa movimentam mobília que pensei que tinha sido eu a escolher e pergunto-me se essas mãos também me movimentam a mim. Pergunto-me

se quero que o façam. Pergunto-me como serão e como será a pessoa a que pertencem.

» Tenho muitas perguntas e sei que a Myra também tem. Não sei por onde começar. Por isso vou começar por aqui: por carregar no botão enviar, colocar estas palavras à sua frente e esperar que saiba o que fazer com elas. Porque quanto mais penso no assunto e quanto mais penso nesta situação em que me encontro — ou em que nos encontramos os dois —, mais penso que a Myra é a única pessoa no mundo que me pode ajudar a juntar as peças deste quebra-cabeças.»

Lockhart, Virgínia, 1948

Depois de o Sol se pôr e as últimas centelhas de luz recuarem da superfície do rio atrás da mansão, de ouvir a respiração lenta e homogênea do marido atrás da porta fechada do quarto e de Ruth permitir que ela lhe desse boa noite — não deixava que o beijasse, isso quase nunca, mas pelo menos deixava-a partilhar com ele algum sinal de que um dia estava prestes a acabar e outro a começar —, Willa podia, enfim, dedicar-se à música.

Tentava tocar baixinho, sempre com os dedos leves nas teclas. Começava com escalas e exercícios simples até a memória muscular assumir o comando e a levar para onde quer que a música quisesse ir, para os compassos que saíam de dentro dela. Muitas formas antes, a casa fora menor e servira de taberna para viajantes intratáveis ao longo do rio, antes de os rumores sobre uma Senhora se terem espalhado de tal forma, que foi preciso mais uma geração para que amainassem. Mas a música dos viajantes ampliara o espaço, fizera com que o refúgio parecesse maior e mais completo e, quando ela regressou, instalou um piano. Ficara lá desde então, embora a sua forma se tivesse alterado ao longo do tempo e a música tivesse

evoluído ao sabor das suas capacidades. O que não lhe faltava era tempo para aprender.

Quando se mudara para a casa, Ford sentava-se junto à lareira numa cadeira de baloiço gémea da versão em miniatura que oferecera a Willa no navio. Lia o jornal ou consultava cartas e catálogos de empresas de móveis do mundo inteiro, enquanto ouvia Willa a tocar piano. Levava-lhe partituras com a mesma frequência com que lhe levava flores e gostava tanto de canções novas como dos livros novos com que enchia a biblioteca. Nas noites em que Willa não tocava, ele lia-lhe em voz alta. E enrolavam-se juntos no tapete em frente da lareira em noites frias enquanto o tempo passava à volta deles.

O homem que regressou dos campos de batalha da Europa não suportava o som da música. Se ouvisse um som inesperado ficava prostrado no chão ou, às vezes, começava a andar descontroladamente pela casa em fúria. Na primeira vez, quando Willa tocou um estudo que era um dos favoritos de ambos em tempos idos, a fúria de Ford fora tão repentina e tão incandescente, que ele fechou a tampa do piano com força sobre os dedos arqueados de Willa e nem o grito que ela deu o trouxe de volta do local onde tinha cabeça, fosse ele qual fosse. Quando Ford saiu da biblioteca a correr, Willa encontrou a tranqueta da estante retrátil e refugiou-se no coração da mansão, onde ficou escondida até ouvir silêncio e o encontrar inconsciente na cadeira de baloiço depois de sair. A dormir, parecia exatamente o homem que ela amava. Enrolou-se no tapete junto aos pés dele. *Volta para mim.* Pensou as palavras —

não ousou sequer sussurrá-las — porque esperava que uma parte dele a ouvisse e que essa fosse a parte que acordasse.

O resto dele era algo que ela temia. Tentava não o mostrar, não a ele, não a Ruth e muito menos a Mildred, que aparecia sem avisar na casa para «dar uma ajuda», que consistia em sentar-se numa cadeira na sala a fazer festas a Ruth enquanto criticava Willa até ficar suficientemente aborrecida para chamar o motorista e voltar para casa, sempre a tentar, debalde, convencer Willa a deixá-la levar Ruth para lhe «dar algum descanso». Um dia, uma destas visitas inesperadas colidiu com uma das de Ellen, e Mildred escondeu a raiva perante o que era claramente uma relação consolidada, para não lhe chamar amizade devido à diferença de estatuto entre ambas. Cerrou os dentes educados e disse num murmúrio que Willa fora muito inteligente ao recorrer aos serviços de Ellen «depois de um desentendimento tão grande», mas olhou para Ellen com uma carranca que prometia um confronto futuro por não lhe ter dito que ia ter um neto, cuja existência só acabou por descobrir, para sua grande surpresa, depois do regresso de Ford.

Willa escondia os olhos debaixo de compressas frias para ocultar as noites sem dormir, uma vida a andar em bicos de pés a pisar cascas de ovos. As saídas esporádicas de Ellen com Ruth davam a Willa sucessivas oportunidades de tentar sentar-se com Ford e procurar alguma sombra do homem que conhecera. Em alguns dias, ele deixava-a sentar-se ao lado dele e segurar-lhe a mão e ficavam ambos em silêncio, embora Ford não tocasse nas bolachinhas que costumava adorar com o chá. Nada ajudava. E aqueles

momentos de silêncio eram breves no contexto dos acessos explosivos e inesperados de terror, dos súbitos assomos de raiva e dos pesadelos que o acordavam.

Quando Ford e Ruth adormeciam finalmente, Willa podia regressar ao piano e mergulhar na música. Tinha de se controlar; se se deixasse levar por completo, o volume da música começava a subir aos poucos pela casa e a realidade das circunstâncias em que se encontrava descia as escadas com o passo retumbante para gritar com ela. Ficava sempre mais calma quando tocava algo que ele costumava gostar. As canções que juntavam as notas em compassos de alegria e tristeza podiam levar-lhe as lágrimas aos olhos, mas chorar ajudava-a a sentir-se melhor e a água que lhe escorria no rosto confluía com a água do rio que passava pelas cavernas debaixo da casa. O *Prelúdio em Lá Maior*, Op. 28, n.º 7 de Chopin era curto, uma peça que podia tocar nos momentos em que não conseguia dormir e cuja melancólica progressão lenta do modo maior para o menor emulava o seu próprio humor. Se pusesse a música clássica de lado e optasse por algo mais contemporâneo, tocava «Solace» de Scott Joplin, uma canção com um nome muito bem escolhido, tocada a partir de uma partitura que Ford lhe encontrou numa livraria numa das viagens de compras que costumavam fazer noutros tempos. A memória era agri-doce, mas, pelo menos, trazia-lhe algum conforto apesar das reminiscências de Ford, que tinha finalmente caído num sono leve e inquieto no quarto acima da biblioteca, onde dormia sempre sozinho.

Um dia, Willa sentiu alguém na biblioteca com ela quando tocava o «Claire de Lune» de Debussy e, quando se virou, viu Ruth em pé no escuro com o xadrez do pijama de flanela a absorver a luz e o calor das últimas chamas da lareira. Lá fora, o ar de agosto pairava quente e queto na bruma da Virgínia, mas a casa estava tão fria como o coração vazio de Willa. A lareira acendera-se sem nenhum esforço consciente da sua parte. A mansão tentava mantê-la aquecida.

Estendeu as mãos para o filho e tentou não se encolher de desilusão quando ele se afastou para trás e a olhou com um ceticismo muito mais velho do que a idade que tinha.

— A avó diz que eu vou ter de me ir embora para a escola em breve.

Willa suspirou. Ruth só tinha cinco anos. Fisicamente, era um rapaz pequeno. O espírito parecia mais velho e Ruth falava com Willa como se fossem iguais e não mostrava grande amor pela mãe. A hostilidade, a impaciência e a raiva de Ruth pareciam vir de lugares mais fundos do que aqueles que um corpo pequeno era capaz de guardar, e Willa sabia que ele a culpava pela amostra de pai que vagueava pelas divisões do andar de cima, que nunca tinha interesse em jogar à apanhada ou em dar um passeio ou em fazer qualquer uma das coisas normais e corriqueiras que qualquer filho poderia esperar de um pai. Ruth tinha muito poucas pessoas no mundo e duas delas — Mildred e Theodore — odiavam a sua mãe. Uma terceira estava irremediavelmente destroçada. Pela simples lei das probabilidades, a responsabilidade por tudo deve ser atirada para cima dos ombros dela.

Quando Ford voltara a arrastar-se pelo caminho de lájeas, o acolhimento que recebera não fora nada do que Willa desejara. Em vez de uma menina de cabelos com caracóis a cair sobre os ombros, tinha um menino rabugento, a amuar numa camisa de linho e em calças curtas que ela própria tinha costurado. Nunca dissera a ninguém que estava grávida e só Ellen percebera, o que não fora suficiente para não ser afastada durante o pouco tempo em que Willa estava determinada a tratar de tudo sozinha. Willa nunca fora às compras nem comentara a chegada iminente do rebento nem voltara para casa carregada de sacos para um bebê bem vestido. Quando Ruth nascera, Willa tinha o berço e a espreguiçadeira que Ford colocara no quarto do torreão. Tinha pilhas de tecido que bordara para fazer correr o tempo. Não tinha absolutamente nenhum desejo de dizer a ninguém — e muito menos aos pais de Ford — que tinha um filho. Estava determinada a não contar nada a absolutamente ninguém antes de o contar a Ford.

Mas a versão de Ford que regressara à mansão não acolhera a notícia com alegria. Na verdade, a alegria parecia algo tão alheio a Ford como as terras de onde voltara. Pestanejara de perplexidade para Willa e para o menino de olhos arregalados que empurrava um carrinho de rolamentos nas amplas escadas da frente da casa. Depois dissera que estava cansado e passara por Willa para subir as escadas para um quarto que nunca fora o dele. Willa pensara que o silêncio iria acabar depois de ele descansar, mas só aumentara até ela pensar que a podia matar. Antes de pensar que o próprio Ford o poderia fazer. Nunca havia nada de permeio. E quando mandara dar a

notícia aos pais dele — desesperada por algum sinal do homem com quem se casara e com esperança de que eles pudessem ter uma ideia de como o recuperar —, os arrulhos e os dedos inquietos e invasivos de Mildred conduziram Ford a uma fúria que os assustara a todos. E a culpa era nova e claramente de Willa.

E o tempo voltara a correr e a absorver cada momento com uma sofreguidão diferente daquela que inundara o passar dos dias antes da partida de Ford para a Guerra. Os anos da primeira infância e da meninice de Ruth bem como os momentos marcantes passados com Mildred e Theodore, a salvo de Ford e da própria Willa, foram passando. E ali estava ele, com cinco anos, a olhar para ela a tocar piano com a mesma impaciência que impregnava todas as interações de ambos.

— Mãe. Estou a falar contigo. A avó diz que eu me vou embora para a escola em breve.

A mãe e o pai de Ford passavam longas horas em reuniões, para as quais Willa não era convidada, a discutir as vantagens da Saint Thomas Academy, um colégio interno nas montanhas longínquas nos arredores de Asheville, gerido com precisão militar por um primo distante de Mildred. Willa lembrava-se das raras descrições que Ford lhe fizera do pouco tempo que passara no colégio. Antes de ir para a guerra e ser assombrado por outras coisas, Ford parecia assombrado por memórias da escola, que nunca eram felizes.

Willa estendeu as mãos para o filho.

— Vou falar com a tua avó sobre isso, Ruth. E o teu pai também.

Ruth entrefechou os olhos.

— Sabes bem que o pai não vai falar sobre isso. Ele não fala sobre nada, mãe. Sabes muito bem disso.

Willa suspirou.

— Eu sei. Mas uma parte dele ainda está aqui, Ruth, e eu quero que ele tenha uma palavra a dizer.

— Eu quero ir. E sabes que eu odeio esse nome. Eu chamo-me Rutherford. A avó chama-me Ruther. Ninguém me chama Ruth.

— Ainda és tão novo, querido...

Uma outra criança poderia fincar os pés ou fazer uma birra, mas o filho de Willa era capaz de mostrar raiva sem mexer um músculo, como se a gravidade do mundo revolvesse lentamente em volta do seu pequeno corpo. A voz de Ruth fez-se mais baixa.

— Já tenho idade suficiente para me ir embora.

— Já tens idade suficiente para ir para a escola, mas essa escola é muito, muito longe.

Ruth sorriu com a expressão estranha de uma ave exótica a tentar fugir da sala.

— A avó diz que é muito organizado.

— É o que parece, sim. É isso que tu queres?

— Sabes bem que é o que eu quero.

— A mãe ficaria tão triste por te ter tão longe daqui.

— Eu não ficaria triste. A escola tem muita gente, não é como esta casa. E temos de voltar para casa nas férias. O avô diz que tem lagos cheios de peixes e florestas cheias de veados e que eu posso aprender a pescar e a caçar e passar muito tempo ao ar livre, e os instrutores certificam-se de

que todas as pessoas seguem as regras e há muitas, muitas regras. Não é como aqui.

Ruth era tão diferente de Willa. Tão diferente de Ford, ou da pessoa que Ford costumava ser, antes de voltar uma sombra do que era. Todas as frases que saíam da boca de Willa pareciam chegar-lhe com o significado oposto ao que ela pretendia; todas as palavras eram vistas como um remoque ou mais uma prova da total falta de entendimento da parte dela. E havia a questão da transferência, mas Willa sentia uma fadiga que lhe penetrava os ossos, que era mais profunda do que as cavernas escondidas debaixo da casa. O momento estava a chegar, se Ruth estivesse preparado, mas ele resistia-lhe de forma tão absoluta — com uma raiva tão inextirpável do seu pequeno corpo —, que ela não conseguia encontrar nenhuma forma de lhe penetrar o espírito.

Antes de Ford ter partido, Willa permitira-se acreditar que iria poder começar a descansar, a desaparecer, e deixar o fardo que carregava em novas mãos. Por acreditar nisso, dera à luz uma criança. E a criança rejeitara tudo o que ela era ou poderia ser. Mesmo assim, uma parte dela pensava que, com mais tempo, com mais amor, haveria uma forma de levar Ruth para o calor do refúgio, uma forma de o convencer a ver a beleza daquele lugar de que desejava fugir e a que era claro que não conseguia estar amarrado. O esforço levaria tempo e seria tempo que Willa não teria se ele fosse enviado para uma escola longínqua. A ideia de que iria ter outra oportunidade — antes de perder a força de vontade e decidir dissipar-se por completo — parecia remota ao ponto de se tornar impossível. Tinham

passado séculos incontáveis até a oportunidade chegar e estava a escapar-lhe com a mesma fluidez da corrente do rio.

— Queres mesmo ir?

Ruth cerrou a boca.

— Quero mesmo ir-me embora. Ficaria feliz se me fosse embora.

Willi fechou os olhos e tentou lembrar-se do que sentia quando o carregava dentro dela durante aqueles longos meses que passaram depois de Ford partir para a guerra. Tentou lembrar-se de um tempo anterior em que entrelaçava as pernas nas de Ford e o ouvia a ler-lhe poesia em voz alta. Tentou lembrar-se do que sentia.

— Quero que sejas feliz, Ruth.

Ele assentiu-lhe com a cabeça.

— Boa noite, mãe.

A palavra caiu com o estrondo de uma definitividade que ecoou ao longo de anos.

— Boa noite, meu doce menino.

Parkhurst, Arizona, 2015

Caro Alex», escreveu Myra e o cursor piscou à frente dela. Myra apagou o que tinha escrito.

«Olá, Alex.» Voltou a apagar.

«Alex, viva. Recebi a sua mensagem. Isto é tudo TÃO ESTRANHO, não é? Tipo, por onde é que havemos de começar?» Carregou com tanta força no teclado para apagar as palavras, que parecia que o ia partir. Nada lhe parecia bem. Nada lhe parecia normal. As rotinas pareciam estar de pernas para o ar, os sonhos eram interrompidos quase todas as noites pelos sons vindos do sótão.

Nos quartos do andar de baixo da cabana, Diane continuava escondida entre as pilhas cada vez menores de mercadorias empacotadas, uma vez que Gwen continuava a levar encomendas no *BMW* para o correio, onde os empregados, confundidos, continuavam a enviar caixa atrás de caixa para ávidas compradoras do eBay à espera das peças *Valentino*, *Louis Vuitton* e *Hermès* ainda com as etiquetas no lugar. Myra ouvia a voz aguda dos protestos da mãe, mas não as palavras, a que Gwen respondia com um bombardeamento de instruções — *esqueça isso, não pode ficar com eles, sabe muito bem que não pode ficar com nada disto*. Os dons de persuasão de Gwen eram mais

eficazes do que os de Myra em toda a linha, até quando tinha de falar com os pais de Myra. Incontáveis noites a dormir na cabana, inúmeros jantares de piza e infintos alugueres de cassetes de vídeo todos provocados por Gwen — ideias de Gwen, planos de Gwen, execução de Gwen — e a família de Myra foi levada pela corrente. Myra não se importava nada de a deixar gerir aquela última crise, tal como tratava de tudo o resto. E nunca soubera como lidar com a mãe. A descoberta da dívida fora uma surpresa, mas as explicações melancólicas que ela dera não. Diane sempre parecera desejar uma vida diferente e culpar Myra — ainda que inconscientemente — pela vida que tinha. Diane nunca o disse, mas Myra sentia-o.

Era mais difícil senti-lo no sótão, onde cada passo nas escadas era o eco de mais um ano de distância, outra forma de negar aquilo em que a relação entre elas se tornara.

Como explicar tudo isso a Alex? Como explicar o que quer que fosse: a cabana, o risco de a perder, a Mansão, ela própria?

Começou de novo e, em vez de encontrar um início para a história, atirou-se diretamente para o meio.

«Alex, a biblioteca da Mansão tem um lustre de cristais em cima da lareira que não estava lá antes de eu ver a sua fotografia na Internet, e eu sinto que sabia — tal como a Mansão sabia — que eu estava a olhar para si. Sempre teve personalidade e fez coisas que eu não conseguia explicar e, ao longo dos anos, aconteceram algumas coisas sobre as quais nunca falei na Internet porque não precisava de mais provas a correr pelo mundo de que sou uma reclusa louca que fala com uma casa de bonecas no sótão. Ainda nem

sequer contei à Gwen, e conto-lhe quase tudo. Mas estou a contar-lho a si porque o Alex é a única pessoa que eu acho que poderá compreender. O Alex está a viver esta estranheza em tamanho real. Eu posso fechar a minha, que tem dobradiças e fivelas de latão, e fazer de conta que não existe por uns tempos, ainda que me esteja sempre a chamar com música e estrondos e estrépitos. Posso fazer de conta que existe uma divisão entre a minha vida em miniatura e a minha vida real, embora possa haver quem diga que a minha vida real é muito pequena.

» Perguntou-me sobre o retrato. A resposta é que não sei quem a cortou. O que lhe posso dizer é que chorei quando vi o corte. Senti o corte no meu rosto. Um dia, era eu pequena, subi as escadas e uma parte da Mansão estava destruída. A casa estava aberta, embora eu a tivesse deixado fechada e tudo o que se podia quebrar estava em pedaços. Levei uma eternidade a reconstruir tudo o que tinha perdido, mas consegui. Nas histórias que me contava para eu dormir, a Trixie dizia que tudo o que acontece na casa já aconteceu antes e continua a acontecer e voltará a acontecer, porque o refúgio tem memória. Sempre foi um lugar cheio de memórias e não havia dúvida — mesmo quando eu era muito pequena — de que eu não a podia deixar ficar em pedaços. A Trixie deixou-ma porque sabia que eu a protegeria. Por isso, reconstruí-a.

» Adiante. O retrato foi doloroso, mas, pelo menos, ainda lhe podia ver o rosto. A Trixie, a minha avodраста de que tanto falo nas minhas publicações, chamava-lhe sempre a Senhora da Casa. Foi a Trixie que me deu a Mansão Minúscula; a casa era dela e grande parte do que está no

interior também era. A Trixie casou com o meu avô quando eu tinha dois anos e morreu quando eu tinha cinco, e não há um dia que passe em que eu não sinta que aqueles três anos continuam presentes na minha vida — continuam a definir-me enquanto pessoa — como quando eu era pequena. A Trixie compreendia-me de uma forma que as outras pessoas nunca compreenderam e eu nunca me sentia como uma criança pequena quando estava com ela. Talvez fosse porque costumava dizer que eu era uma alma velha e agia como se estivesse a falar com alguém importante, que não era um tom normal para uma criança. Adorava-a. Sinto falta dela todos os dias.

» Não sei porque é que isto está a acontecer, mas também não concordo com o que a Gwen quer fazer em relação a isso. Ela acha isto tudo uma oportunidade de negócio e quer transformar a Mansão num *reality show* ou algo que possa aumentar o nível de interesse e de rendimento da página. É a minha empresária e agente publicitária e tudo o que o Alex vê na página — tirando a escrita propriamente dita — foi ideia dela. E, por mais aborrecida que esteja com ela por tentar transformar a minha vida, e a sua, em algum tipo de fenómeno que se possa tornar viral (palavra que eu detesto, já agora), a verdade é que ela está a tentar ajudar-me. Nada desta história do concurso me deixa à vontade, mas, como ela salientou, posso perder tudo aquilo que me confere algum conforto se não fizer alguma coisa para o salvar. A minha casa vai ser leiloada. O meu avô construiu-a quando era jovem numa altura em que a minha mãe mal tinha idade para lhe segurar um martelo e um prego. Conheço cada

palmo deste lugar, mas acabei por não reparar, não sei bem como, que a minha mãe o estava a encher de mercadorias que nunca chegou a pagar. Não consigo deixar de pensar que todos os encómios que recebo pela minha atenção ao detalhe são injustificados, uma vez que descurei um pormenor tão importante.

» Portanto, ao escrever-lhe esta mensagem, sinto que tenho de o avisar que tropeçou numa intriga, e, provavelmente, numa confusão, com mais ramificações do que aquelas em que se quer ver envolvido. Independentemente do que a Mansão pensa, há partes deste mundo que eu não quero partilhar. E esta é uma forma muito, muito arrevesada de dizer que não ganhou o concurso de ensaios, Alex, e não o posso deixar vir aqui e almoçar comigo. Não posso deixar que ninguém almoce comigo. Talvez, quem sabe, se eu tentar com muita força, possa deixar que outra pessoa seja declarada vencedora. Uma pessoa que não o Alex, alguém que não tenha uma ligação tão desconcertante à mansão pode vir a enviar-me algumas palavras e algumas fotografias e alguma mobília, e eu poderei redecorar um quarto da forma que ela quiser e, com sorte, ganharei o suficiente para pagar ao banco.

» Mas esta situação? A imagem espelhada mas desproporcionada das nossas vidas, os retratos, a música? Não quero que o mundo tenha conhecimento disso. O Alex já está aqui e eu não posso excluí-lo. Mas recuso fazer disto um espetáculo, sobretudo quando ainda não consegui perceber o significado disto tudo. E isto tem de ter um significado.

» Isto é simultaneamente demasiado grande e demasiado pequeno para eu resolver. A Gwen pode ficar zangada comigo, mas vou tentar fazer com que ela compreenda. Espero que o Alex também compreenda. Uma parte de mim acha que poderá compreender melhor do que a maioria.

» Desculpe o incómodo. Tentemos não o tornar ainda mais desconfortável.»

Myra carregou no botão de enviar e afastou-se do computador antes de poder mudar de ideias. Conteve a respiração, um pouco à espera da reação da Mansão, mas a casa ficou em silêncio. Em parte, Myra estava desiludida. Em parte, estava aliviada.

Mas, claro, a Mansão nunca estava verdadeiramente calada. Estava a ouvir.

O som da notificação do computador chegou tão depressa, que ou Alex era o leitor mais rápido do mundo ou treslera tudo até chegar ao fim. O que é exatamente o que Myra teria feito.

O ecrã tinha uma única frase a piscar.

«Não temos de nos encontrar. Mas, por favor, não deixe de falar comigo. Sobre o que quiser.»

Myra sorriu, ainda que contrariada. Quando lhe enviou a mensagem, tinha intenção de acabar com todo o tipo de correspondência —

de deixar de falar com Alex —, porque o que lhe ia no coração era demasiado grande e expandia-se quase dolorosamente. O instinto que sentia era de excluir, mas havia uma parte mais funda dentro dela que desejava que Alex fosse à luta, tal como Gwen sempre fizera. E ali estava ele, a pôr o pé na porta antes de ela a fechar por completo.

Premiu o botão de resposta antes de mudar de poder mudar de ideias.

«Esse convite é mais amplo do que o Alex acha que é. Mesmo que lhe pareça muito pequeno, dada a escala com que trabalho. Pode pensar que isto é só chávenas de chá e móveis em miniatura, mas eu herdei histórias que são maiores do que eu, e estou habituada a escrevê-las para um público muito mais extenso, pelo que encolher as minhas palavras só para si pode não ser fácil. Mas se estiver interessado, vamos a isso. Embora não tenha bem a certeza de como isto vai correr.»

Vuum.

Plim!

«Conte-me mais sobre a sua mãe e as coisas que ela tem andado a comprar. Eu só conheci a minha mãe há pouco tempo. Saberá mais sobre o assunto mais tarde, prometo. O que se tem passado?»

Clique.

«Botas! Botas espantosas, e este vestido, meu Deus, não sabia que os gostos da minha mãe eram tão extravagantes! O tipo de coisas que eu adoraria fazer em tamanho pequeno, tenho de confessar. Acho que já sei de onde vem o meu olho para o pormenor, pelo menos em parte. Mas deixe-me contar-lhe como descobri...»

Os arcos-íris do lustre perseguiram-se uns aos outros pelas paredes do sótão.

Lockhart, Virgínia, 1948

Willa nunca ligara muito ao passar das estações. Quando estava no refúgio, o clima à sua volta poderia ser o que ela desejasse, embora, mais do que qualquer decisão consciente para o mudar, tendesse a refletir os seus humores. A importância arbitrária atribuída a dias específicos nas sociedades que se desenvolviam à volta dela não significava muito, e nunca os decorara na vida que tivera antes de Ford e de se ligar a uma família profundamente apegada às expectativas da sociedade que evitara durante tanto tempo.

Depois, o que restava de Ford lançou uma sombra sobre a Mansão e, pela primeira vez, Willa deixou de conseguir manter Mildred à distância. A presença constante da sogra pretendia ser uma reprovação silenciosa, uma confirmação de que Willa não estava à altura da tarefa de cuidar de Ford. O tom crítico de tudo o que Mildred dizia ecoava pela casa e começou a sair da boca de Ruth logo que o menino começou a aprender a falar. Na primeira visita que fez depois de entrar no colégio interno, ao qual Mildred insistiu ir buscá-lo, entraram ambos no amplo *hall* e trocaram um olhar antes de colocarem os olhos em Willa.

— Temos uma árvore de Natal gigantesca em Saint Thomas — disse Ruth. — Eu ajudei a decorá-la. Subi a uma escada para o fazer.

— Isso parece emocionante — disse Willa.

— Deveria haver uma árvore aqui em casa.

— Oh. — Willa olhou em volta do *hall* e sentiu, pela primeira vez, as várias razões por que Mildred, e as pessoas de fora em geral, achavam a mansão pouco acolhedora. Sentiu-se julgada e sentiu as paredes da casa a ecoar o juízo do filho e da sogra, apresentando-se gastas e mostrando a idade, tal como acontecia com a própria Willa. — Ficarias feliz se tivéssemos uma árvore? Podemos trazer uma para casa.

— Eu vou mandar entregarem uma. — Mildred entrou pelo *hall* adentro e pôs os olhos no teto como que a calcular qual seria o espécime arbóreo que o espaço poderia comportar. — Vamos ver o teu pai, meu querido, para podermos chegar a casa a tempo do jantar.

Willa olhou para o filho, que já ia a meio das escadas que davam para o quarto de Ford.

— Não vais comer aqui?

— Pensámos que seria mais fácil que o Ruther ficasse connosco durante as férias. A Willa já anda tão ocupada e o meu filho é tão sensível a barulhos... não é justo esperar que um rapaz tão novo fique tão calado durante as férias.

O rosto de Mildred fazia um beicinho de pesar que escondia a profunda satisfação por o dia estar a correr conforme planeado.

— Ele não tem de ficar sempre em silêncio — disse Willa.
— Esta é a casa dele. Aqui, comigo, e com o pai dele. Não espera, seguramente, que eu concorde...

— Que concorde que o seu filho seja cuidado pelos avós que o amam tanto e que o manterão em segurança e feliz para que a Willa se possa concentrar no seu marido, que também é o meu filho? Que confiamos ao seu cuidado, contra aquilo em que acreditamos, dada a sua constante recusa da nossa ajuda? Sim, espero que concorde. Porque, minha querida, por muito que a forma como faz as coisas seja, digamos, pouco convencional, não é uma mãe egoísta. Um rapaz de cinco anos que acaba de chegar a casa da escola tem necessidades que irão dividir a sua atenção, que, deixe-me dizer-lhe, já é muito ténue.

A voz de passarinho de Mildred fazia Willa lembrar-se de uma cotovia, capaz de imitar a emoção superficial que pretendia transmitir ao mesmo tempo que escondia a verdade atroz atrás dela. Mildred levantou a cabeça para Willa com expectativa e com todo o rosto afilado como um bico.

Willa estava exausta. De manhã, levantara-se entusiasmada com a chegada do filho, mas também a preparar-se para uma desilusão. Não esperava que esta última emoção prevalecesse tão depressa. O ar em volta do corpo pequeno de Ruth palpitava com a impaciência costumeira do filho, mas havia algo novo: uma espécie de desprezo, uma sobranceira que deixou Willa desconcertada. O desconforto que ele trazia para a casa era tão familiar, que Willa não queria acreditar que fosse verdadeiro. Era a sensação transmitida por quem vinha de

fora, por pessoas que queriam que o refúgio correspondesse às expectativas de ordem e previsibilidade que traziam com elas. Os ventos que sopravam debaixo da casa mudaram de direção.

O filho de Willa não queria estar ali e a casa não lhe queria dar abrigo. A sensação de ameaça dividia o coração e a alma de Willa; as ameaças sempre foram externas. Aquela vinha de dentro. Dela. Do amor que partilhara com Ford no passado e do fruto que produziu: aquela criança zangada e desconfiada.

— Eu quero que ele fique em casa connosco, Mildred. Onde é o lugar dele. — Quando as palavras lhe saíram do peito, Willa sentiu uma pressão poderosa do ar que rodopiava à volta dela e ouviu um ronco do andar de cima, seguido do barulho de passos pequenos a descer furiosamente as escadas.

— O pai está acordado — disse Ruth, sem fôlego. — E não quer companhia.

— Ele vai sentir-se melhor daqui a pouco, querido. Só está cansado hoje. — Willa tentou tocar no cabelo do filho, caracóis finos de um castanho com laivos de ruivo, mas ele baixou-se sob a mão dela e colocou-se ao lado de Mildred. Willa suspirou. — Vamos ter um lindo jantar e ele vai ficar muito feliz por te ter em casa.

Ruth olhou assustado para a avó.

— Disseste que ias falar com ela! Disseste que eu não tinha de ficar aqui.

Mildred sorriu-lhe com uma ternura que fez com que a atitude para com Willa parece ainda mais fria.

— Vai para a biblioteca, meu querido, e deixa-me falar com a tua mãe.

— Sim, Ruth, vai para a biblioteca, eu deixei lá um pouco de bolo para ti. Chocolate alemão. Eu e a Ellen fizemo-lo juntas ontem à noite e ela disse que talvez viesse cá ter para a sobremesa mais logo.

— Aquela nossa vendedora continua a vir visitá-la? Não faço ideia porque é que ela ainda não descobriu um lugar mais interessante para passar o tempo livre. O Teddy é demasiado permissivo, mas diz que ela é muito dotada com os clientes...

Willa interrompeu o monólogo pretensioso de Mildred como se já não fosse capaz de a ouvir.

— E há franguinhos assados com molho e batatinhas vermelhas para jantar. Vamos divertir-nos muito.

Willa tentou impregnar o sorriso com uma incandescência capaz de superar o brilho do de Mildred.

— Detesto a biblioteca. E detesto estar aqui.

Mildred franziu o sobrolho.

— Não falamos assim com os adultos, rapaz. Vai para lá e espera.

Assim que os passos pesados de Ruth se desvaneceram em direção às traseiras da mansão, o sorriso de Mildred apagou-se.

— Gostaria muito que a Willa fosse razoável. O rapaz sabe o que quer. Não é justo...

— Ele tem cinco anos, Mildred, e é meu filho, não seu. Eu sei perfeitamente o que ele quer e que isso não é definitivo, porque não pode ser. É demasiado jovem.

— É mais velho do que parece. O avô diz que ele tem uma alma velha. É daí que vem aquele carácter tão resoluto.

Willa endireitou os ombros, aprumou-se e deixou que o espaço da casa a envolvesse, impregnando as palavras de mais poder do que o que sentia.

— Eu sei alguma coisa sobre almas velhas, Mildred. E não vou deixar que controle a dele.

— E acha que vai conseguir? — Mildred riu-se. — Oh, minha querida, aceite um conselho da mãe de um filho. Eles só nos são emprestados até encontrarem o caminho para outras coisas. A grandeza, esperamos nós. Riqueza, se tivermos sorte. Felicidade, se as estrelas se alinharem e o destino decidir não no-la levar. Levou-me o meu filho, mas eu serei capaz de mover o céu e a terra para me certificar de que não vai levar este também. Tantas vantagens, tantas esperanças postas no Ford e ele atirou-as borda fora. Eu sei que ele agora percebe que trilhou um caminho errado, por onde quer que a sua cabeça ande. E que agora o que mais deseja é que o Ruther assuma o que é seu por direito. Deixar que os desejos dele se concretizem é o mínimo que lhe poderá dar depois de tudo o que este mundo lhe tirou.

Mildred disse *este mundo* com um tom que comportava o significado real das palavras: *depois de tudo o que a Willa, sua metediça, com as suas manhas femininas e a recusa boémia de se curvar perante as expectativas da sociedade, a sua insistência disfarçada de se manter nesta margem do rio coberta de bruma. Tudo o que me tirou, Willa Rakes.*

— Ele poderá ir almoçar a sua casa no Natal — disse Willa. — E calculo que já tenha levado para lá o baú dele e os trabalhos de casa para as férias por achar que eu iria

concordar, mas receio que se tenha equivocado. Por favor, envie-os para cá assim que puder. O Ford sentiu tremendamente a falta dele, por muito que pense que o Ford já não está cá. Eu senti tremendamente a falta dele, por muito que pareça que isso não lhe importa. O Ruth vai ficar em casa.

— Esta é a tua casa. — Willa ouviu Ruth a sussurrar estas palavras entre dentes cerrados do canto da sala e não fazia ideia se ele estava ali há muito ou pouco tempo. — Não a minha. A casa odeia-me e eu sei disso muito bem e ela também o sabe.

Mildred voltou a rir-se.

— Ruther, querido, é só uma casa velha. As casas têm as suas personalidades, como as pessoas, mas não passam de lugares para deitarmos a cabeça ao fim do dia. E vais passar algum tempo connosco não tarda.

A expressão de Ruth era de alguém encurralado, o rosto fechado de uma forma que remeteu Willa imediatamente para os dias e as semanas sem dormir depois de ele ter nascido porque não havia nada que o tranquilizasse. Willa empurrara-o de dentro de si própria e protegera-o no refúgio das suas duas mãos, mas ele passara toda a vida a enxotá-las.

— Diz adeus à tua avó, Ruth.

Ruth olhou-a, furioso, e envolveu a avó nos braços, enterrando a cabeça no peito estreito de Mildred com um sorriso atormentado no rosto.

— Vou ter contigo logo que puder. — Voltou a afastar-se e assentiu com a cabeça. Willa reparou que o filho tinha lágrimas no rosto e percebeu também a hostilidade que a

observação suscitaria. —

Vou ter contigo assim que ela me deixar.

Correu pelas escadas acima para o quarto e bateu a porta com tanta força, que a vibração percorreu a mansão com um eco que reverberou no coração de Willa.

Lockhart, Virgínia, 2015

Todas as manhãs, antes de Alex atingir o estágio do pensamento consciente — antes de descer as escadas a cambalear para fazer café de filtro, ou de pegar numa das *t-shirts* coçadas dos Ramones ou dos Creedence com buracos feitos à medida ou até antes de escovar os dentes —, lançava a mão ao telemóvel pousado em cima da mesinha de cabeceira e tocava no pequeno envelope no ecrã, à procura de uma mensagem de Myra.

E, nas últimas semanas, todas as manhãs havia uma.

Às vezes, mais do que uma. O pontinho vermelho junto ao envelope no ecrã poderia conter a promessa de uma mensagem, ou de meia-dúzia de mensagens, dependendo do entusiasmo de Myra em relação a um projeto: «fiz um rebento de feto e estou TÃO ORGULHOSA desta árvore da borracha e a minha mãe está farta de plantas minúsculas, por isso estou a INCOMODÁ-LO A SI COM ISTO.»

Myra parecia escrever as mensagens ao mesmo tempo que escrevia novas publicações para a página d'A *Mansão Minúscula*, e a escrita simultânea fazia com que Alex sentisse uma ligação especial às publicações, como se as estivesse a escrever para ele e não para centenas de milhares de pessoas que queriam ler alguma coisa sobre a

mais recente divisão da casa. O projeto mais recente de Myra fora particularmente popular, uma espécie de estufa interior que ela criara nas traseiras da cozinha, onde recebia a melhor luz vinda do rio.

Ou seria, se houvesse realmente um rio abaixo da versão em miniatura da casa onde Alex vivia. Aquele canto da casa de tamanho real estava a transbordar de caixas cheias de pratos e outros aprestos da vida mais permanente que ele estava sempre a pensar construir naquele lugar; ainda nem sequer tinha retirado a maioria das coisas do contentor portátil que mandara colocar no passeio de entrada da mansão.

Mas a versão de Myra do canto da cozinha estava cheia de plantas minuciosamente trabalhadas. A preferida de Alex era um cróton num vaso de cerâmica inglesa, com cada veio pintado à mão em cores vivas com um pincel do tamanho do bigode de um gato. Myra contava-lhe mais sobre as ferramentas que usava a cada mensagem e até já lhe tinha enviado fotografias de algumas que não tinha publicado na página.

«OLHE PARA ESTA FLOREIRA», escreveu, as letras maiúsculas a gritar-lhe no meio da lista de assuntos da caixa de entrada e, de vez em quando, ele ficava a pensar em como — e com que rapidez — se tinha tornado o tipo de pessoa que era capaz de se deixar levar pelo entusiasmo de letras maiúsculas por uma floreira. E não era uma floreira qualquer, mas sim uma floreira muito pequenina. Não eram bilhetes para um concerto nem viagens com todas as despesas pagas para um lugar exótico, mas uma mensagem — uma mensagem arrebatada e exultante — de uma mulher

que nunca tinha visto, e ele clicava nas palavras com a expectativa de um fã, sustentada em algo mais profundo. Desejo. Ligação. Alegria.

Comprei um monte de carreteis de madeira antiquados de uma loja de artesanato que ia fechar e publicou um monte de coisas na Internet. Adoro estes carreteis, porque são robustos, mas ocos, pelo que posso passar-lhes coisas pelo meio. Não é a coisa mais deliciosamente pirosa que já viu na vida?

Alex clicou nas fotografias em anexo. Myra recortara a borda superior do carretel, que estava pintado de branco, e tinha bocados verdes e vermelhos de azevinho gravados com estêncil — ou desenhados à mão? — nas reentrâncias. Na fotografia seguinte, a mesa feita a partir do carretel servia de base para uma árvore de Natal enfeitada com correntes de pipocas minúsculas e cardeais-do-norte com um aspeto tão verdadeiro, que pareciam estar a comer as pipocas. Na última fotografia, a árvore de Natal estava iluminada por dentro e os ramos eram feitos de luz. Alex abriu uma caixa de resposta. «De facto, é um suporte para plantas muito original, mas vejo muitas coisas pirosas todos os dias — são as coisas que o meu pai mais gosta de vender, para dizer a verdade — e lamento ter de lhe dizer que, embora seja deliciosa, NÃO é pirosa, mas sim espetacular. Como é que iluminou os ramos?»

Vuum.

Plim!

«Parece um pinheiro, mas, na verdade, fui eu que o fiz com fios de luzes LED.» Alex ouviu a falta de fôlego nas palavras de Myra apesar de nunca lhe ter ouvido a voz. «Os fios estão enfiados mesmo no meio do carretel, pelo que

posso esconder a caixa de pilhas noutro lugar da casa. De vez em quando, gosto de usar temas festivos: às vezes uso uma festa diferente para cada divisão, mas todas ao mesmo tempo. Natal, Dia das Bruxas, Dia dos Namorados. Já decidi que o Natal vai ser na casa de banho. Só para variar. Vou colocar este suporte mesmo ao lado da banheira com pés de garra.»

«Isso não é um bocado perigoso?» *Vuum*.

Plim! «Da melhor maneira. Não há bonecas, lembra-se? E também tenho algumas toalhas verdes e vermelhas feitas à mão para pendurar na borda da banheira. Fi-las há uns tempos, quando ainda estava a tentar ajeitar-me com o tricô em miniatura e são um bocado grosseiras, mas posso dizer que são rústicas...»

Alex imaginou as mãos de Myra a manejar agulhas de tricô minúsculas, finas como fio dental, ou a lupa que ela lhe disse que precisava de usar sempre que trabalhava com pedaços de tecido pequenos. Era capaz de imaginar a pega prateada e as flores e plantas trepadeiras envoltas em redor dos lugares desgastados onde os dedos a agarraram.

Alex nunca vira os dedos de Myra. Nunca lhe vira as mãos, nem o rosto, nem nenhuma outra parte do corpo. Perguntara, hesitante, se poderia enviar-lhe uma fotografia, porque sabia que ela o tinha visto. Mas a recusa de Myra fora tão brusca, e tão absoluta, que tinha medo de insistir.

Mas sentia o toque dela em todas as fotografias do interior da Mansão e, ao caminhar pela sua própria casa, imaginava ouvi-la a respirar acima dele, as paredes a expandir-se e a contrair-se ao ritmo da voz de Myra, que

sabia que tinha uma melodia própria, embora nunca a tivesse ouvido, porque ainda não tinham falado ao telefone.

A ligação que tinha com Myra era inteiramente escrita, torrentes de palavras e letras capazes de dar a volta a um continente, mas que enchiam um espaço que parecia muito mais pequeno, um espaço que pertencia aos dois juntos. A distância que os separava era um facto que estava a perder importância; no ecrã, e nos sonhos de Alex, os espaços que ocupavam pareciam os mesmos, embora a diferença de escala suscitasse um desequilíbrio, uma assimetria que Alex considerava encantadora, como acontecia com tudo o que carecesse de alguma harmonia ou contivesse alguma imperfeição.

E até a mansão parecia sentir a comunhão entre eles e acordava-o em momentos aleatórios da noite com música ou luz brilhante que deveria parecer uma história de arrepiar, mas, na verdade, parecia um livro de fotografias, onde tudo era tranquilizador e seguro. A sensação seguia Alex ao longo dos dias passados na Rakes e Filho e levantava um muro invisível entre o mundo real dos clientes exigentes e o mundo interior de Alex, no qual escrevia longas mensagens a Myra sobre os altos e baixos do dia, sempre a tentar emular o talento que ela tinha para captar cada detalhe com humor.

Hoje, um cliente pediu que alterássemos um aparador, o que, por si só, não é assim tão estranho: está sempre a acontecer. Normalmente, querem uma ilha, ou uma mesa de jantar estreita, ou algo parecido. Mas este cliente em particular queria que retirássemos os pés do móvel para que assentasse diretamente no chão e queria substituir a porta do lado direito por uma área completamente aberta, que implicava que cortássemos o fundo da peça. Depois, queria que revestíssemos a área toda, *dentro* do móvel, com um tecido de imitação de pele de carneiro. Porque, vim a saber, tem um animal

de estimação. Não um gato. Não um cão. Uma iguana. O que ele quer é um aparador personalizado para a iguana que possa ser colocado atrás do sofá da sala de estar para que o *Sweetums* — que é o nome da iguana — tenha um lugar a que possa chamar casa, e essa casa tem de parecer um bordel do século XIX, mas com classe. E nós vamos fazer o que ele pediu! Estabelecemos um preço, dissemos-lo ao tipo, e ele sacou da carteira como se o cartão de crédito tivesse passado a vida inteira à espera desta oportunidade. E quando penso que já vi tudo, aparece-me um aparador gigante para um lagarto.

A Sr.^a Sherrill voltou para ver o sofá de bambu com estufado novo e tocou na mão fria e indiferente de Alex quando lhe passou de novo o cartão de crédito; Alex não ouviu a desilusão que lhe permeava a voz por causa da data de entrega ou por ele não lhe ir levar o móvel ao solário na Florida pessoalmente.

Outros clientes entravam e saíam pelas portas de madeira recuperada e Alex não se incomodava mais com eles do que com a aragem que vinha do canal em frente. Recebia-os com o mesmo olhar acolhedor que mascarava todas as interações anteriores, mas agora, atrás da máscara, havia sentimentos mais complexos do que o desejo de sair dali. A vontade de descrever as pessoas que via, de as caracterizar a Myra, transformou-o num miniaturista. O lenço de bolso florido no fato de um visitante poderia espicaçar-lhe a veia poética, pois tentaria imaginar as palavras perfeitas para evocar a cor: *como um olho roxo que ainda não sarou porque quer exibi-lo*.

Uma vez que Alex nunca dava muito de si próprio ao trabalho na loja — já que não acreditava até pouco tempo antes que tivesse muita vida interior para dar —, ninguém reparou em nenhuma diferença exterior. Ninguém a não ser o pai. Rutherford reparou nos passos leves do filho pela

galeria e aumentou as visitas não anunciadas à mansão: aparecia às mais variadas horas em função dos seus próprios caprichos inconfessáveis. Às vezes levava comida e dizia a Alex que era hora de comer, uma tarefa de que Alex se esquecia cada vez mais. Havia dias em que Alex o encontrava na cozinha ou na biblioteca depois de o pai entrar enquanto Alex estava a trabalhar na loja ou em busca de móveis clássicos ou, mais recentemente, a comprar todo o tipo de equipamento fotográfico para fotografar a casa, o rio, as vistas de Lockhart, tentando pintar o cenário para Myra e dar-lhe um contexto de tamanho real para a janela em miniatura a partir da qual ela via a vida dele.

Certa manhã, Alex acordou com mais uma mensagem de Myra, uma fotografia de um livro minúsculo em pé. «Tem este livro na sua biblioteca? O meu não diz nada, uma vez que não abre, mas acabei de me lembrar esta noite que o poderá ter.» Alex leu o título — *Um Tesouro Infantil de Poemas sobre a Natureza* — e reparou nas pinturas detalhadas da capa encadernada em tecido, uma extensão do oceano com o Sol a pôr-se sob as ondas. Desceu as escadas a correr e pôs-se à escuta, ao sentir o ar da biblioteca a dividir-se como o mar Vermelho e a levá-lo à estante no canto.

O único livro azul na estante era o de Myra. Correu pelas escadas acima, fotografou o livro, que se abriu numa página coçada de que Alex se recordava sem razão nenhuma de que se pudesse lembrar. «Uma Água-viva», de Marianne Moore, escreveu, com os dedos a entrarem no ritmo das palavras.

*Pretendias
agarrá-la,
e ela estremece;
abandonas a intenção...
Abre-se e
Fecha-se e
Tentas alcançá-la...*

«Isto é-me familiar», escreveu. «Isto faz-me lembrar de nós os dois. Sempre que começamos a sentir que estamos no rumo certo, reparamos que a Mansão está um passo à nossa frente.»

«Quando é que sentiu que estava no rumo certo?» respondeu Myra quase de imediato. «Ainda não senti nada disso. Obrigada por me ter enviado o poema. Assim que terminar a estufa, acho que vou trabalhar em alguns livros novos para a biblioteca. Gosto muito quando posso abrir um livro novo para uma fotografia, e não tenho de estar sempre a mostrar as mesmas palavras.»

As palavras que eles trocavam eram uma estranha combinação de intimidades — o tipo de conversas que velhos amigos poderiam ter ao fim de décadas de ausência, retomando sem dificuldade o fio da meada que as vidas tinham cortado — e superficialidades, interações levadas a cabo sem muito investimento de nenhum dos dois. Os detalhes em comum competiam por atenção, numa complexidade intrincada que dava e retirava profundidade a tudo.

«Falar consigo é como estar no globo de neve», escreveu Myra uma manhã. «Estava a tentar pensar numa forma de

descrever as nossas conversas e isto foi o melhor que consegui. É como se estivéssemos no nosso próprio mundo juntos, e tudo fosse um pouco cintilante e houvesse música a tocar algures lá fora. Podemos ver o que se passa lá fora, mas mais ninguém pode entrar.»

«E estamos ambos um pouco abalados, mas da melhor maneira possível», respondeu Alex. «E não nos importamos nada com isso.»

Um feriado muito pequenino

(De *A Mansão Minúscula* de Myra Malone, 2015)

Feliz Natal, Feliz Dias das Bruxas e um Dia dos Namorados muito romântico para todos! Tenho andado a trabalhar afincadamente na criação de algumas decorações baseadas nestas datas para algumas das divisões da Mansão. É algo que gosto de fazer de vez em quando: é mais fácil do que uma remodelação total, porque exige sobretudo acessórios e decorações, mas não deixa de ser um trabalho divertido e minucioso. E posso escolher as alturas do ano que mais gosto de comemorar, porque na Mansão as diferentes estações coexistem todos os dias. Tudo o que acontece aqui pode acontecer a qualquer altura. Por isso, se eu quiser que seja Natal, Dia das Bruxas e Dia dos Namorados ao mesmo tempo, assim será. Até eu mudar de ideias.

Escolhi a cozinha para o Dia das Bruxas tanto porque já tinha as plantas todas na miniestufa — e são perfeitas para pendurar teias de aranha — como porque me dava uma desculpa para um dos meus tipos de projetos preferidos: embrulhos! Porque o Dia das Bruxas não é nada sem os doces e, como verão, tenho tigelas e pratos cheios de doces

em todo o lado, para não falar das bolachas. Gosto de pensar que a Mansão teria uma boa seleção de guloseimas caseiras e compradas para oferecer, mas, se tivesse de escolher as duas que prefiro, tenderia a dizer que, no que se refere aos doces caseiros, optaria pelos doces de manteiga de amendoim revestidos de chocolate a que chamamos *buckeyes* e, no que diz respeito aos comprados, optaria pelas bolachinhas coloridas *Necco Wafers*. Nenhum dos dois é particularmente complicado ou intrincado, mas há tantas variedades que ainda estou um pouco confundida. E, quanto às cores dos *Neccos*, vocês vão ver que tenho alguns embrulhados nos cilindros de papel de cera clássicos (e as letras desses embrulhos foram desenhadas à mão, deixem-me que lhes diga) e outros avulsos (e carimbados!) em volta da mesa. Alguns estão no chão, claro, porque é Dia das Bruxas e são doces e as coisas ficam um pouco descontroladas e animadas.

Ou, pelo menos, foi o que li. Nunca participei no Dia das Bruxas em pessoa, a não ser desta forma.

Quanto ao Dia dos Namorados, haverá melhor local do que a biblioteca? Estantes cheias de todos os tipos possíveis de amor, além do amor das próprias palavras. Haverá melhor lugar para os corações e a paixão do que uma sala cheia de livros? Usei filtros de café para fazer guardanapos em forma de corações rendilhados e acho que ficaram ótimos. Mas olhem bem para os corações de vidro que pendurei no lustre, porque enfiá-los em linhas de pesca foi uma tarefa um tanto espinhosa, passe o trocadilho. Mas eu adoro a cor: tirei algumas fotografias para que se veja a forma como lançam arcos-íris em tons de rosa em volta do

quarto, mas as fotografias não lhe fazem justiça. Se fosse possível cristalizar a sensação de estar apaixonada, aposto que o resultado seria um coração de vidro vermelho. Rico e cheio de arcos-íris. Talvez demasiado fácil de quebrar. Mas bonito na mesma.

E a casa de banho, oh, estou tão orgulhosa desta casa de banho, pessoal, que nem tenho palavras. Decidi fazer algo *kitschy* a fazer lembrar as ilhas de Florida Keys, o que não é bem a minha estética habitual, é verdade, mas, se a ideia é divertirmo-nos com as decorações, a casa de banho é um bom lugar para o fazermos sem correremos grandes riscos. A árvore de Natal e a base são feitas a partir de um carretel e de fios de luzes LED e eu gosto particularmente das luzes penduradas em volta da sequência de fotografias perto do teto. Todas estas pequenas cabanas que protegem as luzes são feitas à mão com fósforos e conchas de ostras de vidro. Demorei uma eternidade a fazê-las, mas valeu a pena. Sim, repinte a cabeceira da cama em tons de coral, que colidem deliciosamente com o vermelho e o verde de uma forma que eu detesto e adoro ao mesmo tempo, e espero que vocês também. E se estão a perguntar-se o que é que foi parar à banheira, deixem-me que lhes diga que é uma iguana e que se chama *Sweetums*. É uma exceção temporária, *temporária*, à regra de não ter moradores e só a coloquei aqui porque não é uma boneca. É uma figura de plástico e veio num conjunto de enfeites para bolos para crianças obcecadas com lagartos e, SIM, também lhe pinte as unhas em tons de coral e acho que podemos todos concordar que está um mimo. Não me perguntem de onde

veio ou onde fui buscar a ideia. Só tive a sensação de que daria um ar mais composto ao lugar.

E não. Também não sei bem o que me passou pela cabeça.

Lockhart, Virgínia, 2015

Quando Alex desceu as escadas para a biblioteca da mansão para recolocar o livro *Um Tesouro Infantil de Poemas sobre a Natureza* na estante, a luz contundente da manhã entrava pelas frechas das cortinas de veludo e rasgava a sala. Alex dirigiu-se para a janela para abrir um par de cortinas e por pouco não tropeçou nos sapatos castanho-escuros engraxados do pai. Rutherford estava quase invisível na escuridão, sentado numa das cadeiras de baloiço em frente da lareira com os olhos bem fechados, os lábios cerrados e a respiração curta. Olhou para Alex como se estivesse a fazer um esforço para estar ali — que era o último lugar onde desejava estar — ou, talvez, a tentar impedir que houvesse algo à volta dele que lhe pudesse chegar aos pulmões.

Ouvia-se música a tocar baixinho vinda do teto, uma chuva miudinha de sons. Parecia vagamente Chopin, que era a escolha mais frequente da mansão, mas tocada a um nível que parecia excluir Alex, como se se destinasse apenas a Rutherford.

— Pai? O que se passa?

Os olhos de Rutherford abriram-se de chofre e fitaram Alex com uma expressão pouco habitual. Alex demorou um

momento a reconhecer que era medo e viu o pai a abanar a cabeça com veemência numa tentativa de afastar o sentimento.

— O que é que tens aí?

— É só um livro. — Alex atravessou a sala para recolocar o livro na estante, pousando-o na respetiva prateleira, onde, entre tons de verde e de castanho, o azul do *Poemas da Natureza* brilhava como uma safira na madeira escura.

— «Eu vagueei sozinho como uma nuvem» — murmurou Rutherford.

— O quê?

— Esse livro. Página 18, no segundo terço da página. Wordsworth.

— O livro era teu?

— Não. Nunca nada neste lugar foi meu.

Alex fitou o pai antes de olhar em volta da biblioteca: paredes revestidas com painéis suportavam um teto com sanca, cujas calhas de luz instaladas nos anos 80 numa tentativa disparatada de modernização atravessavam manchas escuras de fixações redondas de antigos lustres.

— Pai, toda esta casa te pertence.

Rutherford resfolegou e o rosto dobrou-se de escárnio.

— É isso que tu achas?

— Acho que estou confuso. Eu cresci nesta casa... bem, os primeiros anos. E vivo aqui agora. Mantiveste-a alugada de permeio. Eu sei que nunca gostaste dela, mas nunca compreendi porquê? O teu pai não...

— Esta casa não era do meu pai. É da minha mãe.

— É a casa da tua mãe?

— É mais ou menos isso. — Rutherford apertou a cana do nariz com os dedos e esfregou os olhos.

Alex reparou que ele tinha virado a cadeira de baloiço para ficar de costas para o retrato de Willa. Sentiu o olhar dela com ternura, um convite silencioso.

— Para onde é que a avó foi, pai?

— Não sei.

— Morreu?

— Possivelmente. Não tinha a quem perguntar.

— A Willa era a tua mãe e era a minha avó, mas nunca vi uma única fotografia dela nesta casa. A única imagem que vi dela é aquele quadro. Tu nunca falas da avó. Eu mal me lembro dela e aquilo de que me lembro é tão distante que parece uma história que outra pessoa me contou. O problema é que nunca ninguém me falou sobre ela, porque eu não tinha ninguém a quem pedir que o fizesse.

— E continuas sem ter. Eu não vou falar sobre ela.

— Fazes ideia de como era estranho ser convidado para casas de amigos, virem buscar-me para passar o fim de semana e ir para enormes casas de campo e ver aquelas fotografias de família por todo o lado? Pessoas que não só tinham famílias, mas que também queriam que as víssemos e soubéssemos como eram? Nunca tive um ponto de referência para isso, para esse tipo de orgulho. Não fazia sentido nenhum para mim. — Alex sentou-se na cadeira de baloiço que fazia par com a do pai e inclinou-se para a frente a tentar olhá-lo nos olhos. — Podes ajudar-me a tentar perceber?

A gargalhada que saiu com estrondo do peito de Rutherford parecia pouco natural, um repique desvairado que lhe saiu do corpo, mas que borbulhava num lugar mais profundo.

— Sou a última pessoa na terra que o poderá fazer. O que quer dizer que não seria capaz, nunca. Não é assim? — Rutherford estava a gritar para o chão e Alex recostou-se, encolhido, na cadeira com a sensação de que tinha interrompido uma conversa entre duas pessoas que preferiam falar com toda a gente menos uma com a outra. Sentiu a atmosfera a assumir a mesma eletricidade faiscante de que se lembrava da manhã em que Rutherford foi ao quarto dele cheio de uma raiva incontida que parecia emanar não apenas do seu íntimo, mas também do ar que o rodeava. Naquela primeira vez, Alex também foi acometido pela raiva, mas, desta vez, os gritos de Rutherford pareciam não ter nada que ver com ele. O pai dele parecia nem se dar conta de que Alex ainda estava na sala, mas depois Rutherford tirou os olhos do chão e colocou-os em Alex com um brilho ofuscante.

— Não devias ficar nesta casa — disse Rutherford.

— Eu sinto que pertenço a este lugar, pai.

— É precisamente por isso que tens de ir embora daqui. Nunca deveria ter permitido que viesses. Para de *olhar* para ela!

Alex percebeu que estava a olhar para o retrato da avó, a ir buscar conforto ao rosto dela enquanto as palavras do pai voavam pela sala, levadas por um sopro de vento quente.

— Porque é que estás...

Rutherford saltou do assento como se a cadeira se tivesse incendiado debaixo dele, pegou no atizador do suporte de ferramentas de ferro forjado junto à lareira e precipitou-se para o retrato.

— Para de olhar para ele!

Passou o gancho do atizador pela cara da mãe, cortando-lhe os caracóis acastanhados, o olho esquerdo azul, a curva travessa dos lábios até ficar preso na base do pescoço branco. Retirou o atizador para dar novo golpe, mas Alex agarrou-lhe o pulso. Rutherford deu meia-volta, o rosto feito ronco inumano. Atirou o atizador para a lareira. Colidiu com um suporte de guarda-chuvas de porcelana e deixou-o em pedaços pintados de elefantes. Sacudiu o pulso da mão de Alex e dirigiu-se para a estante e, depois de atravessar a sala com passos impossivelmente grandes, puxou o livro azul da prateleira, abriu-o e rasgou-o.

— Eu estava sozinho como uma nuvem — gritou ele. — Sempre fui tão sozinho como uma nuvem e era isso o que a casa queria de mim!

Rasgou o livro em dois e atirou cada metade de volta para as estantes, onde bateu numa coleção de jarros estreitos em tons de azul-cobalto, fraturando as ondas da superfície canelada.

Alex sentiu o impacto a reverberar-lhe no peito, uma vibração poderosa que quase o derrubou com uma memória muscular que não era dele. A sensação de que aquilo já tinha acontecido no passado, mais do que uma vez. A ira do pai flutuou como um eco pela biblioteca, pelos ossos da casa, atravessando o estranho e desequilibrado fluxo do tempo naquela colina que encimava a curva prateada do

rio. As paredes da mansão sacudiram-se em volta deles como que a tentar expulsar uma lasca ou um estilhaço de vidro. Alex pensou no retrato em miniatura com o corte diagonal e nos restos cintilantes de vidro que Myra lhe descrevera. *Tudo o que acontece na Mansão já aconteceu antes e continua a acontecer e voltará a acontecer porque o refúgio tem memória.*

Alex foi a correr atrás do pai. Era só um pouco mais alto do que ele e não tinha muito mais músculo, mas tinha a vantagem da juventude, a vantagem de se sentir em casa num lugar que Rutherford parecia determinado em destruir. Enrolou os braços no corpo do pai e atirou-o para o chão, onde o manietou até ele deixar de gritar e de se contorcer e começar a respirar mais devagar e espaçadamente.

— Chiu, vá lá — disse Alex, com a voz mais baixa do que o som distante do piano, mais baixa do que se lembrava de ouvir a avó, embora não se lembrasse como o sabia. — Chiu. Estás em segurança. —

As palavras pareciam as adequadas, embora também parecessem deslocadas dada a ameaça que o próprio Rutherford representava. —

Pai, deixa-me levar-te para casa.

Rutherford sentou-se com o rosto coberto de tristeza.

— Há um quarto para ti lá em casa, sabes. Sempre tive um espaço para ti, mesmo quando achavas que não tinha.

— Eu sei. Não teria voltado se não o soubesse.

— Foi egoísmo da minha parte pedir-te que voltasses.

— Pai, estás doente...

— Foi egoísmo da minha parte. — Rutherford levantou-se e apoiou-se no ombro de Alex para não cair. — Nunca deveria ter deixado que voltasses.

Lockhart, Virgínia, 1961

A neve caía em torvelinhos empurrados pelo vento contra as

esquinas afiladas da mansão e acumulava-se em ondas suaves pelo rio abaixo, que contornava as faixas de gelo invadindo as águas. O rio era tão indiferente ao ar gelado como às ondas tremeluzentes de calor e detinha-se apenas por um momento na curva abaixo da mansão antes de continuar para jusante à procura de costas mais hospitaleiras, um lugar onde o tempo não parecesse correr tão devagar por ação da tragédia.

Willa sentia que a lentidão era uma traição, uma indolência que parecia um contraste deliberado com os rápidos cheios de espuma da noite em que Ford desaparecera. A tempestade chegara da costa do golfo num ápice e com uma fúria que milhares de quilómetros não tinham conseguido amainar, despejando potes de chuva que ainda cheiravam ao mar e fustigando os carvalhos com um vento que ameaçava desenraizá-los sob o ronco dos trovões. Os restos do furacão rodopiaram em redor da mansão com um rugido que Ford tentou emular, a gritar do quarto para Willa para lhe dizer que o volume da música que ela não estava a tocar era inaceitável. Quando Willa

ouviu o ruído dos passos do marido nas escadas, o ar que a rodeava pareceu dividir-se de uma forma que não era nova para ela, pelo que se escondeu na biblioteca atrás da estante enquanto Ford percorria as divisões do rés do chão da mansão possuído de raiva. Faltavam dois dias para o Dia de Ação de Graças e Willa dava graças por Ruth ainda não ter voltado da escola para passar o feriado com os pais.

Ficou sentada no chão do pequeno esconderijo, a abraçar os joelhos junto ao peito e com a cabeça pousada na perna torneada da mesa redonda de carvalho. Esperou que a tempestade dentro de Ford amainasse, que o marido adormecesse na cadeira ou noutro lugar qualquer da casa. E quando a chuva pesada e os trovões esmoreceram lá fora, o barulho dentro da casa começou a desvanecer-se até parar por completo. Já era de madrugada quando Willa saiu sorrateiramente do esconderijo e não encontrou Ford em lugar nenhum. A porta entalhada da frente estava escancarada e o portão de ferro forjado encontrava-se entreaberto. A corda no cais do rio estava cuidadosamente enrolada e o barco a remos tinha desaparecido. A casa bocejava de um vazio que sabia a paz. Willa ficou envergonhada com a profunda sensação de alívio por que foi assaltada: agora que Ford tinha desaparecido, sentia falta dele, e sentou-se nas amplas escadas da frente da casa, encharcando o vestido com a água que colava as folhas de carvalho mortas às tábuas. Esperou, queda, pelo regresso do marido.

Ainda lá estava — e não saberia dizer desde quando — quando o tempo arrefeceu e pequenos flocos de neve começaram a cair, ondulantes, do céu. Ainda não se tinha

mexido quando o carro polido de Mildred parou junto ao lancil do passeio no fundo da colina. Willa pestanejou ao ver a luz da berlina preta, cuja presença lhe parecia estranha, uma visita de um futuro de que Willa se esquecera de que fazia parte. Dia de Ação de Graças, lembrou-se. Feriado. Ruth.

Mildred desceu do banco do passageiro, agarrada à porta para não escorregar, e gritou para Willa, que estava no alpendre.

— Já chamei o nosso homem das árvores para limpar as coisas lá em casa, depois envio-o para aqui. Tem eletricidade?

— Não — sussurrou Willa. — Não tenho eletricidade nenhuma.

— Metade da cidade ficou às escuras, mas o Teddy disse que as nossas luzes estão a funcionar — gritou Mildred. — Nem acredito como ficou tão frio tão de repente: neve depois de um furacão? E em novembro? Nunca vi nada igual. O Ford conseguiu descansar alguma coisa à noite?

— Espero que esteja a descansar agora.

— Está lá em cima?

— Não.

Mildred e Ruth chegaram ao alpendre e Mildred olhou em volta do pátio.

— Há alguns ramos caídos, mas admira-me que as árvores ainda estejam todas em pé. Devem ter raízes mestras que vão diretamente até ao Hades. O barulho era horrível quando o vento soprou em Asheville. O Ruther disse que dormiram todos no ginásio da escola, imagine-se.

As linhas de telefone caíram todas. Nem sequer consegui falar com o Teddy para lhe pedir para vir aqui. Disse-me hoje de manhã que também não teria saído de casa com o tempo que estava. «Só um louco é que ia lá para fora», foram as palavras dele.

— Sim. — Willa tinha a voz vazia. Não se levantou quando o filho se aproximou nem tentou abraçá-lo ao fim de tantos anos de rejeição. Era como se não tivesse sequer visto Ruth, nem Mildred, nenhum dos dois. — Foi uma loucura.

— Seja como for, é um alívio estar de volta a Lockhart. As estradas principais estão livres, pelo menos. Há jantar? A Willa e o Ford já comeram? Espero que tenha acendido uma fogueira, pelo menos. — Mildred passou por Willa e dirigiu-se para a porta da frente, de onde chamou o filho. Ruth ficou lá fora e olhar fixamente para a mãe.

— Onde está o pai?

Willa olhou para o filho como que a reparar, pela primeira vez, que ele estava ali.

— Não está aqui.

— Como assim, não está aqui? Ele está sempre aqui. — Ruth entrefechou os olhos azuis com a expressão altiva e depreciativa de quem considerava, uma vez mais, que a mãe não sabia o que estava a dizer. — Para onde é que ele haveria de ir?

— Rio abaixo.

— Mãe, para. Eu não gostava desses teus mistérios quando era pequeno e agora gosto ainda menos.

Ruth levou a mão ao bolso de onde retirou um maço de cigarros e um isqueiro de abrir e começou a fumar com um

desprendimento ensaiado cuja estranheza queimava Willa por dentro. Willa lembrou-se, sobressaltada, de que Mildred tinha saído do banco do passageiro no fundo da colina e de que Ruth estava a conduzir: os longos meses das ausências do filho tinham-se estendido inexoravelmente e transformado em anos passados na escola, pontuados por férias passadas de má vontade na mansão, onde a infelicidade do filho era eclipsada apenas pelas amplas alternâncias do pai entre o silêncio desconfortável e a fúria gritante. Os anos tinham passado quase sem ondas. Ruth tinha crescido.

— O teu pai levou o barco.

Ruth abanou a cabeça e expeliu uma nuvem de fumo.

— Não sejas ridícula. A água está demasiado alterosa e está um frio dos diabos. Quem é que se lembraria de sair de barco hoje?

— Ele saiu ontem à noite.

— O quê? — Ruth atirou o cigarro ao chão e esmagou-o com a sola do sapato, cuja pele castanha polida começava a ficar encharcada na neve que se acumulava. — Ontem à noite? Durante o furacão? Não podes estar a falar a sério...

— Ele desapareceu, Ruth. O barco desapareceu. Ele saiu ontem à noite...

— O que é que lhe fizeste? — O rosto de Ruth contorceu-se. —

O que é que fizeste? O pai nunca saía de casa. Nunca sairia de maneira nenhuma e muito menos com o tempo como estava. A não ser que tenhas feito alguma coisa. O que é que fizeste? — A voz, a altura com que falava, começava a

parecer a de Ford, pelo que Willa levou as mãos aos ouvidos e fechou os olhos, a tentar bloqueá-lo.

— O que se passa aqui? — Mildred voltou a sair da casa para o alpendre. — Não encontro o Ford em lugar nenhum... Ruth, estás a chorar? O que aconteceu?

Ruth levantou um dedo acusador para a mãe.

— Ela afugentou-o. Ela matou-o.

— O quê?

— O pai! Ela disse que ele foi para o rio! Ontem à noite!

— Isso é impossível... — Mildred arrastou o olhar do neto para Willa e levou a mão à boca. — Isso é impossível. Willa, onde está o Ford? — Mildred agachou-se e agarrou os pulsos de Willa, puxou-lhos violentamente das orelhas e gritou-lhe para o rosto. — Olhe para mim! Agora! Do que é que o Ruther está a falar? Onde está o meu filho?

Willa abanou a cabeça sem parar com as lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto e um choro lamentoso que lhe saía do abdómen, mas vinha de um lugar muito mais fundo.

— Desapareceu. — Willa balançou-se para trás e para a frente em cima do degrau e sacudiu os braços das mãos da sogra para enterrar a cabeça entre os dedos. — Ele está longe há tanto tempo, que eu não o senti no momento em que se foi mesmo embora. Eu não sabia. Já não o conseguia sentir. Ele já estava perdido.

O som da mão de Mildred a bater na bochecha de Willa ecoou pelo soalho de madeira.

— Não vou aturar este melodrama. Vamos encontrar o meu filho e, se não nos contar o que aconteceu, irá contar às autoridades. Vamos encontrá-lo e depois fazer o que eu

já deveria ter feito há muitos anos e levá-lo para casa connosco, e a Willa pode apodrecer nesta casa monstruosa e ridícula, como deveria ter acontecido desde sempre. Todos nós ficaremos melhor sem si. — Mildred olhou por cima do ombro para onde estava o neto, que tinha flocos de neve a acumular-se no chapéu de flanela. — Leva o carro para a nossa casa agora e chama a polícia, Ruther. Eu fico aqui com... ela e fico à espera para o caso de o teu pai voltar. Vai lá. Traz o teu avô contigo. E tem cuidado na neve.

Ruth pulou ao ouvir a voz da avó e depois precipitou-se pela íngreme colina abaixo em direção ao carro. Mildred ficou à frente de Willa nas escadas, como que a impedi-la de fugir. Willa não se mexeu. Inspirou fundo e foi buscar força à terra; pela primeira vez em décadas, sentiu que a mansão voltava a ser dela, uma revelação que a deixou aliviada e, ao mesmo tempo, incrivelmente triste.

— Não vai sair disto impune — avisou Mildred entre dentes.

— Ele escapou-me. — Willa suspirou. Levantou a cabeça para olhar para Mildred e deixar que o peso de séculos afundasse as suspeitas borbulhantes da sogra e a determinação de lhe usurpar o controlo de uma vez por todas. — Eu amava-o, Mildred. Mais do que as palavras são capazes de descrever. Mas ele nunca regressou verdadeiramente. E a Mildred sabe disso tão bem como eu. Eu tê-lo-ia salvado se pudesse. Mas as forças que o levaram tinham raízes muito distantes e nunca o devolveram.

— A Willa tirou-mo. Ele tinha tudo à frente dele... era o nosso único herdeiro, aquele que nós sabíamos que iria dar

seguimento ao que construímos. Até a Willa...

— Uma vez a Mildred disse-me que os nossos filhos são-nos apenas emprestados. Eu não lhe roubei nada, Mildred, mas não posso dizer o mesmo de si. — Willa fez um gesto para o fundo da colina, onde se viam as pegadas arrastadas de Ruth a cobrir-se de neve. — Eu não posso escolher quem encontra abrigo nesta casa e quem a rejeita. Tentei e paguei caro pelo esforço.

— Se tiver acontecido alguma coisa ao meu filho, ainda não começou a pagar. E quando a polícia chegar aqui... quando o Teddy chegar aqui...

— Vão ver o que eu quero que eles vejam, que é a verdade, e depois vão-se embora. E a Mildred também. E não voltará a não ser que seja convidada. — Willa suspirou, libertando alguma da dor para os ossos de uma casa que começara a reconhecer a sua antiga forma, que parara de lutar contra ela e a família que tentara construir, os laços que tentara criar com o mundo à volta de um refúgio que esperava ser a maior das suas lealdades. — A Mildred não faz falta aqui.

— O seu filho vai discordar.

— Sim. E vai-se embora consigo, que é outra coisa que já aconteceu há muito tempo. Mas pode chegar uma altura em que precise mais de mim do que a ama a si e eu vou continuar aqui. — Willa levantou-se. Os flocos de neve caíam em cascata e batiam com estrondo no chão e o vento ganhou velocidade, rodeando-a de um frio cristalino. — Eu estou sempre aqui.

Mildred recuou um passo. Depois outro.

— Todos os rumores desta cidade sobre este lugar, todos os ventos traiçoeiros que sopram por esta colina abaixo... nunca dei ouvidos a nada que tivesse que ver com nenhuma senhora desta casa, porque nenhuma senhora viveria aqui. E tinha razão.

— Talvez tivesse. As pessoas veem o que querem ver.

— Eu quero ver este lugar a ser destruído. E a levá-la por arrasto.

— Sim. — Willa sorriu, o rosto inundado com a resignação de alguém que sempre soube que Mildred pensava assim. — Não é a primeira a dizê-lo. Já outros o disseram e agora desapareceram. A Mildred também desaparecerá um dia. E este lugar continuará aqui.

— A Willa não sabe o futuro.

— Mas conheço o passado.

A neve enrolava-se em volta dos pés de Willa, fios de gelo a colá-la ao lugar. O vento frio atirou Mildred mais um passo para trás e continuavam a olhar fixamente uma para a outra quando Theodore e Rutherford chegaram com a polícia, e todos subiram, hesitantes e confusos, o caminho de lájeas sobe a neve que se acumulava.

Todos exceto Ruth, cujos olhos azuis eram mais frios do que o gelo cristalino no ar.

— Ela matou-o — disse. — Ela matou o meu pai.

A voz que saiu da boca de Willa era mais velha do que a mansão, mais velha do que as pedras que pisavam.

— O teu pai perdeu-se na tempestade. A tempestade levou-o antes de entrares nesta casa e eu estou de luto desde então.

— Se ele se foi embora, como dizes, é porque te estava a deixar. E fez muito bem em fazê-lo. — Ruth e Willa estavam numa bolha que excluía os outros circunstantes e em que o tempo passava mais devagar, os flocos de neve suspensos no ar. — Eu sei que os podes mandar embora. — Ruth apontou para os avós, a polícia e o mundo abaixo da colina da mansão. — Eu sei que os podes obrigar a sair daqui sem fazerem mais buscas. E eu vou com eles. Mas quero que saibas que a culpa disto é toda tua. O que aconteceu ao pai, o que ele foi toda a minha vida, não teve nada que ver com a guerra. Teve que ver contigo. E nunca te vou perdoar por isso.

— Nunca me perdoaste desde que chegaste a este mundo, Ruth. Mas não posso pedir desculpa por te ter trazido para ele. Podes odiar-me o que quiseres, mas eu amo-te. E amava o teu pai. E podes ir com eles, mas, no íntimo, saberás sempre que vieste daqui. Vieste de mim. A tua chegada trouxe-te dons que nunca aceitaste, mas fica com eles na mesma. Quanto mais lutares contra este lugar, mais ele ripostará, porque tem um pedaço de ti. — A neve voltou a mover-se e os outros pestanejaram de perplexidade no passeio. — E eu também.

Mildred pousou os braços nos ombros do neto, que se deixou ser levado, sempre com os olhos postos em Willa, sem nunca os desviar. Willa pôs a mão em cima do coração e apontou para o filho. Depois subiu os amplos degraus das escadas da frente, entrou na mansão e fechou a porta entalhada.

Parkhurst, Arizona, 2015

Myra estava exausta depois de uma noite passada a traba-

lhar na estufa e a falar — ou, mais precisamente, a digitar —

com Alex no computador portátil, que Gwen tinha configurado para receber mensagens de texto depois de se cansar dos constantes telefonemas de Myra para lhe pedir indicações sobre a utilização do telemóvel.

Plim. «O pai do *Sweetums* veio buscar o novo alojamento para o animal acompanhado do *Sweetums*. Numa trela. Achei que ia querer saber.»

«Muito obrigada por não me fazer esperar por essa informação, mas...»

Plim. «Nem acredito que me esqueci de dizer isto. A trela era cor de laranja com laivos de rosa. Talvez lhe pudéssemos chamar coral. Desculpe a omissão, madame.»

«Está perdoado, sobretudo se me disser que lhe fez um miminho e que a sensação ao tato é de pele perolada.»

«Claro que não lhe fiz um miminho. Por pouco não o deixava entrar na loja, mas não quis armar nenhuma confusão. As iguanas não são violentas ou algo parecido?»

«Acho que está a pensar nos dragões-de-komodo.»

«Deve ser isso. É extraordinariamente rápida com factos relacionados com animais. Talvez devesse pensar num tema que tivesse que ver com animais enjaulados um dia destes.»

«Curioso. Ou num aquário, talvez.»

«Só se tiver águas-vivas.»

As mensagens iam e vinham com Myra sentada à frente do computador portátil e Alex deitado na cama com o telemóvel a tentar imaginar a voz dela. As palavras fluíam e refluíam à medida que cada um adormecia e acordava.

Algumas horas antes do raiar do sol, Myra desceu finalmente as escadas a cambalear e caiu na cama e num sono profundo sem sonhos. O Sol já ia alto quando um estrondo no andar de cima a acordou.

Quando chegou ao cimo das escadas, a arrastar-se com mais do que alguma exasperação, a Mansão estava novamente aberta.

— Terei de soldar as fivelas? O Lou nunca me ensinou a trabalhar com metais, mas não ponho de parte ir à procura de tutoriais na Internet, sabes? — Atravessou o sótão até chegar à casa, que estava em silêncio, o que era uma novidade nos dias mais recentes.

A alguns palmos da casa, viu um livro de poesia que tinha uma imagem do oceano na capa e os cantos chamuscados. Quando Myra pegou no livro, ele abriu-se... apesar de antes não passar de um bloco sólido. Myra foi buscar uma lupa que estava ao lado do computador na secretária encostada à parede. *Eu vagueei sozinho como uma nuvem/ que paira a grande altura sobre vales e colinas...*

Deu meia-volta e olhou para a Mansão.

— O que aconteceu? O que se passa?

A casa minúscula manteve-se em silêncio. Nada se mexeu. Myra ouvia a voz da Gwen na cabeça: *Sabes seguramente que falar com uma casa de bonecas confirma tudo o que toda a gente de qualquer lugar pensa sobre pessoas que brincam com casas de bonecas?*

— Não é uma casa de bonecas — disse Myra em voz alta. Recolocou o livro chamuscado na biblioteca e dirigiu-se para o computador. «Passa-se alguma coisa», escreveu a Alex. «Está tudo bem consigo? Tenho medo de que não esteja bem. Por favor, escreva-me assim que vir esta mensagem.»

Bateu com o pé no soalho, cheia de uma energia nervosa, a contar os segundos. Olhou em volta do sótão à procura de algo para fazer, uma tarefa que a pudesse distrair, mas não se lembrou de nada: sentia o ar demasiado pesado para se mover, demasiado pesado para respirar. Não se apercebeu de que estava a sustentar a respiração até ouvir o som de notificação do *e-mail* e libertar o ar preso no peito.

«Eu estou bem», escreveu Alex. «Mas o meu pai está... menos bem do que é habitual. A fasquia de “bem” dele já é muito baixa em dias bons, mas hoje não foi dos melhores dias. Alguma coisa não está bem, isso é certo.»

Myra escreveu-lhe rapidamente em resposta, a correspondência a assumir a velocidade contemporânea de uma conversa real, uma voz que Myra quase conseguia ouvir na cabeça. «O livro que me leu está aberto e ontem à noite não abria. Parece queimado e encontrei-o

fora da casa. Ainda não tive tempo para olhar com muita atenção para ver se há mais alguma coisa partida ou em falta, mas está tudo completamente imóvel e silencioso lá dentro, o que já não acontecia desde que nós começámos a falar. O que se passa com o seu pai? Pensava que o Alex vivia sozinho?»

Plim. «Essa pergunta é muito complexa para lhe poder escrever uma resposta agora. Estou a escrever com os polegares porque estou na loja. Será que podemos — respirar fundo aqui e agora — falar de verdade? Com as nossas vozes? Ao telefone?»

Myra deixou-se cair no chão e fechou os olhos. Alex nunca tinha proposto uma conversa oral a sério antes e Myra habituara-se ao som da sua própria voz, tirando as interações que tinha no círculo restrito — não mais do que uma linha, na verdade — de pessoas que a viam em carne e osso e que se restringiam a Gwen e à mãe. Sabia que, em algum momento, ele haveria de sugerir uma conversa a sério. Mas continuara a colocar a ideia de lado, dizendo a si própria que seria uma ponte de estranheza que atravessariam quando a alcançassem.

Ouviu um clique baixo, abriu os olhos e espreitou para o coração da casa. O quarto escondido atrás da estante da biblioteca estava aberto. O lustre estava a mover-se num rodopio lento.

— Acho que não te perguntei nada — disse Myra, a revirar os olhos.

Plim. As palavras de Alex eram assombrosas. «O seu silêncio é ensurdecador. Não a queria assustar. Se preferir falar assim, posso escrever-lhe mais logo. O problema é que

é difícil para mim escrever sem um teclado normal. Podemos esperar. Não faz mal.»

Myra começou a ouvir acordes baixos vindos do esconderijo da Mansão.

— Já disse que não te perguntei nada.

Plim. «Tem o meu número. A bola está do seu lado. Falamos depois. AR»

Myra arrastou-se até à secretária e abriu a gaveta onde tinha o telemóvel. Não tinha a certeza de qual era o plano a que Gwen tinha aderido; usava-o sobretudo para carregar fotografias e escrever notas quando não se queria dar ao trabalho de ir para o computador.

Gwen atendeu ao segundo toque.

— Ia ligar-te ainda de manhã: a estufa está a ter muitas visitas! A jardinagem em casa está em alta neste momento, sabes, e as plantas de interiores são menos exigentes do que as hortas de vegetais. A menos que seja eu cuidar delas, claro. Matei mais um gato hoje de manhã.

— Rega-los em demasia.

— Só quero que me amem!

— Sim. Eu sei.

— Mas tu não me estás a ligar para saberes das visitas à página. Gostaria que o fizesses, claro, porque um dia vou convencer-te a comercializares produtos relacionados com o selo da casa, até porque já tenho uma boa dúzia de pedidos até agora. Não só de fabricantes de brinquedos, diga-se: a tua estética atrai o mundo de tamanho real. Tenho recebido chamadas de distribuidores que nem sequer querem falar comigo sem um acordo de

confidencialidade, o que quer dizer que estão a pensar em grande e, pelas pesquisas que andei a fazer até agora, penso que pode ser um lugar que começa como um *T* e que rima com «Arget». Temos uma oportunidade única, Myra, e tens de me deixar agarrá-la com ambas as mãos...

— Não estou a ligar por causa das visitas à página, Gwen.

— Eu sei. Eu sei. Está bem. O que se passa?

— Tenho, tipo, minutos no telemóvel? Ou algo assim?

— Oh, céus, mais uma chamada de apoio técnico? Configurei-te o computador para que não estivesse sempre a fazer-me essas perguntas, Myra. O que queres dizer com isso? Que tipo de minutos?

— Tipo, posso usar o telemóvel para ligar a alguém além de ti? Não sei bem como é que isto funciona.

Gwen soltou uns risinhos.

— Desculpa, não deveria estar a rir-me. Estás mesmo a ligar-me, a usar «minutos», para me perguntares se os podes usar para falar com outra pessoa? Tens um plano ilimitado, Myra. Podes ligar a quem quiseres durante quando tempo quiseres a qualquer hora do dia ou da noite. Meu Deus, pareço uma vendedora de uma operadora de telefones. Fica à vontade. Até podes fazer chamadas de vídeo! Podes tirar a roupinha e...

— Gwen!

— Desculpa. Bem-vinda ao século XXI. Há muito que te esperávamos. Suponho que vás falar com o Alex.

— Talvez.

— A minha pequenina está a crescer tão depressa. Não podia estar mais orgulhosa.

— Obrigada por me fazeres ficar arrependida de te ter ligado.

— Ora essa. Diz-me como correu! E liga-me de novo, porque precisamos de falar sobre o concurso. O pessoal está a ficar ansioso por novidades e eu também. Não podemos deixar as coisas penduradas...

— Adeus, Gwen.

— Adeus, Myra.

Myra sentiu as bochechas a arder. Uma parte dela esperava uma desculpa tecnológica, embora soubesse que era um tiro no escuro, e sentiu-se estúpida por ter pensado sequer no assunto. *O seu silêncio é ensurdecedor.*

Voltou ao teclado.

«Juro que estou a tentar. Tenho de fazer outras coisas primeiro. Isto ainda é muito recente.»

Fechou o computador e olhou para a Mansão atrás dela, à espera de alguma pista ou estímulo. A casa estava em silêncio. Sabia do que Myra precisava tanto como ela, mas não podia marcar o número por ela.

Myra agachou-se junto das paredes baixas de madeira e olhou para a biblioteca. O retrato estava parado, os livros recolocados nas prateleiras adequadas, tudo tão aparentemente normal como sempre... o que não era muito normal, se tivesse de ser sincera. A sala tinha um ligeiro cheiro a fumo, e Myra andara preocupada por todo o sótão várias vezes, a colocar o nariz junto das tomadas elétricas e das luzes numa tentativa de encontrar a origem de algum perigo possível. Mas a busca levou-a de volta à biblioteca

em miniatura e ao livro levemente chamuscado de poemas sobre a natureza recolocado na prateleira.

Myra fixou os olhos no retrato.

— Não me vais dizer o que aconteceu, pois não?

Esperou por uma resposta que sabia que nunca haveria de chegar.

— Muito bem. — Voltou a pegar no telemóvel. — Parece que só há uma pessoa a quem posso perguntar.

Uma caixa cheia de música

(De *A Mansão Minúscula de Myra Malone*, 2015)

Quando eu era pequena — nos tempos em que costumava tra-balhar na Mansão com a Trixie, mas a Mansão ainda não era minha —, colecionava caixas de música. A primeira que tive foi uma que o meu avô me deu, uma espécie de guarda-joias quadrado e com dobradiças que estou certa de que a Trixie o ajudou a escolher, depois de lhe dizer que já estava na altura de eu ter um lugar para as minhas... sei lá, flores mortas e anéis de plástico? O que quer que fosse que achasse especial quando tinha três anos, que é como quem diz qualquer coisa que chamasse a atenção.

Aquela primeira caixa de música não terá sido muito cara. Estava coberta com uma espécie de revestimento plástico que fazia lembrar um papel de parede florido. O fecho era pontiagudo e um pouco frouxo e deixava-me as mãos verdes se eu lhe mexesse durante muito tempo, o que acontecia muitas vezes, na verdade, porque era o meu primeiro guarda-joias e a primeira coisa que tive que fazia música, pelo que dormia com ele de vez em quando. E quando digo *de vez em quando* quero dizer todas as noites

antes de a minha mãe o esconder por eu o ter enchido de folhas bonitas e pedaços de lanches esquecidos e ter começado a atrair formigas.

Mas estou a divagar.

Aquela primeira caixa de música tinha uma pequena bailarina no interior. A bailarina estava empoleirada numa mola flexível que a fazia saltar com um *bóim*, como um boneco de mola minúsculo que eu sabia que ia aparecer, mas que não deixava de me surpreender um pouco cada vez que a abria. E sempre que a caixa abria, a bailarina girava na mola e ficava a andar às voltas com um pequeno pano de tule amarrado à cintura, a olhar uma vez e outra para o pequeno espelho redondo atrás dela antes de desviar o olhar. Quando a Trixie começou a ensinar-me a coser, levei a caixa comigo para a casa dos meus avós e disse-lhe que a bailarina precisava de um vestido diferente. O que é o mesmo que dizer que precisava de um *vestido*, não de dois dedos de pano de tule branco com um aspeto miserável e um corpete pintado. Não admirava que estivesse sempre a desviar os olhos do espelho.

A Trixie disse que era um bom primeiro projeto e ajudou-me a vasculhar o cesto de costura que tinha à procura de algumas peças brilhantes de tecido de que eu gostasse, com ondas de cor-de-rosa e roxo em fundo sedoso. Não se tratava de costura a sério: só alguns cortes, enfiar algumas roupas no lugar e ficar a ver a Trixie a trabalhar com uma pistola de cola quente. Mas ficou tão bonita, que eu não conseguia fechar a caixa, o que significa que a bailarina ficou sempre a andar à roda. (Ah, tenho de dizer que estava sempre a dar corda à caixa e que, quando a melodia

começava a abrandar — eram alguns compassos de «Solace» de Scott Joplin, vim a saber mais tarde — voltava a rodar a pequena manivela do fundo, o que deve ter sido muito divertido para os meus pais.) E sempre que a bailarina rodava as costas para o espelho, eu ficava muito triste por ela não poder olhar para o vestido que lhe tinha feito. Por isso, um dia, segurei-a com o indicador e o polegar para ela não se mexer, na esperança de lhe dar uma oportunidade de se admirar durante mais tempo e apreciar a minha arte.

Ela partiu-se na minha mão e comecei a chorar. A minha mãe ajudou-me a deitá-la numa almofada que eu ia usar para a fada dos dentes e que tinha um bolsinho muito pequenino para colocar um dente. A bailarina dormiu na almofada todas as noites antes de eu me esquecer dela, e da caixa, e me dedicar a outras obsessões, como sempre fiz.

A moral da história é que *a Myra não é muito boa a deixar em paz as coisas que são apenas boas.*

Isto é algo que eu sei sobre mim. Sei que sempre que planeio ajustar ou atualizar «só umas coisinhas» numa divisão da Mansão, vou acabar por a redecorar por completo. Sei que quando começo a escrever alguma coisa, há tantas possibilidades de acabar por deixar que a história fique em banho-maria ao longo da noite como de voltar ao computador de madrugada e apagar tudo o que tinha escrito. E isso também é válido para estas palavras, de maneira que, se estão a lê-las, dou os parabéns a esta história por ter sobrevivido. Aqui nenhuma palavra está a salvo, e só as mais fortes sobrevivem.

Não sei o que é que torna umas histórias mais fortes do que outras; não me perguntem. E o que digo em relação às palavras, também posso dizer em relação a outros passatempos que tenho; cultivo-os até ao colapso e depois começo tudo de novo. E foi o que aconteceu com as caixas de música. A bailarina do «Solace» que o meu avô me ofereceu deu lugar a um conjunto de pequenas caixinhas barulhentas, globos de neve e enfeites de Natal. (Nunca, mas nunca, digam a ninguém que colecionam alguma coisa; irão arrepender-se quase sempre.) Acabei por me livrar da maioria delas, mas tinha um fraquinho por uma coleção de caixas que pareciam pianos. A certa altura, tinha quatro pequenas caixas de música em forma de piano de cauda, duas em forma de órgão de tubos, uma harpa com um estilo *muito* rococó e um punhado de pianos verticais. O meu preferido é o Steinway que está na Mansão neste momento e escolhi-o não por ser o mais apelativo (não era) nem por ser o que ficava melhor (não era), mas por a canção que tocava ser aquela de que eu mais gostava.

Se nunca ouviram o *Prelúdio em Lá Maior* de Chopin... sabem que mais? Já ouviram. Já o ouviram de certeza. Se não acreditam, vão pesquisá-lo num motor de busca agora. Eu espero.

Já voltaram?

Reconhece-se imediatamente, não é?

Eu costumava dar corda à caixa de música sempre que tinha dificuldade em dormir à noite, o que acontecia muitas vezes. Os meus pais encontravam-me enrolada junto à Mansão, onde adormecia a ouvir essa música. Tem uma combinação deveras complicada de calma e tristeza... é o

tipo de música em que descobrimos algo diferente sempre que a ouvimos, mesmo que seja tocada por um pente de metal a arranhar um cilindro enviesado (e peço desculpa se acabei de tirar a magia às caixas de música, mas, se viveram até agora sem desfazer uma, não sei o que lhes dizer; está na hora de saberem como se faz uma salsicha).

A outra coisa que eu adoro na música é a forma como não interessa como a ouço — numa caixa de música, em auscultadores minúsculos ligados ao computador portátil ou no rádio —, porque, na minha cabeça, continuo a ouvi-la da forma que a ouvi na primeira vez, que foi quando a Trixie a tocou. Ainda me lembro da expressão que ela tinha no rosto no último Natal que passámos todos juntos, quando o avô lhe pegou na mão e a levou para fora de casa onde havia um caminho de gravilha no qual os esperava uma velha carrinha de um vizinho com algo coberto com uma lona na parte de trás.

— Eu sei que tens saudades de tocar — disse ele.

Eu não sabia que ela tocava. Nenhum de nós sabia. Mas, às vezes, havia uma espécie de magia a pairar entre eles, e eu juro que havia coisas que sabiam um do outro que nunca tinham de dizer em voz alta. Talvez a Trixie lhe tenha dito que tinha saudades de tocar, ou talvez fosse exatamente o que o meu avô disse: ele sabia. Sabia apenas.

O que o meu avô não sabia era que o vizinho que era dono da carrinha tinha ficado mal das costas ao carregar o piano que tinha na sala, que era onde estivera vários anos desafinado antes de ele dizer ao meu avô que estava a pensar deitá-lo fora, mas, primeiro, queria saber se lhe podia dar alguma serventia. Por isso — no que não era um

acontecimento raro quando se tratava do meu avô —, foi preciso que todos se juntassem para descarregar um objeto muito pesado enquanto ele dizia entre fortes arfadas que tinha sido um ótimo negócio e que estava muito feliz por dar uma casa a uma «antiguidade tão bonita». Beliscou a Trixie no ombro quando o disse, ela deu-lhe uma palmada nas costas e olharam radiantes um para o outro. Às vezes, olhar para eles era embaraçoso.

Mas, meu Deus, a primeira vez que a ouvimos tocar... foi como sair de uma casa e depois voltar e descobrir que sempre fora uma igreja. Havia algo de majestoso na forma como ela tocava, algo de sagrado. Uma tristeza, também, mas uma tristeza que tornava cada sentimento de felicidade mais rico e mais profundo. Aquele estudo de Chopin foi a primeira coisa que tocou e, embora o piano estivesse um pouco desafinado, e a Trixie estivesse um pouco destreinada, ficámos todos extasiados.

Depois, tocou o «Jingle Bells» e cantámos todos juntos e eu bebi tanto ponche de ovo, que vomitei um pouco, mas todas as festas acabam com alguém a vomitar, não é?

Depois de a Trixie partir, o avô cobriu o piano com a colcha que ela fez. Depois de a perdermos, nunca mais o vi. Também não sei o que aconteceu à colcha, embora me lembre de todos os pontos que lhe fiz e ainda me lembre de olhar para os dedos da Trixie a voarem com a agulha e o fio e aquela graça inconsciente que ela punha em tudo.

De vez em quando, aquele pequeno Steinway traz-me um pouco da Trixie de volta. Quando rodo a cavilhazinha no fundo e ouço a música, costumo fazer o que fazia com a caixinha com a bailarina: rodo-a até não dar mais sem

partir e seguro-a com a mão, a ouvir a música até adormecer.

É demasiado pequeno para guardar um lanche no interior, felizmente, pelo que estamos a salvo das formigas por enquanto.

Lockhart, Virgínia, 1982

Na primeira vez que Ruth pousou Alex nos braços de Willa, fê-lo com relutância, mas Alex ainda não tinha um ano e o aneurisma e a morte súbita de Mildred deixaram-no tão completamente chocado, que ficara sem saber para onde se virar. Não o podia levar de volta para a mãe de Alex na Carolina do Norte. O orgulho e o privilégio que tinha não lhe permitiriam perder tudo o que a avó tanto se esforçara por conseguir alcançar: a proteção da reputação de um homem no limiar dos quarenta a tornar-se pai em circunstâncias que muitos — Mildred incluída — considerariam duvidosas.

Mas não podia manter o bebé na casa dos avós, debaixo do teto que partilhava com o avô, cujo pesar o deixava desorientado, e cada grito que a criança dava não fazia mais do que aumentar o desgosto. Ao fim de mais uma noite sem dormir, Rutherford, que começava a perder o contacto com a realidade, sentiu um instinto que não sentia havia anos e que reprimia em quase todas as ocasiões em que aparecia. Iria a casa da mãe. Embora estivesse seguro de que voltar à casa lhe suscitaria o mesmo desconforto de sempre, estava igualmente certo de que a mãe saberia o que fazer, ainda que não soubesse dizer porquê.

Quando parou o carro junto ao passeio na base da colina, os carvalhos estavam a deixar cair folhas em tons de bronze e cobre ao chão e as folhas secas arrastavam-se pelas lájeas. A mãe estava sentada nas escadas à espera dele. Rutherford não lhe tinha telefonado, ou talvez tivesse, de alguma maneira. Não tinha a certeza.

Alex acalmou-se quando Rutherford subiu o caminho com ele ao colo a olhar em volta para as folhas em renovação e a franzir o nariz sob a aragem fria e fragrante. Rutherford parou a alguns passos de Willa, já a segurar a criança longe do corpo, ansioso por se libertar daquele fardo com o qual não sabia o que fazer. Tinha sido Mildred a cuidar do bebé até àquela altura. Não tinha sequer autorizado Theodore a contratar uma aia ou uma ama para a ajudar, porque insistia: *ele é nosso e não o vamos partilhar com ninguém*. «Ninguém» parecia incluir o próprio Rutherford, que raramente pegava na criança e não procurava a oportunidade para o fazer com muita regularidade, embora não conseguisse deixar de sentir um zumbido vibrante de ciúme quando a avó mimava e abraçava aquela pessoa minúscula que não era ele. Alex era uma esponja sempre à procura de atenção, mas Rutherford nunca soubera como se relacionar com ele. Com efeito, relacionar-se com pessoas em geral era algo difícil para ele, embora fosse excelente em interações superficiais para vendas rápidas. Na verdade, preferia-as.

— Mãe. — Deu um passo na direção de Willa, que não se levantou, mas pestanejou-lhe com expectativa.

— Então, sou avó. — Willa levantou-se e esfregou as mãos na parte de trás das pernas, para limpar as folhas secas

que tinham ficado presas ao corpo. — Não tinha sido informada.

Rutherford assentiu com a cabeça.

— Tínhamos tudo sob controlo.

— Não tenho dúvidas de que é isso que a Mildred pensa. Mesmo assim, não me ter enviado um aviso parece mais descortês do que cruel. Esta última qualidade nunca me surpreendeu, mas a primeira parece impensável, até para ela.

— Ela morreu.

— Foi? — Willa franziu o sobrolho e levantou a cabeça e, por um momento, parecia o retrato pendurado na biblioteca que se assemelhava sempre a ela, embora Rutherford nunca tivesse a certeza de quando tinha sido pintado nem de há quanto tempo fazia parte da casa. — Sim, acredito que sim. Não tinha reparado, mas agora que falas nisso, bate certo. Toda a gente tem de partir um dia, Ruth. Mas lamento muito por ti. Eu sei que ela significava muito para ti.

— Foi ela que me criou.

— Para mal dos meus pecados, foi. Vais apresentar-me o teu filho?

— O nome dele é Rutherford Alexander Rakes Terceiro.

O riso de Willa saiu-lhe por entre os lábios tão depressa, que Rutherford sentiu o calor crescente da raiva, uma pequena pedra de carvão que incandescia quando era mais novo, mas que ainda crepitava sempre que se aproximava da mansão ou que pensava na mãe.

— É o nome da minha família — acrescentou Rutherford, a cuspir as palavras enquanto ela se ria.

— Acho que agora é, embora não fosse esse o desejo do teu pai, seguramente. Ele apresentava-se como Ford por uma razão, Ruth, e, embora tenha falado pouco desde que voltou para aqui, a verdade é que disse que desejava que eu tivesse escolhido outro nome para ti. Mas, seja como for, parece que esse barco já zarpou há muito. Olá, pequeno Rutherford Terceiro.

— Ele prefere Alex.

— Foi ele que te disse?

— Sabes que detesto quando ages como se eu fosse parte de uma piada que não consenti, mãe.

— Sei. E também sei que pensas que perguntas sérias são insultos à tua inteligência na maioria das vezes. Não queria gozar contigo, Ruth. O que é que ele faz quando usas esse nome? Parece-te que o reconhece?

— Estás a falar como se ele fosse um *terrier*. É uma criança.

— Os nomes têm poder, Ruth. Parece que nunca percebeste isso. Mas agora que o vejo mais de perto, vejo que Alex combina bem com ele. Encaixa. Muito bem.

Rutherford sentiu uma estranha espécie de satisfação com o reconhecimento. Mildred insistira em chamar Ford ao bebé, em homenagem ao avô, e era um dos poucos focos de discordância entre os dois. Embora Mildred tivesse muitas memórias boas do filho, Rutherford tinha muito poucas: Ford era um homem diferente do que aquele que Mildred criara e com que Willa se casara, e esse facto

criara as bases para um profundo ressentimento de que Rutherford raramente falava. Deu mais um passo em frente e estendeu Alex à mãe.

Willa sorriu para Alex e o ar à volta deles tingiu-se de uma cor que iluminava as folhas caídas.

— Tem os olhos do teu pai — disse ela. — Pensei que nunca mais os veria.

— Não sei o que fazer.

— É um bebé, Ruth. Alimenta-lo, trocas-lhe as fraldas e aprendes a desligar a parte do teu cérebro que está destruída pelo barulho, se puderes, porque o barulho é infundável. Mas vais aprender. — Deu um passo na direção dele e começou a estendê-lo de volta antes de ver Rutherford a dar um passo atrás.

— Não estás a compreender. Não sei mesmo o que fazer. A avó fazia tudo, por todos nós. O avô está um caco. Eu não durmo há dias. E ele... precisa de coisas. A toda a hora. Não sei como me orientar.

— Onde está a mãe dele?

— Não está.

Willa semicerrou os olhos.

— Começa a ser muita gente ausente. O que estás a querer dizer?

— Estou a querer dizer que ele deveria ficar aqui contigo.

— Fez um gesto para o carro. — Eu trouxe algumas coisas comigo...

— Este lugar já tem tudo o que precisa — disse Willa. — Não faças essa cara de surpreendido. Estava disponível para ti.

— Já passou algum tempo desde então.

— Quase quarenta anos não é tanto tempo como possas pensar. Vais ficar com ele?

Rutherford abanou a cabeça violentamente.

— Não. Não posso. O avô precisa da minha ajuda e a loja vai precisar de uma mão firme. Estávamos muito dependentes dela e toda a gente vai precisar de saber que vamos sobreviver a isto...

— Quanta devoção. Já pensaste em dedicar uma parte ao teu filho?

— Não preciso de um sermão, mãe. Preciso da tua ajuda.

— Eu disse-te, há muito tempo, que irias regressar aqui. E que irias precisar de mim quando isso acontecesse. Mas sejamos claros sobre as tuas expectativas: trouxeste-me um bebé à porta e esperas deixá-lo, ao teu filho, neste lugar. Comigo.

— Sim. — Rutherford passou o peso do corpo de um pé para o outro, a raiva a competir com a dor e o embaraço. — Por favor.

Willa assentiu devagar com a cabeça e abraçou Alex junto ao peito.

— É aqui que ele pertence.

— Até eu pensar numa solução melhor, sim.

— Não vais mandá-lo para aquela escola.

— Ele é demasiado novo. Temos tempo para discutir isso.

Mãe e filho olharam encolerizados um para o outro no caminho de lájeas. Rutherford sentiu uma chama a transferir-se entre eles e apercebeu-se de que todos os sentidos de proteção que ela lhe dedicou — ou infligiu — se

tinham transferido para aquele pequeno ser encostado ao peito dela.

— O tempo não me vai fazer mudar de ideias — disse Willa.

— Eu volto. — Rutherford já estava a andar para trás e a regressar mentalmente ao carro, à estrada que o levaria de volta à casa dos avós, ao negócio de família a que regressaria no dia seguinte e à herança que o esperaria em breve. — Não o vou deixar contigo para sempre, e não te vou deixar sem as minhas opiniões sobre o que é melhor para ele.

— Nunca foste tímido a dar opiniões, Ruth, desde o momento em que chegaste a este mundo. E como sempre te disse: és sempre bem-vindo a esta casa.

— E a casa sabe disso?

— Eu sou a casa.

Rutherford assentiu com a cabeça.

— Volto amanhã.

Willa encostou o nariz ao neto e murmurou-lhe ao ouvido.

— E nós cá estaremos, não é? Vamos estar sempre aqui.

Rutherford cumpriu a palavra. Todos os dias, ia trabalhar para a loja, preparava aos poucos a reforma do pai, comprava mais um armazém em mau estado à frente do rio para o converter em galerias altaneiras que geravam mais clientes e mais artigos elogiosos em meios de comunicação exclusivos de toda a Costa Este. À noite, ia para a mansão, cada passada ao longo do caminho de lájeas cada vez mais difícil do que a anterior, como se estivesse a vadear por melaço para um lugar que não o queria presente e no qual

ele não queria entrar. Nem sempre pegava em Alex ao colo. Não sabia bem como se relacionar com ele, os balbucios infantis e os passos incertos no soalho de madeira. Não sabia como falar com a mãe, cujos olhos brilhavam a olhar para o neto, uma ligação que ela formou instantaneamente e que Rutherford nunca sentiu.

Estava excluído da proximidade entre avó e neto, mas sentia-se ameaçado por ela, como acontecia com a maioria das coisas naquela casa.

Alex tinha dois anos no dia em que Rutherford chegou e encontrou a cozinha vazia, todo o primeiro andar desprovido de pessoas, mas cheio do som de Chopin a tocar no piano da biblioteca sem ninguém a premir a teclas. Procurou Willa e Alex por toda a casa e encontrou-os no andar de cima, no quarto de Willa com vista para o rio.

— Esta era a cadeira de baloiço do teu avô — murmurou ela, colocando a peça em miniatura na mão rechonchuda de Alex. — Foi o

primeiro presente que ele me deu. E isto... — Pegou no piano da biblioteca e deu-lhe corda, enchendo o quarto de música tilintante — ... isto faz parte da alma da mansão, porque as nossas almas estão cheias de música e a mansão está cheia de almas. — Beijou os caracóis arruivados de Alex. — Um por amor, dois pela vida, três para te manter longe de...

— O que estás a fazer?

A atmosfera estava densa, quase densa de mais para Rutherford conseguir sorver ar suficiente para lhe chegar aos pulmões. Willa e Alex levantaram os olhos para

Rutherford, a pestanejar de confusão, como se ele estivesse fora de uma cúpula de vidro que os protegia a ambos.

— O que estás a *fazer*? — repetiu Rutherford. — Essa... essa casa. Eu lembro-me dessa casa. Lembro-me...

Mas Rutherford não conseguia dizer exatamente do que se lembrava, porque os sentimentos eram mais profundos do que as palavras. Lembrava-se da forma como a mão dele recuou quando era pequeno, na primeira vez que a mãe o levou para o sótão e lhe mostrou a cópia perfeita em miniatura da casa onde passara tão pouco tempo quanto possível a partir do momento em que se conseguira ir embora. A casa que o fazia sentir que ele próprio era uma estrutura assombrada, a carregar o fardo de um lugar que o queria reclamar, corpo e alma. A casa que lhe parecia uma armadilha, que respirava como um ser vivo, ligada à mãe dele, unificada com ela. Rutherford mantivera-se sempre longe do sótão e atribuía essa necessidade de o evitar à superstição. Era normal odiar sótãos. Normal, normal, normal. A família dele era normal. A mãe não. A mãe não era família, se ele a pudesse extirpar.

E Rutherford deixara o filho a ocupar o vazio que ele deixara para trás.

O rosto de Willa estava triste.

— Estou a mostrar ao Alex o que te tentei mostrar a ti. O que tentei dar-te. Uma herança, para quando ele estiver preparado. Ainda não está. Mas estará em breve.

— O meu filho não vai herdar nada teu. Nenhuma obrigação, nenhum fardo e seguramente nenhuma casa de bonecas. O meu filho não vai tocar numa casa de bonecas.

— Não é uma casa de bonecas...

— O que estás a *fazer*, mãe? — Tossiu e o ar denso rodopiou-lhe pelos pulmões como fumo. — A avó sempre me avisou. Disse que eras uma bruxa, uma das mais antigas. Disse-me para não falar do assunto e para não falar contigo e que toda a gente conhecia os rumores e que me manchariam. Que nos manchariam a todos, por causa do que o pai fez.

— O que o pai fez?

— Por ele te ter escolhido! E tu afastaste-o da família e do legado dele...

— Ruth, foi essa escolha que te trouxe ao mundo...

— Eu não escolhi nada disto! Não te escolhi a ti, a forma como me puxaste para este lugar, a forma como eu me sentia ao saber que a casa estava a tentar prender-me aqui!

— Nenhum de nós escolhe os fardos que tem de carregar, Ruth. —

Estendeu o braço e passou o dedo fagueiro pela bochecha de Alex. — Mas carregamo-los na mesma.

Rutherford chegou perto dela tão depressa, que Willa não conseguiu recuar com rapidez suficiente. Arrancou-lhe o piano da mão, atirou-o ao chão, pisou-o e puxou-lhe Alex dos braços tão bruscamente, que a criança começou a chorar. Rutherford ficou em pânico ao ouvir o som do choro: o calor e a fúria borbulharam-lhe no peito, numa agitação que ameaçava derrubá-lo e secar o ar que o rodeava.

— Nunca aceitaste os teus dons — suspirou Willa. — Tiveste o melhor de mim, e toda a magia deste lugar, mas lutaste contra tudo com unhas e dentes. Mas a casa riposta, Ruth. Pode corroer-te por dentro se a deixares. Eu tentei...

A voz que emergiu de dentro de Rutherford era estranha até para ele.

— Vai-te embora. Agora. — A energia palpitava no quarto de Willa e colidia com as paredes da mansão, que o empurravam e procuravam a todo o custo recuperar um equilíbrio que ele perturbara. —

Deixa-nos. Se não, vou destruir-te. Vou queimar esta casa até não restar nada.

Willa assentiu com a cabeça com uma expressão mais velha do que as pedras que constituíam os alicerces da mansão. Ruth não tinha o poder de a expulsar da casa, mas tinha outros poderes, e Willa era mais fraca do que fora antes de Alex entrar no mundo dela. Os passos hesitantes que dera para transferir o fardo tinham deixado as amarras que a prendiam ao refúgio mais lassas, e Ruth era mais forte do que sabia e de formas com que Willa não conseguia rivalizar. A forma como ele segurava em Alex assustava-a.

Alex contorcia-se nos braços do pai, a chorar, a estender os braços para a avó, e Willa pensou que o coração podia rebentar. Mas num lugar mais fundo, tinha medo. A proteção da casa parecia-lhe inadequada, mas a sensação era diferente da de todas as inúmeras vezes que ela fugira daquele lugar. Pela primeira vez, a ameaça estava dentro de portas. Dentro do filho. Se ele pudesse ter finalmente a distância que procurara a vida inteira — se Willa o libertasse da sua presença e de qualquer sombra do fardo que Ruth parecia sentir quando ela estava por perto — talvez pudesse mudar. E Willa iria fazer o que fizera sempre. Iria ficar à escuta de uma mudança na corrente do

tempo, para trás ou para a frente, até que o torvelinho de fluxos e refluxos do tempo lhe dissesse que era seguro regressar. Talvez Ruth ainda lá estivesse. Talvez Alex. Talvez passassem gerações e os últimos resquícios da família que ela tentara, debalde, construir se desvanecessem e voltasse a ficar sozinha.

A ideia deixou-a abatida. Mas já estivera sozinha no passado.

— Eu vou, Ruth, mas regresso sempre. Estou sempre aqui. Tens de saber disso.

Alex agitou-se nas mãos no pai, fugiu e começou a correr em direção à avó, a esticar a mão para a dela. Rutherford agarrou-lhe o pulso e puxou-o com tanta força e tão violentamente para os seus braços, que Alex gritou de dor.

— Estás a magoá-lo, Ruth! — Willa dirigiu-se para o neto para tentar acalmar o ar que o rodeava.

— É uma sensação a que se vai habituar nesta família — respondeu Rutherford entre dentes. — Vai-te embora desta casa. Vai-te embora deste lugar. Imediatamente. — Os olhos azuis de Rutherford ardiam de energia.

Willa cedeu, passou à frente dele e desceu as escadas em curva, com medo que acontecesse alguma coisa a Alex. Poderia voltar para ir buscar o que precisava mais tarde, quando eles se fossem embora; a casa nunca deixaria de lhe abrir a porta.

E depois iria novamente embora, até passar tempo suficiente para que o regresso fosse seguro. Willa não sabia, sempre que partia, qual seria o momento em que voltaria. Mas o caminho abrir-se-ia quando chegasse o momento certo. Sentiu a oportunidade de transferir o fardo

a fechar-se novamente e a exaustão que sentia era completa; não sabia se escolheria ficar.

À noite, fez as malas rapidamente. O taxista que a foi buscar no escuro ao fundo da colina ajudou-a a pôr as coisas na bagageira. Um pequeno saco de viagem com a asa cinzenta luzidia de tão coçada. Uma caixa grande com fivelas de latão que parecia um baú com um lado irregular em bico coberto de telhas que pareciam pedras. Tirando isso, Willa levava apenas o que tinha no corpo: um vestido de viagem azul-escuro com fios de prata contrastantes, um par de sapatos de salto polidos da cor do oceano e um pingente em redor do pescoço: uma bolota esculpida em lazulite.

Não olhou para trás quando o carro arrancou. Dobrou a cabeça sobre um bloco de notas que tinha no colo e começou a escrever furiosamente antes de pedir ao taxista para parar por momentos num faustoso bairro de casas em estilo federal na parte mais fina da cidade, onde saiu do carro só o tempo suficiente para entrar pelo portão de ferro forjado da casa e contorná-la por um passeio no jardim até chegar a uma porta baixa nas traseiras que dava para a cave. Arrancou o papel do bloco de notas, dobrou-o bem e enfiou-o debaixo da porta. Quando regressou ao táxi, pediu para ir para o aeroporto.

Lockhart, Virgínia, 2015

Alex lançou-se para o telemóvel quando o ouviu a tocar, mas per-

cebeu, imediatamente desiludido, que o som era de uma mensagem de *e-mail* a chegar e não de uma chamada de Myra. Quando viu a mensagem curta que ela tinha enviado — «Isto ainda é muito recente» —, abanou a cabeça.

Myra não iria telefonar. Alex contara-lhe tudo sobre ele: a doença do pai e a relação complicada entre ambos, a mãe dele e as longas conversas que tinha com ela, anos a tentar construir o que nunca tinham podido ter. E Myra também lhe tinha contado coisas: não apenas as histórias que partilhava com toda a gente, mas verdades mais profundas sobre ela, sobre a família, sobre a sensação de perda. Alex já sabia mais sobre Myra do que alguma vez pensou que ela seria capaz de partilhar.

Aconteceu tudo em poucas semanas que às vezes lhe pareciam décadas de familiaridade, outras um piscar de olhos. Mas agora receava ter avançado demasiado depressa ao ponto de a assustar, e Myra nunca haveria de lhe telefonar. Não podia deixar de pensar que, se ela saísse da casca, um pouco que fosse, podiam, juntos, começar a tentar perceber o que estava a acontecer. Uma parte dele

sabia que não poderiam explorar o mistério em conjunto se não comesçassem a falar de verdade ou até se não se conhecessem. Mas outra parte tinha medo, porque avançar para o passo seguinte significaria que tudo o que lhe parecia irreal — tudo o que era misterioso e, dentro do mistério, também mágico — se tornaria real. E, pior, poderiam encontrar uma explicação completamente inócua e aborrecida para a Mansão, a mobília e a música. Alex não era capaz de imaginar que explicação seria essa; a ideia de que tudo se devia a algum tipo de magia — magia de verdade — parecia-lhe impossível. Mas também era a explicação que ele queria e que quase tinha medo de perder. A magia de um elo inquebrável que não podia ser explicado.

Nunca tivera nada parecido, pelo menos desde que era pequeno. Não sabia o quanto o desejava até lhe sentir o eco na correspondência que trocava com Myra.

Parte disso devia-se à própria casa. Quando voltara a Lockhart e o pai o conduzira relutantemente à mansão, Alex olhara pelo caminho de lájeas acima e vira um brilho a emanar do velho telhado de ardósia, uma energia que palpitava pelos ramos de glicínias que contornavam as janelas em arco. Alex não punha os olhos na casa desde que a deixara para ir para o colégio interno aos cinco anos. Não tinha a certeza se continuava igual, mas o brilho parecia o mesmo e, assim que o vira, soubera que não podia contar ao pai.

As cartas que Rutherford lhe escrevera para a China eram cada vez mais urgentes, mas de uma forma que tentava esconder claramente o medo crescente que o pai

sentia. A tentativa de se fazer de forte foi o fator que acabou por levar Alex a escrever uma carta de demissão ao diretor da pequena escola privada de Pequim onde ensinava, alegando doença de um familiar como razão para se ir embora. Disse a toda a gente que iria regressar a casa, embora não tivesse dito, quando se demitiu, que o lugar que considerava casa era um lugar onde não vivia desde que tinha cinco anos. Um lugar de que o pai praticamente o banira, embora Alex nunca tenha compreendido porquê.

Sabia que o pai estava doente. Sempre tivera uma constituição fraca e o rosto sempre ostentara uma espécie de severidade descarnada e macilenta. Alex já era adulto quando percebeu que a expressão do pai significava quase de certeza que estava em sofrimento. Mas isso significaria que passara a vida inteira em sofrimento, como se houvesse algo a corroê-lo por dentro. Rutherford só se tinha dignado a escrever as palavras *cancro* e *maligno* na última carta antes de Alex se demitir. Até lá, Alex sentia uma espécie de medo arrepiante que não tinha um nome e esse medo era suficiente para manter um oceano entre ambos. Um oceano parecia-lhe uma distância segura. Rutherford fora o primeiro a impor distância entre ambos quando Alex era pequeno ao enviá-lo para a escola horrível que a bisavó patrocinava e que se destinava a martelar precisão e severidade militares em crianças pequenas e frágeis enviadas para as montanhas da Carolina do Norte. A escolha assustou Alex na altura e ainda o deixava desconcertado na idade adulta.

Alex nunca soubera o que fizera de errado. Mas sentia o erro sempre que o pai entrava na mansão. Sentia conforto quando o sol espreitava pelas janelas do quarto onde dormia no torreão e ouvia os compassos da música a flutuar pela casa. Mas se os sapatos engraxados de Rutherford comesçassem a estalar no caminho de lájeas, ficava paralisado e lançava os olhos em volta, envergonhado com a sensação de que iria ser apanhado com algo que não deveria ter, embora não fizesse ideia do que era. Pensou na breve relação com a orientadora da escola e na afirmação segundo a qual ele era demasiado rápido a criar laços porque nunca se sentira verdadeiramente amado. Ela dissera-lho entre dentes na altura, porque ele estava a romper a relação para regressar a Lockhart para ajudar o pai que também temia. *Nunca vais aprender a ter uma relação enquanto não resolveres as primeiras que tiveste.* As palavras eram estranhamente cruéis e, na altura, Alex pensou que aquele comportamento não era o mais adequado para orientar cabeças jovens, mas já estava a caminho da porta. Portanto...

Ela tinha alguma razão. As primeiras memórias que ele tinha de Lockhart eram amorfas, uma sensação de segurança e proteção... desde que o pai estivesse longe. As memórias que tinha da avó não passavam de sombras, memórias de cheiros picantes e trechos de músicas, um microclima de calor envolto num abraço suave. A avó desaparecera quando ele era pequeno, ainda antes de ser capaz de formar frases com clareza suficiente para expressar sentimentos que eram muito maiores do que ele e repletos de angústia. Aquelles primeiros cinco anos até

ser enviado para a escola eram longos trechos vazios e frios pontuados pelos acessos de raiva do pai e por pequenos pontos luminosos de uma sensação de proteção proporcionada pela casa. Mas nunca durante muito tempo.

A mãe estava ausente. Nunca viveu na casa. Enviava-lhe presentes com pouca frequência: o ocasional calendário do Advento ou figuras de futebol ou de ação. Nunca assinava «Mãe», mas apenas «Emily». Lembrava-se de raras visitas, um dia ou dois de desconforto salpicado por visitas embaraçosas ao jardim zoológico. Não se lembrava bem dela e cresceu a pensar que a mãe não o queria, percepção que o pai nada fizera para diminuir. Quando estava na universidade na Califórnia, o mais longe de Lockhart que conseguia, foi obtendo as informações que podia a partir de conversas espontâneas com o pai, pequenos detalhes antes de Rutherford levantar a voz e perguntar: *onde queres chegar afinal e porque queres saber isso? A tua família está aqui.*

Até que Alex aproveitou o advento da Internet para a encontrar. Emily Grace Martin. Patterson antes de casar. Era um pouco mais de vinte anos mais nova do que o pai dele. Aparentemente, tivera o mesmo objetivo do pai quando fora para a universidade: afastar-se o mais possível do lugar onde crescera. Casara com outro estudante, que se licenciara em ciências computacionais e gozara de algum sucesso muito cedo com uma aplicação que vendera à Microsoft, antes de se reformar ainda antes de chegar aos trinta anos e ter um caso com uma rapariga que tinha acabado de sair do liceu. O divórcio deixara Emily com uma

pequena vivenda em Malibu. Era professora do segundo ano numa escola primária próxima.

Um dia, Alex apareceu-lhe à porta sem avisar, determinado a confrontá-la. Emily ficou felicíssima por o ver. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Falaram tanto, que ele acabou por ficar lá a dormir. E, à medida que as horas foram passando, Alex conseguiu arrancar-lhe a história toda: a infância na Carolina do Norte, a adesão a um clube de «Liderança Feminina» que levava jovens mulheres ao requintado colégio interno privado em dias de bailes e festas organizados para os alunos e ex-alunos. O choque de receber a atenção de um homem mais velho — um antigo aluno da escola — com o cabelo arruivado, que esquecia o comportamento altivo e severo quando estava perto dela, o que fazia com que se sentisse especial. Emily tinha acabado de fazer dezoito anos e ele levava-a a casa para que ela não tivesse de regressar no autocarro. *Eu venho cá de vez em quando*, disse ele. Pouco tempo depois, uma gravidez inesperada e a visita não anunciada de Mildred Rakes não muito depois de o bebé — Alex — ter nascido.

A mãe de Alex disse que Mildred lhe pegara ao colo e o embalara, antes de sorrir com ternura para Emily na modesta casa da família dela. Todos sabiam quem ela era, claro; as pessoas percorriam muitos quilómetros para fazer compras na Rakes e Filho. Emily descreveu o sorriso de lábios finos de Mildred dobrados em redor das palavras que pronunciara: *as lutas pela custódia das crianças podem ser muito desagradáveis, minha querida. Sabia que teríamos de provar que a menina é inapta? E é tão aborrecido dizer*

estas coisas em frente de um juiz, aos jornais e a todas as pessoas que já conheceu.

Quando a mãe lhe descreveu o preço, Alex compreendeu. O custo de qualquer relação que Emily pudesse ter com Alex seria o controlo da relação por parte da família Rakes; de outra forma, teria de ir a tribunal, onde o dinheiro e todos os recursos admissíveis dos Rakes seriam dedicados a acabar completamente com a relação. Afinal, claro, o resultado foi quase igualmente severo. A mãe de Alex vivia a várias horas de Lockhart. Estava à distância de uma perigosa viagem de carro, sem a certeza de que tivesse dinheiro para a gasolina e deparar-se-ia com um ambiente de hostilidade aberta no final do longo caminho. Rutherford instava-a a seguir em frente com a vida dela nas poucas vezes que a contactava. E foi o que acabou por fazer: conseguiu uma bolsa de origem incerta para uma universidade longínqua, na Califórnia, e conheceu o marido. Nunca teve mais nenhum filho. As cartas que escrevera a Alex foram, perceberam ambos, intercetadas.

O tempo que Alex passara na universidade dera-lhes a oportunidade de reconstruírem uma relação que nunca tinham tido a oportunidade real de construir. O amor de Emily pelo ensino, as descrições apaixonadas que fazia dos alunos, ajudaram Alex a focar a ausência de objetivos em algo mais concreto: um plano que começava na tentativa de dar aulas e que se foi tornando mais arrojado com o tempo e se fez determinação de ver o mundo do qual a família Rakes parecia determinada a protegê-lo. Havia mais um par de estudantes a inscrever-se para contratos de ensino no estrangeiro e a escola de Pequim parecia um lugar

interessante para começar. Quando lá chegou, os anos passaram mais depressa do que tinha previsto. Trocava correspondência com Emily com muita frequência e a mãe enviava-lhe cópias de artigos de revistas de educação sobre como suscitar o interesse dos alunos e ensinar em contextos em que existem barreiras linguísticas. Aproveitava as férias e interrupções escolares para saltar de *hostel* em *hostel* com a mochila às costas tanto na Ásia como na Europa, dependendo do tempo que tinha. Ia muitas vezes sozinho, mas não era assim que se sentia.

Escrevia ao pai com muito menos frequência e, embora recebesse mais cartas do que as que escrevia, a correspondência de Rutherford ostentava a mesma linguagem reservada e desprovida de sentimento do homem. Alex ficara furioso com o pai, que nem sequer tentara negar nada quando o confrontara com o que tinha descoberto sobre a mãe, dizendo apenas que o legado da família dependia das decisões que a avó tinha tomado e que não iria pedir desculpa por elas. Alex explodira — *A decisão não te cabia apenas a ti. E eu?* — e Rutherford respondera-lhe à raiva com fúria fria, defendendo a falecida avó perante o filho bem vivo com uma dedicação que corrompeu ainda mais a relação de ambos.

Mas, afinal, Alex era a única família que restava a Rutherford e sabia que o pai estava doente e sozinho. E, embora não se sentisse sozinho de início, os anos que passara no estrangeiro começaram a deixá-lo com uma sensação de abandono. Sentia-se desligado do único lugar que sentira como lar, que ainda lhe aparecia nos sonhos, fios de glicínias a emaranhar-se-lhe nos pensamentos.

Quando lera a carta do pai, foi como se sentisse o cancro nos próprios ossos. Sentira a casa em que vivera e ouvira a sua música nos sonhos. Eram sensações que lhe pareciam instantaneamente familiares e assustadoramente irreais. O que as tornava ainda mais apelativas.

E no momento em que Alex voltava a sentir a solidão a trabalhar no depósito da Rakes e Filho, desesperado por ouvir a voz de Myra e seguro de que nunca a iria ouvir, o telemóvel tocou.

— Às vezes demoro a encontrar o caminho — sussurrou Myra. — O meu mundo não é muito grande e eu não sou muito boa a deixar as coisas crescer. Há uma razão para todas as plantas da Mansão serem falsas, sabia. Se fossem verdadeiras, matá-las-ia a todas. Não... não sei muito bem como falar com as pessoas. E não quero magoá-lo.

— Eu também não quero magoá-la. — Alex falou baixinho, com medo de a assustar, com medo de que a realidade da voz dele a fizesse desligar o telemóvel.

— Mais uma coisa que temos em comum — afirmou ela, e riu-se, o som mais bonito que ele ouvira na vida. — O que é bom, porque o Alex é muito mais interessante do que uma planta de plástico, pelo menos até agora.

E Alex também se riu, um peso a sair-lhe do peito que ele não sabia que estava lá até desaparecer.

— É bom sabê-lo. Obrigado por não pôr a fasquia demasiado alta. O que fazemos agora?

— Diga-me o que aconteceu. Depois podemos ver o que fazer.

— Adotou um pronome plural um pouco mais depressa do que eu esperava.

— A Gwen está sempre a dizer-me para pôr o pé em ramo verde, e «podemos» soa mais fácil do que «posso», pelo que aqui estamos.

— O que é onde, exatamente?

— A um continente de distância, mas juntos na anca por uma propriedade muito peculiar.

— Certo. Ainda bem que sabemos onde estamos. Deixe-me dizer-lhe o que aconteceu.

Dentro das mansões — tanto a de miniatura como a de tamanho real — o sorriso de Willa Rakes iluminou-se e o corte que tinha no rosto começou a desaparecer.

Elliot, Arizona, 1986

Se a Diane descobre que estás a deixar essa criança trabalhar com uma faca, nunca mais volta a trazê-la para aqui, Lou. — Trixie atravessara a porta da frente da casa de duas águas com uma bandeja prateada com bolachas e três chávenas de chá, todas cheias até à borda de limonada cor-de-rosa. — Está na hora de fazerem um intervalo para comerem qualquer coisa. Está muito calor aqui.

Lou levantou-se da bancada de trabalho no pátio e pousou o ramo de salgueiro que estava a meio caminho de se transformar em coelho para se dobrar e retirar uma pequena navalha suíça dos dedos de Myra.

— Não é nenhuma motosserra, Trixie, só uma laminazinha. Não é muito diferente daquelas tesouras minúsculas que a deixas usar nos vossos trabalhos de costura. Eu aprendi a desbastar madeira quando era mais pequeno do que ela. — Lou dobrou a navalha e pô-la no bolso. — Dito isto, o que os olhos da Diane não veem o coração não sente.

— Eu não vou dizer nada à mãe, avô — disse Myra com ar grave. — Só depois de acabar o meu cavalo. Quero que seja uma surpresa.

O avô ajoelhou-se junto da neta, passando o dedo pelo pedaço de madeira de pinheiro com os dedos grosseiros.

— Começaste bem, bolotazinha. Não deixaste nem um bocadinho de casca. Foi por isso que te dei um ramo de pinheiro. O pinheiro é macio.

Myra franziu o sobrolho.

— Não vai ficar tão bom como o teu. — Apontou para o coelho de Lou, que ainda era uma parte de um ramo pousado em cima da bancada, mas que já parecia preparado para saltar por cima da vegetação do pátio.

— Temos de treinar para aprender novas habilidades, Myra. Mas eu estou aqui para te ajudar a aprenderes. Foi por isso que escolhi madeira de pinheiro: é mais fácil de trabalhar porque cresce depressa, por isso a madeira é sempre jovem. Como tu.

— E também cheira bem. — Myra cheirou a ponta descascada do ramo. — Cheira a Natal.

— Se a tua avó deixar, podes saltar a sesta e ir comigo ao depósito de madeira daqui a pouco. O melhor cheiro do mundo. A tua mãe passou muito tempo lá comigo quando era mais nova.

— Ela diz que gosta de livros porque cheiram a serradura.

— Eu sei. Eu também. E olha que os livros, a madeira e a serradura vêm todos do mesmo lugar. Sempre que entras numa biblioteca é como se estivesses a caminhar numa floresta.

— E as florestas têm memórias. — Trixie sentou-se ao lado de Myra junto à bancada e bebericou a limonada da chávena. — Como todos os outros seres vivos. — Riu-se

quando Myra se recostou no braço dela e deu uma grande mordida na bolacha antes de beber a limonada com sofreguidão, a semicerrar os olhos devido à acidez. — Às vezes precisam de lembretes, claro, para não fazerem algo como beber limonada logo depois de comer uma bolacha.

— Precisa de mais açúcar — disse Myra.

— Eu acho que já és suficientemente doce. — Trixie pousou a chávena vazia de Myra junto à dela e levantou-se. — Se me ajudares com a porta, podes ir com o avô ao depósito de madeira.

Myra olhou para Lou.

— Podemos esperar para ir depois de eu acabar o meu cavalo?

Lou pegou no pedaço de madeira sem casca e pôs-se a pensar.

— Este projeto é muito grande para o podermos acabar num dia. Mas vamos fazer assim: posso trabalhar um pouco mais nele neste fim de semana e, quando a tua mãe te trouxer novamente para a semana, podes ajudar-me a pintá-lo como quiseres. Podemos transformá-lo num belo cavalo de carrossel. Vamos escolher alguma tinta cor-de-rosa hoje à tarde?

Myra abanou a cabeça.

— Não. Ele quer ser vermelho.

— Muito bem — disse Lou. — Gosto de um cavalo que sabe o que quer.

Lockhart, Virgínia, 2015

Era uma vez uma casa.

— Vai contar-me uma história de embalar? — Alex riu-se ao perceber pela escuridão que se abatia sobre o quarto que estava ao telefone com Myra havia horas, embora lhe parecessem segundos. — Esqueça. Acho que faz sentido.

— Faz sentido porquê? — perguntou Myra.

— Já é tarde aqui. Ou está a ficar tarde, pelo menos. E frio, também.

— Aqui também está frio, mas não é muito tarde. Estou sempre a esquecer-me da diferença horária. Estou algumas horas atrás de si.

Alex alongou-se na cama e as costas desenrolaram-se da postura curvada em redor do *tablet*, no qual estava a ver fotografias da Mansão Minúscula enquanto fazia todas as perguntas de que se conseguia lembrar sobre a casa e o seu teor a Myra.

— Eu também me esqueço. Mas o nascer do Sol tende a recordar-me.

— Quer que eu o liberte?

— Nunca. — Alex ouviu-a a sorrir ao telefone e desejava ver o rosto do outro lado da linha. Ainda não a tinha visto

nenhuma vez.

— Fico contente. Bem, é uma história que a Trixie costumava contar-me. Era uma vez uma casa. Ficava numa curva de um rio largo...

— Isso soa-me familiar.

— Familiar por já a ter ouvido?

— Não. Familiar como tudo aquilo de que falamos. Familiar como «eu vivo nesse lugar». Esse tipo de familiaridade.

— O rio é o mesmo do lugar onde trabalha?

— É. A minha família comprou um monte de armazéns velhos... começaram com um e agora têm seis. As traseiras dão para um canal que atravessa a baixa, mas é tudo a mesma água — disse Alex.

— A Gwen enviou-me informação sobre a sua casa. «Solar da Bruxa» é um pouco exagerado, já agora, mas não tinha percebido que ficava em cima de um rio.

— A sua base para a casa não vai tão longe. Tem alguns dos carvalhos, mas não todos. E é plana. A minha casa fica numa colina. Não veria o rio se a fotografasse da rua. Teria de ver a vista da própria casa. —

Alex deteve-se. — Eu gostaria muito que visse a vista da casa.

— O Alex poderia tirar uma fotografia.

— Vou tirar. Mas é melhor pessoalmente. Deveria vê-la.

Myra sorveu o ar devagar.

— Eu não... saio muito daqui.

— Há uma primeira vez para tudo. Mas, bem, desculpe, estou sempre a interrompê-la. Ficámos no «Era uma vez».

Continue.

— Não me lembro bem da história toda, para dizer a verdade. Estava sempre a pedir-lhe para me contar, mas era muito nova quando... quando a perdi. Ela falava da casa e eu sempre quis que fosse uma mansão, porque era com uma mansão que brincávamos juntas... a Mansão que eu tenho agora. E falava sobre a Senhora.

— A Senhora da Casa. Sim, eu ouvia falar dela de vez em quando. Havia bastantes miúdos de Lockhart quando eu fui para a escola que contavam essas histórias.

— Que tipo de histórias?

— Que era uma bruxa. Que era mais velha do que a casa e que a podíamos ver se tivéssemos coragem suficiente para saltar a cerca, cruzar os olhos e todos os dedos das mãos e dos pés, dizer senhora-senhora-senhora cinquenta vezes e coisas estúpidas e infantis como essas. Aquelas coisas das histórias de arrepiar. Já sabe como são os miúdos.

Myra cerrou os dentes e, de início, pensou em deixar passar o comentário. Mas havia uma outra parte dela, mais profunda, que não queria que houvesse segredos entre eles.

— Não, não sei, na verdade. Eu nunca estive... eu nunca convivi muito com outros miúdos. Tirando a Gwen, quando ela ficava com o pai. Nunca me consegui livrar da Gwen. Mas os outros miúdos...

— Não foi para a escola?

— Não. Estudei em casa.

— Oh. Nunca conheci ninguém que tivesse estudado em casa. A sua família... como é que eu posso dizer isto sem parecer crítico... enfim. Os seus pais são, tipo, ligados à igreja?

Myra riu-se.

— Não. Não são. Eu era uma criança complicada. Sei que isso pode parecer improvável.

— Sim, desconcerta-me saber que a Myra era complicada fosse de que maneira fosse. Parece-me que não tem nada que ver com o que já fiquei a saber no âmbito da nossa relação, que até agora era completamente corriqueiro.

Myra sentiu as faces a afoguesar-se ao ouvir a palavra *relação* e a voz fez-se mais baixa e a respiração mais rápida.

— Certo. Bem. Também tive... questões de saúde. De início, não estava em condições de ir para a escola e depois os meus pais, a minha mãe, na verdade, tinham demasiado receio de que o meu sistema imunitário não aguentasse e que eu não tivesse força suficiente para aguentar. E esse receio manteve-se tanto tempo, que acabou por tornar-se realidade. A minha mãe não saía de casa. Eu não saía de casa. Acho que ela sempre me culpou um pouco por isso, embora nunca nenhuma de nós tenha falado sobre o assunto.

— Como era antes?

— Saíamos mais. Não para muitos lugares. A Trixie e o meu avô, o avô Lou, vinham visitar-nos, mas a maioria do tempo que passava com ela era na casa do meu avô, mais a sul, onde o tempo é mais quente e seco. Na altura, a minha mãe estava na escola e deixava-me na casa do meu avô a

caminho do vale. A Trixie ensinou-me a costurar e a cozinhar, e o avô ensinou-me a trabalhar um pouco com a madeira, e continuou a mostrar-me depois. Bem. Depois de ela morrer.

Alex tinha receio de insistir, pois sentia que demasiadas perguntas perturbariam o fluxo das palavras.

— Não quero perguntar. Tenho medo de perguntar.

— Como ela morreu? Não precisa de ter medo. Não falo muito sobre isso, mas, consigo... — Myra deteve-se. — Não me importo de lho contar a si.

— Não foi por ser velha.

— Não. Foi num acidente de carro. — A voz de Myra ficou presa na garganta. — E a culpa foi minha.

— Isso não pode ser verdade. Que idade tinha?

— Cinco. Foi no dia do meu quinto aniversário. Estávamos a levar o bolo para a casa dos meus pais porque eu estava muito orgulhosa dele e mal podia esperar que me fossem buscar. Quando entrámos no carro, estava a chover, mas depois começou a nevar. Era dezembro. Não era tempo para ninguém conduzir, muito menos nas banheiras que o meu avô costumava comprar.

— A culpa não foi sua.

— Deixe-me acabar. A Trixie queria voltar para trás, mas eu não a deixei. Chorei e fiz uma birra tão grande, que nem eu percebia o que se passava comigo. Tinha tanta certeza de que ia acontecer uma coisa importante, e não havia nada mais importante do que levar o raio do bolo para o raio da montanha. O que mais me orgulhava eram as rosas.

Eram cor-de-rosa. Fui eu que fiz as folhas, com gomas enroladas. Foi a Trixie que me ensinou.

— Myra. Oh, meu Deus. Só tinha cinco anos. Se ela continuou a conduzir, a decisão foi dela, não sua.

— Eu sei isso na prática, mas no íntimo sinto que a culpa sempre foi minha.

— Isso não é verdade, mas compreendo a sensação. Sempre senti o mesmo por não ter a minha mãe presente, embora tenha sido a minha família a eliminá-la da minha vida sem eu ter tido uma palavra a dizer. Foi por isso que foi tão difícil criar uma relação. Nunca tivemos uma oportunidade de ser mãe e filho até ambos passarmos a ter outros papéis. Não sei porque sinto alguma responsabilidade por isso, mas sinto, em abstrato.

— Eu não estou a falar do abstrato. Estou a falar da realidade. Se eu não tivesse insistido, nunca teríamos entrado naquele carro. Os meus pais iam buscar-me mais tarde e não precisávamos de ir para norte. Mas a Trixie já me tinha dado a minha prenda: um belo colarzinho com uma bolota. Ainda o uso. A Trixie chamava-me sempre a bolotazinha dela e, depois de ela morrer, o avô Lou continuou a chamar-me o mesmo. Fazia com que ambos sentíssemos que ainda estava connosco de alguma maneira. Isso e a Mansão. Ele trouxe-me quando eu tinha seis anos e está aqui no sótão desde então. Eu costumava ajudar a Trixie com ela.

— Algumas crianças chamariam «brincar» a isso.

— Mas não era. Era outra coisa. O nível de pormenor... bem, o Alex viu a página. Foi sempre assim. Não estávamos a brincar com uma casa de bonecas. Era mais fazer a

curadoria de um museu ou até algo como meditação. Lembro-me de me sentir calma e levada para o mundo da casa e de as horas passarem sem que me apercebesse. Ainda me acontece o mesmo agora. É como... esqueça, vai pensar que isto é uma loucura.

— Não vou nada. — Alex soltou ar que não sabia que estava a conter. — Prometo que não vou.

— De vez em quando, a casa fala comigo. Não com palavras. Com algo mais profundo do que as palavras. Eu posso estar a trabalhar na escrita ou a falar consigo e faz um barulho para me chamar a atenção. E, a altas horas da noite... Alex, nunca contei isto a ninguém. Tenho medo de falar sobre isto.

— Eu estou aqui. Não tenha medo.

— Eu não falo com ninguém, Alex. Nunca soube como fazê-lo, na verdade... todas as pessoas da minha vida são pessoas que foram entrando, não pessoas que eu fosse procurar. E, depois do acidente, depois do que eu fiz, tive medo de tentar. E a Mansão... deu-me lugares para explorar, abriu-me o mundo de formas que não sou capaz de explicar. E espera por mim. Há um vestido...

— Na Mansão?

— Não. Mas está no sótão e é um vestido de bebé, na verdade. Foi a Trixie que mo fez quando eu fui a menina das flores para ela e para o avô Lou. Eu só tinha dois anos, Alex, mas há noites em que o vestido ainda me serve.

— O vestido da menina das flores?

— É um vestido comprido, como o da coroação de uma rainha, num azul-escuro com um fio de prata, da cor da

bolota de lazulite que ela me deu. O vestido... cresce para me servir. Só às vezes, em noites em que tenho dificuldade em dizer se estou a sonhar ou acordada. — Myra deteve-se. — É aqui que o Alex diz, «Bem, foi um prazer falar consigo, Myra, mas olhe as horas...»

— Eu não vou dizer isso.

— Porque não?

— Porque não acho que seja louca. Eu estou na minha cama, no meu quarto, a olhar para mobília que a Myra também tem, só que mais pequena. Estou numa casa cheia de música de piano sem que haja um piano e onde o ar cintila literalmente de vez em quando. Estou numa casa onde a temperatura pode cair 20 graus no espaço de alguns passos. Um vestido todo chique que cresce tem tudo que ver com o que acabei de dizer, não acha?

Myra suspirou de alívio.

— Acho sim, só fico contente por o Alex também achar.

— Ainda bem. Que mais?

— Como sabe que há mais.

— Chamemos-lhe uma sensação.

— Deixa-me pensar... oh. Está bem. Há as coisas que desaparecem.

— Desaparecem como?

— Às vezes é só mobília e outras são divisões inteiras, mas, normalmente, não são as divisões que a casa trazia.

— Quase que disse «isso não faz sentido», mas claro que não faz. Continue.

— O aparador que tem no seu quarto é um bom exemplo. Eu nunca o pus no blogue e já não o tenho. Mas, quando

me enviou as suas fotografias, foi a primeira coisa em que reparei. Nunca ninguém o viu a não ser eu.

— Está a falar do meu móvel desigual? Com o gira-discos?

— Sim. Estava aí quando se mudou para a casa?

— Não. Encontrei-o numa pequena loja temporária de produtos *vintage*. Não ficou aberta durante muito tempo... nada naquele lugar aguenta muito tempo. Mas comprei uns móveis bem originais por lá.

— Bem, fui eu que o fiz. A perna torneada de madeira veio de uma mesa de costura e usei-a até conseguir fazer uma perna alfinete de cabelo igual à esquerda. Ainda não a tinha feito quando o móvel desapareceu.

— E disse que houve outros? Lembra-se de quais foram?

— Conhecê-los-ia se voltasse a vê-los.

Alex sentou-se na cama e olhou em volta.

— Acho que não tenho mais nada aqui. Mas nunca fiz um inventário e acho que nem sequer repararia se alguma coisa saísse ou entrasse. Na verdade, mobília capaz de andar fazia todo o sentido aqui. O quarto da Willa está praticamente vazio, mas, mesmo assim, vou tirar algumas fotografias pela casa para ver se a Myra reconhece alguma coisa.

— Mais tarde. Há mais.

— Claro que há.

— Há divisões inteiras que aparecem e desaparecem.

— Que tipo de divisões?

— De todos os tipos. Às vezes, é um alpendre que aparece nas traseiras da Mansão, quase como um anexo, e eu sei exatamente o que pretende ser. Fiz uma adega, entranchei

cordas de alho e cebolas, pintei cestos de batatas, preparei-me para um inverno difícil. E, quando acabei, *pufe*, foi-se. Já aconteceu ser uma casa de banho ou uma despensa, mas por vezes, embora com menos frequência, é uma divisão maior. Já tive um salão de baile. Ficava ao lado da biblioteca. Tentei ver como é que encaixava, tornava a casa maior por dentro do que deveria ser, mas ficou com as extremidades esbatidas e eu sentia uma pressão à minha volta, como se o ar fosse diferente.

— Está a dizer que não queria meter o nariz?

Myra riu-se.

— Exatamente. Há coisas que a casa não gosta que eu examine. E, normalmente, há demasiadas coisas interessantes para eu tentar fazer. O salão de baile só tinha cerca de um terço do chão acabado e fazer as peças de parquê demorou uma eternidade.

— Aposto que os lustres grandes de cristal também foram uma trabalhadeira.

— Está a perguntar ou a afirmar?

— Estou a afirmar. Fui a um baile no salão de baile... foi aquele de que lhe falei na primeira mensagem que lhe enviei. Era a única pessoa no local.

— Bem, desapareceu ainda antes de eu ter recebido qualquer mensagem sua. No dia em que a Gwen me leu o seu ensaio... céus, não sei porque continuo a chamar-lhe ensaio, era só um par de frases, mas acho que é porque criaram um abalo tão grande que não faz sentido chamar-lhe mensagem de *e-mail*. Enfim. Já tinha passado algum tempo desde que a Mansão me tinha dado divisões

adicionais ou mobília inesperada quando li o que escreveu naquela manhã.

— Talvez estivesse a poupar energias.

— Para quê?

Alex suspirou.

— Para isto, Myra. Para nós. Nada disto faz sentido desde o primeiro dia, desde a primeira vez que li o seu blogue ou qualquer coisa que a Myra tenha escrito. Nada a não ser isto: falar consigo. Ouvir a sua voz. Ler as suas palavras e as suas histórias e sentir a sua presença aqui, nesta casa. A Myra tem receio de que eu pense que é maluca, e eu tenho receio de que a Myra pense o mesmo sobre mim. Quando paguei 200 dólares, senti toda a minha vida a dar um gigantesco passo em frente e acho que me estava a trazer para este momento.

— Que momento?

— O momento em que lhe digo que acho que tenho de ver isto tudo em pessoa.

Myra sentiu a realidade dela a mudar, a gravidade a inclinar-se à volta dela quando tentou conduzir a conversa para portos mais seguros.

— Bem, Alex, é verdade que não se teria inscrito se não quisesse ver a Mansão, mas já lhe disse que não estou preparada... foi ideia da Gwen e eu já disse que queria eliminar essa opção.

— Não estou a falar da Gwen e não estou a falar em ver a Mansão, para dizer a verdade. O que quero dizer é que preciso de a ver a si...

— Toda a gente quer ver a Mansão, está bem? Foi por isso que a Gwen fez isto, toda esta ideia estúpida do concurso, que haveria de consertar tudo de alguma maneira. Mas não vai consertar tudo. Não vai resolver... — A voz de Myra ficou presa na garganta, um soluço que ela não conseguia suportar deixar Alex ouvir. — Não me vai consertar a mim. Eu sei que quer ver a Mansão, Alex. Mas há coisas que eu não o posso deixar ver.

— Do que é que está a falar? Eu vejo tudo... eu estou a viver na versão de tamanho real da...

— O Alex não faz parte da minha vida.

Alex sentiu a conversa a escapar-lhe, o chão a inclinar-se debaixo dos pés. Ouviu uma sinfonia a subir novamente as escadas, retumbante.

— Myra, contei-lhe coisas que nunca contei a ninguém. Falei-lhe sobre o meu pai, sobre a forma como ele me mandou para longe e eu passei a vida inteira sozinho. — Tinha a respiração entrecortada, sentia o ar tão pesado como se lembrava de o sentir nas discussões que tinha com o pai. — Deixei-a entrar em lugares que não sabia que tinha fechado. Por favor, não...

Myra estava a chorar, a temperatura do sótão estava a cair, sombras de flocos de neve flutuavam-lhe atrás das pestanas.

— Há coisas que não o posso deixar ver. Desculpe. Desculpe. Mas isto já foi longe de mais.

Myra desapareceu antes de ele se poder despedir, e o fundo do mundo caiu debaixo dos pés de ambos.

Washington, DC, 1983

O homem parecia ter à volta de sessenta e cinco anos, tinha o cabelo grisalho um pouco ralo e descontrolado e vestia uma camisa de flanela com ar confortável que não vira um ferro de engomar desde que fora tirada do saco de plástico que vendia três ao preço de duas. Debruçou-se sobre o balcão com um ar conspirativo, baixou a voz para um nível que Willa, atrás dele na fila no aeroporto à espera para falar com um funcionário da companhia aérea, mal conseguia ouvir.

— Quando diz que «foi tudo cancelado», quer dizer mesmo tudo ou quer dizer «a maioria das coisas, embora haja exceções»? E se for este último caso... — Neste ponto, o homem deslizou a mão pelo balcão com uma nota escondida. — ... existe alguma forma de me candidatar a uma dessas exceções?

A funcionária da companhia aérea fez um esgar de confusão que não era bem um sorriso, mas não estava desprovido de leveza.

— Receio que tenha de enviar essa candidatura a quem controla o clima, e não sou eu. O senhor poderá conseguir perceber a diferença, porque se fosse eu, o tempo lá fora

seria muito mais parecido com o da Florida e muito menos parecido com o do Polo Norte.

O homem riu-se.

— Na minha terra, isto são só uns pozinhos. Mas eu já estive aqui vezes suficientes para saber o que o Sul pensa da neve. Só não esperava que fechasse a capital da nação ou que viesse tão cedo este ano. Seja como for, sei que vai ter de enfrentar muita gente descontente, por isso cuide de si e compre uma coisinha bonita para si hoje, está bem?

O homem deixou a nota no balcão, virou-se à procura de um lugar para esperar e quase deu um encontrão em Willa, que estava atrás dele, perdida nos seus próprios pensamentos, a contemplar para onde iria a seguir. Ainda não tinha decidido e, ao ver a neve a cair lá fora, percebeu que, de qualquer forma, não podia ir para lugar nenhum.

O homem baixou os olhos para o baú junto aos pés de Willa.

— Parece que tem um par de telhas soltas aí.

Willa seguiu o dedo indicador do homem com os olhos e reparou que uma borda do torreão da casa estava a soltar-se do telhado. Ajoelhou-se e passou o dedo pela borda.

— Deve ter ficado preso algures quando eu o estava a puxar para aqui.

— Aposto que posso ajudar. Siga-me.

O homem alçou duas enormes malas de viagem e caminhou até um canto do aeroporto que não estava, ainda, cheio de uma multidão de passageiros atrasados. Quando chegou a um ponto em que podia parar, desapertou as

fivelas de uma das malas, que se abriu transformada em campo de telhados em miniatura, uma cidade numa mala.

— O que é isso tudo?

Willa tentou não se mostrar encantada. Da última vez que um homem a surpreendera, inspirando-lhe o tipo de pasmo que a sua própria casa em miniatura desencadeava quando a mostrava a alguém pela primeira vez, usara uma cadeira de baloiço minúscula. Aquela mala, fosse o que fosse, prometia muitas surpresas.

— Amostras — respondeu o homem. — Espere um segundo.

Apalpou as calças de ganga coçadas e retirou um cartão enrugado impresso como se fosse uma página de uma revista antiga. — Louis Walsh, Vendas de Materiais — dizia o cartão.

— Que tipo de materiais?

— Materiais de construção. Temos contratos com muitas organizações, pequenas e grandes, em todo o país. Telhados e revestimentos exteriores, sobretudo. E é o que tenho aqui. — Apontou para a cidade em miniatura. — Está a ver, a maioria dos lugares mostram-lhe estas pastas. Eu também as tenho com peças grandes de revestimentos exteriores e telhas, para que o cliente possa ver as coisas em tamanho real. Mas também faço uns trabalhos manuais. Costumam tratar-me por Lou, já agora.

— É um prazer conhecê-lo, Lou. Está a dizer que fez essa cidadezinha?

Lou balançou um pouco sobre os calcanhares com o ar de quem desejava estar a usar suspensórios que pudesse

estalar de orgulho.

— Sim, fui eu que fiz, na verdade. As cores condizem com os produtos que eu vendo, mas há uns anos tive a ideia de mostrar às pessoas como é que os materiais ficariam numa casa ou num bairro. Os meus chefes acharam que era uma idiotice, mas não o suficiente para dizerem que não, e raios me partam se não recebo elogios sempre que a mostro. Além disso... deixe-me ver se eu encontro uma tomada. — Lou contornou as filas de pilares à volta deles até encontrar uma tomada vazia. Desenrolou uma ficha de um compartimento escondido debaixo de uma das casas e carregou num interruptor. As casas acenderam-se todas no interior. Willa fez um esforço para não bater palmas, tal era o fascínio que sentia. — E não é só... deixe-me mostrar-lhe outra coisa. — Estendeu a mão para o compartimento, retirou uma luz coniforme e segurou-a bem acima dos telhados das casas. — Este interruptor aqui dá-me... — *Clique!* — Luz de um dia solheiro para todo o bairro, ou... — *Clique!* — Um dia nublado, ou... — *Clique!* — O crepúsculo, ou a aurora, dependendo do lado do mundo em que deseje ter o sol. — Olhou para Willa e sorriu. — As cores são diferentes sob diferentes luzes, sabia? Não vamos querer que uma pessoa gaste muito dinheiro num revestimento amarelo-manteiga para mais tarde nos telefonar descontente porque pensa que parece xixi.

Willa soltou uma risadinha.

— E esta abordagem ajuda?

— Não sei se ajuda, mas diverti-me a construí-la e gera sempre uma reação. E também ajuda a que se lembrem de

mim, sabe? Não sou só mais um tipo com pastas. Sou o tipo com a cidade de bonecas.

— Consigo perceber que isso seja difícil de esquecer. — Willa estendeu a mão para o telhado descascado do torreão. — Disse que achava que me podia ajudar com isto?

— Com uma perna às costas. Este meu cenário leva tanta pancada, que eu trago peças suplentes para tudo. Ora, deixe-me que lhe diga que não tenho uma telha de ardósia... isso vai um pouco além do orçamento da maioria dos meus clientes, que são sobretudo empresas de construção. Mas posso encontrar algo que combine com a cor para fazer um remendo. A menos que a possa convencer a fazer uma substituição total? As telhas de asfalto são muito duradouras, sabe?

— É um excelente vendedor, mas talvez seja melhor um remendo.

Lou encolheu os ombros.

— Como queira. Deixe-me pegar em alguma cola para ver se consigo arranjar o que tem aí e pode ficar aqui e ser o sol.

Willa levantou as sobrancelhas.

— Diga lá outra vez?

Lou levantou a luz coniforme.

— Dê-me esta luz do sol toda, se não se importa. A luz aqui dentro é terrível.

Willa pegou na luz e levantou-a enquanto Lou inclinava a mansão fechada para o lado e colocava a cola com cuidado debaixo do telhado com um pincel.

— Obrigada por ser tão cuidadoso — disse ela.

— Uma peça de artesanato como esta? — Lou assobiou. — Até teria dificuldade em deixar que outra pessoa lhe tocasse se fosse a si. Tenho uma netinha lá em casa. Isto deixá-la-ia louca. — Passou o dedo pelo lado da casa. — Esta pintura... nunca vi nada igual. Quase que consigo cheirar esta glicínia. Foi a senhora que pintou isto?

Willá abanou a cabeça.

— Não. Eu... herdei-a. Sempre teve glicínias. — Inclinou a cabeça e viu Lou a trabalhar. — Gostaria de ver o interior?

Ele levantou a cabeça e olhou-a com tanto entusiasmo, que ela era capaz de imaginar o rosto dele quando era um jovem rapaz.

— Adoraria.

Willá ajoelhou-se ao lado dele, desapertou as fivelas e abriu a casa. Tinha arrumado a mobília na chapeleira no início da noite quando a neve começou a cair e o frio começou a fazer-se sentir à volta dela como acontecia sempre nos seus piores momentos. As divisões estavam vazias, mas expectantes, à espera do que viesse a seguir, como faziam sempre.

— Tenho coisas para as diferentes divisões, mas estão guardadas neste momento.

Lou parecia nem a ouvir. Estendeu a mão para a casa com cuidado e usou os dedos grosseiros para subir a ampla escadaria de uma forma que deveria parecer ridícula, mas, na verdade, era bastante encantadora.

— É realmente fenomenal — disse ele. — E este quarto aqui atrás... — Olhou para a casa com mais atenção,

dobrado de joelhos. — Pode mover o sol para eu ver melhor?

Willa obedeceu, e lançou luz para os cantos escuros da mansão.

— Qual é a sua divisão preferida? — perguntou-lhe Lou.

Willa abanou a cabeça.

— Adoro cada centímetro desta casa.

Lou assentiu com a cabeça.

— Boa resposta. Mas tenho de dizer que esta aqui — apontou para a biblioteca — teria alguma dificuldade em abandoná-la. Licenciado em literatura reformado, sabe? Nunca nos abandona. Além disso — apontou para o retrato em cima do lugar onde já houvera um piano —, este retrato...

Antes de Lou poder olhar para cima ou conseguir tirar os olhos da pequena mansão, que lhe dominara a atenção desde que a vira, Willa permitiu-se mudar. Deixou alguma da idade que tinha no fundo dos olhos revelar-se, deixou que o tempo se lhe notasse na pele, tornando-a um pouco menos elástica. Deixou alguns dos anos que passaram por ela correr-lhe até à cabeça, pintalgando o cabelo arruivado com laivos grisalhos. Quando sorriu para Lou, deixou que as rugas em volta dos olhos e da boca se notassem, deixou que as peles ligeiramente caídas do rosto abatido lhe descaíssem sobre o queixo tenso. Deixou que o corpo mostrasse um pouco mais o tempo, a combinar com o ligeiro desgaste da mansão que estava aos pés.

Lou olhou para cima e depois novamente para o retrato.

— Tem algumas parecenças consigo. Alguém da sua família, suponho?

Willa sorriu.

— É mais ou menos isso.

Lou assentiu com a cabeça e levantou-se com um estalar de ossos.

— Bem, é uma obra muito bem feita, toda ela, Sr.^a....

— Sr.^a Ford. Beatrix Ford. — Estendeu-lhe a mão e deixou o velho nome cair-lhe por entre os dedos, embater no chão e desaparecer como acontecera tantas vezes no passado. Amarantha, Perpetua, Semper, Willa, nomes e vidas que a corrente lhe levou e que ela deixou cair para que o vento os levasse sem ela. — Sou viúva — acrescentou.

— Lamento muito sabê-lo. Até porque eu também sou viúvo.

— Oh, lamento.

Lou levantou as mãos.

— Já lá vai muito tempo. Cancro, quando a nossa filha era pequena. É uma boa menina, e uma mãe maravilhosa, mas saiu mais calma do que eu. Não que ela pudesse meter-se na conversa com um pai vendedor. Mas, enfim, obrigado, Beatrix.

Ela assentiu devagar com a cabeça e desligou o interruptor do sol.

— Trate-me por Trixie, por favor.

Parkhurst, Arizona, 2015

Cancela-o. Acaba com tudo. Já não consigo fazer isto.» Myra digitou as palavras tão depressa, que os dedos mal tocaram nas teclas e depois fechou o computador com estrondo sem esperar pela resposta de Gwen, que não deveria demorar. Desligou o telemóvel e voltou a guardá-lo na gaveta da secretária, fechou-a, e, ao fim de pensar por um momento, trancou-a. Depois, abriu a janela do sótão e atirou a chave para o quintal.

A Mansão estava em silêncio.

— Oh, *agora* não tens nada a dizer? *Agora* não passas de um raio de uma caixa de madeira? Certo. Certo. Era isso o que deverias ter sido sempre, na verdade. Passei o raio da vida inteira a brincar contigo e nunca deixei esta casa por ter medo, por ter medo de que alguém me visse, e tu trazes... — Pela primeira vez na vida, Myra tinha dificuldade em pensar nas palavras certas para descrever uma situação, com falta de vocabulário para formular a narrativa em que se achava. — Em vez disso, trazes-me o mundo para dentro de casa, queira ou não, esteja pronta ou não e... — Já estava a soluçar copiosamente e as únicas palavras que lhe vinham à cabeça eram obscenidades que lhe pareciam bastante adequadas. — E eu não estou pronta.

Pior, ele não está pronto, mesmo que pense que está, porque não sabe para quem estaria a olhar. — Passou os dedos pelo maxilar enviesado, com as lágrimas a escorrer-lhe dos olhos e a cair-lhe sobre as cicatrizes do rosto e do pescoço. — Como é que me pudeste fazer isto? Como é que me pudeste trair desta maneira? — gritou, sem conseguir decidir com quem. Não sabia se estava a gritar com a Mansão e respetivo retrato sorridente da parede da biblioteca, um rosto tão parecido com o de Trixie, que a reconfortava sempre ao mesmo tempo que a enchia de culpa, se estava a gritar com Alex, consigo própria, ou com o tempo que estava sempre a passar-lhe ao lado: os segundos avançavam inexoravelmente em direção à perda daquela cabana onde vivia, mas Myra continuava paralisada, incapaz de fazer o que quer que fosse para travar o curso dos acontecimentos.

A casa continuou em silêncio.

— *Nem um raio de uma nota de conforto, é?* Bem. Podes ir... e ficar como estás por uns tempos, pronto. Nem sequer consigo abrir a gaveta da secretária agora, por isso não vai haver nenhuma fotografia e podes... — Atravessou o sótão em direção à casa, fechou-a à pressa e trancou-a com as fivelas. — Podes ficar assim. E acho que não vou voltar a correr para aqui se me chamares, porque não vou. Não vou. Acabou.

— Myra. Querida. — Uma voz suave falava junto à porta.

—

Deixa de falar com a casa de bonecas e vem lá para baixo falar comigo. — Diane encostou-se à ombreira da porta e estendeu a mão para a filha. — Agora que a Gwen me

ajudou a vender aquelas coisas, é mais fácil andar lá em baixo. E temos de falar.

— Tiveste alguma notícia do banco? Era suficiente?

Myra lembrou-se, algures num fundo escuro da cabeça, que a cabana continuava em risco de ser vendida à revelia de ambas. Sabia, numa parte dela que tinha enterrado, que não tinha feito o suficiente para a salvar.

Diane manteve a mão estendida e sacudiu os dedos, num gesto para que Myra lhe desse a mão.

— Vá lá, querida. Vamos resolver umas coisinhas.

Myra dirigiu-se para as escadas do sótão sem olhar para trás. Uma parte dela esperava que alguns compassos baixos de música comesçassem a tocar depois de sair para lhe dar alguma tranquilidade de que não tinha partido nada que fosse irrecuperável. Parte dela esperava que não houvesse música.

A casa manteve-se em silêncio e Myra desceu as escadas com a mãe. Quando chegaram ao primeiro andar da casa, Myra ficou surpreendida ao ver que as divisões tinham ficado bastante vazias: as pilhas de caixas tinham desaparecido, mas grande parte da mobília também. A casa parecia abandonada. Depois de seguir Diane até à sala de jantar, surpreendeu-se ao ver o pai à mesa e deteve-se junto à porta.

— Chegou o momento de falarmos, Myra.

Diane aproximou-se como se fosse pousar-lhe uma mão no ombro para a puxar para a sala, mas, em vez disso, deixou-se ficar a uma distância incerta como se tivesse medo de que Myra fugisse.

Myra olhou para um lado e para o outro, para a mãe e para o pai. Não se lembrava da última vez que estivera no mesmo espaço com ambos: provavelmente num feriado marcado por momentos de silêncio e embaraço nos anos mais recentes, antes de Myra colocar algumas colheradas de algo que não iria realmente provar num prato que terá levado para o sótão e esquecido de comer até sentir o estômago a roncar de fome. Não saiu da entrada da sala.

— Myra, tens de vir para aqui e de te sentar. Esperámos demasiado tempo para ter esta conversa. Eu tenho a minha quota-parte de culpa e estou aqui. E preciso que também estejas. Vem cá e senta-te.

O pai pontuava o discurso mais longo que Myra se lembrava de o ver fazer havia vários anos, com um movimento de braços estranho em que parecia estar a afagar o ar da cabana para o acalmar e tornar menos elétrico.

Myra sentiu o riso a borbulhar no estômago, mas não conseguiu cerrar os lábios a tempo para o conter e acabou por soltar uma sonora gargalhada.

— Deves estar a brincar comigo. Tu? Tu, pai? Tu é que vais apresentar-te para uma... intervenção ou não sei o quê? É isso que vocês estão a fazer? O que a mãe quer? Isto é ridículo.

— Sim, é ridículo — murmurou Diane. — Nada disto deveria estar a acontecer.

— Estás a falar da casa? Sim, eu diria que as compras que andaste a fazer sem controlo durante anos não deveriam ter acontecido...

— Não estou a falar das compras, Myra! Estou a falar do facto de te teres enfiado nesta casa quando eras demasiado nova para o fazeres e de nós te termos ajudado a fazê-lo e nunca... estou a falar de... céus, Dave, vais obrigar-me a fazer isto sozinha?

O pai de Myra olhou ofendido para Diane, e Myra voltou a lembrar-se do alívio que sentiu quando finalmente ele se foi embora e o silêncio mal-humorado da casa desapareceu, embora tivesse sido substituído por outras coisas a que Myra deveria ter estado atenta.

— Estou aqui, não estou? — Apontou para Myra e depois para a cadeira à frente dele, já puxada para trás. — Tu, minha jovem, senta-te e ouve-nos.

— Tenho trinta e quatro anos, pai, por amor de Deus...

— Bem, dá-nos a honra de te sentares connosco para que possamos ter o raio de uma conversa, porque vamos ter de conversar, quer queiras quer não. Isto já se prolongou tempo de mais.

— Pronto, está bem. — Myra atravessou a sala, deixou-se cair na cadeira, cruzou as pernas e soprou o cabelo do rosto, a sentir-se uma adolescente zangada com dezassete anos. — Isto é por causa do leilão? Porque se querem falar do que a Gwen se lembrou de fazer...

— Nós sabemos do que é que tu e a Gwen se lembraram de fazer, Myra. — Diane sentou-se ao lado da filha e tentou pegar-lhe na mão, mas Myra afastou-a bruscamente. — Não vai funcionar. Não vais conseguir comprar esta casa no tribunal com um concurso de ensaios. Isto é... é demasiado. E eu e o teu pai estivemos a conversar sobre isto... e achamos que chegou a altura de sairmos desta casa.

Myra arregalou os olhos, chocada.

— «Sairmos desta casa», mãe? Como assim? Tu e o avô construíram esta casa juntos...

— Sim, construíram, e foi onde crescestes e essa é uma das razões por que tu e a tua mãe ficaram aqui. — Dave engoliu em seco. — Nem sequer tentei levar-te comigo quando eu e a tua mãe... nos separámos.

— Quando te foste embora — corrigiu Myra.

— Sim. Quando eu me fui embora. Na altura, fazia sentido ficares aqui...

— Porque não sabíamos que não iríamos conseguir tirar-te da casa — concluiu Diane. — Nenhum de nós esperava que as coisas acontecessem como aconteceram e só quando começámos a falar do raio da execução hipotecária ao telefone é que se fez luz e que tudo ficou esclarecido, como se um nevoeiro que tinha caído sobre nós se tivesse dissipado finalmente. Enterraste-te aqui, Myra. Enterraste-me a *mim* também. E não sei o que aconteceu, se foi a inércia ou o facto de quase te perdermos ou alguma energia maluca e estranha...

— Ou tudo isso junto — concluiu Dave. — Mas por muito difícil que tenha sido, por mais aterrador que tenha sido vermos a nossa menina num hospital sem termos a certeza de que iria sair viva, a verdade é que saíste, Myra. És mais forte do que alguma vez julgaste ser. Mas ficaste assustada e nós deixámos-te ficar assustada em vez de te obrigarmos a voltar para a escola, em vez de te ajudarmos a aprenderes a encontrar o teu caminho no mundo.

— O mundo não me viu! Não viu isto! — Myra apontou para o próprio rosto, para o maxilar enviesado, puxou a

manga comprida para cima para mostrar a rede de cicatrizes que lhe subia e descia pelo braço. — Eu encontrei uma forma de estar no mundo sem que ninguém me visse e vocês concordaram. Tu compraste-me os computadores, pai. Pagaste os cursos por correspondência e todos aqueles anos de ensino doméstico. Pagaste a licenciatura na universidade online. Nunca nenhum de vocês disse uma palavra para se manifestar contra o trabalho que eu estava a fazer...

— És uma escritora dotada, Myra, e sempre o foste. E a Gwen... a Gwen foi uma dádiva de Deus, ainda é, mas até ela decidiu falar connosco porque está preocupada, sobretudo ultimamente. O teu trabalho naquela página não parece estar a conduzir-te mais para o mundo. Está a fechar-te ainda mais. A Gwen disse que tentou convencer-te a considerar algumas iniciativas profissionais e tu estás sempre a fechar-lhe a porta. Isso não parece grande progresso.

— Bem, *ha ha ha*, pessoal, aí é que vocês se enganam: o raio daquela página lançou-me para o mundo *sim*, quer eu quisesse quer não, e precisei de recorrer a todas as forças que tinha para o conter e, mesmo assim, por pouco não arrombou as portas. Por isso, deitei tudo abaixo. É demasiado. Não vou continuar com aquilo.

Dave e Diane olharam um para o outro, confusos.

— E o concurso? — perguntou Diane.

— Foi uma péssima ideia e, como disseste, nunca daria para pagar ao banco. Nunca deveria ter concordado em fazê-lo. Vamos devolver todo o dinheiro e tentar encontrar outra forma de pagar as dívidas. Talvez um daqueles

acordos comerciais que a Gwen está sempre a tentar impingir-me. Produtos com o selo da casa. Não sei. Hei de lembrar-me de alguma coisa. Só... não quero falar com ninguém a partir de agora.

Diane abanou a cabeça.

— Myra, o problema é precisamente esse. Não interessa se te vais lembrar de outra coisa qualquer... e, seja como for, acho que já não irias a tempo. A questão é que nós não achamos que devas tentar mais nada que signifique que vais ficar no sótão, nesta casa, a brincar com aquela casa de bonecas o resto da vida. Não estás a viver.

— E o que diabo é que sabes sobre isso, mãe? Queres que eu pegue num monte de cartões de crédito e vá às compras por uns tempos, como tu? Isso é que é viver?

— Não. — A voz de Diane era um sussurro. — Longe disso. É solidão. Solidão profunda, torturante e sôfrega, Myra, e eu não quero isso para ti.

— E eu também não — acrescentou Dave. — A tua mãe e eu podemos não concordar em muitas coisas, mas concordamos nisto. Chegou a hora de saíres do sótão, Myra. E se a única forma de isso acontecer é perdermos esta casa... bem, então está na hora de largarmos mão da casa. O teu avô teria dito o mesmo.

— O teu pai e eu já falámos com o irmão dele (lembras-te do tio John?) e ele tem aquela pequena casa de hóspedes na quinta que comprou no Wyoming e disse que poderíamos ficar lá — disse Diane. — Ou, se preferires... — Apontou para Dave.

— Isso. Se preferires, temos um quarto de hóspedes e a Misty e eu adorávamos que ficasses connosco. E, quando

estiveres preparada, poderíamos procurar um lugar onde pudesses viver sozinha, se quiseses, talvez um lugar perto de nós, ou da Gwen...

Myra pôs as mãos em cima das orelhas e abanou a cabeça. Sentia o corpo e a cabeça a serem puxados para diferentes direções ao mesmo tempo, como se a potencial perda da casa — a implosão de tudo o que conhecia — a estivesse a implodir também e ela fosse incapaz de a parar.

— Parem. Não digam mais nada. Não aguento isto.

— Temos de tomar decisões, querida. Nós sabemos que é muita coisa para assimilar e não te queremos apressar, mas também não temos muito tempo para resolver isto.

— Por favor, não abram mão desta casa.

Dave e Diane olharam um para o outro.

— Já não depende apenas de nós, querida. — Diane voltou a estender a mão para a da filha e, desta vez, Myra não afastou a dela. — Eu sei que isto é muito difícil. — A voz de Diane parecia suave e longínqua, como Myra se lembrava de a ouvir no hospital tantos anos antes. — Mas nós amamos-te e lamentamos muito e vamos encontrar uma solução para isto.

Myra levantou-se.

— Eu não quero encontrar uma solução para isto. — Começou a caminhar em direção às escadas.

— Isso não está em cima da mesa...

— Esta noite. Deixa-me acabar. Eu não quero encontrar uma solução para isto esta noite. Estou exausta e quero ir para a cama. —

Virou-se junto à porta e olhou para os pais, a estranha visão

de ambos na mesma sala a enchê-la de terror. — Podem continuar com as vossas congeminções, mas, por hoje, não contem comigo.

Elliott, Arizona, 1986

Na manhã do quinto aniversário de Myra, o Sol nem se deu ao trabalho de brilhar, tão escondido estava atrás da camada densa de nuvens. A chuva miudinha escorria em faixas pelas claraboias embutidas no telhado de duas águas e o rio Verde corria alteroso ao lado da vegetação rasteira do quintal. O dia parecia pesado, revestido de um cinzentismo opressivo que Trixie estava determinada a contrariar. Myra ficara com os avós na noite anterior, porque o aniversário dela caía num dia da semana em que Diane tinha exames finais em Phoenix. O plano da família era deixar Myra fazer uma pequena celebração com Trixie e Lou e depois uma festa maior que os incluísse a todos no fim de semana.

Trixie não falara com ninguém sobre os seus próprios planos. O rio ao lado da casa trazia-lhe à memória outro rio encrespado por uma tempestade, uma vida antes e a quase um continente de distância, mas ainda sempre presente. A água era igual em todo o lado, a correr com os ecos de vidas e tragédias que transportara e por que passara vezes sem fim. Trixie estava determinada a não deixar que outra oportunidade lhe escapasse por entre os dedos. Myra tinha a idade certa e o tempo que tinham passado juntas

mostrava-lhe que também tinha o espírito certo. Com orientação suficiente, poderia assumir o papel que Trixie precisava de transmitir. Trixie queria permitir-se a mercê de envelhecer, a oportunidade de viver uma vida normal com Lou, uma vida de que pudesse desfrutar no tempo que ainda tivesse antes de acabar. A sensação de fim era um alívio. E, quando chegasse o momento, ela própria levaria Myra para o refúgio e deixá-la-ia preencher o espaço de tamanho real que a esperava. O elo entre a pedra e a estrutura da mansão mais pequena manter-se-ia até Myra estar preparada para assumir completamente o papel da Senhora.

A curiosidade inata, a ternura e a bondade de Myra davam esperança a Trixie de que o refúgio pudesse voltar a receber almas cansadas que precisassem do seu abrigo. Ao fim de tantos anos de ausência e autoproteção, a Senhora teria um rosto diferente; uma pessoa que cresceu com raízes num solo distinto e aprendeu de outras mãos e não apenas das de Trixie. Uma pessoa nova poderia ser capaz de fazer um convite que não levantasse suspeitas. Trixie sentia uma agitação a crescer debaixo dela que lhe suscitava a mesma inquietação que sentira na Europa uma vida antes. As pessoas iriam precisar de um escape do que estivesse para vir, tal como sempre precisaram. E Trixie tinha confiança de que Myra — com a orientação e o apoio certos — saberia o que fazer para o proporcionar.

Teria tempo para lhe explicar tudo nos anos subsequentes. Pela primeira vez na sua longa vida, Trixie sentia o calor de uma família à volta dela. As primeiras tentativas tinham sido muito dolorosas. Ainda sentia o

buraco vazio que se tinha aberto dentro dela desde que perdera Ford e que se tinha tornado mais fundo com todas as perdas posteriores: a rejeição de Ruth, a forma violenta como reclamara Alex e a determinação de cortar pela raiz tudo o que restava dela na sua vida. Porque Ruth nunca percebera — nem conseguira aceitar — que havia um elo entre eles que se estendia ao refúgio. Não havia forma de romper aquela ligação sem os destruir a todos.

A dor de Trixie nunca se dissipou, mas o tempo passado com Lou e a família dele, sobretudo Myra, tão parecida com a menina que Trixie esperava ter tido com Ford, tinha-a entorpecido. Sentiu finalmente a sensação de relaxamento — de refúgio — que esperava encontrar no dia em que tocou na mão de Ford na amurada daquele navio e viu o futuro espalhado à frente de ambos e os planos que pensava que acabariam por se concretizar.

Não tinha ninguém a quem perguntar como fazer as coisas funcionarem. Passara séculos a depender apenas dela própria, sem ninguém a quem pedir conselhos, a ouvir a terra que pisava para ajudar os instintos que fora apurando com o tempo. Quando conheceu Lou, sentiu uma ligação que não sentia havia décadas — desde Ford — em relação a outra pessoa. Depois, na primeira vez que Myra caminhara cambaleante em direção a ela e envolvera os braços pequenos nas suas pernas, Myra percebera. Tinha aterrado ali, na curva coberta de vegetação de um rio deserto, porque era esse o seu destino.

Dali a pouco, Trixie iria acordar Myra, enrolada na colcha azul da cama dobrável no andar de cima. Já tinha mexido o creme para as rabanadas para o pequeno-almoço. Depois,

iriam passar a manhã a trabalhar juntas na Mansão no sótão, como faziam tantas vezes. Trixie levou a mão à bolota de lazulite e sentiu-lhe o peso entre os dedos na esperança de estar preparada para a colocar ao pescoço de Myra quando chegasse o momento. Depois, começariam a fazer o bolo de aniversário que lhe tinha prometido que iriam fazer juntas. Trixie tinha uma forma com o formato do número cinco e iriam decorá-lo com um jardim de flores como o que Myra adorava ver lá fora.

Depois, Trixie iria mostrar a Myra como plantar o seu próprio jardim, e cuidariam dele juntas durante o tempo que lhe restasse.

Lockhart, Virgínia, 2015

Alex e Rutherford estavam no armazém, a limpar as migalhas luzidias de *croissants* das respetivas camisolas no ar frio de dezembro e a discutir onde apresentar da melhor maneira o novo carregamento de espelhos de pé de bambu envelhecido da mesma fábrica que fazia os sofás hediondos. Alex não era capaz de imaginar um tema de conversa menos importante e a preocupação que sentia por Myra lhe ter desligado o telefone na noite anterior palpitava-lhe no fundo dos olhos, uma dor latejante na cabeça e no coração que o palavreado triunfante de Rutherford só piorava.

— Nunca pensei que fossem um êxito tão grande, mas podemos ir buscar coisas a esta fábrica por tuta e meia... meia tuta, se aumentarmos as encomendas... e é como imprimir dinheiro. Não sei se é por fazerem lembrar um safari ou se é...

— Mau gosto. A expressão de que estás à procura é «mau gosto», pai. — Alex tocou na dobradiça de um espelho, afastando a moldura de bambu pintado, e a mão ficou escura de verniz. — Parece que os enfiaram nas caixas sem nenhum tipo de controlo de qualidade. Detesto os sofás, mas pelo menos são robustos. Estes espelhos são uma porcaria.

— Estou a pensar colocá-los na secção de «Quartos boémios» no Armazém Três. Vou vendê-los a 929,99 dólares cada.

Alex esfregou os olhos, a fazer força para que o nevoeiro se levantasse.

— Está bem. Como queiras. São uma porcaria e provavelmente estão cobertos de tinta com chumbo e cheios de amianto além de serem certamente as coisas mais horrendas que eu já vi. Tu é que sabes. — Começou a caminhar em direção à porta deslizante do armazém.

— Oh, não, onde pensas que vais? Os «Quartos boémios» são o tipo de coisas de que tu gostas, por isso fica por aqui para o resto do descarregamento e vê lá quais são as outras peças que achas grotescas e não consegues suportar. Sabes que me deixarás orgulhoso...

Ouviu-se o altifalante a crepitar no teto.

— Alex, há uma chamada para ti na linha quatro.

— O Alex está ocupado! — gritou Rutherford para o intercomunicador. — Passa a ligação pelo altifalante!

Alex olhou furioso para Rutherford.

— E se for pessoal?

— Se for pessoal, não deveria vir por aqui. — A expressão de Rutherford era contundente. — Envia a chamada para o altifalante, Ellen!

— Claro, Ruther. E, Alex... parabéns! Que emoção! Mal posso esperar por ler o teu ensaio!

Ouviu-se mais estática a crepitar quando Ellen encaminhou a chamada e Rutherford franziu o rosto de perplexidade, perguntando — *ensaio?* — com os lábios ao

filho, que abanou a cabeça e respondeu — *depois* — também em silêncio.

— Alex? Fala a Gwen Perkins. Lamento ligar-lhe a meio do dia de trabalho. Aqui em Phoenix o Sol ainda está a levantar-se, mas eu sei que o seu dia já vai longo. Não sabia o que fazer e sei que o Alex e a Myra estiveram a falar, muito, e ela não responde às minhas chamadas. Daqui a pouco vou a casa dela.

— A Myra está bem?

— Não imagino porque não haveria de estar, uma vez que nunca sai daquele raio daquele sótão, mas não vou mentir, tinha esperança de que toda esta coincidência maluca a pudesse arrancar de lá. Ela enviou-me uma mensagem de *e-mail* ontem à noite a dizer para eu cancelar tudo e acho que estava a falar do concurso, porque de certeza que não se estava a referir à página d'*A Mansão Minúscula*...

— Gostava de lhe poder dizer a que é que ela se estava a referir, mas a Myra... desligou o telefone de forma bastante abrupta ontem à noite e eu não sei bem porquê. Ela não quer que eu vá lá, isso é certo.

Rutherford continuou a olhar para o altifalante pendurado na viga de madeira exposta no teto e para o filho, cujo rosto estava marcado pela tensão.

— Lamento muito, Alex. A sério. Vou tentar falar com ela em pessoa da próxima vez que tiver oportunidade de subir a montanha para a ir ver, mas estou de mãos atadas. A Mansão ainda não é o meu emprego principal, por isso tenho de esperar um pouco. Mas quero tentar convencê-la a manter esta história toda do concurso de ensaios...

— Eu não quero saber do concurso de ensaios, Gwen. Só quero saber se ela está bem. Nunca deveria ter enviado o que enviei, sequer, mas precisava de saber porque é que isto estava a acontecer. Talvez nunca venha a descobrir. — Quando Alex gritava para o intercomunicador, a luz do armazém refletiu-lhe no cabelo arruivado e o rosto assumiu uma tristeza resignada que fez Rutherford sorver o ar com veemência.

— Que história é esta? — perguntou Rutherford. — Quem é a Myra?

Alex abanou a cabeça e levou o dedo aos lábios como se Rutherford fosse uma criança maçadora, e fê-lo sem o olhar nos olhos. Não reparou no tom escarlate do pescoço e das bochechas do pai, no ritmo entrecortado da respiração, nos sinais habituais de uma explosão prestes a acontecer. Estava demasiado focado no altifalante.

— Conto-te depois, pai. Gwen, pode ligar-me quando estiver com ela?

— Claro. Ligo-lhe para o telemóvel... não o atendeu de manhã.

— Ele tem de trabalhar! — berrou Rutherford, e Alex virou-se, reparando finalmente no ar tremeluzente à volta da boca e dos olhos do pai.

— Eu vou tê-lo sempre comigo — disse Alex. — Obrigado, Gwen.

Quando a estática deixou de crepitar e a linha caiu, Alex olhou para o pai, que estava a respirar com dificuldade de uma forma que criava uma bolsa de atmosfera própria e deixava o ar seco e faiscante. Vários outros trabalhadores do armazém interromperam o que estavam a fazer,

pousaram os espelhos de pé, os sofás e as mesas de entrada e ficaram pregados no lugar, à espera para ver o que iria acontecer a seguir.

Os acessos de cólera de Rutherford eram lendários na Rakes e Filho; raramente discutidos, mas nunca esquecidos por aqueles que os tinham testemunhado. Alex ouvira ecos desses episódios contados por empregados à boca pequena no armazém. Diziam que Mildred, a bisavó dele, costumava chamar-lhes «momentos», em frases como *o Ruther está a ter um momento* ou, para subordinados apavorados e perplexos, *o Sr. Rakes precisa de um momento*. E acompanhava-o à porta, com a atmosfera a tremeluzir à volta dele e o primoroso fato feito à medida a espalhar o aroma penetrante de lã a arder. Um «momento» poderia ser antecedido de uma contrariedade num negócio, ou de um confronto, ou de nada. Quando Alex regressou a Lockhart, o primeiro dia que passou na Rakes e Filho foi um dia inteiro de orientação empresarial — o herdeiro da família não tinha direito a pausas — e o diretor administrativo da empresa deu-lhe uma «Pasta de novo empregado» com informações sobre boas práticas empresariais, brochuras e meia folha de papel num tom suave de verde com o título «Rakes e Filho: palavras a evitar». Na lista contavam-se palavras como *contrariedade*, *atraso*, *liquidação*, *queixa* e *Willa*.

Rutherford cuspiu as palavras por entre dentes cerrados.

— Não falas comigo na minha empresa em frente dos meus empregados como se eu fosse um estorvilho. Nunca.

O coração de Alex começou a bater mais depressa, uma vaga de receio a dar lugar a uma onda de raiva só dele.

— Não te tratei como um estorvilho, pai. Queres mesmo discutir isso aqui? À frente de toda a gente?

— Quero que me digas agora, antes que qualquer um de nós se afaste um centímetro que seja deste lugar, que história é essa da «mansão minúscula» e que diabo se está a passar.

— Oh! — gritou uma voz emocionada da porta e, quando se viraram, Alex e Rutherford viram Ellen a entrar em tremenda agitação com um carrinho cheio de sacos de papel à frente dela. — Estou tão contente por não ter perdido isto! Trago almoço para toda a gente, já agora. Ruther! O Alex disse-te? Há uma página muito popular sobre «a mini mansão de Mona» ou não sei o quê, mas a questão é que é uma coisa *do outro mundo*: uma casa de bonecas pequenina que toda a gente quer decorar, num blogue que toda a gente quer ler e por aí fora. É um mimo! E fizeram um concurso para conhecerem a Mona... ou Mónica?... Mallory?... e o Alex candidatou-se e venceu, tão inteligente que é! Ainda não lhe tinha dado grande atenção, mas estive a ler no telemóvel hoje de manhã e acho que seria um excelente meio de publicitarmos a nossa loja. A mobília de algumas divisões é muito parecida com a que vendemos aqui! É como se a Margaret ou lá como se chama tivesse encontrado versões minúsculas de coisas que parecem tiradas de Lockhart. Não é engraçado? —

Ellen dirigiu-se para ambos com o telemóvel na mão e brandiu-o à frente do rosto de Rutherford. — Quer dizer, olha para este *quarto*! Este lustrezinho tão pequenino. A cabeceira! Imagina só.

A longa sobrevivência de Ellen como empregada da Rakes e Filho devera-se, em parte, ao facto de parecer completamente indiferente aos humores de Rutherford e ter um instinto perfeito relativamente ao que ele precisava. Alex não tinha a certeza de qual era a idade dela nem sequer de há quanto tempo trabalhava para eles. Era só a Ellen, uma instituição, uma presença tão constante e imutável como as pesadas vigas de madeira que seguravam o telhado do armazém. Tinha uma capacidade incrível para desviar as atenções de Rutherford sem que ele reparasse.

Rutherford pegou no telemóvel de Ellen e passou o dedo pelo ecrã.

— O que... o que é isto? — Virou o telemóvel para a frente e deu um passo na direção de Alex, que recuou a afastar o pescoço do ecrã que o pai lhe estava a tentar enfiar na cara. — Esta... casa. É praticamente igual. Isto é alguma brincadeira? Estás a tentar pregar-me alguma partida?

— Pai, tens de te acalmar...

— Não vou deixar que o meu filho me trate como se eu fosse um incapaz! Seja qual for o plano ridículo que tenhas para me fazeres parecer um idiota...

— Nem tudo tem que ver contigo, pai! Nada disto tem que ver contigo! — O volume das palavras que rasgavam a garganta de Alex surpreendeu-o até a ele. — Não tens de estar a par de tudo o que se passa na minha vida! Não é suficiente eu ter largado tudo para voltar para aqui? Para estar contigo? Não é suficiente eu ter feito isso ainda que me tenhas mandado embora quando eu não passava de uma criança? E agora queres saber o que se passa na minha vida? Não é assim que as coisas funcionam!

— Eu disse-te que estava a tentar proteger-te! E era precisamente disto que eu estava a tentar proteger-te! — Rutherford apontou para a página d’*A Mansão Minúscula de Myra Malone* e levantou o telemóvel para cima da cabeça como se se estivesse a preparar para o atirar para o chão, mas Ellen estendeu o braço sub-repticiamente, tirou-lhe o aparelho da mão com a destreza de um carteirista e recuou imediatamente. — Esta... casa!... quer manietar-te a ti, quer-me manietar a mim e eu não o vou permitir. Não o vou admitir. Vou livrar a nossa família desta casa logo que possa, como já deveria ter feito há muito tempo...

Os olhos de Rutherford disparavam para todos os lados, numa agitação que se estendia a todo o corpo e o fazia transferir o peso de uma perna para a outra a todo o momento. Alex percebeu que a raiva era uma máscara de algo mais profundo... algo como medo.

— É só uma casa de bonecas, pai; uma paginazinha sem nenhuma importância que serve de escape às pessoas, que procuram um refúgio do mundo real.

— Elas não sabem para onde estão a escapar — disse Rutherford entre dentes. — Ninguém compreende. Mas eu compreendo. Tens até sexta-feira, Alex. Arruma as tuas coisas. Encontra outro lugar. — A voz de Rutherford continha uma calma que não era deste mundo, que vinha de um lugar que não era dele.

— Hoje é quarta-feira. — Alex sentiu a raiva a borbulhar novamente dentro dele. — Não percebo qual é o teu problema com aquela casa.

— Sexta-feira, Alex. Tira o resto do dia. Vai-te embora.

Alex olhou em volta para os empregados em silêncio, ainda à espera para ver o que iria acontecer.

— Algum de vocês tem algum quarto para alugar? Se sim, liguem-me. Parece que estou a ser expulso de casa. — Ao passar por Rutherford, deu-lhe uma palmadinha no ombro. — Obrigado pelo apoio, pai, mais uma vez. É sempre bom saber que posso contar contigo.

Dirigiu-se para o parque de estacionamento dos funcionários paralelo ao canal, entrou no *Mini* e voltou para a mansão, aturdido. Grande parte do que estava na casa não lhe pertencia ou só lhe pertencia no sentido em que pertencia à família. Mas Alex sentia uma ligação especial às peças que sabia que existiam na casa de Myra. Ainda tinha o contentor de armazenamento no passeio da mansão com os pertences que ainda não tinha transferido para a casa e estava feliz por ter um lugar para onde podia levar as coisas, embora não soubesse quando nem onde as poderia descarregar de novo. Não se lembrava de nenhum lugar para onde pudesse ir. Parecia nem sequer conseguir encontrar paz de espírito, ainda titubeante depois de Myra lhe ter batido com a porta virtual na cara.

Quando estacionou o carro e subiu pesadamente o caminho de lájeas até à porta da mansão, a música no interior era suficientemente alta para ecoar nas pedras.

— Para com isso — gritou, antes de bater com a porta ao entrar e de subir as escadas a bater o pé e a sentir-se como uma criança prestes a fazer birra.

Em vez disso, atirou-se atravessado para a cama, cobriu-se com a coberta de veludo martelado e fez o que deveria ter feito desde o início: tentou encontrar Myra e não a casa.

Ou melhor, tentou encontrar alguma pista que explicasse a insistência de Myra em fechar-lhe a porta. Ao procurar o nome dela, encontrou resultados para a página d'*A Mansão Minúscula*, bem como uma grande quantidade de críticas elogiosas à página e ao público crescente que atraía. Encontrou uma página de ficção de fãs que escreviam histórias ambientadas na Mansão, algumas das quais eram mais ousadas do que Alex esperaria ver numa página inspirada em miniaturas. As poucas entrevistas que conseguiu encontrar sobre a página eram perguntas e respostas escritas, uma sessão denominada «Pergunte-me o que quiser» em arquivo que não soava nada coisa de Myra, mas sim de uma agente publicitária ou, provavelmente, Gwen. Havia até textos publicitários ou publicações de fãs inveterados que mencionavam conversas com Gwen, mas não com Myra. Reparou no aparecimento das palavras *reclusa* e *eremita* várias vezes e até se deparou com uma página que lhe chamava «a J. D. Salinger das miniaturas».

Tudo o que tinha a voz de Myra estava confinado à página d'*A Mansão Minúscula*, tal como Myra se confinava a si mesma. Alex deixou-se ficar pelos arquivos algum tempo, a tentar encontrar um fio de ligação.

Ao fim de algum tempo, foi ainda mais específico ao pensar que uma pesquisa relacionada com um acidente rodoviário em 1986 poderia gerar resultados. Encontrou um arquivo de um pequeno jornal local com alguns artigos curtos, a história triste de uma rapariga severamente ferida encontrada num carro destruído a meio da vertente de uma montanha, tendo o veículo ficado quase escondido debaixo da neve; «é demasiado cedo, na hora em que escrevemos

este texto, para saber se a criança irá sucumbir aos ferimentos deste acidente fatal. A condutora do automóvel, Beatrix Walsh, foi encontrada sem vida no local». O artigo apresentava uma fotografia horripilante do carro: uma massa distorcida e quase irreconhecível numa encosta coberta de neve. Parecia impossível que alguém sobrevivesse, mas Myra sobreviveu, presa e quase inconsciente ao frio até alguém descobrir as marcas que saíam da estrada e as seguir até depois da grade de proteção.

Outro artigo mencionava uma angariação de fundos numa escola primária local para a menina que sobreviveu ao acidente, mas que estava longe de estar fora de perigo e poderia nunca vir a estar, na verdade. De acordo com o que Alex foi lendo, previa-se a necessidade de cirurgias corretivas e cuidados médicos domiciliários *a posteriori*. A menina entrara no jardim de infância em agosto e, em dezembro, o acidente rodoviário obrigara-a a abandoná-lo. Nunca regressara a uma sala de aulas. Alex ouviu notas lentas e tristes de Chopin a ecoar pela casa enquanto lia as descrições das queimaduras graves que Myra sofrera, «o maxilar partido, a caixa torácica esmagada. Embora as esperanças de que sobreviva continuem a ser fortes, a vítima ficará para sempre marcada pela experiência.»

Há coisas que não o posso deixar ver, dissera-lhe Myra, e Alex percebeu de repente que se referia a ela própria.

— Céus, Myra — disse em voz alta. — A sério que acha que eu me importaria com uma coisa dessas? Não me interessa qual é o seu aspeto! — Gritou para o teto. — Como é que eu a posso convencer a deixar-me entrar?

Desceu até à biblioteca, à procura de inspiração, quando se lembrou do livro que lhe leu. Ainda estava na estante para onde o pai dele o tinha atirado, rodeado de cacos de vidro e porcelana, e Alex afastou os cacos com cuidado da prateleira alta onde estavam caídos, para tentar alcançar o livro sem se cortar e sem precisar de uma escada.

Depois ouviu um clique e a estante abriu-se.

O compartimento atrás dela era pequeno, mas Alex nunca o tinha visto. Não viu nenhum interruptor nem nenhum candeeiro, mas o compartimento parecia ter iluminação interior, sem nenhuma fonte que a explicasse. No centro, havia uma pequena mesa redonda elaboradamente esculpida a partir de madeira escura, encrustada com tons de azul e de prata que Alex reconheceu, quando chegou mais perto, serem parte das raízes de uma árvore com os veios entrelaçados a estenderem-se para as bordas caneladas da mesa. No centro da mesa havia uma pequena caixa prateada, aberta e vazia. Quando Alex se aproximou para olhar mais de perto, notou um movimento pelo canto do olho que lhe chamou a atenção para um retrato redondo na parede do compartimento.

A mulher era franzina, mas Alex apercebeu-se de que estava de joelhos, o que a fazia ainda mais pequena. Estava em meio perfil, mais a olhar para o lado do que para a frente, e metade do rosto estava escondido por uma massa desordenada de caracóis loiros. Estava a usar um vestido de gola alta, com fios de renda em volutas elaboradas a subir-lhe pelo pescoço a partir de um corpete justo azul-escuro. A luz tremeluzia na superfície do vestido, a mover-se em ondas e torvelinhos, camada atrás de camada de

seda a espalhar-se até às bordas do retrato como se fosse transbordar da moldura dourada como água. O sorriso da mulher fazia lembrar o de Willa, os lábios ligeiramente dobrados, como que a esconder segredos mais antigos do que o rosto que iluminavam. Tinha os braços fechados no peito. Quando Alex se aproximou, viu uma mão a envolver a outra, que estava enrolada e escurecida, fechada sobre algo pendurado numa corrente prateada que lhe pendia do pescoço. Algo azul e redondo. Um ovo?

Uma bolota.

Alex olhou fixamente para Myra, quase demasiado distraído pelo rosto dela para reparar no fundo do retrato, com o teto em bico, as vigas expostas e, mais ao lado — imediatamente antes de o mundo do retrato se esconder atrás da moldura — um torreão em miniatura.

Alex saiu do compartimento a correr e subiu as escadas, dois degraus de cada vez, até chegar ao quarto, onde tinha o computador. Escreveu o mais depressa que conseguiu pedaços de frases dispersas que esperava que ela compreendesse: «Tem de me deixar vê-la. Já a vi. E compreendo. Acho que a encontrei — a Willa — e, ao encontrá-la, acho que também a encontrei a si. Deveria ter-lhe contado tudo antes. Eu amo-a. Acho que já a amava ainda antes de falarmos.»

Quando a luz já se sumia à volta dele, Alex comprou um bilhete de avião para Phoenix. O primeiro voo disponível era às cinco da manhã e partia de Washington. Alex começou a fazer as malas.

A despedida

(De *A Mansão Minúscula de Myra Malone*, 2015)

Era uma vez uma casa.

Todas as histórias que a Trixie me contava começavam com estas palavras, e a Trixie contava-me muitas histórias. É uma boa maneira de começar um conto de fadas e gosto sobretudo da abertura que permite, porque, quando começamos a ouvir, não sabemos ao certo qual é a direção que o conto vai seguir. Que tipo de casa? poderemos perguntar-nos. Afinal, uma casa pode ser uma coisa qualquer. Pode ser uma bela vivenda coberta de rosas trepadeiras, com uma jovem princesa e três bondosas fadas que a estão a esconder de uma feiticeira em busca de vingança. Uma casa pode ser feita de bolos de gengibre e doces, a esconder uma bruxa sanguinária só à espera de uma oportunidade para comer um saboroso par de crianças roliças. Uma casa pode estar assombrada e rodeada de árvores esqueletais cujos ramos roçam nas janelas e nos convencem de que qualquer momento pode ser o último da nossa vida antes de sermos arrastados para os domínios que vierem depois deste em que vivemos.

O que quero dizer com isto é que é um artifício narrativo muito rico. Uma casa pode não sair do sítio, mas a história sobre ela pode levar-nos a qualquer lugar. No entanto, as histórias da Trixie levavam-me sempre para o mesmo lugar: o refúgio, uma casa num amplo trecho de um rio que dava abrigo a quem mais dele precisava. Mas havia um fluxo e um refluxo nessa necessidade e o refúgio que a casa proporcionava estava ligado ao espírito da sua protetora, a que Trixie chamava sempre a Senhora da Casa. Uma casa vazia é um lugar solitário e precisa de quem a mantenha para que possa ser acolhedora para qualquer pessoa. O problema, como a Trixie me explicava sempre, é que estarmos ligados a um lugar assim pode fazer com que as pessoas comecem a pensar que somos algo que não somos na realidade.

Nos últimos meses, e já vão muitos desde que a Gwen me convenceu de que a Mansão Minúscula era um lugar que eu precisava de partilhar com o mundo — que as minhas palavras sobre ela eram algo que outras pessoas poderiam querer ler —, tenho, de certa forma, representado o papel de Senhora da Mansão Minúscula, mesmo sem me aperceber disso. Tenho-os recebido neste lugar onde passei a maior parte da minha vida e, para vocês, a Mansão Minúscula não existe sem a Myra Malone. Mas estão a pensar que eu sou algo que não sou. Não sou uma pessoa com respostas. Não sei como devem decorar as vossas casas, nem qual é o melhor tom para a vossa porta de entrada, tão-pouco se será boa ideia misturar o estilo barroco inglês com o pós-moderno. Não sei sequer como sair para lá da porta da frente da minha casa ou como ter

uma conversa olhos nos olhos com outro ser humano. Não sei nada.

O que eu sei é que a casa em que cresci vai deixar de ser a minha casa. Sei que esta ideia estapafúrdia que a Gwen teve de abrir as portas — a pequena e a grande — a pessoas que pagassem por esse privilégio não vai funcionar. Sei que muito em breve alguém entregará um cheque para se apoderar da cabana que o meu avô construiu, e não é por ser um refúgio nem por estar assombrada por uma mulher confusa que não sabe, quando escreve estas palavras, para onde poderá ir a seguir, porque é uma mulher reservada (e, sim, eu sei que há quem possa dizer que é uma reclusa). O cheque vai ser passado porque esta cabana foi construída, como diz a Gwen, em território com localização privilegiada para férias na montanha e ninguém vai querer saber o que esse ato vai tirar a outrem. A mim. O fantasma no sótão.

Estou a divagar e estou ciente disso, e é uma forma muito longa e muito rebuscada de dizer que esta é a minha última publicação na página *A Mansão Minúscula de Myra Malone*. Já disse à Gwen para tratar das devoluções a todos quantos se inscreveram no concurso e peço desculpa por todo o tempo que gastaram e trabalho que tiveram. Nunca poderia ter previsto, quando tudo isto começou, para onde este conto iria levar-me ou levar-nos a todos.

Mas esse é o problema de nos apaixonarmos por uma história que começa com uma mansão. Uma casa é um sítio muito imprevisível para começar.

Parkhurst, Arizona, 2015

*N*ão devia ter olhado não devia ter olhado eu sabia que ele não me ia dar ouvidos. As palavras caíam-lhe aos trambolhões pela cabeça abaixo, demasiado rápidas para Myra as estancar. As reflexões sobre Alex começaram a colidir com perguntas como *Para onde hei de ir? Como é que hei de ir? Como é que isto está a acontecer?*

A Mansão estava ativa quando Myra voltou a subir as escadas, depois de ter abandonado a ideia de voltar para o quarto e tentar dormir, que sabia que seria impossível. Em vez disso, subiu pesadamente as escadas para o lugar a que pertencia e, como seria de prever, encontrou a casa escancarada com música a emanar do compartimento secreto atrás da estante da biblioteca. Myra estava com calor, uma espécie de amostra de febre começou a borbulhar-lhe no peito e o pingente em forma de bolota que trazia pendurado ao pescoço aquecia-lhe pele. Um movimento no canto do sótão chamou-lhe a atenção e ela viu o vestido — o vestido de Trixie — a esvoaçar como se uma aragem invisível, uma brisa que só ela fosse capaz de ver, estivesse a correr pelo ar seco. Voltou à mansão e espreitou para o interior, reparando que o retrato na biblioteca estava intacto e a sorrir-lhe.

— O que devo fazer? — sussurrou Myra.

O retrato não respondeu. Myra sentou-se sobre os calcanhares e ouviu a gravilha a estalar à distância: o carro do pai descia a entrada a caminho da estrada. Dave ia-se embora novamente, como se abrir mão da cabana não o incomodasse nem um bocadinho. Mas, claro, já o tinha feito havia muito tempo. E Diane também, ao que parecia, de uma forma diferente, mas que não lhes deixava muitas escolhas. Myra ouviu as dobradiças a ranger até a porta se fechar no andar de baixo, onde a mãe não demoraria a ficar inconsciente depois de tomar o comprimido que tomava todas as noites. Tinham ambos deixado Myra ao abandono e a sentir-se novamente como a menina pequena no meio de um monte de neve.

— E agora? — murmurou novamente para o retrato. — Oh, Trixie, tu sabias sempre o que fazer. Tu e o avô. Quem me dera que estivessem aqui. — Myra ouviu um pequeno estampido junto aos pés. A boneca de mola de roupa, como o cabelo de fio amarelo envolto em redor da cabeça com uma auréola, estava fora da Mansão. Fora dos limites do mundo que lhe estava destinado.

Myra olhou pela janela e viu as luzes traseiras do carro do pai a brilhar refletidas no para-choques enferrujado do carro da mãe.

Desceu as escadas em bicos de pés antes de pensar conscientemente em fazê-lo, e pegou nas chaves da mãe, penduradas num prego junto à porta da frente. Atravessou o pátio a correr nos chinelos de quarto e entrou para a frente do volante.

Resistira fortemente quando Diane insistira para que tirasse a carta de condução quando era adolescente, mas a mãe inscrevera-a

na mesma para o necessário curso por correspondência, sentara-se no banco do passageiro e ensinara-a a conduzir ela própria para depois a obrigar a fazer o exame de condução — com um lenço a esconder-lhe o rosto até onde era possível — enquanto Diane ia sentada no banco de trás. *E se eu precisar de ir para o hospital? E se tu precisares? Tens de saber conduzir.*

O exame fora a última vez que Myra conduzira um carro e ela sentiu cada dia desses dezoito anos, uma vez que teve dificuldade em lembrar-se da complicada lista de passos para o ligar. Mas conseguiu, e o carro roncou de vida de uma forma que Myra achou assustadora e um pouco entusiasmante, antes de o conduzir devagar pela entrada de gravilha em direção à estrada. Dirigiu-se para a cumeada e depois desceu a montanha numa viagem de uma hora até à bétula-negra, aberta em arco sobre as lápides parelhas de Trixie e Lou.

Myra não pusera os pés no cemitério desde o funeral de Lou, poucos dias depois de fazer vinte e um anos, data que o pai dela — numa piada mais solene do que engraçada — partilhou com o avô e Trixie levando seis garrafas de cerveja para os túmulos de ambos. As garrafas — enfiadas em todos os bolsos do fato demasiado grande que raramente usava — tilintavam enquanto os três, Myra com os pais, caminhavam para o talhão. Depois do enterro, Dave estendeu uma garrafa a Myra e a Diane, abriu-as rapidamente com um abre-caricas que tinha no porta-

chaves e levantou a garrafa para fazer um pequeno brinde: *Salud*. Myra olhou para o pai, algo perplexa, e ele sussurrou, *É o que o avô havia de querer*, e ela sabia que ele tinha razão. A cerveja, escura e densa, era tão amarga como a dor que Myra sentia, pelo que acabou por não beber muito. Deixaram duas garrafas — uma para Lou, outra para Trixie — em frente das respectivas lápides e Diane colocou flores de seda noutra garrafa, que pousou entre elas.

As garrafas e as flores não estavam, claro, em lugar nenhum quando Myra estacionou o carro e reconstituiu os passos até chegar à bétula-negra. A respiração saía-lhe entrecortada em nuvens de vapor, a única coisa quente na noite que se adensava. Se não fosse a árvore, não teria sido capaz de encontrar os túmulos; fios de heras enrolavam-se num abrigo de folha persistente que os protegia a ambos. Desejou, ao sentar-se com os ossos a estalar no chão frio, que os pais tivessem colocado um banco ou alguma coisa onde as pessoas se pudessem sentar no lugar, mas, claro, Myra nunca tinha regressado e duvidava que os pais o tivessem feito também. Os túmulos pareciam descuidados, não esquecidos, mas dormentes.

Lou escolhera a campa de Trixie por causa da bétula-negra. Diane disse a Myra, anos mais tarde, que ele queria encontrar um carvalho — que Trixie falara tão poeticamente sobre os carvalhos do local onde tinha nascido, do abrigo que os ramos largos proporcionavam e das cores luminosas das folhas —, mas a capacidade que tinha de fazer com que quase tudo crescesse no solo seco do Arizona sucumbira com ela na vertente da montanha e a

bétula fora o melhor que Lou conseguira encontrar. A casca a cair e a espalhar-se no chão em curvas suaves era uma mistura de beleza e tristeza. Myra teria concordado com a escolha, se o avô lhe tivesse perguntado alguma coisa. Mas, na altura, estava inconsciente no hospital, a tentar agarrar-se à vida, ainda a imaginar-se presa num monte de neve.

Quando foram enterrar Lou, Myra não reparara que ele tinha mandado esculpir um carvalho a florescer a partir de uma bolota na lápide de Trixie. O entalhe era complexo e ornamentado, um forte contraste com o bloco de granito simples de Lou. Myra enrolou a mão na semente azul que trazia pendurada ao pescoço para retirar força do seu calor.

— Não sei porque pensei que vocês poderiam ajudar-me.
— Apesar da camada fina de casca enrolada e de folhas em que estava sentada, Myra sentiu o frio a subir em ondas do fundilho das calças e a tranquilizá-la: a abrandar-lhe o sangue, a amenizar a dor que sentia na cabeça. — Mas senti que precisava de os ver. Não sei porque não vim antes.

O vento aumentou, agitando-lhe o cabelo loiro como Lou costumava fazer e Myra sentiu o sabor de gelo derretido, indicação de que a neve estava prestes a cair. Sentia que estava a ser puxada, que a devoção que a amarrava à pequena casa no sótão estava a atingir os limites de uma forma que era desconfortável. A luz continuou a desvanecer-se e o vento voltou a aumentar, obrigando-a a levantar-se na esperança de sentir algum raio de reconhecimento, alguma reação das duas pessoas que tanto estimara e que tanto a estimaram. *Um tesouro é uma*

responsabilidade, minha bolotazinha, mas eu vou ajudar-te a aprenderes.

— Não me ajudaste — disse Myra. — Eu não estava preparada. Não estava preparada para o que tu me ofereceste e passei a vida inteira a tentar aprender contigo. — As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, congelando ao vento. — Não sabia quão sozinha estava até parecer que a solidão poderia terminar. Mas isso significaria deixá-lo entrar, deixar que ele me veja.

Não se ouviu nenhum som a não ser o do vento.

— Sou eu, não sou? Eu sou a Senhora. Deixaste-a comigo antes do que tinhas previsto e mais longe do que tinhas planeado. —

Riu-se pesarosamente ao sentir a verdade a entranhar-se-lhe nos ossos, a bolota pendurada ao pescoço a fazer força com um peso que era reconfortante pela familiaridade, mas que assumia um novo significado, uma tristeza que ela não sabia como absorver. — Acho que deveria perguntar o que vai acontecer agora, mas já está a acontecer há muito tempo sem que eu o soubesse. E parece-me que fui um refúgio... não por eu o pretender, mas a Gwen disse-me isso muitas vezes. Para pessoas que viam o que eu fazia com a Mansão e que precisavam de um escape. Mas e eu?

O tom dorido da voz de Myra foi levado pelo vento e ondulou entre os ramos da bétula-negra.

— Disseste que ela estava muitas vezes sozinha, a Senhora. Antes do Alex, acho que não me teria importado, Trixie, mas agora, ao sentir o que significou abrir mão dele, acho que não consigo fazer isto. Não sei se consigo suportar o peso disto tudo.

A voz suave de Trixie passou-lhe pela cabeça vinda de um lugar mais profundo do que a memória. *Nem sempre podemos escolher as circunstâncias do fardo que carregamos, Myra. Mas carregamo-lo na mesma.*

Myra voltou para o carro, impulsionada por um sentido de urgência que não era capaz de pôr em palavras. Os quilômetros que demorou a subir a montanha deveriam ter passado mais devagar do que os que demorou a descê-la, mas carregou com mais força no acelerador e a distância foi sendo consumida mais ávida e rapidamente, e o medo encontrou um apoio no fundo do estômago, onde brilhou como uma brasa luminosa e quente, até o carro patinar na gravilha e Myra ver a luz a tremeluzir nas janelas do sótão e começar a gritar.

Lockhart, Virgínia, 2015

Alex estava a fazer as malas, quando sentiu o telemóvel a vibrar no bolso. Quando viu o nome do pai no ecrã, premiu no botão para ignorar a chamada. E a seguinte, e a que veio depois. Arrumou poucas coisas, não se esquecendo das meias e da roupa interior. *Usam camisolas no Arizona? Ela fala sempre do frio, mas aquilo não é tudo deserto e catos? Deixa-me meter algumas aqui dentro por via das dúvidas...*

Colocou todos os dispositivos eletrónicos que possuía na mala, não só porque os tinha sempre por perto, mas também porque tinha uma história a arder-lhe nas pontas dos dedos e, pela primeira vez em anos, sentia um impulso de escrever e de colocar no papel a semente da narrativa da avó antes de o tempo lhe levar as memórias. Juntou um pesado saco de viagem à mala de rodas, uma vez que sentiu a necessidade de levar com ele algumas coisas que Myra também tinha em tamanho menor. Dobrou a coberta de veludo martelado e enrolou-a em volta do candeeiro de cobre flexível. Correu pelas escadas abaixo e pegou no livro *Um Tesouro Infantil de Poemas sobre a Natureza* que estava na biblioteca e alguns cacos de porcelana com glicínias pintadas. Olhou para o retrato de Willa e

reconheceu que o corte no rosto tinha desaparecido sem deixar um rasto da facada que o pai dera na tela.

Tens até sexta-feira. Alex não tinha a certeza de quando voltaria — se é que iria voltar — e não sabia o que o pai iria fazer com as coisas que adorava na casa, com que rapidez iria arrendar a casa, ou vendê-la, ou excluí-lo de qualquer outra forma daquele lugar que ele sentia que era a sua casa. Antes de poder pensar mais, tirou o retrato de Willa da parede e levou-o para o contentor de armazenamento que estava no passeio de entrada, arrumou-o com cuidado junto à parede e cobriu-o com um cobertor pesado para mudanças. Quando olhou em volta para as caixas de pertences guardados, viu que tinha mais espaço e voltou para a casa para ir buscar mais objetos, tudo o que lhe chamasse a atenção. Rolou a mesa esculpida e a base prateada para fora do compartimento escondido, pelo *hall* e pelas escadas da frente abaixo antes de a arrumar no contentor entre caixas de livros velhos. O aparador verde-água que tinha no quarto — emendado como estava — também podia ser desmontado e alguns minutos com a navalha multiusos que tinha no bolso permitiram-lhe dividi-lo em peças que poderia carregar pelas escadas abaixo e arrumar juntamente com os outros objetos. O colchão era demasiado largo e pesado para que o pudesse carregar sozinho, mas a cabeceira era leve, com painéis que não passavam de folhas de madeira, e Alex acabou por conseguir levá-la para fora de casa, não sem dificuldade. Quanto aos discos que adorava — Chopin, Joplin e Debussy, círculos de vinil cheios de melodias que lhe ocupavam as

memórias —, empilhou-os numa caixa que colocou junto aos livros no contentor.

Subiu as escadas para passar uma última revista pelo quarto e parou no corredor com os braços vazios. A maçaneta de vidro da porta do quarto de Willa cintilou na luz da tarde. Alex não passara muito tempo naquele quarto quase vazio e ecoante com vasta vista sobre o rio. A porta abriu-se em silêncio, mostrando os mesmos chãos nus, o mesmo gigantesco roupeiro com gavetas encostado à parede do fundo. Embora Alex gostasse do apuro do trabalho realizado na peça de mogno brilhante, era um móvel demasiado grande para o tamanho do quarto em que se encontrava e parecia estranhamente deslocado.

Apercebeu-se de que nunca o tinha aberto, sequer, e atravessou o quarto para pegar num dos puxadores enferrujados. A porta emperrou por um momento antes de se soltar com estrondo. Uma das dobradiças estava partida. O interior cheio de pó só tinha dois artigos, nenhum dos quais era uma peça de roupa: um cavalo de baloiço de criança com uma sela pintada de vermelho e um berço de carvalho pousado em duas meias-luas sólidas de madeira. Alex sentiu uma centelha de reconhecimento e envolveu os braços em ambos os objetos, puxando-os do roupeiro e deixando a porta estragada entreaberta. Levou-os a ambos para baixo e acrescentou-os às caixas e objetos que já tinha no contentor.

Quando o que lhe comprimia o peito começou a relaxar e ele sentiu que tinha retirado todas as peças que lhe diziam alguma coisa do alcance da raiva do pai, parou, fechou o contentor de armazenamento e substituiu os cadeados

robustos. Ligou à empresa de armazenamento para combinar a recolha. Por ser uma empresa que colaborava habitualmente com a Rakes e Filho, a resposta não tardou e, ao fim de uma hora, o camião já estava a aparecer ao fundo da colina. Alex viu o contentor a ser içado com cuidado para o camião e a ser levado para longe, antes de entrar no carro quando a noite começava a chegar.

Lockhart, Virgínia, 2015

Ao olhar para as janelas em arco da mansão, Ruth via escuridão onde outros poderiam ver luz. A casa sempre lhe parecera assim, com a luz e a escuridão ao contrário, da mesma forma que um negativo de uma fotografia subvertia as expectativas sobre a aparência de uma imagem. Parou no caminho de lájeas e olhou para o passeio de acesso à garagem, reparando que o contentor de armazenamento de Alex tinha desaparecido, juntamente com o carro. Esperava que Alex também se tivesse ido embora — sabia que tinha ido —, mas o chão que pisava disse-lhe exatamente o que o filho iria encontrar onde quer que fosse, onde o raio da casa de bonecas estivesse, a quem quer que pertencesse. Porque sempre lhe pertencera a ela.

Eu estou sempre aqui. Tens de saber isso.

Quando expulsara a mãe, obrigando-a a sair da casa depois de lhe tirar o filho dos braços, ela dissera-lhe estas palavras com tanta calma, tanta certeza, que Ruth as ouvira como uma maldição. E era verdade. Sempre o soubera, mesmo depois de ter engolido esse conhecimento. Mesmo depois de ter reprimido todas as memórias que tinha dela.

Quando voltara com Alex à casa naquela noite distante — depois de o levar ao médico da família, um homem cuja longa associação com a família Rakes impedia demasiadas perguntas sobre o pulso partido do rapaz —, Willa tinha desaparecido, mas Ruth continuava a ouvir a presença dela a respirar nas diferentes divisões. Alex chorara e adormecera na biblioteca, debaixo do retrato sorridente, e Ruth não dormira de todo. Arrumara as coisas do rapaz na manhã seguinte e anunciara que iriam mudar-se para a casa de estilo federal que pertencera a Mildred e Teddy e que era o local onde Rutherford sempre tinha vivido. O lugar onde ele era Rutherford ou Ruther e não Ruth, o nome por que a mãe insistia em chamá-lo, o nome que ele ouvia sussurrado das profundezas subterrâneas sempre que regressava à mansão, com os seus carvalhos e caminho de lájeas. Onde estava agora. A olhar de novo para a casa. O lugar onde começou e viria a acabar.

Colocara a casa à venda na manhã seguinte, depois de Alex acordar e reclamar por ter de fazer as malas, de se ir embora, de atravessar a cidade para ir para a soturna casa dos bisavós. *Quero ir para casa*, gritara, uma vez e outra, e Ruth — Rutherford, caramba, ou Ruther — dissera-lhe que aquela não era a casa dele, mas não o conseguira convencer.

Ninguém haveria de comprar a mansão. O agente imobiliário a quem confiara a missão de anunciar a casa e de a mostrar demitira-se ao fim de uma única visita, dirigindo-se à Rakes e Filho e deslizando o cheque com o nome da empresa gravado no imponente balcão de Rutherford.

— Nem por todo o dinheiro do mundo — dissera antes de se virar sobre o calcanhar e se ir embora, não apenas do escritório, não apenas do edifício, mas de Lockhart.

A mansão sabia que Rutherford a queria ver desaparecer e ripostara, tal como Willa dissera que faria. Rutherford não a conseguia vender e não encontrava paz nas noites que passava na casa dos Rakes, a ouvir os brados ansiosos de Alex sobre a mansão e a avó. Uma manhã, ao fim de poucas semanas, revertera a mudança que fizera com o filho muito pouco tempo antes e regressara à mansão. Quando Alex saíra do carro, o vento nas árvores acalmara-se, os sussurros debaixo das pedras cessaram e a casa ficara em paz. Era uma paz cautelosa: Rutherford não podia estar lá sozinho, ou por muito tempo, sem a mesma velha sensação de que estava a ser puxado e empurrado e que o deixava desorientado. Era apenas a paz suficiente para o ajudar a ultrapassar os poucos anos que faltavam até Alex ter idade suficiente para entrar na Saint Thomas Academy. Assim que o rapaz fizera cinco anos, Rutherford mandara Ellen levá-lo para a escola. Pusera a casa dos avós à venda e mudara-se para um condomínio envidraçado da baixa, com vista para um trecho mais exclusivo do rio. Quanto à mansão, dar-se-ia por satisfeito se a deixasse cair em ruínas, mas esta recusara-se firmemente a fazê-lo. À noite, sentia-a a moer-lhe o fundo da consciência e tremia só de pensar em encontrar outro agente para tentar colocar inquilinos na casa.

Na manhã em que recebera uma oferta pela casa dos avós, Ellen encostara-se à ombreira da porta do escritório do patrão com os braços cruzados.

— Suponho que vou ter de encontrar outra casa para ficar, não é?

Rutherford abanara a cabeça como se estivesse a fugir de um sonho. Esquecera-se do apartamento da cave e de que Ellen nunca o tinha abandonado. Tinha-se integrado de forma tão fluida na família, que ele assumira, sem perguntar, que Ellen iria ocupar a *suite* separada do apartamento novo, mantendo a lealdade de sempre. Mas a mansão era uma opção melhor, uma vez que precisava de alguém que cuidasse dela e não o incomodasse. E Ellen nunca o incomodava. Abrira um sorriso largo quando sugerira que ela ficasse na casa por uns tempos.

— Por uns tempos, talvez, Ruther. Mas aquela casa não é para mim, na verdade. É para outra pessoa.

— Não me lembres disso — dissera Rutherford, sem perceber o que Ellen queria dizer.

E Ellen ficara mais tempo do que qualquer um deles tinha planeado e só saíra algumas semanas antes de Alex voltar.

Deveria ter sido suficiente. O negócio estava a correr bem, Alex também estava a dar-se bastante bem — embora do outro lado do mundo e imbuído da raiva de um jovem que culpava o pai por tudo — e Rutherford sentira uma espécie de estase, não fosse a dor insistente que começara quando a mãe desaparecera e que lhe foi crescendo nas entranhas como um animal faminto até ao dia em que ficou cansado de dizer a Ellen para deixar de lhe dizer para ir ao médico e decidiu fazê-lo. O diagnóstico não fora surpresa. A negra previsão do médico era exatamente o que ele estava à espera.

Rutherford pensara que ela partira, mas, na verdade, estava sempre presente. Estava no retrato, na mansão, dentro dele, tal como lhe dissera. Estavam inextricavelmente unidos, tão emaranhados como os ramos dos gigantescos carvalhos que pairavam no alto da colina. A sensação de que ela sempre estivera certa acendeu-lhe o fogo da ira que sempre esteve latente dentro dele, e soube-lhe bem libertá-lo quando caminhava para a porta da frente da mansão.

A casa estava à espera dele, claro. Sabia que ele estava a chegar. Rutherford sentira-a a puxá-lo algures debaixo do esterno ainda antes de sair do armazém, quando foi dar uma última volta para admirar o que a família tinha construído. Sentiu o chamamento da casa como a dor num dente no qual não conseguia deixar de tocar com a língua, quando entrou na secretaria e pegou na enorme mala de mão de Ellen que estava na gaveta onde ele sabia que a guardava sempre. Tirou a carteira de Ellen da mala para olhar para a única fotografia da mãe que sabia que ainda existia, um recorte enrugado de jornal de uma mulher de idade incerta junto a uma jovem mulher a estender um gelado a uma criança pequena com um sorriso nos lábios.

Encontrara o recorte, e uma nota desgastada enfiada numa ranhura atrás dele, muitos anos antes. Descobrira-os a ambos por acaso. Um dia, Ellen ficara gravemente doente com o que viria a saber-se ser uma intoxicação alimentar, e Rutherford, assustado, insistira em levá-la para as urgências do hospital, onde preencheria os documentos de admissão enquanto ela estava deitada numa cama do hospital. Vasculhara as coisas dela para encontrar um

documento de identificação e informações sobre o seguro e reparara no papel amarelado do recorte e na nota, cujas bordas estavam desgastadas e reduzidas a fiapos. Quando os descobrira, os dedos fizeram a mesma coisa que estavam a fazer agora, a mesma coisa que fizeram sempre que vasculhava sub-repticiamente a mala de Ellen para pegar na carteira e olhar para um momento do seu passado: passou os dedos pelo rosto da mulher mais velha e depois levantou-os em direção ao dele, a sentir a forma como os traços do rosto de um refletiam os de outro. Retirou a nota da ranhura e olhou para a letra da mãe.

Toma conta dele. Toma conta desta casa. Não sei quando voltarei, mas nunca estou verdadeiramente fora daqui. Willa

Rutherford pegou na *Waterford* que tinha no bolso do casaco onde guardava sempre a sua caneta preferida. Fora uma prenda de Mildred quando terminara o liceu na Saint Thomas Academy. *Para o meu Ruther, que me guia na tempestade. Avó.*

Escreveu debaixo das palavras da mãe no papel coçado da nota, lamentando-se ao ver como a sua letra era parecida com a dela.

Podes deixar de tomar conta agora. Ruth.

O que sucedeu naquele lugar já tinha sucedido no passado e voltaria a suceder. O refúgio tem memória.

Rutherford iria reduzir as memórias a cinzas.

I-95 North, Virgínia, 2015

Alex estava a conduzir havia menos de uma hora quando o tele-

móvel voltou a pedir-lhe insistentemente a atenção. Esqueceu-se de que o tinha ligado ao carro por *bluetooth* e, quando, já muito irritado, tentou desligá-lo, enganou-se e ouviu a voz de Ellen nas colunas.

— Alex, o teu pai está contigo?

— Não, nem sequer estou em Lockhart. Porquê?

— Não o encontro em lugar nenhum. Ele estava tão zangado depois de tu te ires embora... levámo-lo para o escritório e eu convenci-o a sentar-se por um bocado enquanto lhe ia fazer um chá, mas depois fomos surpreendidos por uma batelada de clientes daquela comunidade muito ativa de Arlington, sabes qual é, aquela em que todas as casas parecem uma propriedade do tempo dos Tudor...

— Ellen, essa história vai chegar a algum lado?

— Quando eu voltei, ele tinha desaparecido. Não estava no gabinete dele, não estava no depósito, não o encontramos no armazém e não está a atender o telefone.

— Sim. Bem. O que esperas que eu faça? Ele expulsou-me. Deixa-o acalmar-se onde quer que esteja a esconder-se

e depois vê o que podes fazer quando ele voltar. Ele não está muito preocupado com o que eu penso.

— Rutherford Alexander Rakes Terceiro, se pensas que eu te vou deixar falar do teu pai como se ele não quisesse saber de ti, estás muito enganado. O homem tem os seus demónios, é certo, e o raio da tua família tem alguns dos snobes mais alucinados que conheci em toda a minha vida, mas tomei conta do Ruther desde que ele nasceu. Eu tomei conta dele porque a mãe dele mo pediu e trabalhei para todos vocês este tempo todo porque vos adoro a todos, que Deus me valha, e estou-te a dizer que há alguma coisa que não está bem.

Alex respirou fundo e encostou o carro à berma.

— Ellen, nós não te merecemos. Sobretudo ele. O que queres que eu faça?

— Volta. Por favor. Ele não costuma desaparecer assim sem mais nem menos.

— Tenho de apanhar um avião em Washington amanhã. Tenho de ir ver uma pessoa.

— Se é aquela Michelle, Alex, e ela não for o tipo de pessoa capaz de compreender uma emergência familiar, então não te merece. Por favor. Ele está mais doente do que te contou e fica transtornado com muita facilidade. Nunca o deveria ter deixado olhar para aquela página, mas ele obrigou-me e ficou ainda mais furioso, disse que tinha de o fazer parar antes que fosse tarde de mais...

Alex voltou a arrancar, com os pneus a patinar na estrada e os feixes gémeos dos faróis altos a iluminar uma nuvem de pó quando acelerou em direção a uma estrada de emergência que atravessava a ampla divisão entre as faixas

de rodagem e se juntou ao tráfego lento que se dirigia para sul, a direção oposta a que seguia antes do telefonema.

— Vai ter comigo à mansão — gritou para Ellen, deixando a linha ficar em silêncio quando ela desligou.

Alex pisou no acelerador, sem se importar com possíveis radares nem com a velocidade a que seguia, e serpenteou por entre os outros veículos para tentar chegar rapidamente a Lockhart. Aproximou-se da ponte sobre o rio e viu um brilho vermelho vindo da colina à distância.

Quando chegou ao último bairro antes de chegar à mansão, o lugar estava a esvaziar-se de moradores, todos os moradores fora de casa na rua que dava para o portão de ferro. Alex buzinou, a tentar encontrar uma passagem, depois parou o carro no meio da estrada e, quando saiu, achou-se no meio de rostos horrorizados, rejubilantes, aliviados ou meramente curiosos. Chegado ao portão, foi abordado por uma mulher que lhe gritava e apontava para a casa.

Alex viu uma figura em chamas no telhado, debruçada descontraidamente sobre as telhas de ardósia do torreão, e correu pelo caminho de lájeas acima, a gritar o nome do pai e a não ouvir senão gargalhadas, histéricas e desbragadas, levadas pela brisa cheia de cinzas da casa a arder.

— Pai! Espera! — Correu pelas escadas acima antes que alguém o pudesse agarrar, chegou à maçaneta de ferro da porta e foi atirado para trás pelas chamas, a agarrar-se à mão esquerda. — Pai — gritou, a olhar descontroladamente em volta à procura de ajuda, de uma escada, de um camião dos bombeiros, de alguém que pudesse chegar junto do pai.

Alex afastou-se das paredes da mansão e viu as labaredas a irromper pelo quarto dele no torreão, pelas amplas janelas quadriculadas da entrada e a propagar-se pelas bordas da chaminé acima. Procurou o pai e o fumo dissipou-se à volta dele, ainda debruçado sobre o torreão com o peito a contrair-se das gargalhadas.

— Eu disse-lhe. — A voz de Rutherford era quase irreconhecível, mas não deixava de ser sinistramente afirmativa, os ventos que o rodeavam a levarem as palavras ao filho como um megafone, a mensagem de um passado que Alex não partilhara. — Eu disse-lhe que a reduziria a cinzas. — Caminhou pelo cimo da casa e deu uma palmadinha no telhado inclinado do torreão como que a consolá-lo, ou a consolar-se a si próprio, e Alex viu as chamas a irromper-lhe das pontas dos dedos, a contornar-lhe os ângulos aguçados dos braços e dos cotovelos, o rosto severo e afilado, os sapatos polidos. Sentiu um sopro súbito de ar, como se a casa estivesse a inalar.

E foi então que o telhado ruiu.

Parkhurst, Arizona, 2015

Este bule quer fazer parte da sala, mas não pertence a lugar nenhum.

O cursor piscava à frente de Myra e ela piscou os olhos para conter as lágrimas e voltou a pousar as mãos no teclado.

O Sol raiou esta manhã embora eu lhe tenha pedido para não raiar. Está a brilhar sobre um mundo completamente mudado e eu não sei por onde começar.

O cheiro de fumo enchia-lhe o espírito, enchia o sótão, que continuava, miraculosamente, intacto, apenas com as vigas chamuscadas. Se não tiver servido para mais nada, o facto de Diane ter esvaziado a casa fez com que Myra pudesse correr para a cozinha mais fácil e rapidamente para arrancar o extintor do suporte em lugar proeminente da parede, porque ainda tinha pesadelos com fogo e os pais decidiram encher a casa de ferramentas que lhe pudessem mostrar que estava em segurança. Correu pelas escadas acima e passou pela passagem estreita para o sótão antes de aparecer de rompante na porta e ver a Mansão Minúscula engolida pelas chamas, já a chegar às vigas do sótão. Pulverizou a base do fogo, como lhe tinham ensinado, e gritou para que a mãe acordasse e saísse da casa, chamasse os bombeiros, ajudasse — não sabia ao

certo o quê — enquanto aquilo que mais amava no mundo lhe ardia à frente dos olhos. As chamas pareciam ávidas de consumir apenas a Mansão e o fogo alimentava-se a si próprio com cada pormenor que pudesse alcançar até se dar finalmente por satisfeito e se deixar acalmar pela espuma branca que Myra lhe lançava.

Quando o caminhão dos bombeiros chegou, já não havia nada para apagar.

A Mansão Minúscula era uma carcaça fumegante. A cabana não tinha sofrido danos, mas, claro, já não era de Myra; já não era da família de Myra, ou, pelo menos, não seria por muito mais tempo, uma vez que a execução hipotecária se aproximava. Myra tinha muito pouca coisa para emalar, muita coisa para levar para a casa nova, e centrara-se sobretudo na necessidade de recolocar a mobília na chapeleira, de separar a mansão da elaborada base — obra do avô —

e de dobrar todo aquele pequeno mundo e apertar as fivelas de latão para o que quer que viesse a seguir. E ainda não tinha decidido para onde iria.

Agora tinha ainda menos que decidir. As fivelas de latão não serviam de nada, meras bolas deformadas de metal manchado e derretido, a plataforma estava chamuscada e irreconhecível. Não restava um único livro na biblioteca. Myra não se fora verdadeiramente abaixo até ver o retângulo escuro que ostentara o rosto sorridente da Senhora, e, desde então, as lágrimas nunca deixaram de cair. A mãe tentara consolá-la algumas vezes, subindo as escadas em bicos de pés com um chá de camomila e sorrisos de maçã, como se Myra ainda fosse uma criança.

Sugerira que partissem ambas para o Wyoming alguns dias mais cedo, para se mudarem para a casa de hóspedes na propriedade do tio de Myra, que as esperava para uma nova vida, fosse ela qual fosse. Não tinha nada para colocar na mala, nada para levar para o que a esperava a seguir. Mas, mesmo assim, Myra não se conseguia convencer a partir.

Não saberia dizer porque pegara no computador portátil ou porque decidira escrever. As palavras sempre foram um porto seguro para ela e, ao sentir a bolota de lazulite pendurada ao pescoço e ouvir a voz baixa de Trixie na cabeça, as palavras pareciam-lhe um elo com algo maior do que ela.

A Gwen havia de querer que eu escrevesse algo sobre a gratidão que tenho por todo o amor e toda a atenção que vocês deram a este mundo. E é verdade que agora lhes estou grata, mas também lhes devo honestidade. Eu não sabia que estava a construir este lugar para alguém e não apenas para mim própria. Não sabia que tantos de vocês tinham acabado por olhar para ele como um refúgio do mundo exterior ao ecrã que usavam para espreitar para a Mansão, ou que apreciavam cada detalhe e cada história tanto como eu. Não sabia o que a Trixie me tinha dado, o que o meu avô me tinha dado, há tantos anos: o poder que tinha, o fardo que constituía. Só sabia que deveria mantê-la em segurança.

E falhei.

Parou de escrever e limpou as lágrimas grosseiramente antes de respirar fundo.

Não sei o que vai acontecer depois disto. A Mansão desapareceu, tal como a Trixie e o Lou, e tal como esta cabana onde cresci desaparecerá. Nunca estive tão sozinha.

Voltou a parar de escrever e ouviu batidas que pareciam um eco dos seus dedos. Olhou em volta do sótão, confusa. Não ouviu barulho nenhum vindo do que restava da

Mansão. As cinzas pairavam no ar iluminadas pelos feixes de luz que penetravam as janelas no fim de tarde de um dia frio de dezembro. Não vinha do teclado, silencioso sem os dedos.

Encontrou a origem do barulho no canto onde o vestido estava pendurado, o tafetá chamuscado em algumas bordas, mas ainda intacto no cabide, pequeno como um vestido para uma boneca. Debaixo dele, pousada no chão, estava a chapeleira.

As batidas vinham do interior da chapeleira. Myra sabia o que ia ver dentro da caixa assim que a abrisse — móveis à espera de serem montados, ferramentas que sugeriam algum projeto novo, divisões inteiras à procura de casa —, mas, desta vez, quando levantou a tampa coberta de pó, as únicas coisas que encontrou no interior foram três bonecos de molas de roupa. A sócia dela com fio amarelo, o homem com o fio vermelho e castanho e barba curta e a boneca de mola menor com rabos de cavalo longos e escuros.

Myra colocou os bonecos de molas nas mãos.

Vocês não pertencem a lugar nenhum

Voltou a colocá-los na chapeleira e chorou.

Algures sobre o Texas, 2015

Quando a comissária de bordo pousou a garrafinha na mesa do assento, Alex percebeu que já lhe perguntara três vezes se queria alguma coisa para comer ou beber e ele não dissera uma palavra. Levantou a cabeça para a olhar, confuso, quando viu a garrafinha minúscula de vinho e a mulher lhe sorriu.

— Não me interprete mal — sussurrou ela. — Nós não devíamos fazer isto, mas não está aqui quase ninguém e o senhor está com ar de que está a precisar.

Alex assentiu devagar com a cabeça, quase sem sentir a dor na mão coberta de gaze e com a sensação de que tinha todo o cérebro envolto pela mesma ligadura de algodão suave. Estava entorpecido.

— O meu pai morreu — disse ele.

— Lamento a sua perda.

— Não lamente? — Alex ouviu a inflexão no final da palavra, a nota pendurada de uma pergunta que não pretendia colocar. — Ele era... é complicado. Estava doente. Acho que há muito tempo, muito mais do que eu tinha conhecimento. Acho que o fez ver o mundo de uma forma que mais ninguém via. Fê-lo lutar contra demónios que não eram demónios nenhuns. — Esfregou os olhos com

os punhos para tentar dissipar o nevoeiro que lhe toldava o pensamento. — Desculpe, eu sei que não estou a fazer muito sentido.

— Não peça desculpa. Quando é que ele morreu?

— Ontem.

— Oh, que pena. Está a caminho do funeral?

— Funeral? — Alex voltou a esfregar os olhos. — Acho que deverá haver um funeral. Ou melhor, vai haver um funeral. Mas não. Vou para outro lugar.

A mulher parecia confusa, mas deu-lhe uma palmadinha na mão.

— Bem, já passei por isso. Vai ficar um pouco desnorteado por uns tempos, mas não faz mal. Espero que encontre algum refúgio para o seu espírito.

— Obrigado. — Alex pegou numa folha impressa que tinha dobrado e guardado na carteira no centro de negócios do aeroporto, uma vez que não queria depender das pesquisas do telemóvel para encontrar a Alcove Agency quando chegasse a Phoenix. Gwen Perkins era exatamente o que ele imaginava depois de a ouvir: educada e competente e a única ligação a Myra com que ele contava para a encontrar. — É precisamente de um refúgio que estou à procura.

O pouco que restava da mansão na colina de Lockhart ainda estava a fumegar quando Alex partiu para o Arizona. Quando o telhado ruiu, as chamas do interior da estrutura pareceram animar-se com a falta de outras barreiras e ascenderam a alturas que deixaram as pessoas à volta a suspirar de assombro, como se estivessem a ver um

espetáculo de fogos de artifício e não de destruição. Depois de ver o pai a desaparecer, Alex esperava sentir pesar, mas surpreendeu-se ao sentir uma onda de calma a assomar-lhe à cabeça juntamente com o calor das chamas que se erguiam cada vez alto. Quase não se apercebeu da chegada dos camiões de bombeiros e das ambulâncias nem das tentativas dos paramédicos para o levar cuidadosamente para lhe fazerem o tratamento da mão queimada e o aconselharem a ser visto num hospital, o que recusou.

Manteve os olhos apontados para o fogo como se esperasse ver o pai a sair pela porta da frente em chamas, com o corpo a brilhar como brasas, o que nunca chegou a acontecer, e Alex sabia que seria assim. Deixar o local foi menos uma decisão consciente do que um ato de memória muscular que o guiou por entre o tropel de curiosos para o banco do condutor do carro e pela estrada silenciosa acima em direção ao mesmo aeroporto para o qual tentara viajar antes. Como se nada e tudo tivesse mudado. Quando chegou ao aeroporto em Washington, pensou em ligar a Ellen, que estava a olhar horrorizada para a casa entre inúmeros outros na base da colina antes de ele partir.

Ellen começou a falar assim que atendeu a chamada.

— Ainda estão a fazer buscas na casa. — Alex esperava ouvir choros, mas só ouviu uma eficiência enérgica. — Obrigada por me avisares que não precisam de procurar por ti lá dentro.

— Ellen, o meu pai...

— Eu vi. Toda a gente viu. O telhado a ruir, quero dizer. Não o resto.

— Não o resto de quê? — Alex ainda estava a tentar dar um sentido ao que vira o pai fazer, a como o vira a fazê-lo.

— Eu disse-te, Alex. Tu fazes parte da família mais alucinada que conheci na minha vida. E trabalhei para vocês durante muito tempo. — Ellen exalou de uma forma que fez Alex lembrar-se imediatamente do rosto dela, a nuvem imaculada de caracóis curtos num tom de vermelho que renovava a cada duas semanas, a roer uma caneta entre os lábios cheios pintados a condizer com o cabelo e a tamborilar com as unhas pintadas de vermelho. — Só estou contente por ele já não estar a sofrer.

— Eu também. — Alex sentia-se um peixe fora de água. Ellen conhecia-o desde que ele era uma criança pequena... e era também, agora que pensava no assunto, a pessoa mais competente que conhecia. — Não sei o que deverei fazer agora.

— Bem, vão todos fazer perguntas, Alex. Uma coisa como estas dará sempre azo a perguntas. Mas tens algo que eles não têm.

— Que é?

— O nome de família Rakes, o dinheiro da família Rakes e os advogados da família Rakes. — Voltou a exalar. — E tens-me a mim. E, de certa forma, ao teu pai. Não deixou nada ao acaso. Deixou uma nota.

— O quê? Onde?

— Na minha mala de mão. Onde sabia que eu a iria encontrar. Numa nota da tua avó que mantive sempre comigo.

— O que é que dizia?

Ellen ficou com a voz embargada. Foi a única vez que Alex lhe ouviu algo parecido com lágrimas.

— Que podia deixar de tomar conta dele agora.

Alex sentiu lágrimas a assomar-lhe aos olhos.

— Lamento tanto.

— Eu também lamento. Por nós os dois. Mas tens coisas mais importantes a fazer, Alex.

— Tens razão. Tenho de ir, Ellen. Tenho um voo que vai sair mais tarde do que eu queria, mas ainda tenho de ir para ver se a encontro.

A linha ficou silenciosa por um momento e Alex perguntou-se se teria perdido a rede antes de ela voltar a falar.

— Sim, tens sim, penso eu. A tua família merece outra história de amor depois da que perdeu. Espero que Deus te ajude a encontrar uma.

— Como assim, outra história de amor?

— O teu pai nunca falou sobre a tua avó e o teu avô, mas eu ainda me lembro deles. Ainda era adolescente quando o Ford a trouxe para Lockhart, pouco depois de o teu bisavô me contratar para trabalhar aqui. Eu era melhor a apresentar-me bonita do que a vender mobília naquela altura, ao contrário de agora, em que faço ambas as coisas extremamente bem.

— Ellen. Esta pergunta é indelicada, mas... que idade *tens*?

— Uma senhora nunca confessa a sua temporalidade, Alex, mas tenho de admitir que tive ajuda, acho eu. Aquela casa... infiltra-se em nós de alguma maneira, ou pelo menos

infiltrou-se em mim. Não sei como explicar-te que sou uma jovem de noventa e três anos, meu querido, embora me sinta quase tão espreitada como na primeira vez que subi as escadas da frente da mansão. Tinha uma cabeça demasiado velha para o meu corpo naquela altura e agora acho que talvez seja um pouco nova de mais. Não sei como dizer-te que sei o que estás a sentir. Mas sei.

— Nunca os conheci. — Alex teve uma sensação de perda que não conseguia explicar. — Como é que eles eram?

— Nunca vi duas pessoas tão apaixonadas como o Ford e a Willa Rakes. Era como estar a olhar para um filme romântico daqueles muito lamechas e arrebatados, mas era de verdade. Mas a forma como ele voltou depois da guerra... oh, querido. Nunca vi tamanha desolação. Nunca mais nada foi igual.

— Não sei se estou a caminho de uma história de amor, Ellen. Ela fechou-me a porta.

— Os grandes sentimentos são assustadores. — O isqueiro de Ellen fez clique. — E parece que essa rapariga se manteve num mundo muito pequenino. Mas há coisas maiores do que todos nós. Deixa que eu trato do que houver a tratar aqui e volta quando estiveres preparado. Encontra o que ambos procuram. Boa sorte.

A linha voltou a ficar em silêncio e Alex percebeu que Ellen tinha desligado o telemóvel. Voltou a olhar para a morada impressa no papel que tinha na mão, junto à fotografia profissional de Gwen.

— Ajude-me a encontrá-la, por favor — sussurrou. — Não sei onde mais hei de ir.

Ao fim de horas de ar cediço e recirculado no avião que atravessou o país, o ar que bateu no rosto de Alex quando desembarcou em Phoenix era frio e seco, menos cheio — sem a mesma sensação de assombro — do que o ar muito vaporizado da Virgínia. Recolheu a bagagem num transe e apercebeu-se de que não tinha alugado um carro e que não saberia para onde ir se o tivesse feito. Por isso, pegou no telemóvel e marcou o número de Gwen.

— Alcove, fala a Gwen.

— Gwen. É o Alex.

— Alex! Tenho andado a tentar ligar-lhe. Pensei que ia ter o telemóvel sempre consigo. Já desisti de tentar ligar à Myra e vou agora para lá. Eu ligo-lhe quando descobrir o que se passa.

— Posso ir?

— Como assim, pode ir? Ir onde?

— Posso ir consigo? Vê-la?

Gwen deteve-se.

— Estou demasiado preocupada. Acho que não consigo esperar que apanhe um avião e atravesse o país.

— Já atravessei. Estou no aeroporto de Phoenix neste momento. Não faço ideia de para onde vou nem do que vou fazer, mas pensei que, se há uma pessoa que sabe para que direção me deveria virar, essa pessoa é a Gwen.

— Raios, Myra. Quando a vir, vou matá-la.

Alex franziu o sobrolho.

— Não compreendo. Porquê?

Gwen riu-se.

— Eu deixo-a convencer-me a não devolver nenhuma chamada a propor programas de televisão. E aí está o Alex, a apresentar-se no aeroporto, num gesto romântico excessivo que fixaria os olhos de milhões ao ecrã e não há uma única câmara para registar o momento. — Suspirou. — Que oportunidade perdida.

— Todas as histórias que a Myra me contou sobre si estão a fazer sentido na minha cabeça neste momento. Como é que chego até si? Devo ir para o seu escritório?

— Oh, não. Não posso deixar passar isto; é demasiado importante. Eu vou até aí buscá-lo e depois vamos para as montanhas.

— Antes disso, preciso que me ajude a parar algures para esclarecer uma coisa, se tiver as informações todas. E a Gwen parece-me o tipo de pessoa que tem as informações todas.

— Não poderia estar mais correto. Que informação específica é que procura, Sr. Rakes?

— Este leilão. A cabana. O banco. Quanto é que custa resolver isto tudo?

— Resolver? Está a falar em pagar tudo? Mais de cem mil biscoitos. A Diane tem gostos caros e acabou por ser muito descuidada. Liquidámos uma parte quando vendemos algumas das coisas, mas não o suficiente, longe disso. O leilão ainda não foi realizado. Em princípio é para a semana. Ainda não tive coragem de dizer à Myra o que nos falta.

Alex assentiu com a cabeça.

— Deixe-me fazer uns telefonemas enquanto vem para aqui para ver o que posso fazer.

— O que quer dizer com isso? É o tipo de pessoa que pode fazer alguma coisa em relação a esse tipo de dívida?

— Não era, mas acho que agora sou. — Alex soltou um suspiro fundo. — O meu pai morreu e a minha casa evaporou-se. O mundo... é um lugar diferente do que era ontem. Sinto que mal me aguento em pé, na verdade. E a única pessoa com quem posso falar sobre o que aconteceu... este enorme peso, este fardo que sinto... não sei se ela vai falar comigo.

— Ela vai falar consigo, Alex. Não sei como explicá-lo. Mas tenho a sensação de que ela passou a vida inteira à espera de falar consigo.

Parkhurst, Arizona, 2015

Myra não sabia ao certo há quanto tempo estava sentada no chão do sótão quando ouviu o som de pneus a estalar na gravilha da entrada. O som sobressaltou-a e, quando olhou pela janela, viu a mãe a sair pela porta da cabana em direção ao carro de Gwen. Não tinha planeado ver Gwen antes de partir para o Wyoming, embora esta tivesse sugerido, mais de uma vez, que Myra tentasse viver com ela em Phoenix. Em vez disso, viu Gwen a sair do lado do passageiro de um carro que não conhecia, contorná-lo até chegar à porta do condutor e convencer a pessoa que estava no interior a sair.

Alex era mais alto do que Myra estava à espera depois de ter visto as fotografias. Ele olhou para a janela e ela recuou, levando imediatamente as mãos ao rosto. Ouviu a porta a bater e ficou estacada, sem mexer um músculo, incapaz de respirar até ouvir os passos pesados da mãe nas escadas, seguidos dos passos ligeiros de Gwen. Esta entrou de rompante no sótão e soltou um grito abafado.

— Diane, quando disse que se tinha esfumado, não percebi o que queria dizer... — Abanou violentamente a cabeça, e, por um momento, parecia a criança de sete anos

que conhecera Myra. — A Mansão não. Não esta casa, também.

— Também? — perguntou Myra. — Não esta casa *também*? O que poderá ter-te acontecido hoje para pões um «também» nessa frase? E o que... o que diabo estás aqui a fazer? Com ele? Hoje?

— Precisava de a encontrar. — A voz de Alex tinha um timbre forte que não se notava ao telefone e que adquiriu uma ressonância diferente ao encher o sótão. — Não me lembrei de nenhuma outra forma.

Gwen pousou a mão no ombro de Myra.

— Eu amo-te mais do que a qualquer outra pessoa, Myra Malone, e podes nunca me perdoar por isto. Mas há coisas maiores do que todos nós e decidi que valeria a pena ouvir uns gritos para to mostrar. — Recuou e apontou para Alex. — Acho que não preciso de to apresentar e também acho que precisarias de tempo que não tens, com tudo o que vocês têm para conversar. — Olhou para os restos da Mansão atrás de Myra e abanou a cabeça. — Vocês têm mais em comum do que pensam e vou deixá-los a ambos para que descubram porquê.

Gwen fechou a porta do sótão ao sair e voltou a descer as escadas com Diane.

— Lamento muito, Myra. — Alex deu um passo na direção dela e ela recuou outro.

Os olhos de Myra encheram-se de lágrimas.

— Eu sei que não sou o que esperava.

Alex avançou mais um passo e estendeu o braço para as mãos dela. Myra viu que ele tinha a mão esquerda envolta

numa densa luva de gaze.

— Não, não era isso o que eu queria dizer. É melhor ainda. É mais do que eu esperava, Myra. Lamento muito o que perdeu. — Alex largou-lhe as mãos e aproximou-se da Mansão, agachando-se em frente da estrutura chamuscada. — Também a perdi.

A força das palavras de Alex bateu-lhe no plexo solar, o significado imediatamente claro.

— A mansão? Está...

— Está exatamente como esta. Exceto...

Myra fechou os olhos e viu chamas atrás das pálpebras, sentiu o calor a envolvê-la e a crestar-lhe a pele. Ouviu uma gargalhada amarga num vento coberto de cinzas.

— Ruth. — Myra abriu os olhos e pô-los em Alex. — O seu pai. Oh, meu Deus. Alex. Lamento muito.

Alex abanou a cabeça.

— Ele estava a morrer. Voltei para Lockhart porque ele estava a morrer e eu era a única família que lhe restava. Uma parte de mim nunca o perdoou por me mandar embora, mas outra parte compreende agora do que estava a tentar proteger-me.

— Estava a tentar protegê-lo de mim.

— Da mãe dele. Da minha avó. Da Trixie. De si.

Myra sentiu o peso de séculos a pender-lhe no pescoço, um elo a uma corrente do tempo em que ela era um porto seguro, um refúgio para quem dele precisava. Não estava preparada quando Trixie lhe passou o fardo e passara a vida a crescer para assumir o papel, mesmo sem saber que o estava a fazer. A bolota que Trixie lhe colocara num fio

por cima da cabeça era a chave para uma zeladora, e Myra dedicara a vida a um trabalho que nunca soubera que tinha. A um lugar que dependia dela. E que agora tinha desaparecido.

— Ele não queria suportar o fardo — disse Myra. — Chegou ao mundo sem compreender o que era e não sabia fazer mais nada a não ser lutar. Chegou ao mundo a lutar, e não o queria fazer.

— Mas também tentou fazer escolhas por mim. Se ele me tivesse contado, talvez eu tivesse compreendido...

— Teria acreditado nele?

— Não. Naquela altura não. — Alex levantou-se e pôs-se à frente dela. — Agora acredito.

— Já não resta nada em que acreditar. O que ela me deu já não existe.

— Isso não é verdade, por acaso. O refúgio não desapareceu.

— O que é que quer dizer com isso? Olhe para isto! — Myra apontou para um monte fumegante que costumava ser a Mansão.

— Porque o refúgio é a Myra. A mansão, e o quarto no torreão onde eu passava o tempo a olhar para o teto, só era a minha casa por causa de Willa ou do que me lembro dela. E depois por sua causa. Foi de lá que lhe escrevi, que falei consigo, que ouvi a sua voz. Passei a vida inteira, desde que era muito pequeno, desamparado. Passei a vida inteira a sentir-me pouco amado e muito esquecido. E depois conheci-a e agora não importa onde deito a cabeça à noite: debaixo de um telhado de ardósia ou de uma tela asfáltica

ou de um amplo firmamento de estrelas a brilhar. Pouco me importa. — Alex encostou o rosto à face de Myra, à linha enviesada do maxilar e beijou-lhe a testa. — A Myra é o único abrigo de que eu preciso.

Os braços de Myra envolveram a cintura de Alex e ele puxou-a para junto do peito. Os lábios dele tocaram nos dela entre grãos de poeira e cinza a dançar na luz do sótão, uma constelação de estrelas só deles, um planeta só deles. Myra manteve-se hirta sob o peso de séculos, mas o amor de Alex abalou-lhe todos os alicerces.

Myra sentia-se pronta para a reconstrução.

— Espero que esteja a ser sincero quando diz que sou o único abrigo de que precisa, porque não tenho mais nenhum para lhe oferecer — disse ela. — Esta casa já não é minha.

— Isso é verdade — disse Gwen da porta do sótão, que abrira novamente sem fazer barulho, com Diane atrás dela.

— Não sabia que tinhas a capacidade de estar calada. Há quanto tempo estás aí especada? — perguntou Myra.

— Há tempo suficiente para ver o que é bom. Mas, bem, lamento dizer que esta casa ficou fora do mercado mais cedo do que eu estava à espera. Já foi liquidada.

— Pensei que tínhamos até ao leilão para resolver isso. Pensei que, se fizéssemos o pagamento antes da semana que vem, mais ninguém a poderia comprar? — A voz de Myra quebrou, mas o anseio e o desespero deram lugar à verdade que nunca quis enfrentar. Cerrou os lábios numa linha fina e suspirou. — Eu sei que não era realista, Gwen, mas tinha esperança. Pensei que conseguiria encontrar uma solução. Mas não era possível. Eu sei. Espero que

quem a comprou a venha a adorar e viva aqui e não a venha a usar para um qualquer investimento imobiliário ou derrubá-la para construir algum tipo de horroroso chalé de esqui suíço ou algo parecido.

— Ainda não me tinha ocorrido essa ideia — disse Alex, a olhar para Gwen. — Existe algum arquiteto de chalés de esqui suíços por aqui?

— Estou certa de que poderíamos encontrar alguns se pagássemos o preço certo. Mas não é sua, não se esqueça. Terá de perguntar à proprietária.

Alex riu-se.

— Não, acho que estou bem assim.

Myra olhou de um lado para o outro entre Alex e Gwen.

— O que se passa?

— Eu gosto dela assim, o que é bom, porque, quando paguei o empréstimo, disseram-me que não iria ser minha. Iria pertencer à proprietária.

— E a proprietária também não sou eu. — Diane avançou e colocou uma chave na mão de Myra. — És tu, querida.

Myra abriu a boca, à procura das palavras.

— Como... como é que isto é possível?

— Há muita coisa que é possível, quando se usam palavras como «o dinheiro não é um problema» e «tudo como está», pelos vistos — disse Gwen. — Nunca tinha tido a oportunidade de as usar, mas tenho de te dizer que é muito divertido.

— E quanto à parte do «tudo como está». Alex inclinou-se para a frente e voltou a beijar Myra, rapidamente, com a promessa de mais para depois. — Eu disse-lhes que não

havia problema. Na verdade, disse-lhes que estava a contar com isso.

Parkhurst, Arizona, 2015

Demoraram um pouco a decidir onde iriam viver, na primeira experiência em que qualquer um dos dois teve de tomar uma decisão em conjunto com outra pessoa. A decisão era importante e complicada, pelo que parecia ainda mais apropriado partilhar o fardo. Assim que se acharam juntos no mesmo local, tornaram-se duas metades de um todo. Sabiam, sem terem conversado sobre isso, que todos os passos que dessem a partir daquele momento seriam dados em conjunto e a decisão fez com que fosse mais fácil suportarem tudo o que veio a seguir, o que não é o mesmo que dizer que foi fácil.

De início, Alex mudou-se para a casa de Myra. Depois de assegurar que a cabana se mantinha nas mãos dela, pareceu-lhes natural ficar por lá nos primeiros tempos, num local onde Myra se sentia segura enquanto davam os pequenos passos que precisava de começar por dar: aprender a deixar aquelas paredes, darem passeios longos e sinuosos juntos pelas montanhas antes de se dedicarem a tarefas mais avançadas. Dar passeios de carro. Ir a lojas. Fazer pequenas viagens de um dia inteiro. *Isto é tudo muito recente*, dizia sempre Myra, e Alex lembrava-a de

que as coisas novas exigiam prática e que estava ali para a ajudar a aprender.

Até que, ao fim de quase um ano, foram a uma conservatória e trocaram votos em frente a um juiz de paz.

Na Virgínia, as investigações e os processos desenrolaram-se rapidamente, com Ellen a tratar de todos os pormenores, de toda a papelada e de todas as autorizações legais de forma tão competente, que Alex não tinha dúvidas de que as coisas iriam resolver-se exatamente como ela prometera. Como Ellen já lhe tinha explicado, uma das vantagens de ser descendente de uma família respeitada de sangue azul era o acesso fácil e rápido a advogados respeitados de sangue azul. Havia vários homens com fatos feitos à medida e sapatos engraxados que serviam a família Rakes havia várias gerações e que ficaram perfeitamente satisfeitos por poder ajudar Alex com as questões relacionadas com a propriedade e o negócio. E havia várias testemunhas que tinham visto Rutherford Rakes no telhado a rir-se do fogo antes de a mansão ruir.

Houve algumas suspeitas motivadas pelo facto de Alex ter retirado móveis da casa antes do fogo e pela discussão com o pai no armazém, mas todos os empregados confirmaram os acessos de fúria de Rutherford e a ira imprevisível do patrão. E Ellen entregara a nota de Rutherford, onde a letra era clara e a tinta cara escolhida reconhecível como uma impressão digital para as pessoas que trabalhavam na loja.

Afinal, os advogados da família Rakes tinham gerações de experiência em eliminar suspeitas e Alex não demorou a

receber mais um conjunto de documentos com o nome dele: a escritura do terreno em que a mansão se situava e a propriedade da Rakes e Filho. Do Arizona, mandou destruir os restos da casa velha e pediu a Ellen que continuasse a ajudá-lo até ele poder voltar. Ela riu-se.

— Sinto que deveria dizer que sou velha de mais e, se olharmos para os números, é, sem dúvida, verdade. Mas aquela casa não queria saber dos números. Ficou em pé o tempo que precisaste. E eu também vou ficar. Afinal de contas, é o que tenho feito toda a tua vida. — E tinha razão.

Alex, por sua vez, continuou a focar-se na sua principal prioridade: Myra.

Acordavam todos os dias juntos na velha cama com dossel de Myra e davam um passeio no ar fresco da manhã e, todas as noites, sentavam-se juntos a ler junto à lareira da cabana, mas nenhum deles fez nada para comprar mobília nova ou dar à cabana um ar de casa mais permanente. Era completamente deles: Diane já se tinha mudado para o Wyoming tal como tinha planeado, depois de beijar a filha na testa e de lhe dizer que tinha chegado o momento de tentar ver o que o mundo que elas tinham abandonado tinha andado a fazer enquanto estavam longe. Ligava todos os dias a Myra, mas a distância física entre ambas parecia dar-lhes espaço para respirarem e dissiparem a tensão que se tinha acumulado entre as duas. Todas as manhãs, Myra acordava com uma mensagem de telemóvel com a fotografia de algum detalhe da casa nova de Diane: um bezerro acabado de nascer numa quinta próxima, uma chávena de chá lascada numa loja de venda à consignação, uma pega para painéis que ela tinha feito em crochê. «Isto

quer ser pequenino, dizia sempre a mensagem. Quando estiveres preparada.»

Myra e Alex esperavam ambos que o outro dissesse em voz alta o que os dois sabiam e foi Myra quem, por fim, falou uma manhã numa caminhada, depois de parar debaixo de um feixe de luz que penetrava por entre os ramos dos pinheiros-amarelos.

— Acho que gostaria de ir para lá agora.

Alex susteve a respiração.

— Estás a falar de Lockhart?

— Sim. Gostaria de ver o lugar onde crescestes.

— Sabes que não foi lá que eu cresci.

— Não por completo, talvez. Mas parece-me que a parte de ti que mais importava estava sempre lá. — Myra sorriu.

— E, de certa forma, eu também.

Alex pegou na mão de Myra e balançou-a suavemente quando continuaram o passeio pelo trilho, os pés a esmagar caruma seca e a libertar o odor picante a pinho para o ar que os rodeava.

— Se achas que estás pronta para ir, podemos ir.

— E a cabana?

— Teremos sempre a cabana. É demasiado importante para a deixarmos escapar, na minha opinião.

— Vai ficar tão vazia sem ninguém aqui.

— Tenho uma ideia acerca disso. — Alex parou e olhou para a esquerda do trilho, uma encosta suave que se transformava num declive acentuado e o que parecia ser metade do estado do Arizona a estender-se mais abaixo. — A minha mãe ainda sente falta das montanhas onde cresceu

e Parkhurst é muito parecida com essa zona. Ela tem falado em vir visitar-nos e talvez até em reformar-se. Acho que iria gostar deste lugar e poderia ficar aqui por uns tempos, ou mais, se concordares.

Myra assentiu com a cabeça. Parecia-lhe boa ideia. Parecia-lhe o mais certo. Não precisava de dizer mais nada.

Algumas semanas mais tarde, Myra e Alex chegaram a Lockhart ao fim de uma série de primeiras vezes: o primeiro aeroporto de Myra, o primeiro avião, o primeiro voo de uma ponta à outra do país e a primeira vez que o viu do alto a ondular e a brilhar como uma colcha. A densidade do ar de verão da Virgínia surpreendeu-a, uma vez que lhe pareceu mais uma substância sólida do que algo que pudesse respirar.

Mas na primeira vez que Alex a conduziu até à base da colina, destrancou o portão de ferro e a levou pelo passeio de lájeas acima, a sensação de novidade desapareceu. Myra sempre estivera naquele lugar. Os passos que dava ecoavam em espaços muito abaixo da sua linha de visão, mas Myra sentia o espírito dela a ancorar-se debaixo do chão, nas cavernas que sabia que iria visitar em breve. Sentiu-se tão enraizada ao lugar como os carvalhos que se erguiam imponentes à sua frente, com os ramos ainda chamuscados do fogo, mas a recuperar rapidamente.

Sentia-se completa. Pegou na mão de Alex e caminharam juntos pelo passeio em volta do espaço vazio onde já houvera uma mansão até chegarem ao cimo da colina com vista para o rio.

— Faz-me lembrar a casa do meu avô — disse ela. — O rio Verde junto ao terreno dele tinha uma curva como esta.

— É uma pena ele não estar aqui para o ver.

— Ele está aqui. Estão todos. — Agarrou a bolota e viu a água a correr, como sempre correria, como correria sempre. A água era igual em toda a parte. — E nós também vamos estar.

Lockhart, Virgínia, 2019

Era uma vez uma casa. — Myra caminhava devagar em volta do quarto, a apagar as luzes e a acender um candeeiro, uma pequena bola de porcelana em forma de lua. O candeeiro iluminou as paredes do quarto, o teto pintado de azul-escuro, salpicado de luzes pequenas que pareciam estrelas a brilhar. Havia três ramos a serpentear pelas paredes acima, repletos de folhas vermelhas, douradas e cor de laranja que serviam de abrigo a um leque variado de pássaros e esquilos em busca de abundantes bolotas. Myra cobriu uma coleção de bonecas de mola de roupa que estavam deitadas num berço de carvalho com uma manta afegã.

— Pode ser um castelo? — perguntou uma voz fina na cama.

— Claro que pode ser um castelo. Pode ser tudo o que tu precisares que seja.

O mundo para lá da cerca, dos portões com aldrabas, movia-se a uma velocidade diferente do mundo no interior das paredes da casa. Os beirais inclinados chegavam quase ao chão, cobertos de heras e glicínias entrelaçadas. Assim que acabaram de construir a cabana, que desenharam a partir de influências várias seguindo o espírito da mansão

que no passado ocupara aquele lugar, plantaram as trepadeiras em redor das extremidades. O vendedor do horto local abanara a cabeça e avisara-os que aquelas duas plantas poderiam dominar qualquer espaço onde fossem plantadas. *Vão esconder tudo que estiver perto do local onde as plantarem*, dissera, e Alex rira-se e respondera que era precisamente isso que esperavam que acontecesse.

Não abriam a janela para o mundo que construíram juntos, mas *A Mansão Minúscula de Myra Malone* continuou a viver sob novas formas em novas plataformas. O acordo de Gwen com o local que começava com um *T* e rimava com «Arget» resultou numa minuciosa linha de mobiliário para bonecas e mundos de diferentes tamanhos: de 15 a 45 centímetros, mas comprado avidamente por pessoas de todas as idades. Myra começara a tentar desenhar móveis de tamanho real, montados a partir das peças raras e *vintage* que Alex ia descobrindo. Abriram uma pequena *boutique* na loja que no passado fora ocupada pela loja de usados, pela discoteca e toda a série de negócios falhados, substituídos pelo que a ocupava agora: aquele por que esperava. A loja chamava-se Chapeleira.

Todas as manhãs, Alex e Myra levantavam-se juntos na casa, que tinha uma forma que englobava tudo o que mais adoravam no mundo, da cabana de Parkhurst à casa de duas águas de Lou, passando pelas pedras da própria mansão, retiradas dos alicerces e reutilizadas. Iam juntos ao quarto da filha, acordavam-na para tomar o pequeno-almoço, e viajavam juntos no pequeno carro de Alex para as galerias junto ao rio. A filha corria entre os móveis, escolhia cores para os projetos de Myra na Chapeleira e

aprendia com os pais da mesma forma que Myra aprendera com Trixie e Lou.

E, todas as noites, Myra contava-lhe histórias sobre o refúgio que os abrigava a todos.

— Eu quero que a casa seja um castelo cor-de-rosa coberto de rosas — disse, como fazia quase sempre. Espreguiçou-se debaixo da colcha cor-de-rosa e fechou os olhos, a imaginar quartos dourados e um tesouro reluzente. — E eu vou ser a rainha.

Myra riu-se.

— Claro que vais. E posso ir visitar-te ao castelo?

— Claro que podes, mamã. E o papá também pode. E a bebé, quando chegar.

— Ainda não sabemos se é uma menina.

— É uma menina. — Baixou a voz para sussurrar. — Eu sei coisas, sabias? — Estendeu a mão e afagou a crina castanha do cavalo de baloiço ao lado da cama, a sela vermelha a refletir a luz.

Myra assentiu com a cabeça.

— Tu sabes muitas coisas. Talvez não tudo.

— Mas em breve.

— Em breve, Everly. — Myra embalou o rosto da filha nas mãos e beijou-lhe a testa, com a bolota de lazulite a pender entre elas. — Mas ainda não.

Agradecimentos

*A*gradecimentos não me parece uma palavra nada adequada para expressar o apreço que devo a tanta, tanta gente que tornou este livro possível. Na minha cabeça, parece um emoji com o polegar no ar: «Agradeço-te». A minha gratidão é muito mais profunda do que isso. Quero uma palavra melhor. *Avassalações. Não-sei-como--retribuir.* Vou continuar a pensar no assunto. Entretanto, quero que saibam que esta secção do meu livro poderia encher muitos outros livros e mesmo assim não referir todas as pessoas que ajudaram a tornar este romance realidade. Mas vou fazer o melhor que posso.

Não posso começar nenhuma página de agradecimentos sem reconhecer que a minha família é onde eu começo e acabo e nada disto seria possível sem ela. O meu marido, Andy, os meus filhos, Payson e Jamie, foram inexcedíveis no apoio à minha escrita. Este não foi o meu primeiro livro: o meu primeiro livro está pousado numa prateleira com uma capa feita à mão pelo meu marido com a ajuda dos meus filhos e de muita pesquisa. A nossa filha ilustrou-o e escreveu «O MAIS MAIOR DO MUNDO» na capa. Os meus filhos

consideram-no o «livro deles», mas o segredo é que são todos. Cada palavra.

E, na verdade, esse também não foi o meu primeiro livro; o meu primeiro livro foi *O Dragão Que Não Sabia Voar*, que escrevi quando tinha oito anos e que a minha mãe, Jená, também encadernou, tal como fez com todos os meus primeiros escritos. Ela e o meu pai, Dennis, ainda têm esses livros na casa cheia de palavras onde vivem, onde escrevem os seus próprios maravilhosos romances, e onde sempre acreditaram no meu. Os meus irmãos — Drew, Paul e Dennis — também me incentivaram em todos os momentos, e o Paul leu incontáveis rascunhos deste livro e de outros. O meu irmão Ted também era escritor e penso muitas vezes nas palavras dele que todos sentimos falta de ler. Eu não poderia escrever — nunca teria escrito — sem a ajuda e o apoio da minha família. Amo-os muito a todos. Obrigada, sempre.

Não existem palavras de agradecimento suficientes na terra para a minha fenomenal agente, Maria Whelan, e toda a equipa da Inkwell. A Maria acreditou muito neste livro (e convenceu-me a não o alterar quando eu estava a perder a esperança). Falava sobre as minhas personagens como se as conhecesse e continua a apoiar-me independentemente das ideias desvairadas que lhe atiro. Há muitas. Ela continua a lê-las. Estou muito feliz por trabalhar com ela.

Tive a tremenda sorte de trabalhar com uma equipa espantosa e experiente de profissionais de edição na Berkley. A minha editora, Cindy Hwang, percebeu o que este livro pretendia ser durante a nossa primeira conversa e eu não poderia estar mais satisfeita com os caminhos

para os quais as ideias dela me levaram. A Angela Kim respondeu ao milhão de perguntas que lhe fiz de forma atenciosa e paciente. A Rita Frangie pegou no quase tratado que escrevi sobre os temas deste livro e traduziu-o numa capa absolutamente espetacular que me deixou a chorar na primeira vez que a vi. Agradeço também ao resto da equipa da Berkley, incluindo a Fareeda Bullert, Chelsea Pascoe, Christine Legon, Alison Cnockaert e Kristin del Rosario. Por fim, mas definitivamente não menos importante, Jennifer Lynes, a editora de produção, manteve este processo incrivelmente complexo — com todos os prazos e responsabilidades — a correr em águas serenas até o emaranhado de páginas e riscas vermelhas se ter tornado o livro que está a ler neste momento. Obrigada a todos.

Como muitos outros escritores que eu conheço, tive a sorte de encontrar uma comunidade calorosa e sempre presente de congéneres na Internet e muitos deles tornaram-se amigos para a vida. Obrigado por partilharem os vossos talentos indomados, o vosso humor e a vossa sabedoria, os vossos altos e baixos e a vossa amizade. Ainda me sinto como a pessoa que, sem saber bem como, se sentou à mesa dos miúdos fixes e que poderá a qualquer momento ser mandada embora, mas foram todos demasiado maravilhosos para o fazer até agora, pelo que lhes estou eternamente grata. Abaixo estão apenas alguns desses escritores talentosos. Mantenham-se atentos aos nomes e às obras deles e leiam-nos. Ficarão felizes por o fazerem.

Ao meu grupo de escrita original: Joel Brigham, Kyra Whitton, Christy Swift, Kelly Ohlert, Rachael (e Brett!) Peery, Shannon Balloon, Kelly Kates, Falon Ballard e Laurel Hostetter. Não poderia pedir um grupo que me desse mais apoio e com o qual pudesse discutir melhor as ideias, resolver problemas, partilhar leituras e fazer amigos. Ainda é estranho pensar que nunca nos teríamos encontrado se não fosse o Pitch Wars e o Twitter, e estou muito grata por isso ter acontecido.

A Jenn Knott, Kyrie Gray, Julia McCloy, Amanda Lehr, Natalia Kaye, Joseph Thomas, Laura Lewis, Jim Keunzer, Rachel Siemens, Phil Siemens, Leslie Ylinen, Hayley DeRoche e Jennie Egerdie: obrigada por estarem sempre prontos a ler os meus estranhos textos, por partilharem os vossos e por nunca deixarem de me fazer rir.

À Women's Fiction Writers Association (WFWA) e às muitas escritoras sempre prontas para dar apoio e ideias, sobretudo ao meu grupo de Raleigh, na Carolina do Norte, que me acolheu muito amavelmente quando comecei esta aventura. Estou particularmente agradecida à WFWA por me ter apresentado a Rebecca Hodge — sem a mentoria da qual este livro não existiria —, bem como a Debra Whiting Alexander, a Robin Facer, a Lisa Roe e muitas outras.

A Melissa Bowers, Amy Barnes, Melissa Llanes Brownlee, Myna Chang, Stephanie King, Alexandra Otto, Eric Scot Tryon, Patricia Bidar, Kelle Clarke, Regan Puckett, Johanna Bond, Gillian O'Shaughnessy, Tommy Dean, Abbie Barker, Timothy Boudreau, Kristina Saccone, El Rhodes, Sarah Hills, Caroline Bock e Eliot Li: obrigada pelo vosso incentivo e pela vossa precisão inigualável com as palavras.

E a muitos outros escritores, colegas e queridos amigos que leram este livro, me ouviram no cúmulo do meu entusiasmo e nas profundezas do meu desespero, me incentivaram a continuar, me aconselharam e, em geral, foram pessoas que foi espantoso conhecer, incluindo Rebecca Royals, Sarah Wright, Margaret Fallon, Deb Love, Katherine Revelle, Lyn Liao Butler, Rachel Mans McKenny, Emily Flake, Katie Gutierrez, Susan Elia MacNeal, Jill Witty, Shannon Curtain, Caitlin Kunkel, Fiona Taylor, Brooke Preston, Lindsay Hameroff, Sheila Athens e tantos outros que me deram apoio. Muito obrigada.

Cresci numa daquelas famílias enormes, extremosas e alargadas que fazia encontros regulares, que eram tão grandes que exigiam a constituição de comissões de planeamento. Por isso, não posso elencar todos os meus maravilhosos tios e tias, primos e primas de primeiro e segundo grau, que já ficam assim representados nesta página, mas quero que saibam que todos eles tiveram de me aturar durante muito tempo e continuam a fazê-lo, e eu adoro-os por isso. Quero destacar o meu avô Jim e a minha avó Nina, por terem o tipo de história de amor eterna que um livro tentará sempre emular sem nunca o conseguir. Perdemos a avó quando este livro estava em processo de aprovação. Ainda estou sempre a pensar nela. Espero que ela saiba que está nestas páginas.

Quando casei, ganhei uma pequena família de pessoas maravilhosas que me perdoaram a agitação e sempre incentivaram a minha criatividade, o que agradeço muito. Obrigada, Amy, Melinda, Tom, Charles e Ronni pelo vosso amor e apoio.

Se o leitor ou a leitora não está nesta lista, saiba que está nesta lista. O tempo que demorou a ler este livro significa tudo para mim e as minhas leitoras e os meus leitores também. Obrigada.